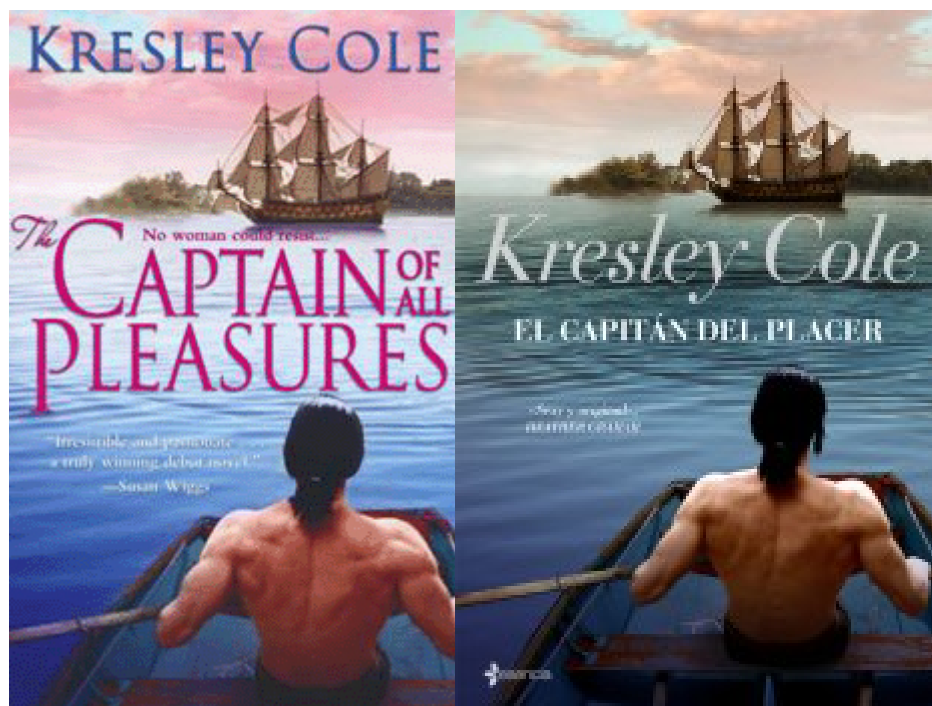




O Capitão do Prazer

Captain of all Pleasures

Kresley Cole

Os Irmãos Sutherland 01

Nicole se criou no navio à vela que seu pai capitaneava, e seu espírito livre nunca enfrentou a um obstáculo que não pudesse vencer... até conhecer capitão Derek Sutherland, que a abandona depois de uma noite de paixão. Nicole jura vingar-se e, para isso, ajudará a seu pai a derrotar ao Sutherland na maior competição náutica: a Grande Corrida da Inglaterra até a Austrália.

Disponibilização: Soñando Despiertas

Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Daila

Revisão Final e Formatação: Byba

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



CAPÍTULO 01

Londres, 1856

Quando Nicole Lassiter entrou na asquerosa estalagem, o primeiro que a alertou foi o fétido aroma que lhe alagou as fossas nasais.

O silêncio enchia o chiqueiro e os clientes a olhavam curiosos, pois era evidente que ela não tinha nada que fazer em um prostíbulo. Vestiu-se para passar despercebida, com calças de menino, uma camisa e um casaco sem nenhum adorno. Uma boina lhe cobria a juba, e apesar de tudo, aqueles homens seguiam olhando-a.

Suspirou fundo. Tinha ido ali com uma missão, recordou-se Nicole a si mesma: encontrar ao capitão Jason Lassiter. Tinha ido sozinha, e se queria sair com bem o melhor seria que se concentrasse. Levantou o queixo, adotou sua expressão mais desafiante e caminhou por entre os curtidos clientes do botequim. Finalmente, a desafinada música voltou a soar.

Era óbvio que a informação que tinha sobre o paradeiro do Lassiter não era correta.; seu pai nunca iria a um lugar como aquele, onde os marinheiros podiam desfrutar de certas “companhias” antes de zarpar. Quando no porto lhe disseram que seu pai estava no Sereia, Nicole pensou que o nefasto estabelecimento teria trocado de proprietários.

Certamente, esse não era o caso. Daria uma última volta pelo local e logo retornaria ao porto para lhe dizer quatro frescas ao imprestável que a tinha mandado ali. Uma última...

Seu pai estava ali.

Com uma mulher muito ligeira de roupa em cima dele.

Ou, melhor dizendo, com algumas partes de sua anatomia em cima dele. Dois seios grandes como globos terráqueos se sobressaíam de seu estreito sutiã e a cada gargalhada que soltava a mulher ameaçavam escaparem dele. E que Deus a ajudasse, pensou Nicole olhando espectadora, aquela mulher ria um montão.

Nicole entrou naquela maré de suor humano, fôlego de bêbados e sutiãs desabotoados para chegar até ele. Ao vê-la, a mandíbula de seu pai caiu, mas em seguida voltou a fechar a boca com força.

“Lá vamos...” Jason Lassiter era temível quando se zangava. ficava vermelho da cabeça aos pés e parecia que os olhos iriam sair das órbitas. Nicole não se esqueceu disso, mas quando decidiu ir até ali imaginou esse possível aborrecimento. Não tinha mais remédio, estava acabando seu tempo.

Preocupada, aproximou-se de seu pai com um sorriso forçado nos lábios.

— Nicole — disse ele entre dentes —, que diabos está fazendo aqui?

Ela olhou os rosados mamilos da prostituta que estavam a ponto de sair-se o de seu decote, a seguir afastou a vista e respondeu zangada:

— Que diabos está fazendo você aqui?

Seu pai murmurou algo à mulher que, depois de lhe dar um pequeno golpe no braço, separou-se dele. Logo, Lassiter indicou a Nicole que se sentasse.

— Vim aqui a procurar informação — respondeu furioso.

— Ahhh — respondeu ela incrédula —. Assim agora a isso lhe chama “informação”?

— Muito engraçadinha — repôs sarcástico levantando sua taça. Nicole enrugou o nariz ao sentir o asqueroso conteúdo. Seu pai olhou dentro, franziu o cenho e voltou a deixá-la em cima da mesa, bem longe dele —. Tenho que me encontrar com um homem que sabe algo sobre a sabotagem, e por acaso ele tem relação com essa mulher. — Doído, acrescentou — Deveria me conhecer melhor.

Nicole assentiu devagar e lhe pediu desculpas com um tímido sorriso. Então pensou na sabotagem e voltou a ficar séria. Navegar naqueles tempos era bastante perigoso; com capitães tentando conseguir novos recordes navais ansiosos por provar novos desafios. Todos corriam o perigo que, com a primeira tempestade, os mastros se rompessem ou os lemes perdessem o rumo.

— Tem alguma idéia de quem está fazendo isto...? — perguntou ela. A companhia naval de seu pai ainda não tinha sido atacada, mas ele tinha decidido não esperar e começar a agir.

— Por fim tenho algumas pistas — lhe respondeu dando por resolvido o tema —. O que quero saber é, que diabos está fazendo aqui?

— Bom. Estive pensando... — Mas quando ia soltar o discurso que levava ensaiando de Paris, no qual enumerava todas as razões pelas que ela devia participar com ele na Grande Corrida de Londres a Sydney, a prostituta voltou a aparecer e se sentou nos joelhos de seu pai. Ameaçou Nicole com o olhar e, provocadora, começou a lhe sussurrar algo na orelha do homem.

Jason Lassiter não tinha intenções de desfazer-se da mulher e Nicole não estava disposta a observar sua romântica conversaço. Deu a volta, apoiou o queixo no respaldo da cadeira e se dedicou a olhar como aquelas prostitutas inglesas e outras mulheres da mesma profissão desenvolviam sua profissão.

Todas aquelas cenas a deixavam boquiaberta. Seguro que o que estava vendo se acrescentaria aos sonhos que Nicole tinha sobre um homem escuro, de rosto impreciso que... Fazia coisas com ela.

Coisas que os casais faziam na cama e Nicole tinha visto às escondidas. Suspirou. Com o que sonharia essa noite?

Um forte golpe a tirou de sua concentração e, ao desviar a vista para a porta, viu entrar em três homens fugindo do frio.

Estavam bem vestidos e suas roupas deixavam claro que eram uns cavalheiros. Uns cavalheiros bêbados, corrigiu-se Nicole após um olhar mais atento. Só uns ricos que tinham ido em busca de bebida baratas e mulheres mais baratas ainda. Bem, pois estavam no lugar certo.

Embora eles não tivessem chamado tanto a atenção como ela quando entrou, todo o botequim ficou um momento em silêncio. Provavelmente porque o mais alto de todos era impressionante; devia medir mais de um metro e noventa e seus largos ombros ressaltavam sua roupa cara.

Embora isso não fosse o que inquietou Nicole, a não ser o ar de ameaça quase evidente que emanava dele. Apesar de que se sentou e estirou as pernas para frente em atitude relaxada, ela percebeu uma tensão latente que procedia do homem. Outros também a sentiam. Tanto os marinheiros como os trabalhadores e as prostitutas se comportavam como animais assustados ao passar a seu lado.

Era o único dos três que não estava bêbado e, por estranho que resultasse, quando percorreu a sala com o olhar pareceu sentir asco. Por que iria então a um lugar que lhe desgostava tanto?

Nesse instante, como se houvesse sentido a curiosidade da Nicole, o homem deu a volta e a olhou nos olhos. Ela ficou sem fôlego e soube que seu disfarce não o tinha enganado. Via-a através de suas roupas de menino e a fez sentir como se estivesse nua.

Quando esse olhar se converteu em aberta admiração, todo pensamento racional abandonou Nicole igual ao sol dissipa a névoa, e sua mente seguiu caminhos muito mais escuros.

Ele a olhava como se fosse a única mulher do botequim, um lugar que estava cheio de mulheres seminuas e muito predispostas. O que aconteceria se ela fosse uma delas e ele fosse procurá-la? O que sentiria se sentasse em seus joelhos enquanto ele bebia e a acariciava por debaixo da saia?

Voltou a sentir-se como em seus sonhos, com sensações que lhe causavam medo e surpresa e que lhe faziam sentir um anseio no estômago. Esse homem lhe estava produzindo tudo isso. E o sentimento ia aumentando à medida que ele seguia devorando-a com os olhos.

— Vejo que te fixaste no capitão Sutherland — disse seu pai seco.

Nicole afastou os olhos e se ruborizou furiosa. De modo que aquele era Sutherland, o dissoluto capitão do Southern Cross, o proprietário dos momentos de crise na naval Peregrine... E o pior inimigo de seu pai?

— Esse é Derek Sutherland? — perguntou surpresa olhando o Lassiter. A idéia de que ele estivesse enfrentando constantemente esse homem que parecia letal a fez sentir orgulhosa de sua valentia, mas ao mesmo tempo temerosa por sua prudência.

—Em carne e osso — respondeu este ficando em pé. Deu-lhe boa noite à prostituta e, impaciente, indicou a Nicole que lhe seguisse —. Vamos. — Jason estava furioso —. Se segue te olhando assim terei que cumprir com minhas ameaças e matar a esse bastardo.

Nicole seguiu a seu pai através da multidão, mas não pôde evitar olhar ao Sutherland de novo. Cedeu à tentação e se encontrou com o olhar dele que também estava olhando-a. Embora “olhar” fosse uma palavra muito inócua para descrever o que ele estava fazendo: percorria-a com o olhar como se fosse dela, desafiando-a que se afastasse dele.

Entretanto, ela ia fazê-lo.

Apesar de sua controlada expressão, aquele homem a intrigava muitíssimo. “Que lástima”, ela pensou ao afastar-se.

Quase imediatamente, uns compridos e fortes dedos a agarraram pelo braço. Sabia que era Sutherland inclusive antes de dar a volta e encontrar seus olhos. Sentia sua pele ardendo de baixo da dele... Suas mãos eram ásperas.

— Fique — se limitou a dizer.

Por sua atitude, Nicole teve a impressão de que ele esperava que o fizesse. Acaso acreditava que podia lhe ordenar o que devia fazer? Vá arrogância! Mas então, por que teve que lutar contra seu próprio desejo de ficar com ele?

— Tire suas mãos de cima, capitão.

Ao ver que não o fazia, ela atirou do braço para soltar-se. Em resposta ele abaixou a cabeça, lhe fazendo uma zombadora reverência. Como podia parecer tão pouco afetado? Como conseguia parecer aborrecido quando ela se sentia tão atraída para ele? Zangada, olhou-o com hostilidade.

— Não, Capitão? E também será indiferente se perder a Grande Corrida por... Digamos... — Deu uns pequenos golpes na bochecha — mil milhas?

Nicole estava convencida de que, antes que seu pai aparecesse de novo para levar-lhe dali, tinha-lhe visto sorrir.

— Maldita seja, Nicole. Quando aprenderá? — espetou-lhe Lassiter incluso antes que suas botas pisassem na rua —. Passear pelo Sereia como se fosse a proprietária! Diabos, é justamente por homens como Sutherland que não quero que venha a lugares como este.

— Estive em lugares piores — respondeu ela enquanto ele seguia arrastando-a impaciente.

— Mas chamar a atenção do Sutherland e logo contra-atacar! — Girou um instante a cabeça para olhá-la—. É como se tivesse um ímã para os problemas.

— Bom, os problemas e eu sempre nos damos bem — replicou Nicole com a respiração acelerada ao tentar manter o ritmo de seu pai, que agora sim deu a volta de tudo e a olhou mal antes de reduzir a velocidade ao atravessar o cais —. Se for tão mau, por que te cruza em seu caminho? — quis saber.

— Eu tenho minhas razões para perseguir ao Sutherland. Boas razões. Além disso, é inglês. —Lassiter acreditava que todos os que tinham sangue americano correndo por suas veias podiam entender isso, dizendo isto com o olhar a Nicole.

— Mamãe era inglesa — assinalou sua filha, apesar de que já tinham tido essa conversa milhares de vezes.

— Ela era a única de todos eles que sempre respeitei. — Os olhos do homem o traíram, e ficou claro que por sua falecida esposa tinha sentido muito mais que respeito. Nunca tinha esquecido a Laura Banning Lassiter, que pertencia por nascimento à nobreza britânica.

Jason Lassiter ficou sério de novo e lhe disse:

— Esse homem é um depravado e um bruto e nunca mais vais voltar a lhe ver. Aproveitar-se-ia de ti e logo te abandonaria sem nem sequer despedir-se. Em especial agora que sabe que você e eu estamos de algum modo relacionado. — deteve-se e acrescentou severo — Não posso nem imaginar o que te faria esse bastardo se descobrir que é minha filha.

Seguiram caminhando em silêncio. Nicole não podia deixar de pensar no Sutherland. Não acreditava que ele pudesse reconhecê-la, e deduzir que era filha do Lassiter dado que se parecia muito mais à família de sua mãe e logo que tinha nada em comum com seu pai... Exceto possivelmente o leve tom avermelhado de sua cabeleira. E, claro está, havia também a atitude.

— Não acredito que pela manhã se lembre já de mim — o tranquilizou, embora em realidade lhe incomodava muito que assim fosse —. Seguro que acabará a noite bêbado.

Seu pai grunhiu.

— Não o bastante como para não lembrar-se. — Pôs uma mão no seu ombro e a fez cruzar pelos vigamentos do caís —. Mas basta já de falar disso. Por que não está no colégio? — Ao ver que sua filha baixava o olhar, perguntou-lhe ainda mais sério — Tornaram a te expulsar, não é assim?

Nicole tossiu para dissimular.

— Ambas as partes estivemos de acordo em que essa era a melhor opção. — E ao ver que seu pai levantava uma sobrancelha, acrescentou — Digamos que agora a diretora é muito mais feliz.

À medida que se fossem aproximando do caís onde estava atracado o navio de seu pai, o Bela Nicola, a emoção se ia se apoderando de Nicole até quase lhe encher os olhos de lágrimas. O Bela Nicola era um precioso clíper cujo casco, pintado de um branco brilhante com umas resplandecentes linhas vermelhas, o fazia destacar como um diamante por cima do resto de navios.

“Esse sim é meu lar.” Nicole morria de vontade de subir a bordo; gostava tanto desse navio como se de uma pessoa se tratasse. Sentia-se emocionada, mas dissimulou para que seu pai não o notasse. Como não queria que ele se desse conta dessa reação tão sensível, disse despreocupada:

— Sério, papai, não sei por que está tão zangado.

— Que não sabe? — perguntou ele —. E como quer que esteja depois de me inteirar de que lhe expulsaram que a escola mais prestigiosa de todo o continente? Contentente?

— A diferença das anteriores, desta não me expulsaram — disse ela tentando que entendesse seu ponto de vista —. Eu prefiro dizer que sai porque já não podia aprender nada mais.

— Bom, se for assim — respondeu ele olhando as roupas de menino que levava —... Sua avó deveria pedir que lhe devolvessem o dinheiro.

— Ora! O primeiro dia de classe me disseram que tinha que aprender sete das nove matérias que ali ensinavam, e o fiz. — Seu pai não saberia jamais quão difícil isso lhe tinha resultado. A Nicole custava dominar os conhecimentos destinados a apanhar a um marido. Com vinte anos e seu peculiar físico, todos diziam que se ficou já para vestir Santos. E não era um exagero.

— E suponho que é pura casualidade que as tenha aprendido bem a tempo de assistir a Grande Corrida.

Nicole voltou seu olhar. Levou dois anos planejando como participar da competição; desde o dia que caiu em suas mãos o decreto da rainha Vitória mediante o qual se abria a competição a marinheiros de todo o mundo. Esse dia decidiu que nada se interporia em seu caminho. Não voltariam a briga com ela por ter escolhido o talher equivocado, nenhum outro professor de baile riria dela, e tampouco perderia os nervos quando a menosprezassem por ser muito grande. E muito menos permitiria que aquela amarga diretora lhe arrebatasse tudo o que não encaixava em seus estritos princípios e a convertesse em outra jovem dama insossa.

Essa corrida ia ser a maior da história; seu ganhador receberia reconhecimento mundial, e ela desejava com todas suas forças formar parte disso.

Ao ver que não respondia seu pai lhe baixou carinhoso a viseira da boina e disse com um tom já mais amável:

— Me diga uma coisa, qual das duas matérias não aprendeu?

Nicole levantou a cabeça e adotou uma solene expressão.

— Sou totalmente incapaz de fazer um acerto floral, e temo que jamais aprenderei a tocar harpa. E me deprime muito que assim seja — disse, enxugando uma imaginária lágrima na bochecha.

Lassiter a olhou e sorriu sem dissimular que se alegrava muito de vê-la. Mas em seguida voltou a ficar sério.

— Me escute, Nicole. Quero desfrutar do tempo que possamos passar juntos antes que comece a corrida, assim será melhor que te deixe as coisas claras desde o começo.

Esta franziu o cenho. Deus santo, não, não podia ser, seu pai ia dizer lhe que ela não ia navegar.

— Não, não diga nada ainda, por favor — balbuciou a toda pressa —. Me dê um par de dias para te demonstrar que posso te ajudar a ganhar a corrida. — “E em todas suas viagens de depois.”

— Nicole, não...

— Por favor! — Agarrou-o pelo antebraço e foi falar, mas ele levantou a mão para detê-la.

Deu-se conta de que tinha perdido essa batalha, mas a guerra ainda não tinha terminado. Tinha par de cartas na manga, assim se obrigou a tranquilizar-se um pouco e deixou de brigar.

Conseguiu inclusive não dizer nada quando seu pai lhe explicou:

— Tentarei ser o mais claro possível: Nicole, não há nenhuma possibilidade de que suba ao navio nesta corrida. E se quer culpar a alguém de que não possa ir que fique claro, a culpa é do Sutherland. Enquanto siga existindo esta inimizade entre ele e eu, jamais permitirei que esteja ao seu alcance. Até o dia em que eu morra.

“Vou matar a esses animais”, pensou Nicole golpeando a frente contra o antebraço que tinha recostado em cima da escrivaninha. Depois de uns instantes, voltou a sentar-se erguida, afastou-se uma mecha de cabelo que lhe caía sobre a frente e baixou a vista para as cartas de navegação que havia em cima da mesa. Ficou absorta, pensando como encaixar os números e as equações.

Fazia já um quarto de hora que o gado armazenado na adega não deixava de mover-se. Não podia pensar e muito menos encontrar um modo de impressionar a seu pai.

E como não podia ser de outro modo, a bordo não havia ninguém que pudesse acalmá-los. Lassiter tinha retornado ao botequim para reunir-se com aquela mulher, e quase toda a tripulação estava em terra firme, desfrutando de seu tempo livre.

Os animais começaram a tranquilizar-se. Nicole conteve o fôlego e rezou para que se mantivesse em silêncio durante o resto da noite. Mas justo quando voltou a agarrar a pluma, voltaram a mostrarem-se inquietos. Zangada, atirou-a em cima da mesa. Por que não faziam nada os dois homens que tinham permanecido no navio para protegê-la?

Segura que estavam dormindo ao invés de montar guarda. Se essa fosse sua obrigação, ela jamais dormiria.

Nicole estirou os braços por cima da cabeça e se dispôs a sair do camarote. Não tinha intenção de afastar-se muito, mas de todos os modos pegou o casaco de lã.

Com o farol oscilando na mão, caminhou para a passarela, e embora tentasse não contagiar-se com a preguiça que se respirava no ar não pôde evitar bocejar um par de vezes. Pensou que havia outro motivo pelo que logo que tinha feito nada de proveito durante todo o dia; estava exausta por falta de sono. Presa de sensuais imagens, Nicole se tinha passado horas dando voltas na cama, com os lençóis enredados entre as pernas e a camisola lhe acariciando a pele em excesso sensível.

O homem que a seduzia em sonhos já não era um desconhecido: era Sutherland.

Nicole se obrigou a recordar-se que ele era em parte culpado de que seu pai não a deixasse navegar e que na corrida competiria contra ele e sua relação iria ainda a pior. Assim, por que seguia sentindo os dedos do Sutherland lhe aferrando os braços?

Sacudiu a cabeça para tentar deixar de pensar nele. Não tinha tempo para distrações.

Chegou à passarela e procurou os guardas que se supunha que tinham que estar ali. Ao ver que não havia ninguém a quem poder jogar a bronca, decidiu baixar ela mesma aquela escada pela qual tinha descendido um milhar de vezes. Quando iluminou aos animais com o abajur, a irreverente cabra se limitou a menear a cabeça em sua direção. Mas os porcos e as ovelhas abriram os olhos de par em par e começaram a gritar demonstrando quão assustados estavam.

Nicole lhes falou um pouco para lhes pedir que guardassem silêncio, mas a tormenta que se estava formando lhes estava pondo muito nervosos. Ao ver que não faziam conta, limitou-se a soltar uma maldição, deixou o abajur no chão e agarrou a pá para lhes jogar um pouco mais de alimento. Mas o braço lhe gelou a meio caminho.

A luz do farol iluminou um estranho vulto parcialmente oculto por uma das costelas do navio.

Um homem?

Nicole retirou pela enésima vez o cabelo da cara e se levantou bem a boina que levava para poder ver melhor ao marinheiro. Fosse quem fosse, tinha que aprender que não devia baixar ali a horas inoportunas sem motivo aparente. E, o que era ainda mais importante, tinha que saber que se tinha assustado aos animais, era sua responsabilidade acalmá-los.

— Pode-se saber o que está fazendo aqui, marinheiro? — exigiu saber, acompanhando com um sonoro passo de suas botas cada palavra.

Mas à medida que se aproximava algo dentro dela, um instinto que até esse momento tinha decidido ignorar, advertiu-lhe que fosse cuidadosa.

Sem responder, ele se levantou e se virou para ela. Nicole ficou sem fôlego.

Aquele homem tinha uma purpúrea cicatriz que ia da frente até a vazia concha de um olho, e dele emanava um insuportável fedor; uma mescla de genebra, lixo... e sangue. Nicole ficou sem fala e os olhos lhe encheram de lágrimas pelo esforço que fez por tragar saliva e não vomitar.

Inspirou fundo umas quantas vezes e por fim recuperou o ritmo respiratório. Era impossível que fosse um dos homens da tripulação de seu pai. E isso queria dizer... Que se tinha metido em uma confusão. Outra vez.

As emoções que sem dúvida lhe cruzaram pelo rosto deveriam fazer graça a aquele tipo tão desfigurado porque sorriu e deixou ao descoberto uns dentes que pareciam pequenos pedaços de madeira podre. Nicole não pôde evitar abrir mais os olhos e dar outro passo mais para trás.

Tomou ar e, ao ver que ele avançava em sua direção, lamentou haver-se movido.

— Siga com o que fazia marinheiro — conseguiu balbuciar —. E desculpe-me.

Esperou um segundo, logo outro, a ver como reagia. O que podia fazer para chamar a atenção dos guardas? Se os animais não o tinham conseguido, dificilmente o faria ela. Seria capaz de correr mais rápido que ele? Nicole levava calças. Se aquele homem se propunha apanhá-la, talvez conseguisse chegar à cobertura antes que ele. Podia tentá-lo... Deveria reagir de uma vez e começar a mover-se.

Justo quando conseguiu dá-la volta, o homem falou.

— Não acredito que a senhorita tenha intenção de ir a nenhuma parte, Clive.

Um segundo valentão apareceu de entre as sombras, um homem que parecia muito mais perigoso que o primeiro.

Eram dois ali na adega. Com ela.

Nicole também ficou impressionada com o alarmante físico do outro tipo. Sua cara, completamente esmagada, fascinou-a de um modo mórbido; era redonda e não havia nela nenhuma protuberância à exceção dos lábios. Olhou-o do mesmo modo em que se observa um acidente; com a boca aberta e sem poder-se mover de medo.

Uns segundos mais tarde, as ânsias de defender-se ressurgiram em seu interior e, com o olhar, esquadrinhou a adega em busca de uma arma. Era impossível que pudesse agarrar a pá ou o rastelo antes que a apanhassem.

De repente, viu o desordenado montão de ferramentas que havia junto ao segundo homem. Aqueles tipos tinham ido até ali para sabotá-los! Antes de deixá-la sem respiração, a fúria lhe deu forças para lhes plantar cara.

— Sinto lhes haver incomodado. Sigam com as reparações que estão fazendo. Eu retorno a meu camarote... Assim boa noite.

— Você não vai a nenhum lugar, senhorita — disse o homem chamado Clive —. Você vai ficar aqui a nos fazer companhia. — Tinha a voz gutural e não deixava de lhe percorrer o corpo com o olhar. Nicole sentiu asco, mas abriu e fechou as mãos várias vezes para tentar manter o controle —. Não acreditará que deixaremos escapar a um exemplar tão saboroso como você sem lhe dar um bocado, verdade?

— Alto aí, Clive — protestou o outro, que se tinha detido a uns cinco passos dela —. O chefe não disse nada a respeito de meter-se com ninguém esta noite. — passou-se a mão pela imunda juba e continuou —: O melhor será que acabemos com isto antes que nos pilhem e logo já pensaremos o que fazer com ela.

— Não chateie, Pretty — disse Clive de uma vez que se aproximava da Nicole e a sujeitava pelo casaco. A garota gritou assustada e começou a lhe dar patadas. Com a pesada sola de uma das botas lhe acertou totalmente no joelho e conseguiu escorregar-se por debaixo de seus braços e escapar dele.

— Socorro! Que alguém me ajude! — gritou ao chegar à escada. Sabia que ninguém iria a resgatá-la. Sair daquilo dependia só dela.

Apesar de ter corrido, o enorme bruto foi mais rápido, e Nicole só conseguiu subir três degraus antes de que se equilibrasse sobre ela. Agarrou-a pelos tornozelos, com o que pareceram garras, e antes de cair-se de bruços contra o chão, sentiu como se flutuasse. Perdeu o fôlego, e ficou tão aturdida que logo que sentiu dor ao golpear a fria madeira com o peito e o estômago.

“Defenda-se, maldita seja, defenda-se!” Utilizou as poucas forças que ficavam para chutar os grossos lábios de seu agressor.

O sangue saiu aos borbotões. O tipo gemia de dor, mas mesmo assim seguia sem soltá-la. Nicole lhe deu outra furiosa patada e ele a deixou ir; a seguir correu para a escada tão rápido como pôde.

la escapar. Sabia-o...

— Se voltar a tentar algo parecido, dispararei. — Essas palavras fossem acompanhadas pelo peculiar som de carregar uma arma.

Nicole voltou devagar a cabeça. O homem da cicatriz a estava apontando com uma pistola. Tremendo, a moça olhou para o Clive, que agora tinha conseguido ficar em pé e lhe sorria, talhado de sangue.

Ao ver o ódio que lhe alagava os olhos, dirigido a ela, decidiu que só tinha uma alternativa.

Ignorou a pistola que a apontava e pôs-se a correr escada acima. Mas estava muito cansada... la muito lenta.

A meio caminho ouviu o gatilho. O disparo retumbou por toda a lúgubre adega.

CAPÍTULO 02

Derek Sutherland era mau caráter. Os que o conheciam bem, e estes eram muito poucos, sabiam que não demoraria em converter-se em um amargurado. E o que aconteceu durante os últimos quatro anos não parecia augurar uma mudança de direção.

Aquela fria e escura noite, além de estar zangado, estava bêbado. Como sempre.

Para falar a verdade, o único que se saía do normal era que a bebedeira lhe estava passando. Algo que pensava remediar logo que desse com o botequim mais próximo. Acelerou o passo e se deslizou entre a multidão que enchia o píer. Dado que a grande maioria o temia e se apartavam para lhe deixar passar, não demorou muito em chegar a seu destino.

Esse medo não se devia só a sua altura —a grande maioria dos homens que ali havia apenas lhe chegavam ao ombro—, nem tampouco a sua cara de poucos amigos, que cada dia ia a pior, mas sim era porque não tinha nada que perder, e isso se notava e o convertia em um ser muito perigoso.

Derek sabia que tinha esse efeito nas pessoas; fazia anos que assim se passava. De fato, podiam-se contar nos dedos de uma mão as pessoas que não lhe temiam. Uma delas era Amanda Sutherland, sua mãe, e era uma pena que assim fosse. Derek pensou isto ao recordar a última vez que jantou com ela na mansão que os Sutherland tinha em Londres.

Ele tinha se vestido para sair quando sua mãe lhe pediu que se reunisse com ela no salão. Sabia perfeitamente o que pretendia, e o único que sentia saudades era que não o tivesse tentado antes. Sentou-se na cadeira menos delicada e, incomodado, olhou-a aos olhos.

Cruzou as pernas pelos tornozelos e lhe disse:

— Não posso nem imaginar o motivo desta reunião, mãe.

Para ouvir seu tom, sua mãe apertou os lábios e, depois de alisar uma inexistente enrugada de sua saia, respondeu tranqüila:

— Vais ao clube esta noite?

Derek riu para ouvir essa ridícula pergunta, mas como não estava acostumado a rir, pareceu mais bem um ataque de tosse. Calou-se e tentou recuperar seu formidável temperamento; o culpado por estar agora naquele poço sem fundo.

Antes de responder, inclinou-se um pouco para frente, com olhar feroz:

— Não quero voltar a ter esta conversa contigo. Sabe condenadamente bem que não tenho a mais mínima intenção de ir ao clube nem a nenhum de seus bailes, festas ou reuniões onde tenha que escutar algum comentário, por pequeno que seja sobre mi... minha situação — cuspiu as palavras ressentidamente.

A essa altura, sua mãe já deveria estar acostumada, mas apesar disso pareceu surpreendida por seu ataque de fúria. Entretanto, sem deixar-se amedrontar, respondeu:

— Tem uma responsabilidade para com seu título, Derek. Já vai é hora de que tenha um herdeiro.

— Grant é meu herdeiro — respondeu ele referindo-se a seu irmão.

— Mas um filho...

— Não posso e isso não acontecerá.

Seu tom doído tampouco conseguiu detê-la. Sua mãe tomou fôlego e os arrastou a ambos a uma discussão que já tinham tido milhares de vezes. Cada vez que Derek visitava Londres, buscava-o para voltar a repeti-la... Não tinha falhado nenhuma só vez.

Durante o que lhe pareceu mais da metade da noite, Derek a escutou raciocinar e suplicar vendo como trocava de tática com absoluta precisão. Finalmente, não pôde suportá-lo mais e se levantou para ir-se com intenções de permanecer longe de sua família até que tivesse que voltar a navegar.

Mas sua mãe não ia render-se tão facilmente.

— Que rota vai seguir esta vez? China? América do Sul? — perguntou antes que ele pudesse escapar.

Sem vontades, deu-se a volta e a olhou frio como o gelo.

— De Londres a Sydney.

— Sydney? — repetiu ela fingindo interesse —. Ah, sim, a grande corrida da rainha Vitória. Faz uns dias li algo sobre isso no periódico. Muito patriótico por sua parte. — O falso sorriso subtraiu sinceridade a suas palavras —. E que conveniente para você estar de viagem tão longe e durante tanto tempo.

Derek não ia negar. E ela estudou seu rosto.

Ela escrutinou sua cara.

— Quanto demorará a ir e voltar?

— Meio ano. — Nesse instante, viu aparecer a decepção nos olhos cinza de sua mãe, uns olhos idênticos aos seus, e preparou-se novamente para sair.

Como era de esperar, não tinha chegado a nenhum acordo, mas Derek não podia tirar-se da cabeça quão último havia dito sua mãe enquanto ele partia.

— Frequentemente me pergunto se você gosta tanto do mar porque só é feliz ali... ou porque é um covarde.

Deus necessitava uma taça.

O que pretendia que fizesse? E Grant? Quando passou junto a ele, olhou-o como se lhe desse lástima. Todos sabiam que não havia nada o que fazer que ele não tinha redenção possível. Derek o tinha assumido, e maldita seja, tentava viver com isso.

Perguntou-se o que pensariam sua mãe e seu irmão se soubessem que alguém tinha obtido por fim atravessar a espessa armadura de raiva e dor que o cobria. Uma jovem prostituta do porto de olhos escuros e vivos tinha obtido que o coração do conde voltasse a pulsar. Uma prostituta do Sereia vestida com roupa de menino, se alguém...

Uns gritos próximos o tiraram de sua auto-análise. Sentiu curiosidade por ver o que era o que essa noite alterava à descuidada noite portuária. Aproximou-se das caixas cobertas com lonas e subiu em cima de uma. Por entre chapéus baratos e cabeças imundas viu como um menino corria e tropeçava com um zangado grupo de mulheres. Derek levantou o queixo e em seguida distinguiu aos dois homens que o perseguiam.

Saltou da caixa e, depois de sacudir o pó das mãos, prosseguiu seu caminho. Aquele menino tinha provocado às pessoas equivocada, pensou sem lhe dar muita importância. Os homens eram uns assassinos, o menino não tinha nenhuma possibilidade de sair com vida, e menos sendo eles dois. E apesar de saber todo isso, Derek não fez nada, como era habitual no porto. Ele não era diferente do pior dos tipos que havia ali essa noite.

Limitar-se-ia a seguir caminhando. Nem pensar em interferir.

Entretanto, quando o menino passou junto a ele, Derek se deu a volta bem a tempo de ver como se enredava entre uma velha corda de cânhamo. O moço se cambaleou para frente, movendo os braços absurdamente justo antes de dar-se de bruços contra o chão. Aturdido, sacudiu a cabeça e tentou levantar-se, mas não podia mover as pernas.

O que ficava da consciência do Derek lhe gritava que fosse ajudá-lo, mas conseguiu silenciá-la sem muito esforço. Já não era o homem de antes. Além disso, tinha já a visto as luzes do botequim a que se dirigia. Estava muito perto de onde pensava passar uma noite mais aturdido pelo álcool...

E, a julgar pelo ruído que provinha do beco, os homens se estavam aproximando.

— Tome cuidado, imbecil! — gritou irritada uma extravagante mulher batendo a bolsa por cima da cabeça de um dos dois tipos. Não obstante, quando este se deu a volta e a olhou aos olhos, a mulher ficou muda de

repente e correu a esconder-se entre a noite. Derek entendeu que reagisse assim, aquele homem parecia saído do mesmo inferno.

Sem podê-lo evitar, Derek procurou o menino com o olhar. O guri seguia lutando por desenredar seus pés da corda e assim poder seguir fugindo pelas imundas ruas. Mas então aconteceu algo que não era habitual, Derek sentiu lástima, e isso fazia muito que não lhe passava.

Olhou-o de novo. O mais provável era que o menino fosse um delinqüente que tivesse bem merecido o que ia lhe passar. Decidiu passar de comprimento, de modo que sacudiu a cabeça e seguiu com seu caminho.

E soube sem dúvida nenhuma que se converteu em um desalmado.

Como algo alheio ao seu corpo, Nicole sentiu como o medo lhe subia à garganta estrangulando-a. Tentava seguir correndo, mas no fundo sabia que não poderia seguir adiante durante mais tempo. A cada pernada estava mais exausta. Cada baforada de ar lhe queimava os pulmões. E então se enredou na corda.

Não queria morrer daquele modo... Atirada em uma pestilenta Rua de Londres, degolada pelo Clive.

“Quero morrer no mar.” Tentava controlar as lágrimas de dor e frustração que lhe ardiam nos olhos, mas sem dar-se conta lhe escapou um soluço.

— Maldita seja — exclamou uma voz grave justo a suas costas.

A essas palavras as seguiu uma enxurrada de insultos, e de repente voou pelos ares e acabou sujeita contra o quadril de um homem muito alto e muito zangado. Este se encaminhou para um beco que havia entre dois armazéns e Nicole voltou a ser presa do pânico. Não tinha forças para seguir lutando e aquele tipo não era nem sequer companheiro dos anteriores.

Decidiu-se a ajudá-la algum marinheiro? Seguro que não, embora, apesar de tudo, aquele homem a sujeitava com muita delicadeza.

— Não tenha medo — lhe disse ele tenso —. Não vou fazer-te mal.

Esse indivíduo falava com a precisão e o tom próprio de um cavalheiro e os instintos da Nicole lhe dizia que não saísse correndo. Por estranho que parecesse, já não estava assustada, e isso que acabavam de lhe disparar e que tinha conseguido fugir pelos cabelos. Tinham-lhe disparado. Em seu próprio navio, a bala passou assobiando junto a sua orelha. Uns montões de lascas tinham voado ao seu redor...

Essa lembrança ficaria para sempre gravado na mente. Realmente seu salvador não a assustava, mas tampouco ia correr nenhum risco mais. Não podia perder tempo lhe explicando que tinha que ficar a salvo, de modo que começou a mover-se e a lhe dar patadas na parte posterior das pernas.

— Estou tentando te ajudar. Filho de... Quer parar?

Suas patadas não tinham nenhum efeito nele. À espera que ele a golpeasse, Nicole ocultou a cabeça entre os cotovelos.

Entretanto, o homem se limitou a sujeitá-la com mais força. Devia pesar quase o dobro que ela e tinha uns braços muito fortes. Poderia submetê-la com entristecedora facilidade, e pelo contrário, apesar de que Nicole seguia resistindo, teve a estranha sensação de que ele tentava ser o mais delicado possível.

— Te tranqüilize! Maldita seja, é mais escorregadio que um gato — disse zangado.

Em um de seus intentos por soltar-se, Nicole viu a cara de seu protetor. A surpresa que experimentou ao reconhecê-lo foi inclusive maior que sua incredulidade. Seguiu lutando, mas não podia tirar-se da cabeça que o homem que a estava sujeitando era nada mais e nada menos que o capitão Derek Sutherland.

Se não fosse porque temia por sua vida se pôs-se a rir. “saí que a frigideira para cair nas brasas.”

Derek seguia esforçando-se por mantê-la quieta e neutralizava seus movimentos desesperados sem nenhum esforço. Derrotá-la-ia em questão de minutos, mas ela não deixava de lutar. Até que de repente, voltou-se e, com uma mão, tentou sujeitá-la de outro modo.

E então... passou algo inimaginável.

A mão do Derek penetrou por dentro do casaco e da camisa roçando um de seus seios.

Nicole ficou imóvel.

Não sabia por que. Era porque ele também se ficou completamente quieto? Ou porque não podia pensar em nada mais que não fosse essa emanação de calor sobre seu peito?

Grande, cheia de cicatrizes, e emanando tanto calor que seguro que lhe deixaria a pele marcada para sempre. Estava-a acariciando? Nicole teve a sensação de que a mão do Derek tinha passado sem transição de sujeitá-la com força a acariciá-la, a percorrê-la com supremo cuidado. Sim, agora estava esfregando seu mamilo com o polegar.

Deveria começar a lhe dar patadas de novo. Deveria. Mas lhe tinha derretido todos os ossos do corpo. “A mão do capitão Derek Sutherland me está acariciando o peito”, repetia uma voz em seu cérebro uma e outra vez.

“Sua mão me está acariciando o peito.”

Acabava de soltar uma maldição? Nicole ficou geada quando ele, como se estivesse queimando, afastou a mão de repente. Então, Derek voltou-se e a pôs em pé ante ele, estreitamente arranca-rabo.

Nicole tentou em vão recuperar a sensatez. O maior rival de seu pai a estava abraçando em um beco escuro, a sós, por que não tentava escapar? Porque estava esgotada. Sem fôlego.

Derek lhe percorreu então os braços com as mãos as deslizando até seus quadris, onde as deixou repousar. Uma onda de calor alagou a Nicole por completo e ficou instalada em seu estômago.

Ela se tinha passado a vida rodeada de homens, tinha vivido largas temporadas em seus camarotes, mas jamais havia sentido aquele desejo que agora a capturava por completo e sem piedade.

Sacudiu a cabeça em um intento desesperado por negar esses sentimentos. O único que lhe acontecia era que, depois de tanto medo, agora se sentia segura entre seus braços; ou melhor, um pouco mais segura. Provavelmente todo se devia a que, com o calor que dele emanava, protegia-a do frio da noite. E que sua pele

cheirava a limpo e o fazia cócegas no nariz. Viril. Sua essência era... viril. Não cheirava a licor, nem a perfume barato, tal como ela tinha temido, mas sim seu aroma era tão agradável que morria de vontades de aninhar-se junto a aquele enorme torso e respirar fundo.

Apesar de estar tão perto dele, Nicole tentava convencer-se de que talvez não a tivesse visto bem. Ela seguia levando a boina. Podia, portanto pôr-se a correr...

Como se lhe tivesse lido o pensamento, Sutherland a abraçou com mais força. Incapaz de acreditar que o que sentia contra seu ventre fosse uma ereção, Nicole gemeu surpreendida. Atônita, tentou escapar, mas só conseguiu ver-se apertada ainda mais contra ele.

Notou como o ritmo da respiração do Derek trocava, e esticou todo o corpo.

— Devagar — disse ele. A palavra era como um trovão na tempestade.

— Me solte... Tenho que... ir — suplicou ela. Não podia ficar ali, a ponto de derreter-se. Olhou-o aos olhos e viu um homem decidido que não tinha intenções de deixá-la escapar. Sentiu como afrouxava um dos braços e soube que se dispunha a lhe tirar a boina. Não queria que o fizesse, não podia deixar que o fizesse, mas seu corpo permanecia imóvel, hipnotizado pelo calor de Derek.

Ainda alterada, Nicole observou com detalhe aquela cara de feições tão duras, cuja única ruga era o cenho que agora franzia. Ele a olhou nos olhos e lhe sustentou o olhar. À noite no botequim, Nicole já tinha se dado conta de quão frios eram seus olhos, mas agora sabia que neles havia muito mais.

Sutherland parecia um homem à deriva, sem ilusões.

Quando aproximou a mão da boina, uma suave brisa acariciou o rosto dela. Descobriu-lhe os cabelos e lhe acariciou a bochecha com dedos suaves. Ante sua sensualidade, Nicole começou a tremer. E seguiu fazendo-o enquanto ele escrutinava sua cara... e também quando lhe acariciou o cabelo... e inclusive quando a jogou em cima do ombro como se não pesasse nada.

Capítulo 03

A Derek não o surpreendia nada. Estava acostumado a esperar sempre o pior, tanto da situação como das pessoas, e assim nunca se decepcionava. Mas no instante em que se deu conta de que o menino que se escondia debaixo daquele casaco era a garota do botequim, todo seu interior se descontrolou por completo.

E o exterior. Estava tão excitado, que parecia um animal no cio aponto de emparelhar. Não sabia se estava mais surpreso por ter encontrado de novo a sua prostituta ou por como estava reagindo ante ela.

A moça também se ficou estupefata ao ver que ele a colocava sobre o ombro com o traseiro apontando para o céu e a cara esmagada contra suas costas. E não demorou muito em voltar a lhe dar patadas e murros com a mesma força que antes.

— Baixa me já! — ordenou-lhe marcando cada palavra com uma patada — Me solte agora mesmo!

Derek se burlou dos fúteis intentos dela por escapar. Mas enquanto pensou que ela estava se rendendo, sentiu uma pontada de dor lhe atravessou as costas: a Valquíria lhe tinha dado uma pequena mordida.

— Que diabos está fazendo? — Afrouxou um pouco seu abraço —. Maldita seja, estou tentando te ajudar. Não vejo esses homens rondando por aqui, mas isso não significa que se foram. — Nicole se acalmou um pouco e, ao ver que o escutava, Derek continuou—: vou levar-te a um lugar seguro, e com seus golpes quão único conseguirá será prolongar algo que de todos os modos é inevitável.

— Está bem. Ficarei quieta. Por agora — disse ela a contra gosto.

Ao ver que ela queria manter sua dignidade apesar de estar sendo transportada como um saco de batatas, Derek esboçou um sorriso. Mas ao chegar à esquina voltou a ficar alerta. Quando se convenceu de que aqueles tipos tinham tomado outra direção, deu a volta e se dirigiu ao Southern Cross.

— Pode me deixar no chão. Não escaparei — disse a garota, certamente farta de balançar-se a cada passo que dava. Deveria soltá-la e deixar que caminhasse, mas não queria que voltasse a escapar. Não até que lhe tivesse explicado um par de coisas.

— Assim iremos mais rápido. — Depois de pensar uns segundos, acrescentou —: Não está cansada?

Em suas costas sentiu como ela respirava fundo e soltava o fôlego.

— Sim — reconheceu reticente.

Ao de dar conta de que aqueles homens estavam perseguindo a aquela pequena e indefesa garota, Derek ficou furioso. E ainda se zangou mais ao recordar que tinha estado a ponto de permitir que lhe fizessem mal.

— Quem eram esses homens que lhe perseguiam? E por que o faziam?

— Não é teu assunto — respondeu ela à defensiva.

— Posto que acabo de te salvar o traseiro, diria que sim é.

Ao ver que não respondia, sacudiu-a um pouquinho.

— Diga-me isso você os estava... Provocando?

— Se pretende me fazer tremer, terá que me sacudir muito mais forte. E como sei que não é desses... o melhor será que não percamos mais o tempo e que me solte — disse ela lhe falando com suas costas.

É que estava... lhe provocando?

— Eu não contaria com isso, carinho. — Sua ira, sempre considerável, começava a crescer—. É evidente que não tem suficiente sentido comum para me temer.

Nicole tentou apoiar-se nas costas dele e incorporar-se um pouco.

— Deveria fazê-lo? — perguntou com cautela.

Sem tratar de ser delicado ao lhe responder, Derek disse:

— Isso depende de se consegue me fazer feliz. E agora mesmo não o sou.

— Não tem cara de havê-lo sido nunca — murmurou ela, com a bochecha recostada em sua omoplata.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele diminuindo a marcha e sentindo que ela voltava a tomar fôlego para incorporar-se.

— Tem o cenho enrugado de tanto franzir-lo, mas não tem nenhuma ruga ao redor dos olhos causada pela risada. Zanga-te muito e ri muito pouco. Aposto o que queria que está furioso agora.

Maldita seja sim o estava. Odiava que o analisasse.

— Não sabe nada de mim...

— Equivoca-te, sei que não ri.

“Basta.” agachou-se como se fosse a atirá-la ao chão.

— Né! — gritou ela movendo os braços, mas ele a sujeitou antes que caísse.

Nicole tentou recuperar o equilíbrio e quando o teve obtido se separou da cara sua espessa juba. Com expressão doída, perguntou-lhe confusa:

— por que fez isso?

O abriu a boca para responder e logo voltou a fechá-la. Aquela garota tinha um cabelo impressionante. Agarrou-lhe umas mechas e, sob a luz da lua, não podia distinguir se eram vermelhos ou dourados. Emolduravam à perfeição aquele rosto de boneca e seu esbelto pescoço. Os lábios do Derek morriam de vontades de beijar esse pescoço...

Ante tais pensamentos, sacudiu a cabeça.

— Não estou de todo convencido de que deva te levar a um lugar seguro. Tem uma língua viperina e carece totalmente de gratidão. Deveria estar no Sereia.

— Você — replicou ela levantando o queixo — estava quão mesmo eu. Ou é que estava tão bêbado que já o esqueceste?

— Senhorita, está-te... — começou a dizer, mas viu que ela desviava a vista para um ruído procedente do beco. Desencaixou-lhe a cara e começou a tremer. Apesar de que lhe tinha tentar esconder ela estava morta de medo.

Antes que se pusesse a correr, Derek a agarrou pela cintura e voltou a colocar-lhe em cima do ombro. Encaminhou-se para seu navio sentindo-se estranhamente satisfeito por tê-la em seus braços.

Não sabia o que tinha aquela garota que o fazia sentir assim. Talvez fosse que lhe olhava como nunca antes nenhuma garota do Sereia o tivesse feito, efetivamente como uma sereia.

Como se fosse morrer e não fazerem amor.

Derek se disse a si mesmo que o único motivo pelo que tinha querido voltar a vê-la era para satisfazer sua curiosidade. Queria saber por que uma garota tão jovem, e que vendia seu corpo no Sereia, por não mencionar que estava com o Lassiter, tinha olhado-o daquele modo. Primeiro com desejo e logo com fúria.

Além disso, precisava saber se ele era capaz de sentir de novo aquele enorme desejo, ou se o que tinha experimentado tinha sido só uma miragem produto da bebida.

Não tinha sido a bebida.

O que lhe estava passando? Aquela garota era uma prostituta descarada que confraternizava com seu pior inimigo. E seu aspecto era do mais curioso. Tinha uns enormes olhos castanhos, muito escuros e muito grandes para seu pequeno rosto de menina, que contrastava com seus sensuais lábios. Era como se um pintor, ávido e louco, dedicou-se a pintar seus olhos e sua juba, enquanto outro, mais delicado, esmerou-se em desenhar seus perfeitos lábios...

A garota voltou a mover-se. Seguro que a essa altura tinha chegado à conclusão de que ele era perigoso e, em consequência, tinha começado a lutar de novo para tentar soltar-se. Pesava tão pouco, que pôde refreá-la com facilidade.

De repente, suas mãos se converteram em punhos e lhe golpeou as costas. Tinha mais força da que acreditava, mas Derek seguiu imperturbável o seu caminho. Quão único conseguiu Nicole foi que lhe desse um par de tapinhas no traseiro que, ao levar calças, ficava tão desprotegido.

— Você! Oooh, não pode...

Ele descansou a mão ali.

— É evidente que sim, posso — respondeu ele repetindo as palavras que ela tinha dito. Nicole gritou indignada e Derek não pôde evitar sorrir.

Então foi ele quem se surpreendeu, pois ela começou a insultá-lo e com umas palavras que nem o mais baixo dos marinheiros conhecia. Mas o que mais lhe surpreendeu não foi que conhecesse esse jargão nem a raiva com que as dizia. Ao fim e ao cabo, era de esperar, tendo em conta de onde procedia.

Não, o que lhe surpreendeu foi que não tinha o acento próprio das classes baixas, e quanto mais se zangava, mais precisa era cada sílaba e menos se ajustava à idéia que ele se feito. Em realidade, Derek não acertava a situar de onde procedia esse acento. Entretanto, uma coisa sim podia assegurar: era um acento culto e ela parecia muito afrontada.

Descartou seus pensamentos. Ele mesmo a tinha visto naquele botequim cheia de prostitutas e ir-se dali com um homem que lhe dobrava a idade. Não podia dizer-se que isso fosse o comportamento de uma dama.

Fosse quem fosse, ia deitar-se com ela uma e outra vez, e já averiguaria a verdade mais tarde. As coisas não podiam ficar melhores. Faltavam cinco dias para que começasse a corrida. Tinha tempo de sobra para desfrutar da garota.

E quando o tivesse feito, passar-lhe-ia o de sempre... cansar-se-ia dela e partiria rumo ao mar.

Com Nicole ainda sobre seu ombro, o capitão Sutherland subiu a bordo de seu navio e saudou os dois guardas que, atônitos, devolveram-lhe a saudação. A Nicole não gostava de nada que ele a levasse de um modo tão pouco digno, mas ver o Southern Cross bastou para que ficasse sem fôlego e deixasse de lhe insultar durante uns segundos. Ela nunca tinha estado tão perto do navio do Derek, e a embarcação a deixou sem fala.

Ela sempre se burlou da idéia de que um capitão está acostumado a parecer-se com seu navio, mas o Southern Cross era tão grande, escuro e impressionante que a idéia adquiria sentido. Era um navio duro e cheio de arestas.

E proibido.

Justo quando decidiu que tentaria escapar de novo, Sutherland chegou à escada, depositou-a no chão e a olhou como se estivesse expondo-se o que fazer com ela. Por fim, disse:

— Baixa.

Nicole negou com o olhar. É obvio que não ia baixar. Acaso acreditava que estava louca? Não sabia por que a tinha levado a seu navio, não sabia se ele tinha descoberto quem era ela na realidade, e, o que era mais importante, não gostava que lhe dessem ordens, em especial um homem como ele. Ia abrir a boca para dizer “Não, obrigado”, quando ele ordenou.

— Faz.

— Não.

— Não?

Pelo modo em que a olhou, viu que não estava acostumado a escutar essa palavra.

— N-Ã-O — soletrou Nicole—. Não até que me diga por que me trouxeste...

— Agora! — gritou, e a Nicole perdeu a vontade de discutir. Para ouvir seu tom de voz baixou disparada para o ventre do navio.

Não a tinha assustado, disse-se a si mesmo; só a tinha surpreendido.

Ele a seguiu devagar, com cautela. Agachou-se um pouco para esquivar uma viga do teto e Nicole constatou quão alto era. Depois de lhe haver gritado desse modo deveria lhe ter medo. Chancey, o timoneiro de seu pai, diria que era muito inconsciente. E talvez tivesse razão, mas a verdade era que não temia o Derek.

Lhe via na cara que era incapaz de lhe fazer dano. “Não, o que parece é ter vontades de me devorar.” O olhar de lhe percorria o corpo como se fosse uma carícia, e ela não podia evitar estremecer-se. Esses olhos cinzas e escuros, que com facilidade podiam parecer cruéis, olhavam-na sem ódio. E estava convencida de que em seu interior se escondia a promessa de algo muito mais profundo. Podia ser esse o motivo de que a tivesse levado a seu navio? Para beijá-la?

Ao longo de sua vida, Nicole se tinha exposto a muitos castigos por fazer coisas proibidas. E se beijar o Sutherland não era um pouco proibido...

Irrracionalmente, uma parte dela morria de vontades de que isso acontecesse. Mas era uma loucura. Sutherland era um sedutor que, com toda probabilidade, deitou-se com legiões de belas mulheres, por que ia desejar a ela, que carecia de curvas e não cumpria com os padrões de beleza?

Nicole se afastou, em um ridículo intento por manter a distância entre eles. Passou por diante de uma porta e não pôde evitar olhar dentro. Fez o mesmo com a do lado e com a seguinte, absorvendo todos os detalhes do navio.

Derek viu a avidez que havia em seus olhos e, acreditando entender o que a preocupava, tentou tranquilizá-la em voz baixa:

— Tranquila, carinho. Eu não gosto de compartilhar. Eu serei o único que estará contigo esta noite. Além dos guardas que viu na cobertura, temos todo o navio para nós sozinhos. — aproximou-se dela para lhe apartar uma mecha da cara —. Recompensarei-te bem.

Recompensá-la? Aconteceu-lhe uma idéia pela mente, mas a descartou imediatamente.

O que fosse o que ele tinha visto em seu rosto lhe fez entrecerrar os olhos.

— Lhe advirto — disse isso ameaçador —. Não jogue comigo.

Nicole entreabriu os lábios, confusa. Não sabia do que estava falando nem por que estava tão zangado.

Agarrou-a pelo braço.

— Por que lhe estavam seguindo?

— Por que me trouxeste aqui? — replicou ela atirando de seu braço para soltar-se.

Ele se limitou a sorrir.

— Trouxe-te aqui porque te desejo.

Bom, isso o explicava tudo e nada ao mesmo tempo. Nicole tinha que saber a verdade.

— Por quê?

Os olhos do Derek brilharam furiosos e ela se encolheu interiormente. Antes que pudesse formular outra pergunta, lhe agarrou a cabeça com ambas as mãos.

— Por quê? Por isso.

A aproximou até encontrar seus lábios.

Nicole resistiu e lhe empurrou, mais por instinto que por querer realmente apartar-se dele. Mas então ele deslizou a mão por debaixo de seu cabelo. Não podia recordar que nunca ninguém lhe tivesse acariciado a nuca e era uma sensação tão desconhecida, tão agradável, que ficou quieta.

Derek deve ter se dado conta de sua rendição e seus lábios procuraram os seus com mais insistência. Sem podê-lo evitar, o corpo da Nicole se derretia. Acariciava-lhe a boca com a língua, exigindo entrar, excitando sua curiosidade. “A curiosidade matou ao gato, Nicole.”

“Mas que maneira de morrer...”

Com descaramento, obedeceu sua muda petição e separou os lábios. Derek lhe percorreu a língua com a sua e aqueles sentimentos voltaram a ressurgir: quentes, líquidos e inegáveis. A respiração dele se acelerou. Ela podia sentir sua pesada ereção contra seu ventre, OH Deus, Derek se apertava contra ela e Nicole não pôde evitar gemer e jogar a cabeça para trás atônita e presa do prazer ao mesmo tempo. Não podia permitir que a tocasse

desse modo. Deveria lhe deter... Mas seu corpo ansiava estar perto dele. Doíam-lhe os seios. E, na luta que mantinham o desejo e o sentido comum, venceu o primeiro. E a governou por completo.

Colocou as mãos nos ombros e se elevou nas pontas dos pés para aproximar-se mais dele, para acomodar-se dentro de seus braços. Ao sentir como seus seios entravam em contato com seu torso, começou a tremer. Tinha tanta vontade de senti-lo contra seu corpo que até sua própria pele a incomodava. Esses gemidos que estavam ecoando eram dela?

Derek proferiu uma maldição e a soltou afastando-se dela ao mesmo tempo.

— Isto vai acabar antes de tempo — disse com voz entrecortada. Estava sem fôlego e quando passou a mão pela nuca, Nicole viu que ele mesmo estava surpreso por isso.

Olhou-a intrigado e, apesar de que estava tenso como o cabo de uma vela, Nicole sabia que lhe tinha gostado de beijá-la. Passou a língua pelos lábios e ao dar-se conta de que ainda notava seu sabor os tampou com uma mão, maravilhada de poder sentir ainda seus beijos.

A garota lhe olhou os lábios e ficou fascinada de que, apesar de que pareciam esculpidos em pedra, fossem tão suaves e quentes. Todo ele a fascinava, incluído seu comportamento. E sabia que ainda havia mais coisas que teriam o mesmo efeito.

Permanecia ali em pé, quieta, incapaz de apartar o olhar. Apesar de ele ser seu inimigo, seus beijos tinham obtido que esquecesse esse detalhe. Embora só fosse por uma noite. Com ele poderia descobrir todas essas coisas das que falavam suas companheiras de classe às escondidas.

— Me diga como se chama.

Um momento! Assim, Sutherland não sabia quem era. Nicole demorou muito em responder.

— Não se preocupe, não espero que me diga seu autêntico nome... Mas estou convencido de que tem um nome artístico.

Um nome artístico? Que diabos...? O havia tornado a zangar-se e Nicole decidiu que não queria lhe perguntar nada mais.

— Christina. Meu nome é Christina — respondeu, utilizando seu segundo nome.

Isso o fazia graça? Nicole teve a impressão de que seu “nome artístico” não era para nada o que ele havia esperado.

Ela sabia que era incapaz de inventar uma desculpa plausível sobre por que aqueles homens a estavam perseguindo e não ver-se obrigada a lhe revelar sua identidade. Em especial por que na única coisa que podia pensar era nos lábios do Derek. Nervosa, forçou-se a respirar fundo e tratou de esboçar um sorriso convincente, apesar de que não tinha vontade de fazê-lo.

Derek olhou seus olhos até que seu olhar descendeu até esse sorriso. Fosse o que fosse o que viu nela, voltou a afundar os dedos na juba e a alisá-los logo por seu pescoço até que lhe acariciou os seios com os nódulos. Nicole abriu os olhos. Agarrou-lhe os braços para lhe deter, mas logo se arrependeu disso.

Entretanto, ele se soltou de seus restritivos dedos e lhe agarrou as mãos para colocar-lhe em cima de seu torso e prosseguir logo com suas carícias. Nicole estava tão surpreendida do que lhe estava fazendo como do que ela estava sentindo. Notou como os tensos músculos dele se moviam debaixo de seus dedos e como, com suas carícias proibidas, a fazia estremecer.

Nicole, com os olhos entrecerrados, baixou a vista para as mãos do Derek. Ele não se comportava como os bêbados e imundos homens que ela tinha visto no porto. Ele... Seduzia. Olhava como hipnotizado suas próprias mãos enquanto a acariciavam e parecia fascinado de que os seios de Nicole se excitassem tanto. Quando Derek lhe acariciou os flancos e com seus grandes polegares desenhou seus seios, Nicole apertou as pálpebras com força.

— Seu sorriso é capaz de pôr a um homem de joelhos, mas seguro que isso já sabe — murmurou ele sério —. Esta noite vais ser minha, e te farei sorrir de prazer. — agachou-se e voltou a beijá-la com ternura, como querendo lhe advertir da posse que se aproximava.

Nicole se perdeu nesse beijo como se fosse uma carícia. Derek parecia faminto, desesperado por estar com ela, como se não pudesse controlar suas reações estando ao seu lado, e isso fazia que Nicole tivesse ainda mais maravilhada de estar com ele. O fogo e o prazer se amontoavam em cada parte de seu corpo que lhe acariciava; os seios, o ventre, as pernas.

Ela se segurava sem força nas lapelas de seu casaco, sem ser consciente de que assim se aproximava de seu corpo do mesmo modo em que ele a tinha aproximado antes. Derek respondeu sujeitando-a com força dos quadris. Nicole sentiu que necessitava algo, algo que não sabia que existisse. De repente, a mão do homem começou a descer, queimando sua coxa, antes de iniciar o caminho de volta centímetro a centímetro. O que estava fazendo com a outra mão em suas calças?

Nicole estava experimentando muitas coisas; nem em seus sonhos tinha chegado nunca tão longe. Aquele homem era muito para ela. Ficou alerta e recorreu ao último ápice de sentido comum que ficava. Aquele homem era Sutherland. Supunha-se que tudo tinha que limitar-se a um beijo.

Deixou de lhe abraçar e se separou dele. Sacudiu a cabeça com força. Por Deus santo, aquele homem era Sutherland! Por que se comportava assim precisamente com ele? As ânsias que alagavam todo seu corpo responderam por ela.

Inconscientemente se passou a língua pelos lábios, como se assim pudesse apagar o que acabava de fazer. De todos os homens do mundo era impossível que só se sentisse atraída desse modo por ele. Era impossível. Nenhum homem tinha obtido que seu corpo se rebelasse contra ela de semelhante maneira. Não podia lhe dar a um rival, a seu inimigo, esse tipo de poder.

Um pouco parecido ao medo começou a lhe circular pelas veias e se deu conta de que enquanto estava em seus braços teria feito algo que lhe tivesse pedido.

E, o que era pior, enquanto ela estava... Pulando com o Sutherland, aqueles dois homens que tinham tentado sabotar seu navio e lhe fazer dano seguiam desaparecidos.

Ao ver que ela se apartava, Derek riu sem humor e se passou a mão por sua negra juba.

— Um conselho, tendo o trabalho que tem, deveria no mínimo fingir que você gosta de meus beijos — disse passando por seu lado e entrando no corredor.

A Nicole custou reagir. Seu cérebro não estava acostumado ao desejo, mas ao final entendeu por que Derek a tinha levado a seu navio.

Acreditava que era uma prostituta.

Não se sentiu ofendida. Absolutamente. Ela tinha amizade com muitas mulheres que ganhavam a vida entregando seu corpo aos homens. Não, o que verdadeiramente lhe doeu foi que ela se passou o dia convencida de que a noite anterior, no botequim, entre os dois se criou uma conexão especial. Por isso lhe tinha permitido que a beijasse e a acariciasse. Mas em realidade, para ele só era uma prostituta que lhe tinha gostado mais que as outras que havia no botequim.

Quando Derek se afastou, Nicole se virou para ir-se. Isso era o que tinha que fazer. Mas não havia nem chegado à cobertura quando começaram a assaltar dúvidas. Aqueles homens seguiam ali fosse. Era uma noite muito fria. E estava muito escuro.

Aproximou-se da passarela e passou junto a uns incômodos guardas. Tentou esquadrihar o porto, mas o único que conseguia ver eram lúgubres becos. O Bela Nicola ficava longe e não tinha dinheiro. E como podia saber se sua tripulação já tinha retornado?

Duvidou um instante. O capitão Sutherland acreditava que era uma prostituta. Nicole não tentou enganar-se a si mesma; sabia que se fosse ao seu camarote não sairia dali como tinha entrado. Mas logo imaginou o Pretty surgindo em suas costas com uma careta desenhada no rosto desde qualquer beco.

Indecisa, encaminhou-se para o camarote lutando por entender suas emoções. Quando entrou, o rosto do Derek era indecifrável, mas juraria que por um instante se surpreendeu de vê-la retornar. Embora, se assim foi, conseguiu dissimulá-lo em seguida. Apressou-se a fechar a porta e a Nicole gostou de pensar que o tinha feito porque não queria que ela trocasse de opinião.

Antes de retornar ao centro da habitação, Derek se aproximou e a envolveu com sua aditiva essência. Tirou-se a jaqueta e, sem pressa, colocou-a em cima de uma cadeira. Nicole teve a sensação de que estava jogando com ela, como se tivesse todo o tempo do mundo para averiguar seus segredos.

Apesar disso, estava disposta a aproveitar a situação ao máximo. Sim, acabava de entrar no camarote do Derek Sutherland, e seus lábios ainda tremiam ao recordar seus beijos. Isso não era nada bom. Mas necessitava um lugar onde passar a noite até que estivesse segura de que sua tripulação tinha retornado ao navio.

— Capitão, eu, a mi... — Teve que esclarecê-la garganta antes de poder continuar —. Eu gostaria de ficar aqui um par de horas. Por amparo — acrescentou imediatamente.

— E por que ia eu a te proteger?

Boa pergunta. Mas Nicole não tinha uma boa resposta.

— Porque lhe estou pedindo isso?

Ele ficou imóvel e a olhou. Logo, respondeu com voz rouca:

— Pode ficar comigo.

Nicole assentiu. “Já está. Não foi tão difícil. tomei a decisão acertada”, disse-se a si mesma apesar de que atrás daquele olhar, seu corpo tinha começado a arder de novo.

Quando essa onda de calor acabou lhe acendendo o estômago, pensou: “Quem vai proteger me de mim mesma?”.

CAPÍTULO 04

O que primeiro que Nicole viu quando conseguiu separar o olhar do Sutherland foi a enorme cama que ocupava a maior parte do camarote. Ele percebeu, e teve a desfaçatez de lhe piscar; ela se ruborizou e voltou a cara.

O camarote era muito grande, inclusive para um navio daquele tamanho, mas de uma vez era acolhedor, e muito distinto do que ela se imaginou. Deleitou-se com os preciosos tecidos e cores e teve que admitir que fossem muito mais bonito que o que ela tinha no navio de seu pai, apesar de que nele tinha todo o enxoval que lhe tinha deixado sua avó que Nicole só conservava com a esperança de, cedo ou tarde, pudesse usá-los.

Uma preciosa escrivaninha de mogno estava aproximado junto ao olho de boi, que agora permitia entrar uns raios de lua e, igual ao seu, estava coberto de cartas de navegação cheias de números.

Como se de um ímã se tratasse, aproximou-se da mesa para espiar a rota que Derek tinha planejado tomar, esforçando-se por ler suas notas a tênue luz. Enquanto ele estava ocupado acendendo a estufa e os abajures da habitação, conseguiu decifrar alguns dados.

Estudou a rota dele, consciente de que estava fazendo armadilhas, mas queria saber se tinha intenção de desviar-se muito para o sul depois de rodear o cabo de Boa Esperança. Podia-se determinar esse dado, saberia se podia lhe alcançar ou se ir mais ao sul poria em perigo seu navio e sua tripulação. “Quanto vais se afastar, capitão Sutherland?”

Levantou a sobrancelha surpreendida. Sutherland se propunha ir muito mais longe do que seu pai se atreveu a ir jamais.

A rota que tinha esboçado era um suicídio, pois quase entrava no Antártico para cortar assim o tempo que se demorava para chegar ao Sydney. O teria lido mal. Essa era a única explicação.

— Não tente ler isso — lhe aconselhou ele —. Só te dará dor de cabeça.

Nicole entreceirou os olhos. Tinha aprendido a desenhar cartas de navegação antes de aprender a contar, e teve que controlar-se para não assinalar com um dedo um daqueles números; estava equivocado e ela morria de vontades de esfregar-lhe pela cara. Mas o melhor seria que o deixasse tal como estava, ao fim e ao cabo, esse engano o prejudicaria na corrida. Mas isso seria atuar a sangue frio, e aquilo não era um jogo de meninos. Se ele não estava à altura, derrotar-no-iam.

Ao ver que ela seguia em silêncio, Derek escrutinou seu rosto e disse:

— É uma rota, um mapa do caminho que vou seguir com meu navio em minha próxima viagem.

“De verdade o tinha explicado tão devagar?”

Nicole se cravou as unhas nas palmas das mãos para não lhe dizer o que pensava de sua arrogância, e sorriu como se estivesse impressionada com sua sabedoria. Mas quando ele lhe aproximou, desse modo lento e sensual que lhe acelerava o pulso, qualquer pensamento sobre a corrida desapareceu de sua mente.

Chegou a seu lado e se deteve tão perto que ela tinha que manter-se imóvel para evitar lhe tocar. Nicole entreceirou as pálpebras. Voltaria a beijá-la? Queria ela que aqueles lábios voltassem a tocá-la de novo? Durante um par de segundos não passou nada.

Ao sentir que ele a roçava com o braço para alcançar uma garrafa de brandy, Nicole abriu os olhos de repente. Rezou para que ele não se desse conta de quão disposta estava a render-se e brigou consigo mesma por ter tornado a cair presa em seus encantos. Sutherland não era um bom homem. Era o típico sedutor. E estava convencido de que tudo, inclusive ela, podia comprar.

Pelo que Nicole pensava, podia passar-se toda a noite preso a essa garrafa, já que ela não tinha intenção de permitir que voltasse a abraçá-la de novo. Como se soubesse o que estava pensando, Derek se encheu uma luxuosa taça e a esvaziou de dois largos goles.

Inclinou a garrafa para ela e, displicente, ofereceu-lhe um pouco. Nicole não pôde discernir se essa reticência se devia por que estava convencido de que ela não ia aceitar ou que não tinha nenhuma intenção de compartilhar o licor. Em qualquer caso, sacudiu a cabeça para lhe indicar que não, e ao fazê-lo se enjoou um pouco.

Talvez devesse ter aceitado, pensou Nicole ao dar-se conta do quanto cansada e congelada que estava. Tremendo, abraçou a si mesma apertando o tecido do casaco contra seu corpo.

— Está gelada — constatou-o deixando a taça e aproximando-se de um armário.

— Assim parece — confessou ela —. Sou muito friorenta.

Essa conversa foi tão fluida, que Nicole pensou o que passaria quando a realidade voltasse a golpeá-la. Pensar no amanhã era como jogar um manto sobre todos os sentimentos que lhe provocava, e ainda não tinha decidido se tinha vontade de que voltasse a beijá-la ou se, do contrário, preferia deprimir-se e dormir um momento.

Derek fechou o armário e lhe atirou uma manta. Nicole estava tão dolorida que lhe custou reagir, mas conseguiu apanhá-la ao voo. Sutherland franziu o cenho e, como se estivesse fazendo um enorme esforço, a arrebatou das mãos. Sem dizer nada, tirou-lhe o casaco empapado e a envolveu com a manta como se fosse uma boneca.

Olhou-a de cima abaixo e, ao chegar aos pés, deteve-se:

— Bom, agora que já comecei com esta loucura... — balbuciou entre dentes agachando-se para lhe tirar as destroçadas botas.

Para não cair, Nicole apoiou as mãos em seus largos e fortes ombros e teve que forçar-se para não lhe acariciar os marcados músculos.

Tirou-lhe uma bota e entrecerrou os olhos. Aproximou-a de um abajur e ambos viram que estava completamente empapada de sangue.

— Está ferida? — grunhiu ele apressando-se a lhe tirar a outra.

— Essa... esse sangue não é meu. — Só de pensar em de onde procedia, e na fuga, lhe punham os cabelos de ponta.

Derek levantou as sobancelhas surpreso e lhe observou o rosto com atenção antes de continuar com sua tarefa. Quando a despojou das meias e deixou seus pés ao descoberto sobre aquele amacio tapete, Nicole sentiu vergonha. Mas estóica, seguiu sem resistir, pois sabia que necessitava sua ajuda. Derek se aproximou de seu armário e retornou com umas grossas meias três - quartos de lã. Ela não era consciente de que tivesse os pés tão frios, mas só de ver essas meias três - quartos todo seu corpo se impacientou por colocá-las.

— É tão agradável... — sussurrou Nicole. Para ouvir o sensual tom de sua própria voz, abriu os olhos imediatamente. Desde quando podia falar assim?

Derek a mirou intrigado e logo se levantou de golpe. Como se estivesse se justificando disse:

— Tinha os pés como o gelo.

Nicole assentiu devagar e sentiu que o cansaço estava a ponto de vencê-la. Inspirou tão fundo que cambaleou. A cada momento que passava lhe custava mais manter os olhos abertos.

Nos olhos do Derek brilhou algo muito parecido à resignação e, com as mãos em suas costas, guiou-a para a cama.

— Vamos. Está esgotada.

— OH. Não, não posso. Não devo.

Ao ver que ela resistia, acrescentou:

— Não te farei mal.

Nicole olhou aos olhos e queria lhe dizer que não podia deitar-se em sua cama, mas de sua boca não saiu nenhuma palavra. Sentiu que lhe falhavam as pernas. Pensou segura que participar daquele maldito colégio a

tinha enfraquecido, porque apenas um segundo mais tarde, derrubou-se no leito. Aturdida por sua própria debilidade, se aninhou na cama do Sutherland.

— Estará bem?

— Sim. Não? — sussurrou ela —. Só estou cansada.

— Veio-te toda a fadiga de repente, assim descansa um pouco. Logo já falaremos sobre os homens que lhe perseguiram — disse Sutherland lhe acariciando o ombro com um tom de voz nem ameaçadora nem amável. O apertou levemente uma vez, para lhe dizer que ficasse ali tranqüila, e logo a soltou para poder aproximar-se de uma bacia. Retornou com um pano úmido e começou a lhe limpar as machucadas mãos.

Nicole olhou como Derek lhe limpava a seguir a sujeira da cara; não sabia se podia confiar nele mas não tinha mais remédio. Observou-lhe atentamente por última vez sem esclarecer nada. Sua cara era tão inexpressiva que parecia esculpida em mármore. A inapetência, fechou os olhos e, em sonhos, acreditou ouvir dizer a um incrédulo Sutherland:

— Tem os olhos azuis.

Derek não bebeu tanto como tinha previsto e ficou sentado junto à cama, observando à garota que descansava nela. Nem por indício se imaginou assim sua primeira noite juntos. O preferia deitar-se com uma mulher o antes possível para assim voltar a ficar sozinho, mas aquela garota estava assustada e seguro que também com problemas sérios. Entretanto, apesar de tudo, ainda não tinha se resignado a que ela passasse toda a noite dormindo.

Se fosse sincero consigo mesmo, tinha que reconhecer que se havia sentido orgulhoso de superar seu sabido egoísmo e ter ajudado a outra pessoa. Mas não tinha nem idéia de por que se decidiu por uma prostituta. Seguro que o álcool lhe estava afetando ao cérebro; aquela garota era mal-educada e com caráter, e ele só se relacionava com mulheres por razões físicas.

Pelo contrário, tinha decidido misturar-se nos problemas de uma jovem prostituta. Como se não tivesse bastante com os seus.

O que ainda mais o impacientava era esse estranho instinto protetor que o dominava. Queria matar aos tipos que a perseguiram. Ela lhes tinha plantado cara, e seguro que graças a isso tinha sobrevivido. Maldita fosse, inclusive tinha conseguido ferir um deles.

Ele pelo contrário se rendeu ante a seus problemas com muita facilidade e aquela garota era uma lutadora e o tinha fascinado.

E, por estranho que parecesse, não se comportava como uma prostituta. Nada de insinuações nem sorrisos estudados. Tinha-o beijado despertando sentimentos que já acreditava esquecidos, mas tinha voltado para seu camarote contra sua vontade. Desconcertava-o tanto, que se serviu outra taça. Aquela pequena garota tinha conseguido fazê-lo sentir incômodo em seu próprio navio.

Derek não entendia por que ela não tinha tentado lhe seduzir, assim ao menos ele teria sabido como reagir. Pelo contrário, limitou-se a olhá-lo curiosa até que as cansadas pálpebras lhe haviam escondido os escuros olhos azuis ficando adormecida

No preciso instante em que viu que ela sumia no sonho, sentiu-se aliviado. Todo aquilo era uma loucura. E o único que tinha ficado claro nessa noite era que morria de vontade de possuí-la. Queria afundar-se nela por ver se toda aquela doçura podia lhe apaziguar. Maldição, a reação dela tinha sido incrível.

Tentou tirar-se essa imagem da cabeça e esvaziou a taça. Tal como estavam as coisas, concluiu que a garota ia passar a noite em sua cama. Só de imaginar isto já lhe doeu todo o corpo. Ele não estava acostumado a fazer essas coisas. De fato, não o tinha feito nunca.

Aproximou-se dela para despertá-la, mas ao lhe colocar a mão em cima do ombro se deteve. Estava profundamente adormecida fazia horas. Tinha a pele da cor da porcelana e a única imperfeição eram as olheiras que nesses momentos se escondiam atrás de suas pestanas. Se não podia despertá-la, onde se supunha que ele tinha que dormir?

Ficou olhando-a durante uns minutos. Seguro que não aconteceria nada se dormisse a seu lado até o amanhecer. Tampouco havia outro modo, maldita fosse!

Decidido, tirou as botas, despiu-se e tombou a seu lado. O corpo da garota desprendia calor e, ao aproximar-se dela, Derek relaxou um pouco. Como se tivesse vontade própria, seu braço decidiu rodeá-la pela cintura e aproximá-la dele.

Sem saber por que, sentia que tinha que protegê-la e, em algum escondido lugar em seu interior, isso o fez sentir bom e valente, embora só durante umas horas. Apertou-se junto dela e inalou o aroma de seu cabelo.

Quase estava feliz. Ou foi até que se sentiu incômodo por haver-se despido. Não era que de repente sentisse vergonha, mas sim estava convencido de que sua nudez ia incomodá-la. Um pensamento ridículo, tendo em conta que o mais provável era que aquela garota dormisse todas as noites com algum homem em sua cama.

Quão último pensou antes de adormecer foi o muito que isso lhe incomodava.

Ao sentir um quente raio de luz no rosto, Nicole despertou aturdida. No mesmo instante em que entreabriu os olhos, viu o moreno braço que a rodeava pela cintura.

Estava na cama do capitão Sutherland e ele a estava abraçando.

Devagar, voltou à cabeça. Parecia inofensivo dormindo como estava, mas depois do que aconteceu duas noites atrás, sabia que não podia confiar-se. Nicole sentiu uma emoção que ia além da atração física, e que nunca antes tinha sentido por ninguém.

Obrigou-se a apartar a vista e olhar seu próprio corpo até estar segura de que estava vestida. Levava a camisa, as calças... e de repente se ruborizou. Sutherland estava apertado contra suas costas. Ou ao menos uma parte muito dura dele o estava. Ao parecer, embora ainda vestida..., ele seguia sentindo-se atraído por ela.

Estava na cama do capitão Sutherland e ele a estava abraçando. Nu.

Assustou-se. Antes de dormir estava muito desorientada, e só tinha aceitado suas carícias porque se sentia agradecida. Não? Mas o que faria agora se ele despertava e voltava a lhe acariciar os seios? Se a aproximava de seu corpo nu? Sabia qual era a resposta a essas perguntas e se disse a si mesmo que não podia seguir ali nem um minuto mais.

Além disso, tinha certeza que seu pai já a estaria procurando, e teria começado a interrogar aqueles que acreditasse que podiam saber algo. Tinha que sair dali e retornar a seu navio. Mas o braço do Derek a sujeitava como se não quisesse separar-se nunca dela. Devagar, Nicole o afastou sem atrever-se a respirar, até deixá-lo descansando em cima da cama.

Sorriu satisfeita, mas de repente ele balbuciou algo em sonhos sobressaltando-a. depois do que pareceu uma eternidade, Derek voltou a respirar profundamente e Nicole se atreveu a deslizar-se para o chão.

A cada passo que dava lhe doía todo o corpo, mas conseguiu encontrar suas meias, embora, dado que ainda estavam úmidas, optou por coloca as botas em cima das amacias meias três-quartos de lã que lhe tinha sido emprestadas.

Já vestida, afastou-se dele e das vontades que tinha de voltar a tomar-se a seu lado e lhe abraçar.

Estava junto à porta quando desviou o olhar para a escrivaninha. Os cálculos. Podia deixá-los como estavam com seu engano? Sutherland tivesse podido fazer com ela o que tivesse querido durante a noite e, apesar disso, não a tinha machucado. Não, ao contrário, tinha-lhe salvado a vida.

Tão rápido como pôde, voltou a repassar os números. Em poucos segundos deu com o engano, corrigiu-o e saiu da cabine saudando dois dos homens do Sutherland.

Não se havia nem afastado um passa do Southern Cross quando um grupo de marinheiros do navio de seu pai deu com ela. Rodearam-na todos de uma vez e começaram a fazer gestos obscenos para a tripulação do Southern Cross. Meia hora mais tarde, a entregaram ao seu pai lhe contando onde tinha passado a noite. Lassiter ficou lívido e, a julgar pelas caras do resto dos homens ali presente, não era o único.

O homem pigarreou, e os bagunceiros marinheiros se calaram por fim. Por sorte, parecia capaz de controlar-se.

— Sei que está cansada — disse, com fúria contida, observando a fadiga que refletia seu rosto—, mas preciso saber que diabos aconteceu ontem à noite.

— Estou esgotada...

— Por favor, preciso saber o que aconteceu antes de deixar que se deite.

Nicole suspirou, mas ao cheirar o aroma de café que impregnava o quarto, emocionou-se. Ficaram toda a noite acordados, procurando-a. Tentou centrar o relato no ataque ao navio, mas seu pai insistia em que lhe contasse onde se encaixava Sutherland em todo aquilo.

Ao ver o Chancey, o enorme irlandês que era como seu segundo pai, entrar no quarto, Nicole acreditou que ia lhe ajudar a escapar. Olhou-o aos olhos, mas ele se limitou a sentar-se na cadeira que havia justo ao lado da de seu pai lhe deixando claro de que bando estava.

Apanhada, optou por lhes dizer que tinha o Sutherland tinha lhe ajudado em um intento desesperado de conseguir escapar. Desde não ter sido por ele, sublinhou enfaticamente, agora não estaria ali com eles; e ele não tinha feito nada, nada absolutamente, que danificasse sua reputação. Apesar de tudo, seu pai parecia preocupado por que ela tivesse passado a noite em seu navio. A Nicole lhe puseram os nervos de ponta ao lhe ver apertar os punhos passeando-se intranquilo pelo camarote.

— Deus, no que estava pensando para aceitar ir a seu navio? — exigiu saber Lassiter por enésima vez.

Nicole não queria nem imaginar o que seu pai seria capaz de fazer se inteirava de que ele a tinha levado a força. Optou por ser sincera.

— Tinha medo de que esses dois tipos voltassem a me encontrar. Acreditei que com o Sutherland estaria a salvo.

— Me ocorrem muitas coisas que Sutherland pode fazer para que não estivesse a salvo — balbuciou Lassiter entre dentes olhando ao Chancey, que assentiu cruzando os braços diante dos seios —. Mas tendo em conta o que pretendiam esses dois — continuou —, é provável que tomasse a decisão acertada. Mas o que não consigo entender é, por que ele aceitou te ajudar? Esse homem é um depravado, não é nenhum príncipe valente.

— Já sei, e não cometerei duas vezes o mesmo engano — prometeu ela já exasperada.

— Não posso acreditar que tenha acontecido a noite com ele — disse Lassiter a si mesmo antes de voltar a olhá-la —. Está segura de que não te comprometeu?

“Incrível.” Nicole olhou aos olhos.

— Pela última vez pai, não, não me comprometeu. Sutherland não me fez nada. — Ao ver que seu pai ia dizer algo mais, prosseguiu —: O que quero saber é se, depois do ataque de ontem à noite, esses homens conseguiram danificar o navio.

Lassiter se deteve para decidir se lhe permitia trocar de tema. Logo assentiu com a cabeça e respondeu:

— Antes que você os surpreendesse, esses tipos levavam horas na Bela Nicola. Mas são só uns esbirros às ordens de alguém muito mais perigoso.

Sentou-se na borda da cadeira, embora, apenas um segundo mais tarde voltava a andar nervoso.

— O contato com quem me reuni ontem de noite não quis me dar seu nome, mas me deixou claro que o cérebro da operação é alguém importante. Provavelmente algum nobre. Também me disse que eu sou seu principal objetivo. Chancey e eu reduzimos a lista de possíveis candidatos a uns poucos, mas nenhum deles me parece capaz de recorrer à violência.

Ocorreu a Nicole uma idéia e levantou a cabeça.

— O que aconteceu com os guardas?

— Deixaram-lhes desacordados. Agora mesmo têm pior aspecto que você, me acredite. — Lassiter voltou a sentar-se e a levantar-se em questão de segundos —. Se sentem muito mal pelo ocorrido.

Nicole assentiu ausente, perdida em seus próprios pensamentos.

— Nicole, não estará pensando no Sutherland, não?

Levantou a vista de repente e seu rubor a traiu.

Seu pai voltou a sentar-se, desta vez derrotado, e abriu a boca para falar, mas a fechou sem dizer nada. Passou as mãos pelo rosto e procedeu a lhe explicar:

— Sutherland é o pior homem que conheço. Posso entender que estivesse assustada, ao fim das contas tiveste uma noite horrível, mas a partir de agora tem que te afastar dos homens como ele. Já não é uma menina.

— É obvio papai.

Lassiter respirou fundo e se levantou para aproximar-se, colocou uma mão em sua cabeça e lhe falou em voz baixa; os ali presente acreditaram que estava tranqüilo, mas em realidade tratava de ocultar seus sentimentos.

— Vá dormir. Tenho metade da tripulação, incluído o Chancey, postada diante de seu camarote, assim não tenha medo. Esses dois homens não vão retornar.

Nicole sabia que seu pai não demoraria para ir procurar ao Sutherland. Não em vão, tinha que averiguar quem tinha contratado aos valentões.

— O que lhe vais fazer? —perguntou-lhe tentando dissimular a preocupação que refletiam seus olhos.

Seu pai a olhou como se não entendesse a pergunta, mas ao ver que ela franzia o cenho lhe sorriu e respondeu:

— Nic, limitar-me-ei a lhe dar obrigado e a me assegurar de que entende que seu navio não é lugar para uma jovem dama como você. — O sorriso desapareceu de seus lábios como se nunca tivesse estado ali —. E lhe direi que, se voltar a aproximar-se de ti, terá que confrontar... Graves conseqüências.

Dito isto, Lassiter saiu da habitação com fúria. Nicole não era estúpida. A idéia que tinha seu pai sobre “conversar” com o Sutherland consistia em insultá-lo enquanto brigava com ele a murros. Tratava-se de um homem com muito caráter, e temia que Sutherland pudesse lhe fazer mal. Embora ninguém quisesse reconhecê-lo, a noite anterior tinha salvo sua vida, e ela não queria que pagasse por isso. E, por outra parte, por seu pai em desgraça, Nicole sabia que seu pai tinha mais a perder.

Ao ver que Chancey se aproximava dela para assegurar-se com seus próprios olhos de que estava ilesa, Nicole se resignou a não descansar. Era óbvio que estava preocupado e, ao ver como franzia o cenho, tentou esboçar um sorriso para tranqüilizá-lo. Mas o homem a conhecia o bastante bem para saber que o sorriso era fingido, entretanto não pôde fazer mais; estava nervosa, e assim seguiria até que seu pai retornasse. Tentou imaginar o que aconteceria, mas de repente se deu conta de que Chancey lhe estava olhando os pés, e as enormes meias três-quartos que se sobressaía de suas botas.

— Deus santo, Nic! De quem são as meias três-quartos que esta usando?

CAPÍTULO 05

Derek cruzou a soleira do Sereia, e igual ao que tinha feito milhares de vezes em lugares similares, passou entre a multidão até chegar ao bar.

A garçonete não teve necessidade de perguntar o que queria que lhe servissem.

— Como vai, chefe? — disse, lhe piscando os olhos e aproximando uma jarra de uísque.

Derek doeu ver que aquela mulher não só o conhecia, e que nem sequer tinha que lhe perguntar o que bebia apesar de que ele era incapaz de recordar havê-la visto antes, mas sim também desse por feito que tinha ido ali a embebedar-se. Diabos, por que estava tão convencida disso?

Levantou a vista e estudou o local. Nos últimos quatro anos, sempre que não estava navegando estava acostumado a acabar os dias em um tugúrio de má morte como aquele, lamentando-se de seu destino.

Deu a volta e lhe deu umas moedas à garçonete. Agarrou a asquerosa garrafa e a jarra e escapuliu entre a clientela. Como de costume, sentou-se a uma mesa da esquina para poder vigiar a porta, e começou a beber. Voltou a pensar em sua prostituta.

Ao despertar essa manhã soube que algo não ia bem. Tinha ressaca, era de dia e estava sozinho em sua cama. Como sempre. Mas então as lembranças da noite anterior começaram a desfilar por sua nublada mente.

Aquela garota tinha dormindo com ele a noite inteira. Estava seguro. Despertou cheirando seu doce aroma e ainda podia ver a marca que sua cabeça tinha deixado no travesseiro. Mas ela não estava. Disse a si mesmo que deveria sentir-se aliviado, que assim lhe tinha economizado a moléstia de mandá-la embora.

Grande parte de sua tripulação estava a bordo quando ela saiu e viram como a levavam dali uns homens. Disseram-lhe que acreditavam ter reconhecido aos homens do Lassiter entre eles. Mandar a uns quantos de seus marinheiros para buscá-la era muito. Além disso, ela não deveria ter ido sem despedir-se dele. Embora ele fosse um especialista nesse tipo de despedidas, isso não significava queria que tivesse acontecido.

E ainda não se deitou com ela, nem tampouco sabia quem eram aqueles tipos que a perseguiam. Derek estava convencido de que ela tinha mentido, e isso o enfurecia ainda mais. Assim decidiu deixar de pensar nisso até que voltasse a encontrá-la. Mas tinha que saber quem queria lhe fazer dano.

E que tipo de relação tinha essa garota com o Lassiter.

O pior de tudo era que não sabia como encontrá-la. Esperava que essa noite retornasse ao botequim.

Derek olhou a jarra que segurava entre os dedos e sacudiu a cabeça. Não podia tirar da mente um pequeno detalhe que o incomodava muito mais que o resto. Já acordado, Derek viu que ela tinha corrigido seus cálculos de navegação. E que tinha razão.

Atônito olhou aqueles números tão femininos e se envergonhou de ter utilizado aquele tom tão condescendente com ela na noite anterior. Como diabos tinha aprendido a navegar? As técnicas de navegação eram um segredo cobiçado que muitos marinheiros desejavam aprender e que os capitães de navio guardavam como o mais prezado dos tesouros. Se a tripulação não dependia de seu capitão para guiar o navio, o mais provável era que se amotinasse e se livrasse dele. Esses conhecimentos tão exclusivos significavam poder, e ele nunca tinha conhecido a uma mulher que os possuísse.

Seguiu pensando nisso enquanto se servia outra generosa dose. Esperaria ali até que retornasse. Era o melhor que tinha lhe ocorrido.

Quando uma garrafa se converteu em duas, as caras das pessoas começaram a dissipar até transformar-se em uma massa disforme.

As esperanças que Grant Sutherland tinha de que seu irmão não estivesse entre a clientela do Sereia se desvaneceram quando descobriu ao Derek sentado em uma das mesas. Este o viu imediatamente e se zangou. Grant esquivou dos bêbados e das putas e, apesar da má cara de seu irmão, aproximou-se.

— Esperava não te encontrar aqui.

— O mesmo digo eu.

Grant esboçou um sorriso sardônico.

— Não ia vir, mas aconteceu algo.

— Resolva você. — Derek seguiu bebendo sem olhá-lo —. Sempre o faz.

— Esta vez não. Não é meu assunto.

Então Derek o olhou sem ocultar sua surpresa.

— Também é seu assunto. A metade de Peregrine é sua...

— Lydia está procurando por você.

Derek deixou a jarra. Maldita fosse, Grant queria ter encontrado ele bebendo um café, não em um bordel.

— O que quer?

—Ela... — Nesse instante um homem da mesa do lado saltou pelos ares. Um montão de licor se derramou por todos os lados e Grant o esquivou e arrastou Derek pelos cabelos com ele. — Falaremos disto de caminho de casa.

Derek se soltou.

— Não penso sair daqui.

— Por que não? Esta noite ainda não tem feito o suficiente para conseguir que lhe matem?

— Estou... procurando uma mulher.

Grant fez uma careta de asco.

— Por muito que me aborreça dizer isto... — disse olhando o botequim —, não basta uma destas já estão por aqui? Não serão muito limpas, mas ao menos há uma grande variedade.

— Não, ela ainda não chegou.

Grant voltou a sentar-se.

— Quem é?

— Ruiva. Preciosa.

— Ou isso é o que diz o álcool. — Grant segurou a garrafa, que já estava vazia, e a fez rodar pela mesa.

Derek sacudiu a cabeça.

— Estou sóbrio.

— Eu não sabia que você ainda poderia ser. — Ao ver que seu irmão franzia o cenho, Grant continuou, — Bem, por agora você não precisa. Mas, o que pretende fazer se voltar a encontrar essa garota? Bebê-la? — Não o farei ...

Derek quase riu.

— Estou bem.

— Se for assim, ponha se em pé.

— Não o farei...

— Vamos, faça por mim. — Grant nunca lhe jogava na cara que era ele quem tinha que se encarregar dos seus investimentos e de seus negócios, mas agora isso ia mudar. E Derek ia se inteirar muito em breve. Grant o olhou aos olhos —. É o mínimo pode fazer.

Derek soltou o copo e se levantou. Cambaleou-se.

Grant respirou fundo. Os homens tão altos como Derek eram complicados de dirigir quando estavam bêbados. Grant passou o braço por debaixo do ombro dele, sujeitou-o pela cintura para levá-lo para a porta, onde o meteu em uma carruagem.

— Já estou aqui — disse Derek ouvindo o repicar dos cavalos pelas ruas—, agora me diga o que quer Lydia.

— Dinheiro.

Esfregou a ponte do nariz.

— Por que será que não me surpreendo.

Grant queria, necessitava comunicar a Derek a decisão que tinha tomado. Precisava lhe dizer que estava cansado de cuidar dos seus negócios. Cuidando que seu irmão não o perdesse tudo, visto como Grant tinha esbanjado nos últimos quatro anos de sua vida.

Já tinha suficiente.

Mas Derek estava cansado, abatido, jamais Grant o tinha visto pior. Deus, odiava ver seu irmão assim. Não era próprio dele fazer lenha da árvore cansada, mas quanto tempo levaria Derek nesse estado.

Chegaram à mansão familiar da cidade e Grant ajudou Derek a descer da carruagem apesar de que ele insistia que “não era um maldito bêbado” e o meteu em seu quarto. Ficou em pé junto à porta, olhando como Derek brigava com suas próprias botas. Quando finalmente se derrubou na cama, agarrou uma manta e o cobriu.

— Boa noite, Derek. Amanhã encontraremos o modo de solucioná-lo.

Grant saiu de seu quarto, mas antes de fechar a porta ouviu irmão dizendo:

— Obrigado. Por me ajudar.

Grant abriu a boca para responder “Sempre o farei”, mas a fechou sem dizer nada, pois isso já não era verdade.

Derek despertou em metade da noite. Doía-lhe a cabeça e seu interior retumbava ao ritmo do relógio que havia na parede. Fixou seus olhos nele. Eram três da madrugada. Sofria de ressaca e nem sequer tinha amanhecido.

Levantou-se por etapas e se aproximou da bacia. Banhou sua face para limpar-se, mas isso não o ajudou muito. Derek sabia que só uma coisa o obteria. Dirigiu-se a sua escrivaninha em busca de uma garrafa, mas se deteve. Não queria que Grant despertasse e visse que não podia passar uma noite sem beber. Em especial depois de que seu irmão o levou do Sereia carregado.

Mas tampouco queria ficar ali. Disse a si mesmo que o fazia porque não podia dormir fosse do navio, quando o certo era que lá tampouco dormia. Exceto a noite anterior. Abriu os olhos um pouco mais. Retornaria a dormir no navio, mas a caminho, se deteria no Sereia para jogar uma última olhada e tomar uma última taça. Maldição... estava inclusive disposto a pagar aquela garota só para que dormisse de novo com ele.

Decidido, começou a vestir-se, cuidando seus movimentos de maneira que não tivesse que agachar-se muito ou ir com pressa. Saiu pela porta recordando quão feliz tinha sido a noite anterior e acelerou o passo.

Mas no mais recanto de sua mente sabia que era um engano voltar a sair. Sabia que era estúpido utilizar a aquela garota como desculpa para tomar uma taça, e que era estúpido utilizar o álcool como desculpa para voltar a procurá-la.

De repente, experimentou uma estranha sensação. E apesar de que estava convencido de que a noite só podia piorar, seguiu adiante.

A maldita noite piorou.

Quão único alertou Derek antes que o sacudissem, foi o grito do Lassiter:

— Vou matar-te, Sutherland!

Por sorte, conseguiu esquivar o murro.

O bastardo o tinha pego de surpresa!

Lassiter gritou e voltou a tentar goleá-lo, e não acertou em seu queixo por pouco.

Lassiter tirou o casaco e a clientela do Sereia começou a assistir

— No que estava pensando quando a convidou a passar a noite contigo?

“Assim que todo aquilo era pela garota.”

— Deveria ter sabido que te mataria!

“Bom, eles dois tampouco necessitavam nenhuma desculpa para brigar.”

Lassiter se jogou em cima de Derek, que conseguiu se esquivar no último instante. Se aquele infame queria brigar sujo, ele não ia opor-se. Retrocedeu um pouco e, antes que Lassiter pudesse dar a volta, deu-lhe com o joelho no rim.

Derek se enfurecia só de pensar que a garota tinha uma relação com o Lassiter. Só precisava olhá-lo para ver que ele se importava muito com a tal garota. E pensar isto fazia que Derek fervesse de fúria. De todos os homens do mundo, por que tinha que ser Lassiter o protetor daquela moça? Nesse preciso instante, Derek decidiu que sim queria brigar com ele, que queria lhe golpear.

Quando este se deu a volta, Derek disse:

— Estou seguro de que, sendo sobre quem está falando, não merece que tenha vindo até aqui.

A cara do Lassiter se deformou por causa da ira.

— Vou matar-lo!

— Estou impaciente por ver você tentar.

O homem maior se equilibrou de novo para ele e Derek se agachou, esquivou-o e acabou lhe dando um murro no peito.

Lassiter se levou as mãos ao torso e tentou recuperar a respiração, mas Derek sabia que, sendo como era um homem tão forte, isso só serviria para ganhar um pouco de tempo.

Aquela briga não deveria ter começado. Mas ele nunca tinha tido um competidor tão decidido. E, embora isso nunca antes tivess preocupado Derek, a fúria que sentia Lassiter o convertia em um oponente de sua talha. Ia ser uma briga interessante. E ansiava tê-la.

Tinha chegado o momento.

Lassiter sacudiu a cabeça com força, como se assim pudesse apagar o golpe que acabava de receber, e voltou a levantar os punhos.

Derek ignorou a turma de clientes que lhes rodeavam gritando e se concentrou em esquivar os magníficos punhos do Lassiter. Conseguiu-o um par de vezes. O terceiro, entretanto lhe acertou em plena cara. Percorreu com o dedo o sangue que lhe escorregava pela bochecha e sorriu.

As apostas ensurdecaram o local, pois os dois grandes rivais do mar por fim estavam brigando.

— Não esta falando sério! — exclamou Nicole despertando de repente levantando a cabeça da escrivaninha sobre a qual tinha estado adormecida —. O que quer dizer com que papai está preso?

— Que está lá — disse Chancey a modo de explicação —. Não ia desperta-la, mas não temos bastante dinheiro para pagar a fiança. — Franziu o cenho —. Não temos nada.

Nicole sacudiu a cabeça.

— Eu gastei todo meu dinheiro para chegar aqui. Mas posso vender algumas roupas — disse esperançosa.

— Isso levará tempo. Vou lá perguntar a ele o que devemos fazer.

— Vou contigo.

Chancey a olhou e se deu conta de que não ia fazê-la mudar de idéia. Depois de uns segundos, assentiu a impaciência.

— Se quer vê-lo, vista-se. Espero-a lá em cima.

Quando Chancey se virou, Nicole lhe agarrou o braço.

— Está ferido?

— Nada que não possa curar-se. Vamos, espertinha.

Nicole correu para seu baú e agarrou um pouco de roupa. De caminho à cobertura se recolheu o cabelo em um coque.

Ela já sabia que ia haver uma briga. Tinha medo de que, por sua culpa, Sutherland acabasse machucando seu pai.

Mas nunca se imaginou que este acabaria no cárcere.

Ainda atônita Nicole seguiu o Chancey através da noite. Moveram-se com rapidez, e poucos minutos mais tarde tinham chegado ao posto de polícia do porto. Atravessaram a porta justo quando começava a sair o sol.

Alegrou-lhe ver que o interior não era tão tétrico como tinha imaginado. De fato, as portinhas das janelas estavam abertas e os raios do sol entravam e iluminavam o pó que flutuava no ar. O chão de madeira era velho, mas estava limpo. Entretanto, embora tivesse sido um palácio, entristecia-lhe saber que seu pai estava ali encerrado.

Ergueu os ombros e levantou o queixo em um intento de animá-lo com seu otimismo. Mas então, virou-se e sua expressão trocou por completo.

Em vez de seu pai, encontrou-se com o olhar do Sutherland.

— Quer apresentar cargos, senhoria?

Derek não sabia o que fazer. Uma parte dele era consciente de que tinha sido uma briga justa, e se o soltavam era mero efeito de ter um título, e que deveriam soltar também o Lassiter.

Mas por outra pensava em como tinham chegado a essa situação. Quando os oficiais conseguiram separá-los no botequim, Derek disse:

— É melhor me soltarem, sou o conde do Stanhope.

Os guardas o olharam aterrorizados. Não podia dizer-se que tivessem sido especialmente delicados com seus dois presos.

— É certo — disse Lassiter surpreendendo ao Derek, até que acrescentou —, e eu sou o presidente dos Estados Unidos.

Derek o ignorou e lhe disse à polícia que tinha mais perto:

— Sou Derek Sutherland, sexto conde do Stanhope. Já sabem o que vai acontecer a vocês se me prenderem.

— Não me posso acreditar que volte a utilizar a desculpa do “conde” outra vez — soltou Lassiter.

Derek se limitou a sorrir:

— Talvez eu vá ver nossa amiga em comum enquanto você segue discutindo com o oficial.

Lassiter se calou imediatamente e observou em silêncio como Derek o convencia de que sim, que realmente era conde. Quando o conseguiu, os policiais deixaram de se preocupar de que por culpa da briga o botequim tivesse ficado destroçada. O único que lhes alarmava era que um americano tinha atacado a um nobre inglês em chão britânico.

Nesses momentos o oficial lhe pedia que tomasse uma decisão. Derek queria lhe dar uma lição a aquele canalha, mas...

Parou ao ouvir vozes na sala de espera, Derek se voltou devagar e, era obrigado a admitir, com certa dificuldade, que ficou atônito ao ver que a causadora da briga se dirigia para lá com um enorme homem ao seu lado.

O coque dela estava se desfazendo e tinha as bochechas rosadas. Era óbvio que se vestiu depressa e havia vindo correndo até ali. Era o tipo de mulher, pensou de repente, que já despertava bonita.

Ao vê-lo em pé junto à polícia ficou sem fôlego, mas esse gesto foi o único que indicou que o conhecia. Olhou de novo para homem que a acompanhava e, esquivando de Derek, aproximou-se do Lassiter. Esse rechaço foi como um murro no estômago e doeu muito mais que o resto de golpes que tinha recebido naquela noite. Para ela, ele não merecia um segundo olhar. De nada tinha servido que a salvasse.

O que via naquele velho americano? Derek reconheceu que o homem não era de tudo desagradável, mas era velho o bastante para ser seu pai. Embora, sendo sincero, ele tampouco tinha nada que oferecer a alguém como ela. As mulheres estavam acostumadas a sentir medo dele. Ele não o pretendia isto. Frequentemente era culpa de sua altura, e se não, também sua atitude e sua reputação se encarregavam disso.

Mas naquela noite ela não havia sentido medo.

Derek ficou imóvel, ignorando o oficial e o homem que permanecia quieto atrás dele. Observou-a atravessar o corredor com os ombros erguidos até que desapareceu de sua visão. Logo, ouviu seu grito de surpresa. Seguro que acabava de ver o resultado de seus punhos na cara do Lassiter. Para ouvir sua voz queixosa, seus pensamentos se desbocaram.

O que sentiria se tivesse uma mulher ao lado que compartilhasse sua dor? Doeria também nela? O que sentiria ao saber que uma mulher o queria tanto que fosse correr para o cárcere em plena noite só para estar

com ele? Derek sempre tinha sabido que a sua vida faltava algo essencial, mas ali, naquela fria prisão, com a cara tão destrozada como a daquele bastardo, o vazio era muito mais que evidente.

Ouviu-a arrastar uma cadeira pelo chão. Derek se tornou para trás e pôde vê-la sentar-se diante da cela do Lassiter. O enorme tipo que ele tinha a suas costas se deu conta de que a estava olhando e grunhiu, mas Derek seguiu fazendo-o. Apesar de saber que ela já tinha escolhido, seguia cuidando cada um de seus movimentos. De onde estava, não podia ver o Lassiter, mas era evidente que a garota estava muito preocupada; nem sequer se tinha percebido de que ele a estava observando.

Viu-a cobri-los olhos com as mãos e temeu que fosse começar a chorar. Ele não era do tipo de homem que pudesse ser afetado pelas lágrimas de uma mulher. Sua mãe nunca o tinha comovido, nem Lydia, a última vez que lhe pediu dinheiro aos prantos. Mas essa noite, ali sentado, não sabia do que seria capaz se essa garota se pusesse a chorar.

Por sorte não o fez. Deixou cair as mãos em seu colo e entrelaçou os dedos suspirando com tristeza:

— Oh, papai.

Papai.

A primeira mulher pela que havia sentido algo de verdade... era a filha do Lassiter.

Maldição, maldição.

Que desgraça, fazia sentido. Tinha sido incapaz de perceber que ela no Sereia, e na outra noite não havia se comportado como uma prostituta. Bom, a verdade era que o tinha beijado com o talento próprio de uma cortesã, e que tinha respondido a suas carícias como uma perita sedutora. Mas sua atitude e seu acento diferenciavam muito dos de uma prostituta. Derek não sabia se se alegrava de que não fosse puta ou começaria a correr porque era a filha do Lassiter.

— Conseguiremos a fiança e lhe tiraremos daqui hoje mesmo — disse a seu pai com segurança.

— E de onde obterá o dinheiro? — perguntou ele em voz baixa.

Ela não disse nada, limitou-se a olhar ao teto, a parede, a porta, evitando por completo o Derek, e olhando o teto de novo.

Lassiter tinha entendido o que ela pretendia fazer.

— OH, não, Nicole. Eu a proíbo! De maneira nenhuma permitirei que faça isso por mim. Prefiro me apodrecer nesta cela a que aceite dinheiro dessa mulher. Se for vê-la lhe deverá um favor, e pode estar certa de que ela irá cobrar-lhe.

— Papai, é a única opção, a corrida é dentro de quatro, não, três dias.

— Não! E é minha última palavra! Por uma vez na vida vai fazer o que digo. Deus, se quando chegou não queria nem ouvir falar dela.

Nicole respirou fundo e disse serena:

— Não, mas suponho que isto é o modo que tem o destino de me dizer que não sempre se pode ter o que se quer.

Lassiter ficou em silêncio. Finalmente, voltou a falar:

— Embora você tenha trocado de parecer, eu não quero dever nada a essa mulher.

Mas sua filha atuou como se não lhe tivesse ouvido.

— Quanto antes eu for antes retornarei e poderei tirá-lo daqui. — levantou-se devagar e se afastou dali deixando ao Lassiter soltando um montão de ordens que ela seguiu ignorando.

Derek esboçou um sorriso quando, a ponto de sair, disse:

— Oh, fique quieto, papai! Já está decidido.

Ao passar junto a ele se deteve um momento e, séria, olhou-o aos olhos. Seguro que acreditava que ele tinha a culpa de que seu pai seguisse encarcerado. Derek se ruborizou, pois se ela não tivesse chegado, teria razão.

— Olhe, eu posso lhe ajudar — disse sem lhe importar que Lassiter ouvisse.

Ouviu-o.

— Cale-se, Sutherland!

— Vá para o inferno, Lassiter — grunhiu Derek antes de olhá-la de novo em espera de sua resposta.

— Acaso não fez já suficiente? — perguntou Nicole com olhar triste, voltando-se para ir-se. Derek tentou segui-la, mas aquele tipo enorme se colocou no meio.

— Detenha... A não ser que queira outra briga — lhe advertiu, e dizendo isto, dirigiu-se para a porta.

Chovia. Uma chuva gelada que não deixava de lhe recordar o último dia que tinha estado naquele horrível lugar. Nicole tinha então cinco anos. Seu pai estava destruído, sua mãe tinha morrido. De algum modo, ele tinha conseguido levá-los do porto da América do Sul, onde havia falecido Laura Lassiter, até Londres. Queria lhe dizer pessoalmente a sua sogra que sua filha tinha morrido.

Uma semana depois de que a marquesa viúva soubesse do falecimento de Laura, saiu de novo de seu quarto tão séria como sempre, com sua loira juba, agora cheia de cãs, recolhimento em um tirante coque e as costas erguida. A única diferença era que a via muito mais imponente estando vestida de negro. Exigiu ver a Lassiter, e enquanto, Nicole estava fosse jogando. Mas, como de costume, a menina tinha frio, pelo que se meteu dentro da casa para ver se assim as mãos deixavam de lhe tremer. Entrou em uma casa, e ouviu que falavam dela ficou a escutar.

— Nunca se casará — predisse sua avó atravessando com o olhar a seu pobre pai sem dissimular sua desaprovação. Ele permanecia imóvel frente a ela—. Se Nicole retornar a esse maldito navio contigo e com todos esses asquerosos marinheiros, asseguro-te que quando tiver idade para procurar marido, um digno de seu título, terá tão má reputação que ninguém quererá saber nada dela. Por não dizer que agora já é uma selvagem.

Lassiter levantou o olhar como se quisesse discutir com ela, e Nicole ainda recordava quanto tinha desejado que o fizesse, entretanto, seu pai conseguiu fazer provisão de paciência e responder com calma.

— Não posso me separar dela. Ainda não — disse em um tom monocórdio—. Ela é tudo o que fica de Laura. Tenho que tê-la por perto.

— Já vejo que segue sendo tão egoísta como sempre.

Ambos fixaram a vista no retrato da mãe da Nicole que havia em cima da chaminé. Laura tinha sido uma mulher muito bonita. No quadro a via contente, como se estivesse contendo a risada. O pintor tinha sabido captar essa felicidade... Ao igual que a determinação que se refletia em seu queixo.

— Nunca entenderei... — disse a marquesa abrindo os braços — por que renunciou a tudo isto. — E acrescentou para si mesma —: Todas as ameaças, as súplicas... Não serviram de nada... Só queria estar contigo.

Levantou-se pesar do extravagante tamanho de sua saia e se aproximou da janela; a seda rangia com cada passo. Deu-se a volta e o acusou:

— Inglaterra não era o bastante boa para você, assim teve que arrastar a minha filha por todo o planeta, sem se deter nunca em nenhum lugar.

Nicole observou fascinada como a pálida luz do sol se refletia nas poucas jóias que trazia sua avó e como esses pequenos brilhos dançavam na parede.

— E agora está... Morta. Mas Laura fez o que você queria. — Com lentidão e movimentos estudados retornou a sua escrivaninha.

— Maldição, você sabe que lhe encantava navegar comigo — cuspiu seu pai emocionado —. Gostava dessa vida e nunca se lamentou de havê-la escolhido... Nem sequer ao final.

Sua avó cerrou os olhos de um modo cruel.

— E como sabe que não acontecerá o mesmo com a menina? E se ela também morrer...

Seu pai se levantou disparado da cadeira para aproximar-se da escrivaninha com os punhos apertados.

— Me escute bem, eu nunca permitirei que lhe ocorra nada. Entendeu? É uma garota valente, criou-se no mar. Sempre a protegerei.

— Entendo que você acredite nisso. — Olhou-o sem temor, apesar do feroz de seu aspecto —. Mas inclusive no caso de que a menina chegue aos noventa — continuou —, está condenada ao celibato. Eu não lhe darei o imóvel de Laura se não se casar com um nobre, e esse tipo de homens não se casam com mulheres criadas em um navio. E se o que pretende é ignorar sua herança e lhe buscar marido em outra parte, não sei, outro bruto americano como você, por exemplo, quem acredita a quererá? Com os anos, Nicole parecerá mais um homem que uma mulher e não saberá como conquistar a um possível marido. — Sacudiu a cabeça como se só de pensá-lo sentisse náuseas —. O sol a envelhecerá antes de tempo e o vento lhe curtirá a pele e as mãos. Acredita que a boa sociedade receberá a alguém assim? Não! — gritou de uma vez que golpeava a escrivaninha fazendo que os anéis de seus dedos tilintassem —. Nicole ficará sozinha porque você te nega a fazer o correto.

— O que quer que faça? — perguntou ele movendo um braço —. Não penso renunciar a ela, assim, o que sugere?

Sua avó se inclinou para frente e cravou seus escuros olhos nos de seu pai:

— Quando fizer doze anos, mandar-me-á isso aqui de volta, nem um dia mais tarde. Assim, eu terei tempo de desfazer tudo o que você — o olhou enojada — e sua degenerada vida tenham feito com ela, e convertê-la em uma dama. Preparei-a para que ocupe o lugar que por direito lhe corresponde no mais alto da sociedade e obterei que se case com alguém de igual berço.

Seu pai se sentou e inspirou fundo.

— De acordo. A mandarei, mas tem que me prometer que se casará com um bom homem.

— É obvio que sim, que estupidez! Se você cumprir com sua parte do trato.

Nenhum deles sabia que Nicole estava junto à porta. Nem tampouco sabiam que sua mãe lhe tinha inculcado uma forte crença; que seu destino lhe pertencia, e que tinha que tentar controlá-lo ela.

Até então, Nicole o tinha feito o melhor que tinha podido. Quando seu pai lhe dizia que ficasse luvas e cachecol os punha. Entendia que se sentisse tão protetor por volta de sua pessoa e que estivesse quase obcecado com que aprendesse a navegar se por acaso alguma vez tinham um acidente no meio do mar. Aprendeu todos os idiomas que pôde e suplicou aos membros da tripulação que lhe ensinassem a insultar em todos eles, e o fez porque sabia que era o único modo de conseguir sua liberdade. Dedicou todos esses anos a preparar-se para quando chegasse o momento de abandonar o seu pai.

O dia antes de cumprir os doze anos, Lassiter lhe comunicou que retornaria a Inglaterra para viver com sua avó. Nicole não se sentia orgulhosa do que então fez, mas estava se desesperada:

— Muito bem, papai — respondeu entre soluços —. Farei o que me pede. Mas quero que saiba que me preocupa me afastar de ti. O que acontecerá se ficar doente? Poderia demorar meses e meses para eu me inteirar. Não estarei aqui para te cuidar. E se acontecer comigo algo, se me puser doente, ou acontecer algo mal, você não estará ali comigo...

Isto foi suficiente para que não voltassem a mencionar o tema dos internatos durante os seguintes cinco anos.

Até aquela úmida noite, Nicole acreditava que se saiu com a sua; dezoito anos dos vinte que tinha de vida os tinha passado navegando e vendo o mundo. Mas ao desviar o olhar para as molhadas ruas, perguntou-se se talvez quão único tinha conseguido tinha sido atrasar seu destino. Sim, isso era o que tinha feito, e Nicole decidiu que tinha chegado o momento de render-se.

Mas ainda não.

Depois de haver-se ido dali, quase dezesseis anos atrás, Nicole chegou à mansão Atworth estranhamente calma, apesar de que o aspecto da casa era aterrador. Uma luxuosa escada de mármore, flanqueada por enormes colunas, indicava a entrada principal. As asas da mansão se sobressaíam do corpo central em perfeita simetria. Mas graças ao jardim que a rodeava, essa severidade era quase atrativo.

Para Nicole aquele lugar estava ligado a lembranças muito dolorosas, não obstante, obrigou-se a recordar-se que sua mãe tinha sido feliz ali. Possivelmente inclusive tivesse rido naquela escada. Ao pensar isso, sorriu. E assim, sorrindo, encontrou-a Chapman, o velho mordomo ao que recordava com carinho, quando abriu a porta e a acompanhou ao salão. Ali a esperava sua avó, sentada junto a uma palaciana janela cuja luz iluminava a elegante decoração da sala, e também o tenso rosto da matriarca.

— Bom dia, avó — saudou Nicole educada, ao cruzar o tapete para aproximar-se da anciã. A marquesa seguia vestindo de negro e ia abotoada até o pescoço.

A tristeza lhe tinha marcado o rosto. Os dois cães que se levantaram ao ver a entrada de Nicole retornaram a seus lugares, que não era junto aos pés de sua avó, e sim sob a mesa que havia no outro extremo da habitação. “Cães preparados”, pensou Nicole.

— Chega tarde — respondeu a marquesa sem lhe oferecer assento sequer.

Nicole se tinha posto um de quão vestidos sua avó lhe tinha mandado à escola, com a esperança de que isso a enternecesse, mas era óbvio que necessitaria muito mais que um vestido para obter que fosse amável com ela.

Embora aquilo não fosse nada novo. Era como se para sua avó e para toda essa casa, não tivesse passado o tempo da última vez que Nicole esteve ali.

— Sim, sei — respondeu com doçura atrevendo-se a sentar-se diante dela.

— Oito anos tarde! — A marquesa a olhou com desaprovação.

Nicole compreendeu então que aquela mulher, cujos escuros olhos se pareciam muitíssimo aos seus, ia fazer passar mal antes de lhe dar o dinheiro que necessitava para seu pai. Mas a corrida era vital para seu futuro, assim estava disposta a fazer tudo o que fosse necessário.

— Alegra-me muito estar aqui de visita...

— Não diga tolices! Vá direto ao assunto e me diga o que quer.

CAPÍTULO 06

Desde o alto de seus arreios, Derek observou como Nicole Lassiter cruzava a rua. Abotoou-se o casaco até o pescoço e levava uma grossa cachecol para combater o vento que soprava sobre o Támesis. Sem vê-lo sequer, esquivou de um homem que vendia bolos de carne e a uma moça que lhe suplicava que lhe comprasse um casaco de segunda mão.

Derek podia ver sua cara, e sua tristeza lhe afetava com uma intensidade que o desconfortou. Sabia por que Nicole estava assim. Estava-se afastando do cárcere, e certamente acabava de descobrir que a seu pai tinham denegado a fiança.

Derek tinha descoberto o mesmo apenas umas horas antes. Essa manhã foi-se com intenção de deixar que Lassiter passasse ali só umas horas e pela tarde retornou para retirar a acusação. O oficial, não o mesmo que estivera de manhã, disse-lhe que Lassiter, por ser americano, ia ser acusado pelos destroços no botequim. Embora Derek não quisesse apresentar acusação, informou-lhe o policial, eles tinham provas suficientes para mantê-lo entre as grades durante as duas semanas seguintes. Sutherland fulminou ao tipo com o olhar e soube sem dúvida nenhuma que lhe estava mentindo.

Ao que parecia, Lassiter tinha conseguido fazer um montão de inimigos em Londres, coisa que, lhe conhecendo, não era de sentir surpreender. Mas por desgraça, Derek lhes tinha dado a desculpa perfeita para prejudicar ao americano.

Maldição, não queria pensar que seu mais ardiloso competidor não poderia participar da corrida por culpa do que tinha passado com sua filha. E como tinha sido capaz de confundi-la com uma prostituta? Ao recordar os mal educados comentários que tinha feito ao Lassiter justo antes que começasse a briga, Derek podia entender perfeitamente que este tivesse enlouquecido.

Mas ele não queria ganhar sabendo que o fazia porque não tinha competência; assim, apesar de que lhe parecia inclusive antinatural ajudar ao Lassiter, tinha devotado suculentos subornos para conseguir que o soltassem. Sem êxito. Nem todo o poder nem todo o dinheiro do Derek tinham impressionado ao oficial, o que lhe levou a acreditar que alguém muito importante tinha decidido que Lassiter permanecesse na prisão.

Não era justo, mas embora Derek soubesse que a vida raramente o era, queria ajudar a Nicole. E também era importante que ela soubesse que ele não tinha tido nada que ver com tudo aquilo.

Guiou seu cavalo para frente e manobrou até ficar a seu lado. Pigarreou, mas Nicole ia tão concentrada em seus pensamentos que o esquivou e seguiu caminhando. Derek observou contente que sua expressão já não era de tristeza, mas sim de algo que só podia definir como teimosia.

— Nicole — a chamou, e para ouvir sua voz ela se sobressaltou.

— Capitão Sutherland!

Derek tocou a asa do chapéu para saudá-la.

Ela se ruborizou e Derek se deu conta de que estava fascinado observando o contraste de seus olhos que, com o azul do cachecol, ressaltavam ainda mais em seu rosto... Até que ela olhou para outro lado.

Derek fez dar meia volta a seus arreios e voltou a colocar-se a seu lado.

— Nicole — repetiu em voz baixa —, eu retirei as acusações contra seu pai. Eu não tenho nada que ver com que lhe retenham no cárcere.

Ela se parou em seco.

Voltou a lhe olhar, aproximou-se dele e lhe escrutinou o rosto.

— Também sei que lhe negaram a fiança.

Nicole levantou a mão e, inconscientemente, acariciou o focinho do cavalo. Ao Derek gostou de ver a mão dela sobre a negra pelagem do equino.

— Como pode sabê-lo?

— Acredito que tenho informação que poderia te ser útil.

Aproximou-se mais a ele e arqueou as sobrancelhas.

— Aqui não, Nicole — disse ele—. Se quiser saber mais, terá que vir a meu navio.

Derek estava seguro de que ela o mandaria a passear. A verdade era que parecia estar a ponto de fazê-lo. Mas em vez disso, tragou-se sua ira e esboçou um falso sorriso.

— De acordo. Meu amigo, já sabe, aquele que me acompanhou hoje ao cárcere, e eu, iremos visitar-te por volta das nove...

Ele levantou o lábio superior com sarcasmo.

— Você sozinha.

— Eu sozinha não...

— Fá-lo-á, Nicole, porque a curiosidade te comerá.

Foi e a deixou sozinha em metade da rua, com uma expressão provavelmente parecida com a sua. Quando lhe tinha sorrido lhe tinha iluminado a cara. Ele já tinha visto esse sorriso a noite que esteve no navio, mas não a apreciou em todo seu esplendor. Agora, à luz do dia, com a juba solta, seu rosto parecia irradiar luz.

Se tivesse soprado vento, nesses momentos Derek se teria caído do cavalo.

Não ia, repetia-se Nicole uma e outra vez. Já tinha aprendido a lição e não ia retornar ao navio do Sutherland. Assim, por que estava já planejando como esquivar de Chancey? E como se este soubesse o que estava tramando, entrou de repente no salão.

— Como foi com sua avó? —perguntou, tirando o casaco para deixá-lo em uma velha cadeira. Chancey se tinha estado ocupando de tudo e o via exausto.

—Não foi tão mau — respondeu Nicole, mas em seguida retificou —. foi horrível. Mas não do modo em que acreditava. Aconteceu-se três horas insultando a papai, é obvio, dizendo que se tinha bem merecido que o encarcerassem e queixando de minhas maneiras. Mas ao final me contou umas anedotas preciosas sobre mamãe.

— Isso me alegra ao menos. Eu não gosto que desobedeça a seu pai, mas já era hora de que fosses ver sua avó. — Tirou a pipa e o tabaco de seu bolso —. Deu-te o dinheiro?

— Tem-me feito prometer que em menos de um ano me casaria com o homem que ela escolhesse, mas sim, deu-me isso. — derrubou-se na cadeira que havia juntado à Chancey e fechou os olhos um instante—. Fui a pagar a fiança de papai, mas não aceitaram.

— E alegraram o que? —perguntou Chancey surpreso.

— Contaram-me um montão de mentiras sobre não sei quantos crimes que supostamente teria cometido no passado. E também me disseram que os cidadãos de outros países podem ser retidos por muito mais tempo que aos nacionais.

— Bom, decididamente, hoje foi um dia horrível.

— Que mais passou?

— Clankson veio a procurar a seu pai.

— Clankson? Do Clankson Emporiums?

— O mesmo. Ao parecer, somou-se ao clamor que alaga todo Londres. Apostou em favor do Bela Nicola. Muito. E se seu pai não ganha, Clankson nos retirará a conta.

Nicole soltou o fôlego muito devagar. A conta do Clankson Emporiums significava a metade de seu negócio.

— Se perdermos essa conta, o negócio se irá a rivalidade — disse Nicole rendo-se sem humor—. E não o digo em sentido figurado.

Ela sabia quão importante era a vitória, mas não tinha nem idéia que disso dependesse a existência mesma da empresa de seu pai. Tudo o que tinham estava hipotecado, e se perdiam ao Clankson, a naval se derrubaria como um castelo de naipes. E, depois da morte de sua mãe, Nicole sabia que sua avó não moveria um dedo para ajudá-los.

Chancey esqueceu por completo sua pipa e ficou quieto.

—Nic, tenho que te confessar que não tenho nem idéia do que poderíamos fazer.

— Sutherland se aproximou de falar hoje comigo — disse tragando saliva.

— E?

— Há-me dito que tinha retirado os cargos contra papai e que sabia que lhe tinham denegado a fiança. E acrescentou que tinha informação.

Chancey apoiou os cotovelos nos joelhos e se inclinou para frente.

— De acordo, iremos A...

— Não quis me contar nada mais, Chancey. Seguro que ele é o culpado de tudo. Do que outro modo poderia haver-se informado de todo isso?

— Não pinta nada bem para o Sutherland. Mas os homens como ele têm muitos contatos. E com tantas horas como passa no botequim, seguro que sabe tudo o que acontece no porto.

— Se não foi ele, quem poderia ser?

— Lorde Tallywood — respondeu Chancey. Voltou a apoiar-se e cruzou os braços ficando à defensiva.

— Esse cretino? — perguntou Nicole pensando nesse nobre ao que gostava tanto navegar como ir à última moda.

— Cretino ou não, ocupa o primeiro posto na lista que fez seu pai de possíveis sabotadores de nosso navio. E quanto mais o penso, mais acredito que quem esteve por trás da sabotagem também está detrás de tudo isto. Tem sentido. Seu pai leva tempo temendo ser vítima de um ataque. E isto encaixa muito bem.

Nicole tentou recordar ao jovem capitão e sacudiu a cabeça.

— Eu vi o Tallywood, e reconheço que é um homem peculiar e que seu comportamento é muito estranho, mas não posso imaginar o junto a Clive e Pretty, e muito menos como cérebro de uma operação deste estilo. — Tinha que ser Sutherland. O maior delito de que via capaz ao Tallywood era o de levar a mesma jaqueta a duas festas seguidas. Que horror! —. Por que não quer nem considerar que tenha sido Sutherland?

— Seu pai odeia a esse homem, mas nem sequer ele acredita que possa estar detrás de tudo isto. Esta sabotagem foi um ataque pelas costas. Talvez Sutherland seja um indivíduo perigoso, e inclusive poderia dizer que não é um bom homem, mas tenho a sensação de que ele nunca cairia tão baixo.

Nicole se levantou e caminhou para a chaminé. Franziu o cenho; ficaram-se sem combustível. Tão mal estavam as coisas? Deu-se a volta.

— Ao meu pai negaram a fiança e Sutherland se inteirou primeiro, por acaso? Sabia antes que eu. Não entendo por que te nega a suspeitar dele. Acaso não é o pior rival de papai?

— Sim, é — respondeu Chancey à contra gosto —. Mas...

— E não seria ele o mais beneficiado se papai não participasse da corrida?

— Provavelmente — admitiu —, mas há muita gente a quem adoraria que seu pai não pudesse zarpar. Temos toda uma lista de suspeitos.

Nicole sacudiu a cabeça. Sim, seguro que a um montão de navais iria bem que seu pai não participasse. Mas nenhum tinha uma situação econômica tão desesperada para recorrer a esse tipo de medidas.

— Se não me falhar a memória, acredito que em uma de suas cartas meu pai me contou que a companhia do Sutherland não passa por um bom momento.

— Sim, assim é. Mas isso não significa que esteja detrás de tudo isto.

— Mas e se o estiver?

Chancey soprou exasperado.

— Olhe, seu pai odeia a esse homem e nem sequer lhe passou pela cabeça que ele pudesse ser o culpado. Nicole negou persistente.

— Tenho que ir ver o Sutherland e averiguar o que é o que sabe. Não tenho outra escolha do que enfrentar a ele.

— Di-lo a sério? — perguntou atônito. E logo, tentando serenar-se, acrescentou—: De acordo, esta noite iremos ver lhe. Fiz coisas piores.

— Né..., ele há dito que fosse sozinha.

— Que estranho! —exclamou Chancey.

Como se não lhe tivesse ouvido, Nicole acrescentou:

— Acredito que se o conto o que acontecer, não reterá papai no cárcere por mais tempo. — Nicole de verdade acreditava isso. Não sabia por que, mas pensava que podia convencer ao Sutherland de algo.

Chancey pelo contrário a olhou como se estivesse louca.

— Chancey, não me olhe assim. —Assinalou-o com o dedo—. É uma grande idéia e não sei do que sente receio... Você que navegou no Liverpool Irishmen. Se não recordar mal, fossem famosos por suas loucuras e suas conquistas.

O homem se ruborizou.

— Mas agora me centrei!

— Bom algum dia eu também o farei.

Ficou olhando-a.

— Ponto um, sigo convencido de que Sutherland não tem nada que ver com tudo isto. E, se o tivesse, seria eu quem se enfrentaria a ele, e não a filha do Jason!

Nicole não conseguia entender por que o irlandês confiava tanto no Sutherland.

— Não posso ficar aqui sentada havendo tantas provas que o incriminam. Quão pior pode acontecer é que não o convença de que deve nos ajudar, mas aproveitarei para me fixar em todos os detalhes de seu navio. — “E, de passagem, tentar ajudar em algo a ganhar esta maldita corrida”, pensou Nicole.

Chancey respirou resignado e, com um mau humor nada próprio dele, levantou-se e se aproximou da Nicole. Desde que o conhecia, era a primeira vez que o marinheiro utilizava seu enorme tamanho para intimidá-la.

— Já sei o que está tramando e já pode ir tirando-lhe o da cabeça — lhe gritou assinalando-a com o dedo —. Não permitirei que fique a sós com esse sedutor!

Nicole olhou atrás dele e viu vários membros da tripulação escutando junto à porta. Fez-lhes uma careta e se afastaram correndo. Todos estavam acostumados aos gritos do Chancey, mas nesse preciso instante estava descontrolado. Entretanto, Nicole sabia que por muito zangado que estivesse acabaria lhe convencendo. Ela nunca perdia uma discussão.

— Nunca conseguirá que te dê a razão nisto, senhorita — a advertiu passeando pela habitação —. Seu pai não permitiria que fizesse algo semelhante por ele. — Agarrou-a pelo braço e acrescentou —: Estamos vivendo uns tempos muito perigosos, recorda que lhe atacaram em seu próprio navio.

Nicole tentou raciocinar, mas Chancey a seguia sujeitando com sua mão cheia de cicatrizes e optou por calar-se.

— Converteste-te em uma mulher. — Duvidou um instante e logo continuou com estupidez —: É atrativa, e um homem como ele não o pensará duas vezes antes de tentar te levar a cama.

Nicole levantou uma sobrancelha e riu. Ela não era atrativa. Tinha uma cara estranha e, por muito que insistisse seu pai em dizer que era “delicada”, a verdade era que estava muito magra.

— Vais ter que encontrar uma desculpa melhor — disse ela à defensiva.

Chancey franziu o cenho como se não a entendesse.

— Olhe, Nic, eu não gosto desse tipo, eu não gosto de nenhum homem que se renda ante seus demônios... — acrescentou para si mesmo — mas seja quem é o que mantém ao Jason encarcerado é um trapaceiro, e não posso imaginar ao Sutherland ganhando a corrida desse modo.

Nicole queria lhe dizer que embora não pudesse imaginar-se isso, não podia negar que a inimizade entre o Sutherland e seu pai existia. Mas lhe estava esgotando o tempo. Assim optou por atacar o problema desde outro ângulo. Com um suspiro exagerado e um abatimento ainda mais extremado, disse:

— É que estou muito preocupada com meu pai. Seguro que tem razão.

Comportar-se-ia como se a tivesse convencido, e desse modo não a vigiaria tão de perto e poderia escapar para ir ao Southern Cross. No fundo de seu coração, Nicole sabia que não tinha sido Sutherland, mas tinha que estar segura. E da informação que ele pudesse lhe dar dependiam muitas mais coisas das que ele acreditava.

Ao inteirar-se de quem negava aceitar a fiança para seu pai, Nicole sentiu como se o laço de uma força se fechasse ao redor de seu pescoço. E depois das notícias sobre o Clankson esse laço se apertou ainda mais e começou a afogá-la. Sem seu pai não podiam ganhar. E se não ganhassem, não teriam clientes. Sem clientes, em uma época tão perigosa como a que estavam vivendo, não ficaria mais remédio que liquidar a empresa para pagar a seus credores.

Iria ver o Sutherland, escutaria o que tivesse que lhe dizer, e logo tentaria lhe convencer de que os ajudasse. Se não o conseguia com palavras, então o manipularia. Era uma idéia arriscada, ele não parecia o tipo de homem que se deixa manipular, mas ela tinha prática em conseguir o que se propunha. E se isso tampouco funcionava... Bom, nesses momentos não ia pensar nisso.

Sendo sincera consigo mesma, tinha que reconhecer que a envergonhava sentir-se tão atraída por ele. Tinha sido assim desde a primeira noite em que o viu e, depois do beijo, tinha sido pior. Havia-lhe dito que sentiria curiosidade, e vá se a sentia.

Conseguiu escapar do Chancey justo quando deram as dez. Ele era um homem honrado e confiava em que ela também o fosse; assim odiava ter que lhe mentir, mas já fizera.

Aproveitou que tinha saído da cabine e saltou o olho de boi para ir-se em busca da verdade.

CAPÍTULO 07

— Espero uma visita — disse Derek ao Jebediah Grolly, seu homem de confiança e contramestre de seu navio —. Quando chegar, acompanha-a ao salão — lhe indicou sério, e logo acrescentou —: E se assegure de que permaneça ali.

— É obvio, capitão — respondeu o velho marinheiro apesar de que arqueou surpreso suas grisalhas sobrancelhas.

Derek sabia por que. Nenhuma mulher tinha subido a seu navio mais de duas vezes seguidas... Jamais.

— Acredita que poderei passar um momento mais em terra firme antes de zarpar?

Derek sabia até que ponto ao Jeb e ao resto da tripulação lhes custava não baixar a porto de noite, apesar de que, durante o dia, ninguém tinha problemas em permanecer a bordo. Todos os marinheiros ficavam na cobertura ainda depois de ter acabado com suas tarefas, exibindo-se ante o porto inteiro como participantes na maior regata do século. Mas de noite, nos botequins, eram tratados com atenção como celebridades, e os entusiastas deste esporte os convidavam a uma pinta atrás de outra.

— É obvio — respondeu ausente.

Jeb se afastou dele balançando-se e com um enorme sorriso desenhado por seus enrugados lábios. Derek nunca havia sentido a enorme ansiedade que estavam acostumados a experimentar os marinheiros antes de iniciar uma viagem comprida. Para ele, uma viagem comprida significava que ficava mais tempo sem pensar em que ele não pertencia a nenhum lugar.

Abriu a porta de uma vitrine e agarrou um livro, mas depois de ler a mesma página quatro vezes o deixou de lado. Justo quando já acreditava que ela não ia vir, Jeb bateu na porta.

—Capitão, A visita está aqui.

Continuando, pediu permissão para entrar e não esperou a que lhe respondesse.

— Não me há dito que era a mesma garota que a outra manhã se passeava por aqui como se estivesse em sua casa — disse com um sorriso —. A deixei onde me pediste e lhe ordenei que não se movesse. — Franziu o cenho e reconheceu —: Tem caráter.

Derek já podia imaginá-la reação da Nicole às ordens do Jeb.

Entrou no salão e viu que não se ficou tranqüilamente sentada. Estava em pé, olhando as marinhas que penduravam da parede.

Aproximou-se dela e, quando estava justo a suas costas, Nicole disse:

— São preciosas, capitão Sutherland.

— Não sabia que você gostasse da arte.

A garota se deu a volta para olhá-lo com uma expressão de desdém desenhada no rosto. Mas esta desapareceu por completo ao ver que os hematomas apareciam essa manhã e se obscureciam, e levantou a mão

para acariciar-lhe. Percorreu-lhe a dolorida mandíbula com os dedos e Derek teve que obrigá-lo a não fechar os olhos. Incômodo, esticou-se. Ela afastou a mão.

— Não é nada — balbuciou vergonhoso —. Asseguro-te que já recebi golpes piores.

Nicole se ruborizou da cabeça aos pés. Não tinha podido evitar tocá-lo.

— Sinto que brigassem — disse séria, e deu um passo para trás.

— Cedo ou tarde tinha que acontecer — replicou ele observando como ela, relaxava, tirava-se o casaco e deixava ao descoberto as calças e a camisa que levava e que não ocultavam nenhum de seus atributos.

Deu-lhe a sensação de que se esmerou especialmente no cabelo. Levava um recolhido muito complicado e Derek podia apreciar que umas mechas avermelhadas lutavam por escapar. O penteado deixava ao descoberto seu rosto, o que fazia que ainda a visse mais frágil e delicada.

Embora pudesse parecer fria, em realidade era doce. Ainda recordava quão agradável tinha sido sentir entre suas mãos os seios mais preciosos que tinha acariciado em toda sua vida. Tentando sacudir-se dessa lembrança, perguntou-lhe com voz rouca:

— Gosta de beber algo?

— OH, eu não deveria... — Mas se deteve e optou por dizer —: Sim, acredito que... Tomarei o mesmo que você, por favor.

Ele ia beber uísque sozinho, mas não acreditava que isso fosse adequado para uma garota como ela, assim que o agitou antes de dar-lhe.

— Quero te perguntar uma coisa.

— E eu a você —disse ela—. Mas prefiro ouvir primeiro suas perguntas.

—De acordo. — aproximou-se de uma cadeira e lhe indicou que fizesse o mesmo. Nicole, dobrou uma perna e se sentou em cima dela lhe olhando aos olhos.

Ela bebeu, mas não um pouco, mas sim um gole comprido, e Derek teve que fazer esforços para não sorrir ao ver como lhe enchiam os olhos de lágrimas e tragava convulsivamente. Era um licor muito forte, e era óbvio que ela não estava acostumada à bebida, assim que lhe impressionou que conseguisse não tossir nem lutar por respirar.

Quando viu que se recuperava um pouco, perguntou-lhe:

— Quem eram os tipos que a seguiam?

Ao recordar o que aconteceu essa noite lhe trocou o rosto. Já não tinha medo, agora estava furiosa.

— Entraram em meu navio para sabotá-lo. Pilhei-os com as mãos na massa — respondeu sem apartar o olhar. Derek teve a sensação de que tentava ver se essas palavras lhe afetavam. Nicole se deu conta de que não ficava satisfeito com essa resposta e acrescentou —: Isso é tudo o que posso dizer.

Derek soube que isso era tudo o que ia averiguar, de modo que perguntou:

— O que fazia no Sereia a outra noite?

Levou-se o copo aos lábios como se fosse a beber, e disse:

— Disseram-me que meu pai estava ali para obter certa informação.

— Bonito modo de dizê-lo.

Antes que inclinasse a cara para ocultar seu sorriso, Derek pôde ver que a tinha surpreendido. Mas quando voltou a levantá-la tinha as sobrancelhas juntas, como se estivesse zangada.

— E você? Acaso não tinha ido também a “obter informação”, capitão Sutherland?

Derek quase sorriu, e optou por dizer a verdade:

— Eu estava ali porque estava muito bêbado para saber o que fazia.

Nicole abriu os olhos de par em par. Não esperava essa resposta.

— Eu desconhecia que tipo de lugar era esse botequim — reconheceu ela ruborizando-se.

Gostava de como se ruborizava. Com sua cor de cabelo, não teria acreditado que estivesse bonita ao fazê-lo, mas o estava. Não pôde evitar perguntar com suavidade:

— Por que não te tinha visto antes?

— Estive fora — respondeu ela olhando o copo.

— Fora?

— Oh, aqui e lá — acrescentou levantando de novo a cabeça.

Derek esboçou um sorriso, apesar de que sabia que não lhe saía muito bem. Assim pretendia lhe ocultar seu passado? Garota lisa.

— Por que não me disse quem foi?

Nicole voltou a beber.

— Não sabia que tipo de homem era. Poderia me haver feito mal só para enfurecer a meu pai; não te conhecia.

— E apesar disso voltaste aqui esta noite?

Nicole assentiu e se colocou uma mecha de cabelo detrás da orelha.

— Tenho que saber o que sabe. Quero que soltem a meu pai... Não tinha alternativa.

Mas ele sabia muito pouco, esse pouco não poderia ajudá-la muito. Quão único queria era que ela voltasse ali essa noite.

Derek se apoiou no respaldo da cadeira e disse:

— Contar-te-ei tudo o que sei. Retirei as acusações contra seu pai. De fato, eu mesmo fui ao posto de polícia para me assegurar de que o soltariam. O oficial me disse que tinham provas dos outros delitos que tinha cometido Lassiter.

— Isso não...

— Dei-me conta de que me estava mentindo — a cortou —. Não acredito que haja outros delitos.

Nicole se sentiu aliviada, o que era muito estranho. Por que ia importar lhe o que ele acreditasse?

— A mim... Eu não gosto de pensar que seu pai não poderá participar da regata por culpa de... A noite que passei contigo. Tentei que lhe soltassem por todos os meios — explicou sem detalhes —, mas pelo modo em que me tiraram de cima, eu diria que a pessoa que está detrás de tudo isto tem ou muito poder ou muito dinheiro.

Depois de uma pausa, Nicole expôs:

— Se estivesse em meu lugar, e estivesse desesperado por obter que soltassem a alguém a quem quer muito, quem acreditaria que teria a culpa de que não o fizessem? E o que faria?

Ao Derek só vieram duas coisas à mente. Uma, que ele não queria tanto a ninguém. E dois, que Nicole lhe estava perguntando sua opinião como se de verdade lhe importasse.

— Se estivesse em seu lugar, eu acreditaria que o responsável por tudo é um nobre, alguém como eu ou com um título ainda maior. Em todo caso, alguém com muito dinheiro e com muitos interesses nesta regata.

— Por que não deveria acreditar que o tem feito você?

Ao Derek gostou de sua honradez.

— Porque eu acredito que ganharei em seu pai. Eu quero ganhar de seu pai — se limitou a responder.

Nicole se mordeu o lábio inferior e ficou perdida em seus pensamentos.

— Não sei se devo acreditar. Mas se já me disse tudo o que sabe... — ficou em pé e deu um último gole antes de voltar a depositar o copo em cima da mesa.

Derek não ia deixá-la partir. Por muito que admirasse sua determinação, por um segundo, justo ao chegar, havia-lhe meio doido a cara e, nesse instante viu que todo isso era fachada... Embora só tivesse sido um segundo. E nesse curto lapso de tempo se deu conta de que não podia resistir a ela.

Nada estava saindo conforme o planejado. Tinha sido uma loucura acreditar que poderia dirigir a aquele homem. Nicole não era tola, sabia que a única possibilidade que tinha de convencê-lo de algo era se estava bêbado, e tinha acreditado que isso não seria nenhum problema. E, entretanto, ali estava ele, lúcido e sóbrio até não poder mais. Olhava-a como se pudesse ver através dela e descobrir todos seus segredos.

Se Derek lhe estivesse dizendo a verdade, não tinha descoberto nada. Pior ainda, ele já tinha feito o que ela ia pedir lhe que fizesse. Nicole sabia que não lhe tinha mentido; ele queria que soltassem a seu pai. Derek queria ganhar de seu pai.

Dadas as circunstâncias, Nicole pensou que o mais digno era uma retirada a tempo. Agarrou seu casaco e olhou de novo aquela cara que, apesar de estar sempre dominada pela ira, era tão atrativa. Parecia um anjo cansado, frio e cruel, mas com alguma coisa que recordava que não tivesse sido sempre assim. E esse algo a estava levando à louca...

“Deixa de lhe olhar. Dê-lhe obrigado e vete...”

— Sutherland, eu...

— Há algo mais — disse ele em voz baixa.

Nicole tentou convencer-se a si mesmo de que se referia a que tinha mais informação, mas não o conseguiu. Quando ele se aproximou dela e lhe acariciou a bochecha igual a ela tinha feito antes, não se afastou.

Derek ia dizer algo, mas os gritos de uma mulher na cobertura o detiveram. Nicole viu como se esticava de repente e saía disparado da estadia. Antes de fazê-lo, deteve-se:

— Nicole — disse fixando em seu rosto seus olhos cinzas —, nem pense em sair daqui.

Quando fechou a porta, a moça se deu conta de que lhe tremiam as pernas. Parecia um molho de nervos e de tantas vontades como tinha de que a beijasse se esqueceu do verdadeiro motivo pelo que tinha ido a aquele navio.

“Um momento, a que tinha ido? Ah, sim, a manipular e a espiar.” Nicole não tinha contado com que fosse a ficar sozinha, nem com que poderia explorar a vontade. Em outras circunstâncias não duvidaria nem um segundo, mas o modo em que Derek a tinha tratado estava fazendo cambalear sua decisão. Tinha-o feito como se acreditasse que ela ia fazer o que lhe pedia. Por isso a tinha deixado sozinha.

Mas estava equivocado. E ela o ia aproveitar. Nicole abriu um pouco a porta para começar seu reconhecimento, mas o primeiro que viu, na cobertura, foi à mulher cujos gritos tinha ouvido, e sem saber por que lhe fez um nó no estômago.

Essa mulher que não deixava de repreender ao Sutherland era... Deliciosa. Tinha umas facções perfeitas e ia vestida à última moda. Nicole se obrigou a não olhar-se a si mesma, pois sabia que se encontraria com suas largas pernas coberturas por umas velhas calças. Deu-se conta de que entre o Sutherland e a mulher havia algo e, por estranho que parecesse, o nó cresceu até que foi difícil respirar.

Do que sentia saudades? Ele era um sedutor, e seguro que tinha a um montão de mulheres a seus pés. Olhou de novo a aquela voluptuosa beleza morena e soube que não duvidaria em escolhê-la ante as duas. E apesar de que uma estranha emoção lhe atravessou o coração, Nicole lutou por manter-se impassível. Suspirou fundo, olhou para o casal pela última vez e sem que ninguém a visse correu para o camarote do Sutherland.

Entrou nele e, embora o primeiro que olhou foi a cama, em seguida se concentrou na escrivaninha. Pinçou dentro das gavetas, cheios de coisas previsíveis, e não encontrou nada que pudesse ajudá-la. De repente, viu uma pasta sem etiquetar no fundo de um deles. Abriu-a excitada, mas ao ver o que continha, Nicole franziu o cenho confusa; era uma lista de tudo o que tinha doado no dia de São Esteban à fundação das viúvas de marinheiros, assim como a todos os centros de caridade e orfanatos que povoavam caís.

Sutherland e centros de caridade? As doações eram esplendidas. Se sua empresa ia mau, quão último deveria fazer seria doar nada, nem sequer aos centros mais necessitados. Nicole soube então que Chancey tinha acertado com o Sutherland.

Mas mesmo assim, já que estava em seu navio, ia aproveitar para averiguar tudo o que pudesse. Nicole não sabia o que estava procurando, mas se disse a si mesmo que saberia quando o encontrasse. Ao parecer, o álcool lhe estava fazendo efeito.

Na cobertura, Derek gritava tanto que Nicole podia ouvi-lo de ali, e um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. Saber que não gostava daquela mulher fez que lhe doesse menos havê-lo visto com ela.

Nicole passou por todo o navio, e descobriu que o Clipper¹ estava em impecáveis condições; os camarotes da tripulação se viam imaculados, e tudo, de proa a popa, estava perfeitamente limpo. O navio do Sutherland estava igual e obsessivamente ordenado como o de seu pai. E isso lhe fez desejar ser capaz de lhe odiar.

Meditativa, deslizou um dedo pela parede e continuou para o armazém. Não podia deixar de pensar no Sutherland, e isso era por culpa do álcool. O que daria de comer a sua tripulação um capitão como ele? Seguro que era generoso, e que se preocupava de que tivessem rações esplendidas.

Como os produtos perecíveis não subiam a um navio até a hora de zarpar, não podia averiguá-lo, mas o que sim encontrou Nicole foi um montão de bebida. Se não soubesse que o Clipper ia participar de uma regata, pensaria que transportava aquela mercadoria. Embora, no estado em que ela se encontrava nesse momento, não podia acusar a ninguém de nada, pensou Nicole golpeando-se sem querer a cabeça contra a parede.

De repente, viu uns barris chapeados em um rincão e ficou sem fôlego. O ciúme a dominou por completo. Seu pai ainda utilizava barris de madeira, e lhe doeu ver que a tripulação do Sutherland teria água fresca durante muito mais tempo que a sua. Aproximou-se dos barris e golpeou o que tinha mais perto para desfrutar de do ruído do metal.

Sutherland estava muito melhor preparado. Mas isso só faria que a vitória fosse muito mais doce, pensou Nicole dando-à volta e topando com o impressionante torso do Sutherland.

— Vai a alguma parte? — grunhiu ele, agarrando-a pelo braço e arrastando-a fosse do armazém. Depois de fechar a porta a percorreu com os olhos —. Que diabos estava fazendo aqui embaixo? E não te ocorra me mentir!

“Pensa... pensa!” Quanto tempo levava Derek ali?

— Perdi-me — respondeu ela em um tom mais ou menos convincente.

— E se supõe que tenho que acreditar nisso — Apertou-lhe o braço.

— Claro — mentiu ela. Para lhe distrair, perguntou —: Quem era essa mulher?

Derek franziu o cenho.

— Alguém a quem esperava não ver jamais — replicou sem pensar —. A ver, me diga...

— Por quê? — insistiu Nicole —. É muito bela.

¹ O clipper é um tipo de veleiro mercante de grande porte muito veloz. O termo vem do verbo inglês *to clip* (avançar rapidamente) esse navio mercante de grande porte foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos da América ao final da Guerra de 1812.

— Não é — respondeu ele secamente —, se a miras aos olhos e vê seu interior.

— Entendo — disse ela embora não estava certa.

Sutherland suspirou fundo e apoiou uma mão na parede, junto à cara da Nicole.

— O que vou fazer contigo?

— Não estava fazendo nada mau — suplicou ela —. Retornava ao salão e me perdi. — Sabia que não acreditaria.

Quando Derek a olhou aos olhos, lhe sustentou o olhar. Devia estar bêbada, porque agora que os via tão de perto, estava convencida de que suas hipnóticas íris tinham nervuras azuladas. Eram tão intensos, tão escuros que Nicole morria de vontades de lhe beijar as pálpebras e logo seguir com aquele cenho que sempre tinha franzido, para continuar logo com seus bem delineados lábios.

Derek deve ter-se dado conta do que estava pensando, porque viu como seu rosto passava da ira a um pouco completamente distinto. Com aquela voz grave que tanto gostava, disse resignado:

— Maldita seja. — E, sem prévio aviso, inclinou a cabeça e lhe cobriu os lábios com um brutal beijo.

Ela não tinha ido ali para isso. Ia deixar de lhe beijar. Já. “Que diabos!” Não lhe ocorria nenhum motivo pelo que não pudesse desfrutar de seus beijos ao menos uma noite. Estava fascinada por aquele homem, tão duro e sério, que parecia incapaz de manter-se afastado dela.

Não ia deixar escapar essa oportunidade, disse-se a si mesma enquanto o agarrava pelo pescoço da camisa e o aproximava mais. Sua avó a casaria com algum velho lorde, e seguro que jamais voltaria a sentir algo assim. Nunca em toda sua vida outro homem a tinha atraído tanto como Derek.

Era agora ou nunca, pelo que se apertou contra ele e, insegura, procurou sua língua com a sua. Primeiro o lambeu e logo a enredou com a dele. Derek a sujeitou pelos quadris com delicadeza, e gemeu; um gemido rouco e sensual que fez que todo o corpo da Nicole ardesse. Ver que ele reagia desse modo a animou a continuar.

A primeira noite que a beijou, Nicole descobriu que, se ela se apertava contra suas calças, ele a beijava com mais força. Arqueou-se contra ele e com o ventre lhe acariciou a virilha. Derek deslizou as mãos dos quadris para suas costas e a levantou até que seus corpos estiveram perfeitamente alinhados. Quando Nicole, por puro instinto, moveu-se para ele, Derek gemeu junto a seu pescoço acariciando-lhe com a língua, e aquela zona proibida que se movia junto à sua sem piedade se alagou de fogo líquido.

Então, lhe ocorreu uma idéia... Uma loucura. Descarada, deslizou as mãos que tinha pousado em seu torso para baixo. Acariciá-lo-ia nesse lugar para que ele a beijasse daquele modo tão intenso.

Mas em vez de lhe gostar de, como ela tinha esperado, ele pareceu doído e, sem duvidá-lo, capturou-lhe uma boneca.

— O que quer que ocorra aqui ?

Derek ficou atônito ante a resposta tão passional da Nicole. Acreditava que ela estava reagindo assim só para despistá-lo, já que era óbvio que lhe tinha mentido. Que ela estivera espiando o punha furioso, mas isso não impedia que a desejasse com loucura.

Entretanto, não queria que ela estivesse com ele sem desejá-lo com as mesmas vontades. Sem nenhum olhar, afastou esses pensamentos e voltou a beijá-la com força. Era incapaz de recordar nenhum outro beijo que lhe tivesse feito sentir de tal maneira. Por que lhes passava isso? Era porque com ela estava sóbrio, ou porque essa garota respondia a sua paixão como o fazia? Abraçando-se a ele com força e apertando-se contra seu corpo com todo seu ser.

Ante as carícias de sua língua, Nicole entreabriu os lábios saboreando-o, lambendo-o. Esses beijos o enlouqueciam. Com ela podia perder o controle, e com sua envergadura poderia lhe fazer dano sem querer. Afastou-se.

— Deus, o que me está fazendo? — balbuciou ele. Não podia entender nada do que acontecia, mas quando a olhou, e viu aqueles lábios recém beijados e suas pupilas dilatadas, decidiu que obteria que lhe desejasse e que esquecesse as circunstâncias que os rodeavam. Agachou-se e a agarrou em braços. Levou-a seu camarote e fechou a porta com a perna.

Quando a soltou na cama, Nicole se apoiou nos cotovelos para aproximar-se mais a ele, o que fez que seus seios se apertassem ainda mais contra o tecido de sua camisa. Derek a separou dele e a tombou na cama.

— Esta quieta.

Mas ela não fez conta. Quando ele se tirou a camisa, Nicole ficou de joelhos e começou a lhe percorrer o corpo com as gemas dos dedos; e cada músculo que tocava se estremecia a seu passo. Massageou-lhe os ombros e se incorporou um pouco para poder lhe beijar o torso. Derek levantou a cabeça de repente. Não pôde evitá-lo, precisava vê-la... Era como se lhe desejasse tanto que não soubesse nem onde estava. E, Deus, ele a desejava igual, maldita fosse, necessitava que ela não pensasse em nada que não fosse nele; cada segundo que passava perdia ainda mais o controle. De repente, deu-se conta de que não demoraria em averiguar se era verdade que Nicole ansiava tanto estar com ele como ele com ela.

Empurrou-a para o colchão e a manteve ali com uma mão posta com delicadeza sobre seu peito enquanto com a outra lhe tirava as botas. As calças foram às seguintes. Viu que ela se movia insegura ao ver como ele a despia e lhe sorriu sarcástico:

— Tem medo de que descubra que finge?

— Você... Você poderia fingir isto? — perguntou confusa.

Derek soltou uma maldição e se perguntou por enésima vez se dizia a verdade; essas palavras o faziam arder de ansiedade por estar dentro dela.

— Tire a camisa — lhe pediu, e ela obedeceu insegura. Por que duvidava agora, depois de tudo o que tinham estado fazendo? Acaso...? Então entendeu o que pretendia e ficou furioso. Seguro que estava

representando o papel de virgem insegura, pensou enojado. Malditas fossem as mulheres e seus absurdos jogos. Era impossível que uma mulher que respondia a suas carícias desse modo, e que tinha estado a ponto de deslizar as mãos dentro de suas calças, fosse virgem.

Deveria jogá-la dali imediatamente. Mas quando viu seus perfeitos e rosados seios soube que não poderia fazê-lo. Não até saber que sabor tinha.

Sentou-se na cama junto a ela e se tirou as botas e as calças; percorreu-lhe o corpo com o olhar até que, fascinada, deteve-se em seu sexo. Derek viu como o olhava; como se jamais tivesse visto um homem excitado. Só de pensar que uma mulher como ela, com experiência, pudesse fingir ser inocente... Maldição!

Conseguiria saber a verdade.

Derek deslizou a mão para seu peito e o acariciou com urgência. Nicole abriu os olhos, surpreendida, mas ele ignorou essa resposta e inclinou a cabeça. Juntou ambos os seios para assim poder lhe beijar os dois com um simples movimento de seu pescoço e entreabriu os lábios. Lambeu-os e beijou até que a pele da Nicole esteve toda molhada por suas carícias. Ela não deixava de mover-se, de aproximar-se dele, e de repente afundou os dedos em seu cabelo para aproximá-lo ainda mais dela.

Estava-o pondo louco. Ele jamais tinha reagido assim com nenhuma mulher. E ainda por cima, por algum motivo que já analisaria mais tarde, Derek se importava que ela gostasse; importava-lhe mais que qualquer coisa no mundo.

Com umas ânsias desconhecidas até então, Derek deslizou sua outra mão para o ventre da Nicole. Quando se deteve, justo antes de chegar a entre suas pernas, toda ela começou a tremer. Inclusive seus pequenos seios, que ainda brilhavam por seus beijos, oscilaram-se.

Os dedos dele dançaram para essa zona tão suave.

Úmida. Quente. Separou-lhe as pernas com cuidado e se ajoelhou entre elas lhe levantando os joelhos. Quando a teve aberta diante dele, deslizou devagar um dedo em seu interior. Nicole se esticou por completo. Tinha-lhe feito mal? Tirou o dedo, que apareceu completamente molhado. Voltou a acariciá-la e ela gemeu movendo a cabeça de um lado a outro. Fora... Dentro... Ela compassou seus movimentos aos de sua mão e Derek apertou os lábios. Estava tão escura...

Uma e outra vez, seu dedo entrava em seu interior, acariciando-a por dentro, incapaz de negar a paixão que sentia, incapaz de negar que morria por tocá-la. Necessitava-a mais que respirar. A cada carícia, Nicole lhe acelerava mais o pulso, e seus leves ofegos fossem aumentando. Estirou os braços por cima de sua juba e separou ainda mais as pernas. Estava muito perto.

Derek acrescentou um segundo dedo, alargando-a, e olhou fascinado como sua mão se aproximava e afastava de seu corpo. Nicole gemeu e se incorporou de repente, com as pernas separadas arqueando as costas para trás. Deliciosa.

Toda ela o envolvia com força e Derek a levou até o final para ver como a fascinação e a surpresa se desenhava em seu rosto.

Uma surpresa que também sentiu ele, pois ali, junto à gema de seus dedos, residia intacta sua virgindade.

Nicole se estava recuperando da que tinha sido a experiência mais incrível de toda sua vida. Queria saboreá-la, encerrá-la para sempre em seu coração. Pela primeira vez desde fazia muitos meses, sentia-se lânguida e relaxada. Queria desfrutar daqueles momentos de paz tão distintos às tensões que estavam acostumados a dominá-la, mas depois de ver como o rosto do Sutherland passava da surpresa à fúria em questão de segundos, foi impossível obtê-lo.

— Explique-se.

Talvez seu tom de voz deveria preocupá-la, mas ainda estava nas nuvens, e ela só tinha vontades de acariciá-lo, de lhe agradecer, de lhe devolver seu gesto. Fascinada, acariciou-lhe o belo do torso, e quando ele se esticou ao contato de sua mão, Nicole não pôde evitar sorrir. Tinha que apontar-se que isso gostava,

Derek a agarrou pelos braços com os olhos cheios de fúria.

— Basta! Que classe de armadilha é esta?

— Armad... armadilha? — gaguejou ela obrigando-se a sentar-se direito.

Ele voltou a lhe acariciar os seios com o olhar, mas de repente a soltou.

— Cubra-se.

Nicole se cobriu até o queixo com o lençol. Ia acabar com aquele mal-entendido nesse mesmo instante, contar-lhe-ia a verdade e lhe advertiria que fosse com cuidado, pois talvez ele também fosse ser vítima de uma sabotagem. Dir-lhe-ia isso e se iria. Estava pensando como começar quando ele a deixou gelada ao dizer:

— Uma sedutora virgem. Duvido que estivesse disposta a se prostituir só para tirar seu pai do cárcere.

Essas palavras lhe doeram, mas lhe doeu ainda mais ver como ele a olhava com tanto ódio.

— É por isso pelo que estava tão... Disposta... Porque queria apanhar a um conde? — perguntou Derek sarcástico e doído.

Apanhar a um conde? De que diabos estavam falando? Acaso acreditava que tinha aceitado suas carícias para que ele tivesse que casar-se com ela? Ela nunca faria algo tão ruim. Nicole sempre tinha sabido que se alguma vez se casasse, ia ser um matrimônio desgraçado com alguém escolhido por sua avó.

Ao parecer, seu silêncio o enfureceu ainda mais, porque a agarrou pelos ombros e acrescentou:

— Perguntarei isso só uma vez mais e vai responder — marcou cada palavra —. O que...? —Um golpe seco o interrompeu.

Nicole levantou a cabeça e viu, atônita, como Derek fechava os olhos de dor antes inclusive de que se desse conta do que estava acontecendo.

CAPÍTULO 08

— Por Deus, Chancey, você o matou! — gritou Nicole cobrindo-se ainda mais com o lençol. Não demorou nem um segundo em levantar-se e ir junto a onde Derek jazia derrubado e aproximar sua cabeça a seu peito para assegurar-se de que estava bem.

— E por que deveria te importar isso? — perguntou Chancey, que sujeitava ainda o porrete com a que tinha golpeado a cabeça do Sutherland.

— Pois porque me importa — respondeu com estrangulado sussurro, lhe acariciando a frente e procurando alguma ferida entre sua juba. Por sorte, respirava bem e de um modo regular —. Não quero que morra... Não quero que morra ninguém — se corrigiu ao ver a cara do irlandês —. Isto não é o que parece — disse, suplicando não ruborizar-se por causa da vergonha que sentia.

Chancey acariciou o porrete.

— Ah, assim pretende que eu acredite que está na cama do sedutor mais famoso de Londres e que não é o que parece? — Olhou ao Sutherland de um modo sinistro —. Me diga o que te tem feito e seguro que darei com o modo mais adequado de lhe matar.

— Não! — Nicole se tornou em cima de Derek —. Fui eu... Eu vim a seu quarto e... Seduzi-lhe.

— Sério? — burlou-se o homem, mas ao menos se sujeitou o porrete ao cinturão.

Nicole tinha que encontrar o modo de afastar ao furioso Chancey do Derek, que seguia inconsciente.

— Eu... Tenho que me vestir. — Chancey se deu a volta ao segundo e, para trocar de conversação, Nicole perguntou —: Como soubeste onde me encontrar? Como conseguiste esquivar a seus guardas?

— Tinha o pressentimento de que não podia confiar em ti, assim vim a ver. Seus guardas... Digamos que seguiram o mesmo caminho que seu capitão — respondeu satisfeito.

— Oh — foi a única coisa que Nicole conseguiu dizer. Colocou sua camisa e, com o lençol, cobriu o torso e as pernas do Sutherland.

— Depressa — disse Chancey —. Temos que ir antes que apareçam mais de seus homens, e necessito tempo para fazer tudo o que tenho em mente.

— Nem pensar, espera um segundo — a objetou e foi procurar um travesseiro para que a cabeça do Derek descansasse com maior comodidade —. Escute-me. Digo-te a verdade. Eu lhe busquei. Sabe que não minto. Quando te menti? — perguntou furiosa às costas de seu enorme amigo, que se negava a olhá-la —. Quando não fui honesta contigo?

— Pois, por exemplo, quando me jurou que não voltaria a escapar do colégio. Ou quando me disse que todos esses bolos os tinham comido o cozinheiro. E esta mesma noite, quando deste por resolvido este tema — respondeu ele, deixando claro quão decepcionado estava.

— Era... Era importante que viesse aqui a averiguar o que sabia. Queria me inteirar de se sabia algo sobre o Tallywood, já sabe, seu principal suspeito — explicou ela incômoda enquanto seguia vestindo-se.

Para ouvir essa desculpa tão má, Chancey riu. A própria Nicole teve que reconhecer o pouco verossímil que era tudo o que dizia. Tinha atuado mal.

— Está bem — admitiu entre dentes —. Mas tem que acreditar que agora te digo a verdade.

Golpeou o chão para ficar bem as botas e Chancey se deu a volta para olhá-la.

— Tenho que reconhecer que não parece que toda a culpa seja do Sutherland. Você é muito lisa, e vieste aqui só em plena noite. Seguro que o muito canalha pensou que foi uma prostituta.

Nicole se levantou e o olhou aos olhos:

— Eu queria fazê-lo, Chancey — disse sem duvidar um instante —. E não me arrependo. — Não, não se arrependia. Sutherland lhe tinha feito um presente, apesar de que com suas palavras e sua ira a tivesse ferido, Nicole não trocava essa noite por nada do mundo.

Por fim, o irlandês soltou um suspiro e se relaxou.

— Está bem, deixar-lhe-ei viver, por agora... — levantou uma mão para impedir que dissesse algo —, mas só se casar com ele.

“Se casar com ele?”, repetiu Derek mentalmente ao recuperar o sentido. mordeu-se a língua para não soltar uma maldição e controlar de uma vez o retumbar de sua cabeça. Entreabriu os olhos e tentou não gemer de dor, pois sabia que o mais pequeno ruído captaria a atenção do gigante que havia em sua cabine e que fazia uns minutos o tinha nocauteado.

Quando por fim conseguiu enfocar a vista, voltou a sentir uma pontada de dor. O gigante lhe dava as costas, assim que quão único Derek podia ver eram seus enormes braços. Mas a julgar por seu tamanho, tinha que ser o mesmo homem que tinha acompanhado a Nicole ao cárcere. Derek era também corpulento, mas aquele tipo o era mais que ele.

E Nicole... a diminuta Nicole lhe plantava cara e sacudia a cabeça deixando claro que não pensava casar-se com o Derek.

— Comprometeu-te. Inclusive seu pai querará que se case com ele, Nic.

— Com o Sutherland? Pensa um pouco no que está dizendo — replicou incrédula —. Além disso, papai não tem por que inteirar-se.

— Já sabe que o contarei, pequena.

Nicole empalideceu e o gigante se encolheu de ombros. De repente, aproximou-se dela e com uma de suas enormes mãos lhe acariciou a cara. Com as cabeças assim inclinadas, Derek logo que podia escutar o que diziam. Por fim, o homem se afastou.

— Pôde inspecionar todo o navio?

“Todo o navio?”

— Sim.

— E?

— E vi tudo o que queria ver. Pode riscar o Sutherland da lista.

“De que maldita lista estavam falando?”

— Não posso dizer que me alegre que tenha vindo, mas ao menos serviu para algo — disse Chancey detrás suspirar aliviado —. Ainda estamos a tempo de salvar a situação. Temos que ir a nosso navio e retornar com mais homens antes que a tripulação deste crápula retorne. Se for necessário, obrigar-lhe-ei a que se case contigo.

Derek deduziu que ele sabia que ela ia opor-se porque, antes de lhe dar nenhuma opção, acrescentou:

— Se quer discutir, faça-o no caminho. Mas lhe advirto isso, Nic, aconteça o que acontecer, casará com este tipo... Depois do que te fez.

Por que não deixava de negar com a cabeça? Por que estava tão decidida a enfrentar-se a aquele gigante e lhe convencer de que não queria casar-se com ele? Derek não conseguia entender a reação da Nicole e estava tão assombrado que, quando ela baixou o olhar para o chão para olhá-lo, teve problemas para ocultar que estava acordado. Mas a verdade era que a via tão preocupada que duvidava que se desse conta que havia tornado em si. Nem ficando em pé obteria que lhe prestasse atenção. Ela odiava a idéia de casar-se com ele.

Como se ele fosse casar-se com uma garota como ela. “Maldita seja, o que tem de mal casar-se comigo?” Muitas mulheres tinham tentado lhe apanhar, se desesperam por ter a honra de converter-se em sua esposa, e inclusive uma, pensou Derek com amargura, tinha-lhe tendido uma armadilha para obtê-lo.

Mas Nicole não. Aquela garota miúda ficava furiosa só de pensá-lo. Algo não funcionava bem. Não tinha sentido. Desde não ser por aquela horrível dor de cabeça segura que conseguiria entender o que acontecia encontrar um pouco de lógica no comportamento da Nicole.

— Chancey — disse ela em voz baixa —, pela última vez. Não penso me casar com ele. É um inútil, um bêbado e... Não... Não sabe tratar às mulheres. Quer-me atar por toda a vida — lhe assinalou com cara de asco — a alguém assim?

“Ah, Chancey é como seu tio... Um momento! Que diabos acaba de dizer?” Derek podia sentir como a fúria crescia em seu interior. Ele não era um inútil, nem um bêbado! E sabia tratar às mulheres! Mas uma pequena parte dele teve que reconhecer que, se não lhe tivesse deixado **KO**, essa noite tinha estado a ponto de perder o controle.

Ainda sim, não podia acreditar no que acabava de ouvir. Por isso o tinha cuidadoso daquele modo no Sereia? De verdade o via assim? Como a um bêbado?

De repente, sentiu-se envergonhado. Uma vergonha que não havia sentido jamais, crua, violenta e que não gostou absolutamente. Maldita fosse. Teve que controlar-se para não levantar-se e sacudi-la até que retirasse o que havia dito.

Em vez disso, optou por olhá-la em segredo e observar embevecido como se enfrentava com dignidade a aquele velho lobo de mar.

— Chancey — disse —, temos que ir daqui agora mesmo. Você sabe de sobra que eu já não sou livre de fazer o que quiser, e que minhas promessas não incluem a ele. Vamos e lhe deixemos em paz.

O velho duvidou um instante, mas detrás sacudir a cabeça se aproximou da porta. Teve que agachar-se para sair e, justo antes que o fizesse, Derek acreditou ouvir que dizia que se alegrava de que ela houvesse tornado.

Tratou de levantar-se, mas como não podia centrar a vista, voltou a derrubar-se. Essa noite não poderia lhes seguir, mas não importava. Já lhes faria pagar por isso mais tarde.

Consegui-lo-ia, embora morresse tentando. Demonstrar-lhe-ia que ele não era nada de todo isso que havia dito. Como era? Ah, sim! Que não sabia tratar às mulheres! Deus santo, obteria que lhe suplicasse.

Zangado como estava, tratou de levantar-se de novo, mas estava fraco como um bebê. Doía-lhe muito a cabeça, e embora não podia deixar de pensar na Nicole, seus pensamentos eram caóticos e desordenados...

Ouviu uns passos e fechou os olhos. Nicole.

Que retornasse não conseguiu lhe esclarecer nada. De fato, seguro que estava sonhando, pois ela voltou a entrar na habitação e o cobriu com uma manta. Era impossível que fosse verdade... Nicole se agachou junto a ele para lhe acariciar com cuidado a cabeça e, depois de lhe dar um beijo, sussurrou junto a seu ouvido:

— Obrigado por esta noite.

Logo se incorporou e desapareceu.

Sessenta horas. Faltavam sessenta horas para que começasse a grande corrida e Derek não tinha nem idéia de onde se colocou Nicole. Ao ver que nem ele nem sua tripulação conseguiam dar com ela, decidiu que não zarparia. Nem louco ia passar sete meses sem resolver aquela situação entre os dois.

Depois de não dar com ela na Bela Nicola, Derek ordenou a seus homens que a buscassem por todo o porto. Inspeccionou cada botequim, cada hospedaria e ofereceram substanciosos subornos em troca de informação, mas nada.

Esfregou-se o nariz e desviou a vista para sua escrivaninha. Dizer que estava obcecado com ela era pouco, o certo era que o tinha cativado por completo. Apoiou-se no respaldo da cadeira e, por enésima vez, recordou o que aconteceu aquela noite. Ele a tinha acusado de querer obrigá-lo a casar-se com ela, e embora ele assim acreditasse, ela o tinha negado com convicção. E tudo o que tinha acontecido antes tinha sido maravilhoso.

Maldição! Nada ganhava revivendo essa noite. Como sempre, ao lembrar do poderoso orgasmo da Nicole entre seus braços se excitou até lhe resultar inclusive doloroso. Lembrou-se de que aquele homem o tinha

deixado inconsciente, mas também pensou que a doçura daquele último beijo tinha feito que merecesse a pena. Tinha-lhe dito obrigado. E logo tinha desaparecido.

Era muito. Derek começava a acreditar que o tinha inventado tudo, mas de uma vez lhe parecia que ainda nesse instante podia cheirar seu aroma em seu camarote ou recordar o sabor de seus lábios. À exceção do abrupto final, morria de vontades de repetir a cena.

Podia entender que Chancey o tivesse golpeado, mas isso não significava que gostasse que ele e seus guardas tivessem recebido uma surra em seu próprio navio. Por não mencionar o resto do que tinha acontecido. Necessitava saber de que lista falavam e por que Nicole tinha inspecionado seu navio. Nicole, a filha de seu pior inimigo, as suas largas por ali era uma catástrofe difícil de prever. E muito mais sabendo que tinha um plano. Tinha que encontrá-la e falar com ela.

Quando se foi do salão deixando-a sozinha, nem lhe passou pela cabeça que pudesse sair dali. A ele nunca ninguém desobedecia, ao menos não de propósito. Mas assim que ele foi enfrentar se com a Lydia, que exigia uma vez mais dinheiro a gritos, aquela garota tinha aproveitado a oportunidade.

Até a aparição da Lydia, Derek tinha estado tão ocupado pensando na Nicole que nem sequer se acordou daquela bruxa... Apesar de que levava anos lhe amargurando a vida.

Alguém bateu na porta e o tirou de seus pensamentos.

Derek deu permissão para que entrassem e se surpreendeu ao ver que Grant, seu irmão mais novo, estava em pé junto à porta.

Ou melhor dizendo, inclinado para passar por ela. Como que não se deu conta antes do muito que tinha crescido naqueles últimos quatro anos? Grant sempre tinha sido corpulento, mas agora, com vinte e oito anos, era impressionante.

Tinha os olhos azuis em vez de cinzas, como Derek, e a diferença de este, seu rosto não estava marcado pelo ressentimento. Fisicamente eram muito parecidos, mas suas personalidades não tivessem podido ser mais diferentes. Enquanto que Derek parecia lhe encantar ser um irresponsável crápula só interessado em si mesmo, Grant se tinha convertido em um pilar da comunidade e, igual a seu pai o conde, era muito reservado. Mas Derek ainda podia recordar que, de pequeno, Grant tinha um excelente senso de humor, e uma especial tendência a meter-se em confusões.

— Bom dia. — Grant se sentou na cadeira que havia frente à escrivaninha e Derek sentiu todo o poder que emanava de seu irmão. Para compensar, apoiou-se ainda mais no respaldo e levantou os pés para logo descansá-los em cima da mesa.

Derek sempre tinha querido a Grant, mas ainda lhe ardia que o tivesse visto em tão mal estado a outra noite. Não respondeu a sua saudação.

— E agora o que acontece, Grant?

Este percorreu com o olhar a escrupulosamente ordenada habitação e tomou fôlego.

— Bom, queria falar contigo antes que partisse, mas o outro dia foi de casa quando eu ainda não me tinha despertado.

— Fala pois.

— De acordo. — Grant se inclinou para frente e perguntou cauteloso—. Ouviu falar de lorde Belmont?

Isso conseguiu captar a atenção do Derek, que também se incorporou um pouco antes de responder:

— Todo mundo ouviu falar desse velho louco. O que acontece ele?

— Esta semana veio para ver-me. — Grant tomou ar —. Fez-me uma interessante oferta para que procurasse a sua família.

— Deus santo. — Derek sacudiu a cabeça —. Só foi a verte porque todos os capitães de navio de Londres já se negaram a ajudá-lo em sua loucura. Eu inclusive. Joguei-o daqui sem nenhum olhar. — Derek observou o rosto impassível de seu irmão —. Que diabos ofereceu? Em sua busca deve ter perdido já a metade de sua fortuna.

— Se tiver êxito — respondeu Grant à defensiva —, a sua morte herdarei Belmont Court.

Derek soltou um assobio de surpresa:

— Começa a estar desesperado.

Havia rumores que já tinha tentado vender Belmont Court, o único imóvel não ligado a seu título, para seguir financiando sua larga busca.

Derek acreditou que essa conversa bem se merecia ser molhada em álcool e se levantou para agarrar a garrafa de brandy. Assinalou uma taça ao Grant para lhe perguntar se também queria. Grant declinou o oferecimento com um brusco movimento de cabeça. Apesar de que não eram nem as doze do meio-dia, não lhe surpreendeu ver que seu irmão maior se servia uma generosa taça.

— Não pode tomar o a sério — disse este antes de retornar à escrivaninha.

— Bom, disse-lhe que não — reconheceu Grant —. Mas logo comecei a pensar que se queria fazê-lo tampouco poderia.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Derek —. A metade da naval Peregrine é tua. Sabe que pode ir aonde te agrada.

— Não, não posso — o interrompeu Grant —. Estou muito ocupado cuidando de Whitestone e de todos seus imóveis abandonados.

— Isso é ridículo. Meu administrador...

— Ao que despedi faz vários meses; não só porque o roubava quantidades nada desprezíveis, mas também porque abusava de seus arrendatários — o cortou furioso —. De não ser por eles, por seus arrendatários, não teria me intrometido.

Derek ficou calado. Não pelo que lhe havia dito de que seu administrador lhe roubava, mas sim porque Grant tinha impedido sua bancarrota. Bebeu um bom gole.

— Por que não me inteirei de nada disto tudo?

Grant lhe assinalou a pilha de correspondência que levava meses sem abrir e que descansava em cima de sua escrivaninha.

— Mandei um montão de cartas. Seguro que se incomodasse em abri-las verá que consegui que lhe chegassem ao navio em mais de uma ocasião.

Derek lutou por não ruborizar-se.

— Sim, bom, agora me lembro de que recebi alguma carta sua e que não tive tempo de respondê-la.

Grant se encolheu de ombros.

— O que quero dizer é que se eu não tivesse estado aí para cuidar de tudo enquanto você desaparece, agora teríamos um problema. E já estou cansado. Não me criaram para me administrar Whitestone.

— E a mim tampouco, maldita seja! — gritou Derek. Já fazia anos da morte de seu irmão maior, mas ainda lhe custava aceitar que William não estava e que agora toda a responsabilidade recaía sobre seus ombros.

— Não me pertence — disse Grant controlando o tom de voz —. Whitestone não é minha. Eu quero ter meu lugar. Quero me lavar um futuro. Você não pode entender quão duro é trabalhar dia e noite para algo que sabe que jamais te pertencerá.

— O que quer dizer com que “jamais te pertencerá”? Você é meu maldito herdeiro. Todo que é meu é teu. E ao já que não viverei muito...

— Algum dia terá um filho — disse Grant tranquilo, mas completamente convencido.

Derek apertou a taça com tanta força que os nódulos lhe puseram branca.

— Eu jamais terei um filho. Já falamos sobre isto. E sabe que não acontecerá.

Grant se passou as mãos pela cara. Lhe via tão cansado... A ponto de perder o controle.

— Eu não quero que seja assim. Eu queria trabalhar na naval, mas como você ocupou o que se supunha que ia ser meu lugar, agora isso é impossível.

— A metade da companhia é minha.

— Mas lembra do por que a fundamos faz anos. Ambos aprendemos a navegar para que, tanto você como eu, tivesse um modo de ganhar a vida quando William herdasse o título. Agora o título é teu. Embora, depois de Lydia, você estava muito... — Grant se deteve, incômodo —. Bom, digamos que eu me encarreguei de tudo. Mas, maldito seja, isso foi há anos. Já teve tempo de sobra para aceitar a situação. E minha vida não pode seguir esperando e quero que você encontre um substituto.

Derek nunca o havia pensado desse modo. Ele sempre tinha assumido que, afastando-se dali, o fazia um favor ao Grant e a todos outros. Ele se tinha mantido à margem de todos os assuntos familiares porque seu irmão os dirigia à perfeição.

Derek entendeu que não era justo que Grant tivesse que cuidar do que em princípio correspondia a ele. Mas nesses momentos não podia pensar nisso. Além disso, Grant sabia que não devia mencionar a Lydia nem William ao falar com ele.

— Vá para o inferno, Grant. Tenho outros planos. E me importa uma merda o que passe enquanto eu não esteja. Ninguém o obriga a ficar.

Antes de apartar a vista, seu irmão o olhou decepcionado. Resignado, levantou-se e caminhou para o olho de boi, ante o que se deteve para estudar a atividade portuária. Derek não era nenhum parvo. Sabia que fossem seguir falando do tema; seu irmão só se deteve um momento porque o incomodavam as cenas dramáticas.

— Ao menos — disse Grant trocando de tema —, alegre-me que tenha decidido participar da corrida. Necessitamos esta vitória. — Voltou a olhar ao Derek —. De verdade que a necessitamos. Nossa reputação está em interdição, e a de quem não o estaria depois de perder doze carregamentos no último ano? Mas apesar de tudo você seguia aceitando as missões mais arriscadas. Se por acaso não te desse conta, ficamo-nos sem vários clientes.

— Pois claro que me dei conta — disse Derek tenso. Sabia perfeitamente. Os contratos das navais dependiam de sua reputação, e perder um navio a danificava irreparavelmente.

— Se Lassiter ganhar a corrida, sua companhia se estabilizará e não terá nenhum problema em ocupar nosso lugar no mercado.

— Jamais permitirei que isso ocorra.

Grant franziu o cenho.

— Por que diabos lhes odeia tanto?

Derek bebeu um sorvo enquanto considerava como responder.

— Odeia-me porque é um ianque com aversão à nobreza; todo esse palavrório de que um homem tem que lavrar um futuro com suas próprias mãos. — Ao ver que Grant havia dito o mesmo, olhou-o, mas ignorou a expressão que viu em seu rosto —. Diz a tudo o que queira lhe escutar que eu me encontrei isso tudo feito, enquanto que ele o ganhou com o suor de sua fronte.

— Você sabe que isso não é certo — replicou Grant—. E você? Por que lhe odeia?

— Desses doze carregamentos que perdemos e que você mencionou, ele tem a culpa ao menos de quatro.

Um golpe na porta lhes interrompeu.

Derek deu permissão para entrar e Jeb apareceu dizendo:

— Capitão, vieram nos entregar um montão de comida, e queria me assegurar de que não a armazenem no navio até que estejamos seguros de partir.

Fosse o que fosse o que Grant viu no rosto do Derek o pôs furioso, porque apertou os punhos e disse:

— “Seguros de partir”? Maldito seja! — gritou —. É que ainda não tem as provisões?

Jeb decidiu aproveitar o momento para escapulir-se:

— Sinto muito, capitão — disse fechando a porta atrás dele.

— Acalme-se. É obvio que vamos partir — disse Derek —. Mas ainda não. — Ao ver que seu irmão não lhe acreditava começou a lhe contar o que tinha passado com Nicole.

— Derek, acredita que sou tolo? — perguntou Grant quando acabou de escutar a história—. De verdade espera que me acredite que está procurando por uma garota? E que além disso é a filha do Lassiter?

— É verdade. Para mim é muito importante. — Voltou a beber —. É óbvio que não se inteirou que Lassiter está preso. E permanecerá ali até o final da regata. Sem ele, o Southern Cross não tem rival. — Enquanto esperava a que Grant absorvesse aquela informação, Derek continuou —: A que vêm tantas pressas por que zarpe hoje? Acaso perderemos mais clientes? E se isso ocorre, você sabe tão bem como eu que nossa economia nem sequer se cambaleará um pouco.

Grant se levantou ameaçador por cima da escrivaninha.

— É que já não fica nenhum pinga de orgulho? Peregrine-a poderia ser a naval mais importante de todo o Império britânico, íamos caminho de sê-lo. Mas logo uma mulher te esmagou e se supõe que a companhia tem que seguir o mesmo caminho? — Grant lhe atravessou com o olhar —. Me alegrarei se esse americano nos joga do mercado. O merece.

— Está indo muito longe...

— Sabe perfeitamente que tenho razão. E o que passará com a gente que trabalha para nós? O que acontecerá eles? Com as famílias dos marinheiros? Não tem nem idéia do orgulhoso que me sentia cada vez que a naval chegava a outro porto, que conquistava outra cidade. Agora, sem te importar o mais mínimo, você sozinho te está encarregando de destroçar o único que me fazia feliz.

Só com o fim de irritar mais a seu irmão, Derek se encolheu de ombros.

Grant respirou fundo e trocou de tática.

— Talvez você seja capaz de dar as costas a todos os que lhe rodeiam, mas o resto da família não está disposta a fazê-lo.

— Ah, assim que se trata disso? — espetou-lhe Derek — Do que pense a alta sociedade? Agora o entendo, você e nossa mãe lhes passam horas com gente como lady Sarah, escutando as desventuras do pobre bêbado. Falam de mim? De como envergonhei faz já anos à família ao começar a trabalhar?

Ambos se olharam nos olhos, nenhum deles disposto a retroceder.

Com olhar frio como o aço, Grant disse:

— Se não zarpar você, fá-lo-ei eu.

Derek soube aonde queria chegar seu irmão. Sim, se este ficava ao mando do Southern Cross, ele poderia ficar para procurar a Nicole. Mas então também teria que ocupar-se de seus negócios.

— Esquece. Eu Farei — disse—. Quando quiser.

Grant o olhou furioso, e Derek desejou lhe haver provocado o bastante como para que lhe golpeasse. Mas o legendário auto-controle de seu irmão mais novo fez ato de presença. Seu famoso e maldito auto-controle. Grant se tranqüilizou, mas disse implacável:

— Ao que parece, vai permitir de novo que uma mulher te faça pedacinhos. Só que desta vez vai arrastar a todos contigo. — encaminhou-se para a porta, mas se deteve um instante —. É o homem mais egoísta que tive a desgraça de conhecer. E que seja meu irmão só faz que resulte ainda mais doloroso.

CAPÍTULO 09

— Chancey, trata de relaxar.

— Não quero ficar aqui nem um segundo mais — balbuciou ele sem deixar de olhar por cima do ombro e estudar o palaciano salão da avó da Nicole. Embora nada se movesse de lugar nos segundos últimos, a cara do marinheiro refletia cada vez mais preocupação.

Nicole sacudiu a cabeça.

— E acredita que eu sim? — Quando Sutherland começou a pôr patas atraca o porto buscando-os, esse tinha sido o único lugar onde tinham podido refugiar-se. Não podiam ficar no caís, e muito menos no navio —. Por muito que olhe esses vasos, não desaparecerão.

O irlandês franziu o cenho. Nicole nunca tinha visto ninguém ficar tão incômodo. Não podia deixar de atirar do pescoço de sua camisa. A marquesa, que o assustava inclusive mais que os objetos de decoração de sua mansão, submetia-o a um estrito código indumentário, mas era quase impossível encontrar roupa para um homem tão grande. Apesar disso, a velha harpia não trocou de opinião. Se fosse ficar em sua casa e não queriam utilizar as instalações do serviço, tinham que vestir-se de um modo apropriado.

Chancey ficou em pé de repente.

— Irei falar com ele.

Nicole suspirou fundo e jogou com a toalha que havia na mesinha.

— Já o discutimos. A última vez que alguém foi falar com o Sutherland, acabou no cárcere por tempo indefinido! — esforçou-se por baixar o tom de voz —. Não posso correr o risco de perder a você também. Prefiro que siga sentindo-se desgraçado aqui comigo. Além disso, pensa, aqui estamos a salvo. O Sutherland nunca pensaria nos buscar em um lugar como este.

— Não penso seguir me escondendo. E esse canalha tem que pagar pelo que fez a você.

— Pelo que me fez? — gritou Nicole vigiando que ninguém os estivesse escutando —. Pela última vez, não passou nada. E embora assim fosse, de verdade quer que me passe a vida junto a um crápula como ele?

Chancey apertou os lábios e olhou para o teto antes de responder.

— Não. Vais cumprir a promessa que fez a sua avó e vais casar te como corresponde a alguém de sua classe.

— Exatamente. — Tinha decidido enfim fim cooperar?

— Mas mesmo assim..., eu não gosto de não contar a seu pai.

Seguiam discutindo sobre a conveniência de contar a seu pai o que tinha passado no navio do Sutherland. Nicole tinha conseguido convencer ao marinheiro de que seu pai perderia os nervos ao não poder enfrentar-se ao Sutherland. E o que passaria quando conseguisse dar com ele no futuro? Seguro que essa vez acabariam matando-se.

Já tinham muitos problemas. Com Sutherland, antes que Chancey lhe deixasse KO², já estava zangado com ela, e tudo porque acreditava que tinha tramado todo aquilo para casar-se com ele. Seria arrogante! Nicole morria de vontades de lhe gritar à cara que o inferno se congelaria antes que ela quisesse se casar com ele, e que Chancey só tinha tentado protegê-la. Tal como dizia este último, “só lhe tinha dado um golpezinho de nada”.

E, por culpa dele, tinham tido que esconder-se no mais profundo de Londres, bom, no Mayfair. Inclusive visitar seu pai se converteu em uma aventura, pois os homens do Sutherland não deixavam de vigiar o cárcere.

Estava furiosa com ele. Então, por que não podia deixar de pensar nas horas que tinham estado juntos? Por que seguia sonhando com elas cada noite?

Chancey, fiel ao estilo desajeitado, tinha tentado convencer-la de que não merecia a pena pensar nele. Mas o que lhe tinha contado lhe tinha chegado à alma. Ela já sabia que Sutherland era um sedutor, mas para ela, seus beijos, e aquelas carícias tão íntimas, tinham sido... Especiais.

Para ele só tinha sido uma noite mais. Nicole só era uma conquista mais a que se gabar...

Chapman abriu a porta do salão e interrompeu seus pensamentos.

— Sua avó quer saber — disse desculpando-se — por que ordenou que preparassem uma carruagem.

— Vou ver meu pai.

Chapman assentiu sério.

— Se for assim, tenho ordens de lhe dizer que diga ao chofer que lhe espere no estábulo.

Nicole ficou muda durante uns segundos e Chapman tossiu para dissimular o ataque de risada.

— Lhe diga que a próxima vez lhe pedirei que assim seja. E obrigado — gritou ao mordomo quando este já saía do salão. Nicole começou a brigar com o denso e muito caro véu que levava cada vez que ia ver seu pai. Nenhum dos homens do Sutherland suspeitaria jamais que atrás daquelas roupas tão caras se escondia ela.

— Escuta Chancey...

— Christina Banning! — gritou sua avó da porta, com as saias negras ainda bamboleando-se a seu redor. Toda ela emanava fúria e, apesar de ser uma mulher pequena, parecia bloquear a saída por completo.

² **K.O.** é uma sigla muito usada em jogos de luta pra mostrar quando um round ou luta esta acabado ou simplesmente quando você morre. Ela significa vc está fora!

— Meu nome é Nicole Lassiter. — Tinham discutido sobre isso um milhão de vezes. Sua avó queria que Nicole utilizasse seu outro nome e o sobrenome de solteira de sua mãe para que, até que estivesse casada, ninguém relacionasse que a filha do Jason Lassiter era a neta da Evelyn Banning.

A anciã cerrou os olhos; Nicole soube então que a batalha estava a ponto de começar. Por estranho que parecesse, começavam a gostar desse tipo de encontros.

— Se não pode cumprir com as mais mínimas normas de comportamento, não se incomode em voltar. Ninguém querará casar-se contigo; não importará quão bonita seja ou quão impressionante seja seu dote, ninguém querará a uma mulher com seu passado.

— De verdade acredita que sou bonita? — perguntou Nicole com um sorriso irritante em meio da cara. Sua avó a ignorou.

— É melhor que ninguém saiba a verdade. Passei-me vinte anos ocultando a vida que levava. Nicole Lassiter é um marinheiro; em minha casa é Christina Banning.

Passaram-se um par de minutos discutindo sobre essa questão, até que a marquesa disse:

— Me escute bem, pequena. Tudo isto não o faço por mim. Faço-o por você! Não querará entrar em meu mundo com uma mão atada às costas. — Fulminou ao Chancey com o olhar e saiu da sala.

Este sacudiu a cabeça com os olhos abertos como pratos.

— Já sabe o que sempre digo sobre você: tem mais valentia que cérebro. Essa mulher é uma bruxa.

Chancey era muito infeliz em Atworth e já não podia suportar mais a constante censura da marquesa. Entre a promessa de ocultar de seu pai o que tinha passado aquela noite, feito que se assemelhasse muito a mentir, sua paciência se estava esgotando. Mas essa tarde, enquanto visitava seu pai, foi a paciência de Nicole que acabou. Tudo começou quando seu pai lhe disse que não o soltariam a tempo para poder participar da corrida.

— Assim o Bela Nicola não vai participar da maior regata de todos os tempos? — Só de pensar nisso tinha vontades de chorar. Olhou a ambos os homens. Deu-se conta de que o Chancey estava a ponto de explodir.

Este olhou nervoso ao pai da Nicole e logo voltou a olhar a ela.

— Sim vai participar. Seu pai e eu decidimos zarpar sem ele. Jason se deixou a vida levantando a companhia como para agora deixá-la morrer por uma tolice como esta. Eu capitanearei o navio.

Nicole o olhou aos olhos.

— Você não tem título para navegar. — Chancey era um marinheiro nato, mas não tinha o título de capitão porque não sabia ler nem escrever.

— Tenho experiência, e encontrarei a alguém que me ajude no que me faça falta.

— Alguém como eu — disse ela arrogante, como se essa fosse a conclusão mais lógica.

— Esqueça, Nicole — disse Lassiter.

— E quem confeccionará as cartas de navegação? — perguntou exasperada.

Ambos ficaram em silêncio.

— Quem?

— Chancey e eu já falamos sobre isto. Terá que se bastar com o Dennis.

— Dennis! — exclamou Nicole com a imagem do jovem timoneiro do navio na mente —. Não pode estar falando sério. Mais vale que tenha melhorado muito da última vez que o vi ou o navio está condenado a ir à deriva. Tem que haver alguém mais, talvez alguém de nossos outros navios.

Lassiter se levantou e começou a caminhar de um lado ao outro.

— Não, todos nossos navios estão navegando. E todos navegadores que valham a pena já estão contratados.

— Papai, você sabe que eu sou muito melhor que Dennis.

— Não tenho nenhuma dúvida.

— Então, por que não posso ir?

— Porque é minha filha, e a regata transpassa os mares mais perigosos do mundo!

— Mas papai...

Apesar de que Nicole passou das súplicas às ameaças, ambos permaneceram impassíveis. Ia ficar com sua avó e Chancey partiria com o resto da tripulação.

— De verdade não vais trocar de opinião?

Jason apertou os lábios com força.

— De verdade.

Desde tão frustrada como se sentia Nicole não sabia se chorava ou gritava. Não ia convencê-los. E para alguém que estava acostumado a sair-se com a sua isso era como se o mundo tivesse trocado de eixo.

— Logo que saia daqui te levarei a algum lugar bonito — lhe prometeu Lassiter carinhoso —. Poderíamos ir a Connecticut e ficar no Mystic, você gostaria de passear por seu antigo bairro?

— Só vivemos ali uns poucos meses. A Bela Nicola é meu antigo bairro.

Jason suspirou fundo.

— Tenha um pouco de paciência, Nic. Só ficarão uns poucos dias mais em casa de sua avó, prometo-lhe isso.

Nem ele mesmo sabia quão certo eram essas palavras.

— O advogado acredita que em uma semana estarei livre — comentou otimista.

— Por que não iniciou nenhum procedimento?

Ambos voltaram a ficar calados.

— Por que, papai?

— Porque alguém poderia inteirar do motivo da briga — disse ele ante seu olhar atônito —. É só uma semana.

Seu pai permanecia encerrado ali por ela. “OH, papai.”

— Não é nada, sério. E não pode dizer que esteja muito incômodo.

Assinalou com a mão o interior de sua cela.

A verdade era que o lugar não tinha má pinta. Como uma mamãe galinha, Nicole a tinha cheio de mantas, travesseiros e tapetes que tinha saqueado da mansão Atworth e não tinha parado até conseguir que os guardas lhe permitissem entregar-lhe. Seu pai tinha também papel para escrever, tinta e um montão de jogos de mesa, e Nicole inclusive tinha convencido o cozinheiro de sua avó para que lhe levasse comida quente três vezes ao dia. Preocupou-se de que estivesse bem atendido.

E ia seguir estando-o quando ela zarpasse com o navio.

Despediu-se dele como sempre, mas com um abraço um pouco mais comprido do habitual. Mais tarde, no interior da carruagem de sua avó, Nicole repassou o plano.

Se conseguisse levá-lo a cabo, talvez pudesse viver daquelas lembranças quando sua avó a obrigasse a dobrar-se a seus desejos e tivesse que casar-se com o homem que ela escolhesse. A viver uma mentira. Aquela mulher não deixava de lhe recordar que era ela quem pagava ao advogado para que seu pai pudesse ficar em liberdade. E queria que a recompensasse por isso.

Seu pai teria um enfarte quando descobrisse que ela havia ido. Até mesmo a sua avó. Mas era por uma boa causa. Disse a si mesma que fazia por ele, pela tripulação e por si mesma. Todos acreditavam que ela ficaria no Atworth e que Dennis, um bom marinheiro, mas um péssimo navegante, far-se-ia cargo do Bela Nicola.

O qual era uma tolice, Nicole nunca fazia o que se esperava dela.

Diria a sua avó que se ia ao continente para visitar umas amigas e comprar um novo guarda-roupa para sua apresentação em sociedade. Seguro que inclusive conseguiria convencer à marquesa de que lhe deixasse comprar um relógio para seu pai.

Logo, teria que convencer ao Chancey...

A manhã em que começava a regata, Nicole abandonou a mansão Atworth com todos seus baús, e não pôde evitar sentir-se um pouco culpado pelo que ia fazer. Tinha-lhe escrito uma carta ao seu pai lhe dizendo que, se quando o soltavam ia procurá-la, Nicole sempre acreditaria que não confiava nela, que não acreditava capaz de fazê-lo. O que dizia nessa carta era verdade. E cada vez que lhe remoia a consciência se repetia que obteria que ele se sentisse orgulhoso dela.

— Bom dia, Chancey — disse à costas do gigante logo que subiu à Bela Nicola. O marinheiro se esticou de repente e se deu a volta devagar.

— Me diga que não estou vendo você aqui, que estou imaginando isso.

— Não posso. Temo-me que estou aqui de verdade — respondeu ela dando uns pequenos golpes no nariz para logo lhe assinalar com o mesmo dedo —. E tenho intenção de ficar, assim me ajude a carregar os baús para que possamos partir imediatamente.

Chancey a olhou como se lhe tivessem saído chifres da cabeça.

— Tornou-se louca se acredita que permitirei que você fique. Vamos, levá-la-ei de volta para sua avó.

Nicole se aproximou dele e levantou a cabeça para olhá-lo aos olhos.

— Chancey, se me jogar deste navio, irei diretamente ao Southern Cross e navegarei com o Sutherland.

Sabe que ele sim querará que fique. — Sorriu-lhe diabólica.

— Maldita seja! Seu pai terá um enfarte, já o verá. E virá buscar você.

— Não, não o fará. Tenho-lhe escrito uma carta. Estará bem — lhe tranqüilizou ela, mas duvidava que sua carta bastasse para reter seu pai em Londres —. De um modo ou outro, eu vou participar desta corrida. E já que necessita de mim, o melhor é que fique aqui contigo. — Ao ver que ele seguia sem estar convencido, acrescentou —: Você sempre me diz que siga meus instintos. Pois bem, agora meus instintos me dizem que tenho que participar desta regata.

Esse comentário pareceu afetar ao irlandês, mas logo disse zombador:

— Eu ficarei até que Sutherland zarpe. O que fará você?

Nicole lhe devolveu o sorriso.

— Se você se aproximar de seu navio verá que não estão preparados para levantar a âncora e os rumores dizem que não o estará até dentro de dois dias. Quem sabe, Chancey, e o melhor que ainda segue me buscando — disse ela. Não acreditava, mas era um argumento tão válido como qualquer outro —: Talvez vá dizer lhe onde estou. — Deu-se a volta, surpreendida ela mesma de quão retorcida podia chegar a ser. Embora isso não fosse o habitual... Só o fazia porque tinha que participar daquela corrida.

Estava na escada quando ouviu uma maldição. Furioso, o gigante gritou:

— Espero que todas essas lições de baile não lhe tenham feito esquecer a matemática.

Umás centenas de navios mais à frente, Derek se tinha passado a tarde com uma garrafa de brandy como uma única companhia. A regata estava a ponto de começar, assim saiu de seu camarote e se dirigiu a cobertura. Respirou fundo, o ar do mar sempre era mais frio que qualquer outro, e olhou o porto, onde agora atracavam os navios mais rápidos do mundo e cujos mastros acariciavam as nuvens. Podia escutar a música da banda que os despedia. Ao longo de todo o Támesis, as lojas alagavam o caís de cor e as bandeiras de diferentes países desenhavam uma vasta gama de tapeçarias. Era impressionante, uma festa em que deveriam poder participar seus homens. Mas nesses momentos não podia pensar nisso.

Derek estava convencido de que, ao ver os navios de seus competidores a ponto para partir, sentir-se-ia como um idiota por não fazê-lo ele. Mas ficou ali em pé, olhando e observando como de costume, sem conseguir sentir nem um ápice de remorso. Por alguma razão que não conseguia entender, tinha que encontrar a Nicole antes de partir. Era uma necessidade que não podia explicar, nem sequer a si mesmo, e muito menos a seu enfadadíssimo irmão ou a sua desgostada tripulação.

Ao recordar a decepção que se refletiu no rosto de seus homens quando lhes comunicou a decisão que tinha tomado, fez uma careta de dor. E tampouco lhe passou por cima que alguns deles intercambiaram moedas como se tivessem feito uma aposta. Bom, podiam rir dele tanto como quisessem. Sabia que não se equivocava... Tinha que encontrar a Nicole.

Seu estado de embriaguez desapareceu de repente quando viu a Bela Nicola ocupar seu lugar. Sabia que Lassiter ainda estava no cárcere, e que não havia nem sequer tentado procurar outro capitão para sua embarcação. Assim, quem capitaneava a nave?

Derek correu para o leme e se fez com a luneta. Ainda cambaleando-se, assegurou-o no chão.

Com a juba lhe ondeando à costas, Nicole Lassiter estava em pé na proa do Bela Nicola e Chancey na ponte de mando.

Derek, incapaz de acreditar o que via, sacudiu a cabeça. Esfregou-se a cara com ambas as mãos e logo, com uma emoção que não tinha sentido em anos, deu-se a volta para sua tripulação e gritou:

— Levantem âncoras!

CAPÍTULO 10

Apesar de ter sido só por pura necessidade, Chancey e Nicole passaram o dia sem discutir.

Mas de noite...

— Maldita seja! Pode-se saber no que estava pensando? — gritou-lhe enquanto jantavam. E o fez tão alto que à garota pareceu que até os pratos tinham vibrado.

Soltou o fôlego.

— Acreditava que poderíamos passar um dia inteiro sem discutir.

O marinheiro sujeitava com força uma taça e, para deixar claro o quanto que estava zangado, golpeou a mesa com ela.

— Isto não é nenhuma excursão do colégio! Dirigimo-nos para o paralelo quarenta, não a chamam “A rota impossível” por nada, e você já sabe o que nos espera ali.

— Sei, e estou impaciente. — lubrificou-se um pãozinho com manteiga e lhe deu uma dentada.

— Teremos que ajustar a rota por sua culpa. Maldição! Não deveríamos ter partido. — Deu outro golpe com a taça —. Contigo a bordo não temos nenhuma oportunidade de ganhar!

— Equivoca-se — assinalou ela, morrendo de vontade de golpear também com sua taça —. Tenho intenção de planejar a melhor navegação para ganhar esta regata e de passagem salvar a naval. A não ser, claro, que esteja disposto a ficar de braços cruzados e arriscar tanto seu futuro como o meu e o de meu pai.

— E o que passa com o Sutherland? Todos pudemos ver como começava a gritar a sua tripulação e como todos corriam por todos os lados. Sabe que vai vir. O que acredita que fará?

— Acredito que durante as próximas mil e trezentas milhas seguirá nossa esteira — disse ela ignorando o aborrecimento do Chancey. Agarrou uma faca e uma maçã e, devagar, começou a cortá-la —. A sério, o que pode fazer com a vantagem que lhe levamos? Alcançar-nos? — burlou-se.

— Não, não pode apanhar à Bela Nicola. Mas suponhamos que o consiga.

— Não sei — reconheceu Nicole —. Não sei o que pensa um homem como ele. Chancey, por que não ia partir? Não lhe importa participar da regata mais importante de toda sua vida?

— Às vezes, um homem chega a um ponto em que já não lhe importa nada — disse ele apartando o prato.

— Por quê?

Meteu a mão no bolso e tirou sua pipa e um pacote de tabaco.

— Porque já perdeu toda esperança em si mesmo.

— E então, o que acontece? Pensa ficar assim para o resto de sua vida? — perguntou ela, e logo acrescentou —: Oh, não me olhe desse modo. Não estou tramando nada, só sinto curiosidade. Talvez não volte a lhe ver jamais.

O irlandês a olhou cético, mas ela conseguiu enganá-lo com seu fingido desinteresse e ele continuou falando:

— Um homem pode trocar, mas só quando tem vontades de ver o amanhã. Se temer cada novo amanhecer, então tudo deixa de ser importante.

— É isso o que aconteceu com você quando morreu sua esposa?

Chancey deu uma profunda baforada em sua pipa, que só lhe alargou ainda mais o peito, e logo soltou a fumaça devagar.

— Sim. Foi muito duro, tanto que não me importava se vivia ou morria. Mas então seu pai me contratou. Esse maldito ianque não aceitava um não como resposta, disse que entendia pelo que estava passando. E eu vi que necessitava ajuda para cuidar de você. Foi tão travessa, fazia o que te dava a vontade. E ele não sabia dizer não a nada. Ainda é incapaz, se me permitir dizer — balbuciou isso entre dentes.

Nicole ignorou esse último comentário e perguntou:

— Assim que meu pai e eu conseguimos que recuperasse a esperança?

— Sim. Tem que passar algo grande, algo que te convença de que vale a pena seguir adiante, olhar para o futuro.

Era por isso que o Sutherland estava desperdiçando sua vida? Estava-a jogando pela amurada de tal modo que Nicole se sentia furiosa por isso. Tinha que sentir-se assim, ou de outro modo começaria a abrandar-se e a sentir coisas por ele que não queria sentir depois de saber quão desprezível era. Não podia pensar nele sem que lhe desse um tombo o coração, enquanto que, para ele, todo aquilo tinha sido só uma... Diversão. Tudo o que

havia dito essa noite para obter que Chancey não a obrigasse a casar-se com ele, tinha-lhe parecido desproporcional e cruel. Mas de fato parecia ser verdade.

O pior de tudo era que no fundo de seu coração ela sempre o tinha sabido. Nicole havia sentido o perigo que emanava de seus poros. A primeira noite que o viu no botequim, inclusive antes de lhe conhecer, tinha ouvido histórias sobre suas conquistas.

O único que lhe impedia de odiar ao Sutherland era o conhecimento de que também o tinha usado. Nicole tinha querido saciar sua curiosidade, seu desejo, e essa noite tinha acreditado que se voltaria louca se não descobrisse.

Por desgraça, ainda corria perigo de enlouquecer, mas agora era porque por fim entendia o que era a paixão.

Por que Derek não se afetava com isso? Por que não estava tão alterado como ela?

— Nic, parece que esteja a ponto de chorar — disse Chancey cauteloso enquanto enchia de novo a pipa.

— Eu? — Negou com a cabeça —. Só estava pensando... Não estou a ponto de chorar — disse ela como se a idéia causasse repulsa —. Quando foi a última vez que me viu chorar?

O marinheiro pensou um momento antes de responder:

— Quando tinha oito anos e cortou o braço ao cair de uma vela. Foi um grande tombo. — riu —. Acreditava que a seu pai ia ter um ataque.

Ao ouvir mencionar o seu pai, Nicole recuperou o sentido comum. Estava convencida de que Sutherland não tinha nada que ver com o encarceramento de seu pai nem com a sabotagem do navio, assim que o melhor seria guardar sua lembrança no fundo de seu coração e não voltar a pensar nele jamais. Nos próximos meses já seriam bastante complicados por si mesmos.

— Temos que conseguir a vitória — disse Nicole decidida —. Isso é o que temos que fazer. Meu pai conta conosco, embora ele ainda não saiba. E não permitirei que Sutherland se interponha em meu caminho.

O encarceramento do Lassiter não durou uma semana mais, e sim duas. Quando recebeu a carta da Nicole e viu que não podia fazer nada, quase se voltou louco. E logo que lhe soltaram foi correndo ao Mayfair disposto a assaltar a mansão Atworth.

Jason ignorou ao mordomo e se dirigiu ao salão. Sempre se lembraria dessa sala. Nela, Evelyn Banning o tinha culpado da morte de sua filha e havia dito que Nicole era uma selvagem. Ali tinha conseguido que lhe promettesse que quando esta fizesse doze anos a faria retornar a aquele mausoléu. Era a única promessa que tinha quebrado em sua vida.

No meio caminho se deteve olhando o retrato de Laura que pendurava em cima da chaminé. Não, tinha quebrado também outra promessa. Naquela úmida noite na costa do Brasil, disse a Laura que viveria.

Não tinha podido salvar a sua mulher, mas conseguiria proteger a sua filha.

— Nicole está navegando com meu navio na Grande Corrida — disse Jason sem nenhum preâmbulo ao deter-se frente à marquesa.

Evelyn não afastou o olhar do ponto de cruz que a tinha ocupada.

— Disse-me que ia a Paris, ou a não sei que lugar do continente. Não que fosse navegar na Austrália.

— Tenho que ir atrás dela, e até dentro de duas semanas não chegará nenhum de meus navios. — Lhe fez um nó na garganta —. Eu... Preciso de um bilhete. — Custou-lhe articular cada sílaba.

Ante essas palavras, a marquesa deixou o trabalho.

— Sêrio Jason? Não seja melodramático. Eu também estou zangada, mas agora já não podemos fazer nada. Retornará logo. Embora tenha que reconhecer que se perderá grande parte da Temporada. — Logo, como se não tivesse importância, disse—: Mantenha-me informada de seu paradeiro.

— Acredito que não me entendeu. Nicole está em perigo, tenho que ir atrás dela.

A marquesa se levantou zangada.

— Isso é ridículo! Passou a vida me mandando cartas me dizendo quão benéfico é para essa menina navegar, assim agora não te atreva a me trocar o conto. — deu-se a volta e se dispôs a sair da sala.

— Enquanto estava comigo eu podia garantir sua segurança — disse Jason agarrando-a do braço. Ela o olhou ameaçador, mas ele não se amedrontou —. Maldita seja, queria lhe economizar os detalhes mais desagradáveis do assunto, mas não me deixa outra opção. Estive investigando uma série de misteriosos acidentes que aconteceram tanto em meu navio como em outros da competência. Sei que meu navio foi sabotado porque Nicole se topou com os malfeitores enquanto o faziam. Conseguiu escapar ilesa pelos cabelos. — Embora a anciã estivesse aterrorizada, continuou —: Agora se dirigem para o paralelo quarenta, conhecido como «a rota impossível» por ser a zona de piores ventos do mundo. Há ondas de dez e doze metros capazes de engolir um navio inteiro de muita maior tonelagem que o meu. O mar dessa zona está cheio de restos de navios. E se conseguem atravessá-la, sei que Nicole lhes convencerá para cruzar também o paralelo cinquenta que é muito, muito...

— Não quero sabê-lo! — O ponto de cruz que tinha estado sujeitando caiu ao chão —. Por Deus santo! Por que foi ali? — gritou zangada.

— Nós nunca navegamos por essa zona. Mas Nicole chegou com toda uma rota planejada que roçava o suicídio. Agora que sabe que o capitão Sutherland está disposto a chegar ao paralelo quarenta, seguro que ela querará ir até o cinquenta.

— Não posso acreditar nisso. — A anciã se levou uma trêmula mão para o pescoço —. Todo isto é tua culpa. Outra vez!

Lassiter franziu o cenho.

— Não é sempre tão perigoso. E inclusive agora estou bastante tranquilo, pois sei que está em boas mãos. Maldita seja, ela é uma excelente navegante! Mas antes não tinha motivos para temer pela integridade de minha

embarcação, enquanto que agora não sei se esses intentos de sabotagem tiveram êxito. Essas sabotagens, combinados com as inclemências do tempo, poderiam ser letais. — Suplicou-lhe com o olhar —. Tenho que ir procurar a minha filha, se não o faço, talvez Nicole tenha que passar por todo um inferno.

CAPÍTULO 11

— Esta situação é muito embaraçosa — disse um marinheiro por enésima vez.

Nicole estava completamente de acordo. Fazia um par de horas que tinham perdido o leme e o Bela Nicola tinha ficado completamente incapacitado. Seu precioso e orgulhoso navio estava à deriva, fora de controle durante a tentativa de impedir barcos de pesca do mar do Brasil.

Depois de várias horas de árduo trabalho tinham conseguido improvisar um leme para poder assim navegar até terra firme e pedir ajuda. Mas o que era mais importante, eles conseguiram fazê-lo justo antes que os outros navios que participavam da regata pudessem vê-los. Nicole sabia que era só questão de vaidade, mas preferia morrer antes que Sutherland os visse nesse estado.

Sacudiu a cabeça e, quando viu a proa que lhes aproximava fez uma careta de asco. Vá ajuda tinham conseguido: o Bela Nicola estava sendo rebocado por um cargueiro de guano.

Apesar das tormentas que sacudiram constantemente o golfo da Vizcaya, o que secretamente para o Derek era uma das melhores partes da viagem, não deixou de pensar na Nicole nem um só segundo. Era óbvio que ela o tinha estado espiando. E se ele formava parte de uma lista, sinal de que também tinha espiado a toda a competência.

Maldição! Ele a tinha pilhado com um de seus mapas. E agora sabia que estava à corrente de até onde pretendia entrar e ia tentar lhe derrotar. Derek não tinha previsto arriscar-se tanto.

Quando se deu conta do que Nicole pretendia... Diabos! Não soube o que fazer.

Durante mais de seis mil milhas tinha seguido a esteira do Bela Nicola, cuja rota era quase idêntica à sua própria. O já tinha adiantado a grande maioria de seus competidores, e estava cômodo nessa posição, apesar de que Nicole ainda ia diante, ganhando distancia pouco a pouco. Sabia que nos Mares do Sul a apanharia, pois ali seu navio não tinha rival.

Mas à medida que se aproximavam da América do Sul, e que as águas adquiriam a cor esmeralda tão característica dos corais da zona, um de seus marinheiros detectou um navio pesqueiro. Ansioso por confirmar que ocupava o segundo posto, Derek lhes pediu que se aproximassem. Os pescadores se aproximaram a seu navio e lhe contaram que o Desirade lhes levava vantagem.

A cobertura ficou muda. Saber que Tallywood era o líder os deixou sem palavras. Apesar de que o Desirade era um Clipper excelente, todos sabiam que Tallywood não sabia aproveitar todo seu potencial. Com seus ares de prepotência e suas más artes como capitão era odiado por toda a comunidade blusa de marinheiro.

Que Tallywood fosse o primeiro o deixou atônito, mas saber que o Bela Nicola tinha tido que ser rebocado até Recife, no Brasil, foi pior.

Rebocado?

Derek confirmou quão bem o Southern Cross tinha navegado, e se lembrou de todos os navios que tinha deixado atrás no golfo da Vizcaya. Se fossem para o sul e logo giravam para o este para dirigir-se a África e ao cabo de Boa Esperança tinham muitas possibilidades de derrotar ao Tallywood, mas Derek pensou que mesmo assim valia à pena deter-se. Nicole não ia a nenhum lado a curto prazo. E ela era a única competência que lhe interessava. Ou ao menos, seu navio. Ordenou a sua tripulação que pusessem rumo a Recife, e foi ao seu camarote para trocar-se.

Sorriu, um sorriso de lobo, e lhe veio à mente outro excelente motivo para deter-se em Recife: o bordel de madame Maria Magro.

Sem prévio aviso, voltou a lhe assaltar o sonho que tinha tido duas noites antes. Nele, Nicole jazia nua em sua cama, junto a ele, lhe acariciando o corpo com mãos impacientes. Derek se virou para abraçá-la, para apertá-la contra ele e desfrutar dessa pele nua.

Procurava os lábios da garota com os seus e ela ia ao seu encontro ansiosa; suas línguas dançavam juntas, saboreavam-se. Percorria-lhe o corpo com as mãos detendo-se nos seios para atormentar-lhe com os polegares.

Uma e outra vez os acariciavam enquanto seguia explorando seus lábios com beijos apaixonados, até que ela começava a gemer de prazer e a arquear os quadris contra seu membro, lhe fazendo arder da necessidade que sentia de entrar em seu interior.

Os pequenos gemidos que escapavam dos suaves lábios da Nicole o faziam enlouquecer e morria de vontades de possuí-la, de lhe fazer amor até obter que ela gritasse por fim seu nome. Mas cada vez que se movia para obtê-lo, ela se escorria entre seus dedos, lhe voltando completamente louco. Derek conseguia colocar-se em cima dela, descansando um braço a cada lado de sua cabeça e, com as pernas entre as dela, voltava a beijá-la com paixão.

De repente, ela interrompia o beijo e ele sabia que ia voltar a afastar-se. Para retê-la, sentava-se em cima dela com cuidado e lhe bloqueava as pernas com as suas. Com seu corpo a capturava por completo. Mas nesse preciso instante, Nicole lhe acariciava o torso com suas pequenas mãos e, antes que pudesse detê-la, deslizava-se para baixo fazendo que ele ficasse escarranchado à altura de sua cabeça. Estava muito aturdido para mover-se, muito excitado para poder pensar. E quando ela o beijava com aqueles lábios úmidos e quentes, sentia que seria impossível não ter um orgasmo...

Despertou de repente. Era o sonho mais erótico que já tinha tido, e enquanto todo o sangue se ia da cabeça, não tinha podido evitar gemer na escuridão. Levou a mão ao membro com intenção de acabar o que tinha começado, mas suas calosas Palmas eram um pobre substituto para a pele ou os lábios de uma mulher.

Sua ereção se negou a desaparecer e Derek jurou a si mesmo que lhe faria pagar por cada segundo que permanecera nesse estado. Ela o tinha reduzido a isso... A ter os sonhos mais sensuais que jamais havia tido antes, a voltar a ser como um guri inexperiente. Decidido, Derek jurou a si mesmo que no próximo porto encontraria a uma mulher até conseguir enterrar a Nicole no mais fundo de suas lembranças.

E sabia onde ir procurar-la.

Logo que atracaram em Recife, Derek averiguou que o único dano que tinha sofrido o Bela Nicola era a ruptura do leme. Em um dia e meio estaria reparado. Mas para então, ele já se teria deitado com uma mulher, ou com duas, teria se aprovisionado de comida e já estaria no mar.

Atravessou as paradas do mercado portuário sem logo que detectar o mau aroma do café ou a putrefação do cano de açúcar. Quase notou como os aldeãos ficavam impressionados por sua altura. Sua mente estava obcecada com outros assuntos.

Não era consciente de que tivesse decidido que ia procurar o navio da Nicole. Simplesmente, apareceu plantado ali diante dele e, para justificar seus atos, disse-se ele estava procurando o caminho para ir ao bordel da Maria. Ou, como mínimo, e que não se afastara muito do seu próprio navio. Subiu ao imaculado navio e quando perguntou a um dos homens que estava limpando a cobertura se podia falar com a senhorita Lassiter, este lhe ignorou por completo.

Outro tipo lhe disse que ele não tinha permissão para estar ali. A não ser que estivesse disposto a começar uma briga entre as duas tripulações, Derek sabia que tinha que sair. Voltou a perguntar pela Nicole e esta vez foi Chancey quem, gritando a suas costas, respondeu-lhe. Derek se deu a volta, disposto a brigar com o gigante.

Mas o lobo de mar se limitou a lhe olhar como se o estivesse calibrando. Por fim, disse:

— Volta a tocá-la e lhe mato. — E sem acrescentar nada mais baixou a terra firme.

Derek jogou uma última olhada a sua embarcação. Tivesse preferido mil vezes vê-la, mas não teve mais remedeio que conformar-se com isso.

Resignado, empreendeu o caminho para o palacete que havia no alto do caís. Casa Magro era uma das mansões mais espetaculares da cidade, e, se não lhe falhava a memória, seu interior era tão imaculado como seu exterior. Os cômodos eram espaçosos, cálidos, pintados com as típicas cores das colônias. Nem bem havia cruzado a soleira, um empregado o acompanhou a uma elegante sala.

Ao entrar, viu como Maria Magro apartava a vista dos livros de contabilidade e tirava os óculos, que a faziam parecer mais uma professora estrita que a madame de um prostíbulo. Tinha-a conhecido fazia um montão de anos, quando sendo muito mais jovem atravessou o oceano Pacífico pela primeira vez, e recordou os múltiplos prazeres que tinha sentido nos quartos do piso superior.

— Capitão Sutherland, alegra-me que volte a nos visitar. — Sorriu-lhe carinhosa e lhe agarrou a mão —. Faz muito tempo que não o via. — Era certo, tinham passado muitos anos, mas ninguém o diria pelo modo em

que ela o tratava. Era como se não lhe surpreendesse que tivesse decidido retornar. E não deixava de lhe olhar —. Estarei encantada, é obvio, de lhe permitir entrar em minha casa. — Madame Magro inspecionava com atenção a todos os homens antes de deixá-los subir a seu local. Derek sabia que, freqüentemente, alguns cavalheiros brincavam a respeito da necessidade de ter cartas de recomendação para poder acessar a esse exclusivo bordel.

Agradeceu a bem-vinda e lhe apertou a mão.

— Eu também me alegro de voltar a vê-la, madame. Está tão bonita como sempre. — E o estava. Teria uns quarenta anos, mas mantinha um ar de juventude que o fazia brilhar os olhos, e sua escura juba ainda não tinha nenhum cabelo branco.

— Suponho que quererá ir-se quanto antes, equivoco-me?

Derek a olhou surpreso, até que ela acrescentou:

— Participa da Grande Regata, não é assim?

— Sinto muito. A interpretei mal. Sim, participo da corrida, mas lhes levo vantagem, assim posso me entreter um pouco.

— Já vejo. — Sorriu-lhe e inclinou a cabeça. Que estranho. Ao fazer esse gesto, Maria lhe tinha recordado muito a Nicole.

O estranho comportamento da madame fez que ao Derek lhe arrepiassem os cabelos da nuca. Alegrou-se de estar já alerta porque, de repente, lhe perguntou:

— O que gosta de hoje, belo? Eu acredito que o que quer é a uma ruiva miúda e pequena de olhos azuis, não é assim?

Estava entardecendo quando Derek ia sair do palacete. Apesar de que, depois do que tinha passado, deveria ter vontade de sair dali correndo, não tinha nenhuma pressa em fazê-lo, e inclusive começou a diminuir o passo.

— Capitão Sutherland? — chamou Maria e Derek não pôde evitar queixar-se de sua má sorte —. Capitão Sutherland...

Não queria que lhe perguntasse pelo que tinha passado, mas não parecia ter escapatória. Com os óculos sobre o nariz, aquela mulher era a imagem mesma da determinação.

Derek se deteve e esperou a que ela o alcançasse perguntando-se por que tinha aquele olhar de satisfação.

— Capitão, não era necessário que desse ao Juliette tanto dinheiro. Nem que tivesse passado mil minutos com ela teria tido que lhe pagar tanto — comentou sorrindo —. E só esteve cinco...

Derek apertou os lábios. Quão último necessitava nesse momento era que uma madame brasileira se burlasse dele.

— Paguei a Julia...

— Juliette — o corrigiu Maria.

— A Juliette todo esse dinheiro — balbuciou entre dentes —... Porque não parava de chorar. — E porque queria ocultar sua vergonha.

— Ah, belo, estou-lhe tirando o sarro — disse sorrindo —. Foi muito amável. E eu fico com vinte por cento — acrescentou rindo-se —. Sei que tem pressa, mas me atreveria a lhe pedir que utilizasse a porta deste lado, por aqui. — O indicou —. Deste modo, atravessará o jardim de minha casa e poderá ver as delicadas flores que tenho ali escondidas.

— Temo-me que vou ter que rechaçar seu convite — o repôs sem ocultar sua impaciência —. A botânica me interessa muito pouco.

— Temo-me que vou sentir-me muito ofendida — replicou ela esquecendo seu sorriso — Nunca convido a nenhum homem a ver minha casa.

Derek a olhou e soube que algo ia mal. Mas tinha muito que pensar, e optou por não discutir com aquela mulher que parecia decidida a obter o que pretendia.

— Como desejar, madame — disse com uma leve reverência —. Por aqui? — Ela assentiu e Derek seguiu suas instruções pensando que esse dia ia de mal em pior. Entrou no jardim e, embora fosse precioso, não entendeu o que era que a Maria parecia tão espetacular.

Sua casa estava formada por duas asas que, quão mesmo o palacete, estavam separadas por um jardim cuja porta se encontrava aberta. Era agradável, mas não tão extraordinário como o do bordel. O comportamento da Maria era do mais desconcertante...

As vozes de um par de mulheres procedentes de uma dos quartos interromperam seus pensamentos.

Uma delas tinha um marcado acento britânico colonial e se jogaria o que fosse a que era da Índia. Em um tom muito formal dizia:

— Faz o favor de relaxar. E de desabotoar um pouco mais a camisa. — Acaso Maria pretendia que “interrompesse” algum tipo de encontro? Curioso, aproximou-se da porta.

Para ouvir o seguinte comentário da mulher, ficou gelado:

— Nicole, tem que relaxar. Confia em mim. Quando tiver acabado contigo, será uma mulher nova. Afasta todos os problemas de sua mente. Chancey cuidará de seu barco...

— Navio.

— De acordo, navio. E agora respira fundo para que possa terminar de uma vez.

Era impossível que estivesse falando com sua Nicole; simplesmente, não era possível. Mas com uma voz que reconheceria em qualquer parte, a outra mulher respondeu:

— Sasha, isso não faz mal.

— É obvio que não, tola.

Derek esticou todos os músculos e se aproximou. Estava-se voltando louco ou Nicole Lassiter estava despindo-se nos aposentos pessoais de uma madame brasileira? Sua mão agarrou de repente o trinco, mas logo se deteve. Deveria escutar um pouco mais, assim averiguaria algo mais sobre ela. Como por exemplo, o que estava fazendo ali com aquela mulher.

— Nunca tenho feito isto antes.

— Pois deveria — disse a outra mulher —. Aos homens os volta loucos.

— Ah, faz-me cócegas.

— Deixa de te mover, Nic.

Derek apertou os dentes e escutou como se fazia o silêncio antes que a outra mulher acrescentasse:

— Digo-o a sério!

— Teria que ser mais pormenorizada. Quando foi a última vez que lhe fizeram isso a ti?

— Eu me faço isso sozinha. Se quiser, quando tiver tempo posso te ensinar. — meu deus, do que estavam falando?

Nicole respondeu iludida.

— Oxala pudesse. Sinto falta de estar aqui — disse antes de tornar-se a rir.

— Nós também sentimos falta de você Nic, se não te estiver quieta não posso continuar.

Basta. Derek sentia que lhe ia ferver o sangue. Apertou a mandíbula e abriu a porta de repente só para respirar aliviado ao ver a cena que tinha diante dele. Uma mulher hindu, com não muita roupa, estava inclinada em cima de Nicole, que estava meio nua. Por sorte, a mulher tirou a mão da Nicole justo antes que esta se desse a volta, evitando assim que ficasse todo o pescoço coberto de henna avermelhada.

Deu um suspiro de alívio. Aquela mulher estava decorando o corpo da Nicole com o tradicional mehndi da Índia, desenhado com henna. Seus lábios esboçaram um sorriso, coisa que não era de sentir saudades, considerando o satisfeito que se sentia ao comprovar que o que passava era do mais inocente. Maria, pensou feliz, tinha-lhe dado justamente o que queria.

— Sutherland! O que está fazendo aqui? — gritou Nicole. Ela não podia saber o efeito que lhe causava ao ver a pele grafite de henna.

— Eu poderia perguntar o mesmo. Estava seguro de que voltaríamos a nos encontrar... Mas não esperava que fosse em um prostíbulo — disse ele. Mas quando viu o desenho da trepadeira que reseguía sua cintura, ficou sem respiração. Rodeava-a como se fosse um bracelete e logo, suas folhas lhe escalavam o torso até afundar-se entre seus seios. Nesse mesmo instante soube que a lembrança da pele da Nicole decorada com esses selvagens desenhos o acompanharia toda a vida.

Ela estava tão surpreendida que não pudesse deixar de lhe olhar, até que se deu conta de que ele se ficou fascinado com seu corpo. De repente, fechou-se a camisa com as mãos.

— Ah, não, nem pensar — disse a mulher a Índia, Sasha, lhe afastando as mãos sem nenhuma delicadeza —. Ainda não secou de tudo.

Nicole a fulminou com o olhar e se sentou no extremo da cama. Dando as costas ao Derek, começou a grampear-se.

Quando Sasha lhe atirou de uma orelha se deteve em seco.

— Sinto muito, Nic. Mas não permitirei que arruíne meu mehndi.

A mulher olhou ao Derek, e seus enormes pendentes tilintaram ao aproximar-se dele. Logo, olhou a Nicole surpreendida.

— Este é Sutherland? O homem de quem me esteve falando?

Nicole se esticou ao ouvir a pergunta e se ruborizou da cabeça aos pés. Derek se surpreendeu, mas se alegrou muitíssimo ao saber que a garota lhe tinha falado dele a aquela mulher. E era óbvio que também lhe tinha contado algo a madame Maria.

Nicole afastou o olhar. Ao parecer, chegou à conclusão de que já tinha abafado tudo o que queria ocultar e se virou para o Sutherland. Não sem antes olhar a Sasha para lhe dizer com os olhos um pouco parecido a “Ficou contente?”.

Sasha voltou à vista para o Derek e o estudou balbuciando algo entre dentes sobre uma magia muito poderosa. Nicole se aproximou dele e o rosto da hindu passou da surpresa à exasperação, assim Nicole afastou o olhar do capitão e lhe perguntou à mulher:

— Pode-se saber do que está falando?

— O mehndi é muito poderoso. Já está fazendo efeito.

— Fazendo efeito? — repetiu Nicole alterada—. Disse que me traria sorte, e que afastaria de mim ao diabo. Mas o único que tem feito é trazer para o Sutherland, e não está se afastando o mínimo, assim que eu diria — disse olhando o seio —, que o mehndi em realidade funciona muito mal.

Sasha arqueou uma sobrancelha.

— Não, não, Nicole. Não vê a flor de lótus que desenhei aqui? — Levantou-lhe a blusa e assinalou o delicado desenho de uma flor que emoldurava seu umbigo —. A desenhei para que te trouxesse amor e fertilidade. E justo nesse momento aparece sua alma gêmea pela porta. Sim que está funcionando!

Nicole ficou sem fala.

— Sutherland não é minha alma gêmea! E... E pode estar segura de que nós não necessitamos ajuda para ser férteis, por que... Por que... Não... Temos intenção de...

— Plantar nada? — interveio ele com um sorriso.

— Plantar?

A Nicole incomodava que tirasse o sarro. Mas Derek descobriu que lhe encantava fazê-lo.

— Repito-lhe isso, o que está fazendo aqui? — exigiu saber Nicole.

Derek tinha estado observando divertido a conversa entre Nicole e Sasha. Mas pôde ver como os seios de Nicole transparentes sob a camisa de linho e perdeu todas as vontades de rir. Fascinado como estava se via incapaz de formular uma frase coerente, assim que se limitou a lhe sorrir confiando em que seu rosto não refletisse o que de verdade sentia, e lhe respondeu com outra pergunta:

— O que você acha que estou fazendo em um bordel?

— Oooh! Vai embora daqui! — Atirou-lhe uma almofada de seda e ele o esquivou sem nenhuma dificuldade, mas se perdeu ao ver como a camisa da Nicole se entreabria um pouco mais —. Não tem nenhum direito a estar aqui. Esta zona é privada! Se tiver vindo a me buscar, teria uma grande decepção.

Ele não tinha ido ali para isso, mas era o que estava pensando nesse preciso momento. Mas que ela acreditasse que... Não pôde evitar sorrir.

— Não seja tão presunçosa, princesa. Não vim aqui por ti.

Nicole o olhou doída, mas não demorou muito em dissimulá-lo e se deu a volta para a outra mulher.

— Sasha, por favor, vá procurar o Berto faça que joguem daqui este homem. A patadas!

— Temo-me que não posso fazer isso — disse Maria esquivando de Derek e entrando no quarto junto com sua deliciosa fragrância. Fez um leve movimento de cabeça e Sasha desapareceu dali —. Teremos que chegar a algum tipo de acordo até que ele decida ir-se por própria vontade. Você é minha pequena, mas ele é um bom cliente — assinalou Maria olhando ao Derek.

Este quase se ruborizou, mas para trocar de tema, disse:

— Maria, eu gostaria de saber o que está fazendo a filha do Jason Lassiter neste lugar. Explique-se.

— Neste lugar? Faz que pareça algo muito sórdido. Você nunca antes se queixou.

Ao Derek doeu ver como Nicole desfrutava da repreensão de Maria.

— Me responda!

— Ela é como uma filha para mim — disse a madame como se fosse o mais normal do mundo.

Maria viu como ao Sutherland lhe desencaixava a mandíbula e teve que conter-se para não rir. Aquilo ia ser divertido.

— Como uma filha?

— Sim, faz quinze anos que a conheço. — deteve-se antes de acrescentar —. E você? Quanto faz que a conhece?

Sutherland a olhou impaciente.

— De que a conheço?

Maria olhou a Nicole lhe pedindo permissão, esta respondeu:

— Não me importa.

Mesmo assim, Maria duvidou um segundo. Aquela história não lhe pertencia por completo. Além disso, se falava do Jason duvidava que pudesse ocultar o que de verdade sentia por ele. Mas que importância tinha? Nicole sabia. Ao parecer, todo mundo sabia.

Exceto Jason. E Maria tinha a sensação de que a Nicole não incomodava absolutamente que Sutherland soubesse algo mais sobre ela. Insegura, começou a contar a história:

— Uma noite, estava aqui lendo quando apareceu um mensageiro com uma petição muito estranha. O capitão de um navio americano estava a ponto de perder a sua esposa enquanto ela dava a luz.

— Deteve-se um instante para tragar saliva e continuou —: Ninguém, nem sequer o médico daqui, fossem ajudar lhes por medo a adoecer de febre amarela; uma semana antes, outro navio americano havia atracado em nossas costas e havia trazido essa enfermidade com ele. Eu também tinha medo, mas só de pensar nessa pobre mulher... Enfim, eu não tinha nem idéia de medicina, mas dado meu negócio, ajudei a nascer a umas quantas criaturas. Isso foi o mesmo que pensou esse capitão, e por isso tinha mandado me chamar.

— Maria sentiu a tristeza que sempre sentia ao relatar o final dessa trágica história —. Quando cheguei ao navio, os gritos se ouviam do caís, que há essas horas estava acostumadas estar tranqüilo. Corri, mas quando vi a mulher soube que já era muito tarde. Tinha perdido muito sangue. Jason Lassiter era esse capitão. Nunca vi a ninguém tão desgraçado. — Sua voz se converteu em um sussurro.

Aproximou-se da Nicole e lhe colocou uma mecha detrás da orelha. Tinha chegado a querer a aquela garota como a uma filha. Mais serena, continuou —: A Jason não importou que eu fosse uma madame. O único que lhe importava era sua jovem esposa. Estivemos ali toda a noite até conseguir que nascesse sua outra filha. Mas ambas estavam muito fracos e morreram uma hora mais tarde.

Ao ver que lhe tinham enchido os olhos de lágrimas, deteve-se. Sutherland também o viu, e então começou a entender o pouco que sabia da Nicole e do Jason. Voltou a olhar a Maria e lhe pediu:

— Siga. — Ela levantou uma sobrançelha e não lhe fez caso até que Derek acrescentou —: Por favor.

— Jason estava... Inconsolável. — Maria se lembrava perfeitamente daquela horrível noite; de seus gritos, seus prantos, de como rompeu tudo o que tinha a seu alcance —. Nenhum membro de sua tripulação podia obter que se acalmasse.

Sem ser consciente do que fazia, Maria começou a acariciar o cabelo a Nicole.

— Meu coração se partiu em dois ao ver quão apaixonados estavam aquela jovem mulher e o capitão. Encarreguei-me de organizar o enterro dela e de seu bebê. Justo quando estava a ponto de ir, Nicole, que era uma menina preciosa, correu detrás de mim. Estava aterrorizada e não parava de chorar, mas quando a agarrei em braços se tranqüilizou um pouco e se agarrou para mim como se não quisesse que a soltasse jamais. Disse a um dos marinheiros que me levava isso e não parei até lhe convencer de que nos deixasse ir. Essa noite dormiu em meus braços e já nunca deixei que querê-la.

Sutherland permaneceu um momento em silêncio para digerir toda aquela informação, mas de repente lhe tremeu o músculo da mandíbula.

— A visita finalizou — disse sem rodeios, e se aproximou da Nicole para agarrá-la do braço —. Você vem comigo de retorno ao navio.

— Maria! — gritou a garota tentando escapar.

— Algo que queira lhe dizer a Nicole pode dizer-lhe aqui — interveio a madame com autoridade.

— Maria, por favor! Não lhe permita que fique! Este homem perseguiu o Chancey e a mim por todo Londres oferecendo recompensas escandalosas.

— Sabia? Maldita seja! — passou-se a mão que tinha livre pelo cabelo —. Por que se escondeu de mim?

— Por quê? Acaso acha que sou tola? — perguntou ela soltando-se ao fim —. Queria se vingar.

— Está segura de que a buscava por isso?

— Que mais poderia querer de mim depois do que tinha acontecido naquela noite?

Maria os observou e soube que com esse comentário Nicole fazia muito mal a Sutherland. Era óbvio que se aquele homem tinha estado disposto a pagar por obter informação sobre seu paradeiro depois de uma só noite, sem dúvida queria muito mais dela. Olhou-a e as faíscas que saltavam entre ambos eram tão evidentes que era impossível que ele permanecesse impassível.

Entretanto, Derek não lhe disse nada e se limitou a olhá-la.

— Sim claro, essa é a única conclusão lógica.

“Meu Deus, talvez me tenha equivocado com estes dois.”

— Pois claro que é. Vê-o, Maria...? — Nicole se virou para olhá-la —. O só procura vingar-se do que aconteceu naquela noite. Não pode permitir-lhe Nic era daquelas que tardavam a perceber o que estava lhe acontecendo — Ela não tem nenhum direito a opinar a respeito — disse Derek muito zangado.

— Pois claro que sim, capitão — contra-atacou a madame —. Se chamar a meus guardas, não demorarão nem um segundo em aparecer aqui para levar-lhe. Mas por outro lado, pode comportar-se como um homem civilizado e conversar aqui com ela. O advirto que se atrever-se a lhe levantar a voz, joga-lhe daqui para sempre. Compreende?

Derek olhou a Maria, logo a Nicole, e finalmente aceitou com um ligeiro movimento de cabeça.

— Bom, ele pode decidir ficar — resmungou a garota —. Mas eu não tenho por que fazer o mesmo. Solte-me o braço, bruto.

— A outra noite, em meu camarote, não lhe parecia tão bruto...

A brasileira os observou enquanto discutiam. Nunca tinha visto duas pessoas tão feitas o um para o outro.

Nem a dois que demorassem tanto em dar-se conta de que assim era.

O frio coração do capitão não seria capaz de resistir o desejo que começava a sentir por ela. E não tentaria reduzir esse fogo nem apagar sua paixão porque necessitava de Nicole mais que do ar que respirava. Esta pelo contrário, tão cheia de energia e loucuras, necessitava da tranquilidade de um homem com vontade de aço. Ao igual que necessitava de sua sensualidade, a única equiparável à sua.

E, tal como Maria já tinha deduzido, ele não tinha podido tirar-se a da cabeça. Se a isso somava como se levou Derek com o Juliette, Maria soube exatamente que decisão tomar.

Retrocedeu para a porta sorrindo.

— Acredito, meus pequenos amantes, que lhes deixarei sozinhos para que arrumem suas diferenças.

Deu uma portada e os fechou dentro com chave.

— Sim, carinho, como pode ver te deixaram aqui sozinha, e te asseguro que tenho intenção de tirar proveito da situação. — Derek sorriu e se aproximou dela devagar —. A diferente de você eu me alegro muito que estejamos sozinhos — acrescentou em voz baixa.

Ela não podia acreditar. Acabava de deitar-se com uma mulher na porta do lado. De fato, tinha reconhecido que tinha ido ali para visitar o bordel, não para encontrá-la. Quantas vezes podia um homem estar com uma mulher no mesmo dia?

— Mantém-se afastado de mim. Deixe ir.

— Que a deixe ir? Assim sem mais? — burlou-se ele —. Não, não acredito... Levo um mês esperando para tocá-la de novo. — Alargou a mão e lhe acariciou uma mecha que escapava de seu penteado —. Sabe o quanto pensei na noite que passamos juntos?

Antes de poder refletir, Nicole perguntou insegura:

— De verdade.

— De verdade. Desejo-a.

Nicole esteve a ponto de lhe perguntar se tinha encontrado uma boa substituída, mas se conteve porque não queria que acreditasse que estava ciumenta.

— Por que não me deixa em paz? Eu não quero sentir nada de tudo isto.

Derek a olhou intrigado:

— Talvez você goste de acreditar que não quer que assim seja, mas seu corpo me diz algo muito diferente. — Deslizou-lhe a mão por cima dos seios; uma leve carícia, como uma brisa, mas Nicole começou a arder em seu interior. Separou-se dele para tratar de recuperar a respiração.

— Maldito seja, Sutherland! Deixe-me em paz.

— Não posso — disse ele devagar, como se a ele mesmo surpreendesse admiti-lo.

— Bom, pois terá que fazê-lo. Embora me sentisse atraída por ti, coisa que não é certa, nunca poderia estar contigo. Somos competidores. Embora esta regata não signifique nada para você, para mim e meu pai é tudo.

— Sei que a regata é importante. — passou-se a mão pelo cabelo —. Esse imbecil do Tallywood esta em primeiro.

— O que?

— Averigüei-o esta mesma manhã. Deveria ir e sair atrás dele, mas por alguma razão, sempre que estou contigo... — esqueceu-se do que queria dizer e, agarrando-a pelo quadril a aproximou dele. Inclinou a cabeça para lhe beijar o pescoço, um leve toque que a fez tremer —. Sei que deveria içar velas o mais breve possível, mas mesmo assim, preciso passar à tarde na cama contigo.

Nicole não podia suportá-lo. Qualquer pensamento do Tallywood liderando a regata se desvanecia frente às carícias do Sutherland. Tratou de imaginar-se tudo o que podiam fazer durante uma tarde.

Mas que classe de mulher era? Aquele bastardo acabava de fazer o amor com outra mulher; e ali estava beijando-a só uns minutos mais tarde. Acaso a Nicole não tinha bastado àquela primeira noite para entender que ela só era um número mais em sua larga lista de conquistas? Estava furiosa, furiosa porque de algum modo sabia com segurança que jamais voltaria a sentir isso com nenhum outro homem. Enquanto que ele provavelmente se sentia assim cada noite.

Obrigou-se a recordar que se ganhava a corrida, se derrotava ao homem que agora a tinha entre seus braços, teria o futuro garantido; o seu, o de seu pai e o do Chancey. Precisava voltar a lhe odiar, porque era o único modo em que conseguiria resistir a ele.

Afastou-se sem deixar de olhar a mão com que a sujeitava. Derek franziu o cenho e a deixou ir.

— É você quem confecciona as cartas de navegação de seu navio? — perguntou Nicole.

— Claro — respondeu ele sem alterar-se.

A Nicole lhe fez um nó no estômago e, com arrogância, continuou:

— Excelente. Assim a vitória será muito mais doce.

— Insinuas que é você quem dirige o seu? — Derek e riu sem vontades e acrescentou sarcástico—: Não se sente triste por que rompeu seu leme.

A Nicole começou a ferver o sangue, mas esta vez de raiva.

— Não voltarei a corrigir seus torpes cálculos — atacou ela —. Terá sorte se consegue sair do porto.

— Aquilo eram só uns esboços... — Ao dar-se conta do que pretendia ao lhe fazer zangar-se se deteve, mas seus olhos nunca deixaram de mostrar o desejo que sentia —. Seu plano não vai funcionar comigo, Nicole. O fato de que queira discutir só faz mais evidente que você me deseja tanto como eu a você.

Ela sacudiu a cabeça em uma negação nada convincente. E o comprido braço do Derek voltou a rodeá-la.

Sem pensar, Nicole se limitou a reagir.

Agarrou a cadeira que havia a seu lado e se separou dele de uma vez que a colocava em meio dos dois. O respaldo desta lhe bateu em pleno membro.

Derek apertou a mandíbula com força e fechou os olhos esperando a que remetesse a dor. Quando o conseguiu, abriu-os e a fulminou com o olhar. Justo antes de desabar-se como um peso morto.

— OH, Meu deus! — Nicole se ajoelhou junto a ele —. O sinto... Eu só queria me afastar de ti.

Isso o enfureceu ainda mais. Gemeu de dor.

— Me... pagará...

A garota não ficou a escutar o que queria lhe dizer. Correu para a porta e a golpeou com ambas as mãos. Aos poucos segundos, ouviu-se uma chave.

Justo antes de sair, Nicole se virou. Derek tinha razão. Ela queria brigar com ele, mas não queria lhe fazer dano. Queria desculpar-se, assegurar-se de que estava bem. Ao final, optou por dizer:

— Sei que te tenho feito mal... E quero que saiba que não fiz de propósito. — Desejava lhe dizer algo mais, mas se obrigou a endurecer seu coração —. Boa sorte com a regata, capitão. Vai necessitar.

Derek bebeu outra taça de brandy e sentiu outra pontada. Tinham passado duas horas e por culpa da dor que sentia no membro ainda não podia nem beber. Ao final, Nicole sim lhe tinha deixado uma lembrança permanente.

Quando por fim pôde voltar a caminhar erguido, esquadrinhou a casa da Maria em sua busca. Aproximou-se do prostíbulo e ali descobriu que à garota nunca lhe tinha permitido a entrada no recinto. Todas as prostitutas sabiam quem era ele, porque cada vez que perguntava algo sobre ela optavam por fechar-se em banda. Nenhuma manada de lobas defenderia tanto a um de seus cachorrinhos.

Assim que ela era quem capitaneava o navio? Antes só tinha querido voltá-la para encontrar e obter que o desejasse tanto como ele a ela. Mas agora, depois de suas arrogantes provocações, além disso tinha que derrotá-la.

Com passo decidido, dirigiu-se ao oficial do porto de Recife, quem acabava de inspecionar o navio em busca de exportações ilegais. O difícil, mas ao parecer próspero porto de Recife era implacável no que se referia à obtenção de tarifas. Derek tinha ouvido que, detrás de toda essa política tão agressiva e frutífera, não estava outra pessoa que Maria. Conhecendo sua mente para os negócios, Derek não tinha nenhuma dúvida de que assim era.

Quando o homem terminou de inspecionar o Southern Cross, Derek lhe disse:

— fosse muito rápido, senhor. Não é que me queixe, claro, ao contrário — acrescentou jovial. Derek tinha decidido que não estaria de mais solicitar um pouco de informação sobre a tripulação do Lassiter, e aquele homem parecia mais que disposto a dar-lhe.

— Sim, sei que você participa da Grande Regata, assim tenho suposto que teria pressa — disse magnânimo lhe devolvendo os documentos.

— Muito obrigado. — Derek fez uma pausa antes de acrescentar —. Já inspecionou o Bela Nicola?

— Ainda não. — retorceu-se o bigode e se aproximou dele para lhe dizer com cumplicidade masculina —: Mas estou impaciente por conhecer a filha do capitão Lassiter.

Derek se obrigou a permanecer relaxado, embora morresse de vontades de sacudir aquele tipo pelo mero feito de mostrar interesse pela Nicole.

Ao parecer, a senhorita Lassiter tinha admiradores em qualquer parte. Ocorreu-lhe uma idéia brilhante e franziu o cenho.

— É muito bonita, não é certo?

Depois de escutar os cumpridos do inspetor, disse:

—Sabe...? Deveria tomar cuidado com a senhorita Lassiter. — Ao ver como o homem o escutava atento, Derek sacudiu a cabeça com tristeza —. Ao que parece, a garota ficou gostada muito de mim, mas quando seu interesse se fez evidente tubo que rechaçá-la. É bonita, mas já sabe, eu sou conde e bom..., os homens de minha classe social não se casam com garotas do povo, já me entende. — O homem assentiu como se soubesse perfeitamente o que se sentia ao ser conde.

O capitão teve que esforçar-se por manter-se sério.

— A garota ficou destrocada. Tanto, que jurou que se casaria com o primeiro homem que o propor.

— Sério? — perguntou o oficial acelerado.

— Sério. Mas acredito que, depois de sua experiência comigo, talvez queira fazê-la interessante. Entretanto, o fato é que essa garota deseja casar-se mais que nada neste mundo. E seu pai está tão desesperado por tirar-lhe de cima que inclusive está disposto a aumentar seu já generoso dote.

— Obrigado, capitão. Obrigado — disse o oficial com ardor. Agarrou-lhe a mão e a sacudiu entusiasmado.

Quando Derek conseguiu liberar-se, acrescentou:

— Ah, senhor... à senhorita Lassiter gosta dos homens fortes e, como lhe diria, dominantes, que não se deixam amedrontar com facilidade. O advirto, essa garota pode pôr a prova sua determinação.

— Muito obrigado. Agora mesmo irei ver a senhorita Lassiter! — disse de modo de confiança ao sair.

Ao ver afastar-se ao homem, Derek ouviu que não deixava de repetir-se a si mesmo

— Forte, bravo, dominante!

Os lábios do nobre esboçaram um sorriso; o jogo tinha começado. E Nicole ainda não sabia que ela ia perder a primeira mão.

— Cretino, cabeça dura! Queria fazer o amor comigo, Maria. Como se eu não tivesse nada que dizer a respeito. Quis lhe esbofetear. Ganharei esta regata só pelo prazer de lhe ver perder...

— Nicole! Se pudesse deixar de insultar ao capitão durante um segundo — gritou a madame por cima do discurso da garota —, eu gostaria de lhe dizer algo.

Ela se calou e, com o cenho franzido, serviu-lhe chá.

—De acordo — balbuciou.

Maria aceitou a taça que lhe oferecia.

— O que trato de lhe dizer desde que saímos de casa é que o capitão Sutherland nem sequer tocou em Juliette. Depois de um único e muito curto beijo, disse-lhe que não podia estar com ela.

Nicole sentiu um estalo no coração; e um montão de pensamentos se amontoou em sua mente. Não tinha feito amor com a prostituta? Por que não tinha sido capaz de deduzir que ele era incapaz de estar com outra mulher?

Nicole precisava acreditar que seu adversário era um canalha, que tinha estado com o Juliette. Mas agora que Maria lhe tinha dado essa informação, suas emoções se transportaram para o outro extremo. Recordou a cena entre os duas uma e outra vez e desejou ter feito as coisas de outro modo. Desejou não lhe haver feito tanto dano.

Como conseguiria aguardar final da corrida para lhe dizer o muito que o sentia?

— Oh, Deus, Maria! Estou-me apaixonando pelo capitão!

— Muito bem — disse a madame sorrindo —. Vou dar minha opinião profissional. O capitão se comportou desse modo porque ele já está apaixonado por você.

Nicole levou a ponta da trança aos lábios.

— Não, o que ele sente não é amor.

— Confia em mim. Há algo muito forte entre vocês. Serão felizes juntos. Não será fácil, mas o amor rara vez é.

O capitão a amava? Nicole sacudiu a cabeça.

— O mais provável é que agora mesmo me odeie. Esqueceu que nesta mesma tarde lhe bati com uma cadeira?

— Recupera-se. E a próxima vez que o veja, pode inclusive fazer algo para ajudar — disse Maria entre risadas.

Nicole abriu os olhos de par em par.

— Maria, tenho que falar contigo sobre... Tudo isso. Tem que me ensinar, assim a próxima vez que estivermos juntos não ficarei como uma parva.

— Em realidade é muito fácil. Quão único tem que fazer é...

Um golpe na porta as interrompeu. Nicole franziu o cenho.

— Quem é? — perguntou.

Chancey apareceu de repente.

— Tem uma carta, e o oficial do porto está aqui para que firmes os papéis.

Nicole se levantou resignada, aceitou a carta, que atirou em cima da escrivaninha e se dirigiu a Maria:

— Em seguida volto. Prepara mais chá, tenho que te perguntar muitas coisas.

Correu a encontrar-se com o oficial. Era um homem baixinho e cheio de condescendência. Inclusive depois de que lhe tivesse assinado os documentos, ficou ali lhe fazendo perguntas.

— Sim? — perguntou já zangada. Morria de vontades de retornar a seu camarote e averiguar qual era essa norma misteriosa que bastava para tudo.

— Senhorita Lassiter, eu gostaria de falar sobre sua recente... Decepção.

— Minha o que?

— Seu desengano amoroso. Sei tudo, e estou a par de seus planos para contrair matrimônio. Vim a me postular eu mesmo para o posto.

— Senhor, eu não tenho intenções de me casar com ninguém. — Tentou recuperar a calma —. O sinto, mas deveria ir-se agora mesmo.

Sem alterar-se, ele se retorceu o bigode.

— Ah sim, já me advertiram que gosta de fazer-se de difícil. Mas conseguirei convencê-la.

Aquele homem estava louco. Como uma cabra.

Atrás do oficial apareceu Maria que, da soleira de uma porta, olhou-a intrigada. A garota se limitou a sacudir a cabeça. Aquele homem, cheio de orgulho, não parava de lhe dizer que apesar dele ser um oficial de alta fila estava disposto a passar por cima suas baixas origens e casar-se com ela apesar de tudo.

Nicole o olhou furiosa.

— Se você acreditar que vou casar-me com...

O homem a interrompeu.

— Este jogo já durou muito. — estava-se zangando e moveu as mãos até as deixar ao fim descansar sobre sua barriga —. Desejo falar com seu pai a respeito de seu dote.

— Meu pai — disse ela apertando os dentes —, não recebe visitas.

Ele exigiu reunir-se com o Lassiter. Em seguida. Ao ver que ela continuava negando-se, o oficial começou a suspeitar dos motivos que tinham impedido o capitão Lassiter mostrar-se na cobertura.

Como poderia explicar Nicole que navegavam no navio de seu pai sem ele, ou sem um capitão com título? Se lhe rechaçava, aquele homem poderia lhes dar problemas só para compensar seu orgulho ferido.

— Não pode lhe receber porque está na casa de madame Magro — mentiu. Todo mundo em Recife estava a par de sua amizade com a Maria, assim que a história era verossímil —. Não voltará até manhã.

Logo que Maria a ouviu lhe lançou um beijo e se foi correndo para sua mansão para dar veracidade a aquelas palavras.

As horas que demorou para desfazer do oficial lhe pareceram eternas. Logo, Nicole retornou ao seu camarote zangada por não ter podido despedir-se de seu amiga e descobrir de passagem qual era aquele maravilhoso recurso. Derrubou-se em uma cadeira, esgotada depois do encontro com aquele homem, e então se

lembrou da carta que tinha deixado em cima da escrivaninha. Enrugou o cenho e foi a por ela. Com letra firme e decidida podia ler-se:

“Acreditei que fariam bom casal.”

Sutherland, bastardo! Tinha assinado com letras grandes e claras, convencido de que Nicole já não estaria a tempo de fazer nada. Agora se estaria rindo dela, seguro.

Sua embromação os obrigou a sacrificar a melhor parte do dia. Temerosos de que o oficial seguisse lhes vigiando, Nicole e sua tripulação tiveram que esperar a que o sol ficasse para poder fugir agasalhados pela escuridão. Partir de um porto era uma aventura em si mesmo, mas fazê-lo às escondidas era desmoralizador.

Sutherland pagaria por isso.

Nicole tinha acreditado que não haveria nada pior a ser rebocados por um cargueiro de guano. Mas o havia, e toda graças ao péssimo senso de humor dele.

Essa mesma noite, enquanto estava na cobertura, impaciente por partir, Nicole se lembrou de que tinha querido desculpar-se, mas enquanto ele se entretinha lhe mandando a um pesado oficial com complexo do Don-juán.

Tinham-lhe acontecido às vontades de lhe pedir perdão por nada.

— Acredita que apanharemos o resto das embarcações? — perguntou Chancey atrás dela sossegando assim seus pensamentos.

— Alcançaremos — respondeu séria. “A Sutherland primeiro”

Horas mais tarde, quando os primeiros raios do sol se refletiram no mar, vislumbraram um par de mastros no horizonte. Tinham que pertencer ao primeiro grupo de navios. Como estavam acostumado a passar, muitos tinham a mesma velocidade e uma tripulação igualmente preparada, assim não podiam ter vantagem entre si. Inclusive nesses momentos, depois de treze mil milhas de viagem, a algumas embarcações, separavam-se somente algumas milhas.

À ordem do irlandês, a tripulação se concentrou na navegação e logo começaram à adiantar. Nicole, com um lápis detrás da orelha, estudou o mapa que umas pedras sujeitavam em cima da escrivaninha que havia na cobertura.

— Para o sul, sudoeste.

Olhou ao Chancey e este não se moveu; seu trajeto entraria muito mais ao sul que às outras embarcações.

Nicole sentiu a necessidade de justificar-se:

— Assim agarraremos mais ar. Teríamos que segui-los durante horas antes de poder obter uma vantagem semelhante.

O marinheiro acariciou pensativo a mandíbula:

— Isso nunca nos incomodou. Mas com seu plano nos estamos afastando ainda mais.

— Mas iremos mais rápido.

— E será muito mais duro para nossos homens.

Nicole ficou em silêncio e levantou de novo a luneta com a esperança de poder lhe ignorar.

— Não o estará fazendo por causa de Sutherland? Olhe! — disse com raiva—. O que leve vantagem de nós esta me carcomendo por dentro.

Nicole semicerrou os olhos e replicou:

— O que nos fez em Recife foi um truque muito sujo.

— Teve graça — disse Chancey sorrindo—. Pareceu-me isso. E seguro que seu pai também teria feito.

Nicole abriu a boca para responder, mas supôs que seu amigo tinha razão.

— E você, já te esqueceu que lhe copiou a rota?

— Eu não lhe copieei a rota, eu...

— Aprendeu-lhe isso de cor, e logo que chegou a sua casa a escreveu em um papel.

Nicole olhou-o boquiaberta.

— Está bem, seguiremos sua rota — concluiu o gigante deixando de discutir —. Só me diga para onde tenho que ir.

E ficaram mãos à obra. A caótica, mas ordenada atividade que se desenvolvia na cobertura, com o vento assobiando entre as velas e os gritos da tripulação cada vez que adiantavam a outro navio... Tudo... Gostava de tudo. Nicole adorava o modo que todos se moviam como se fossem uma só pessoa, como podia controlar um navio tão volátil e fazer que adiantasse um navio atrás de outro. Logo que tivesse tempo para conversar com Chancey, só podia lhe comunicar às mudanças que devia fazer no rumo, e assim talvez conseguissem apanhar ao Tallywood.

Uma noite em que amainou o vento, o vigia gritou:

— Nem rastro do Tallywood.

Que este ainda lhes levasse vantagem era como uma bofetada para toda sua tripulação, que odiava com todas suas forças a aquele indesejável. Nicole, consciente desse sentimento, disse-lhes:

— Ainda é cedo para nos preocupar com o Tallywood. Se segue sendo tão torpe, seguro que cedo ou tarde acabará colocando a pata. Mais perto temos a um rival ao que sim vale a pena derrotar. — Para si mesma, acrescentou —: Iremos por Sutherland.

Mas Chancey a ouviu e a corrigiu:

— Não deveria dizer que iremos por Southern Cross?

CAPÍTULO 13

Nicole levantou a luneta e ao ver a esteira do Southern Cross sentiu uma incrível sensação de alívio. Por fim o tinham apanhado. Não pôde evitar sorrir.

“E agora o passaremos”

Mas Sutherland não parecia disposto a colaborar. Cada vez que conseguiam aproximar-se, ele conseguia colocar-se adiante e impedir que aproveitassem algum vento.

Ela observou surpreendida como aquele navio conseguia adiantar ao dele, que era muito mais rápido e ligeiro. Voltou-se para o Chancey para lhe dizer o que pensava, mas fechou a boca de repente.

Este estava rindo-se, e disse:

— Em resposta a sua pergunta, Sutherland pode fazer o que faz porque é bom, muito bom, e frio como o gelo. Navega com método, com frieza.

— Parece que o admira — disse Nicole incrédula.

— Posso não gostar dele e ainda sim admirar suas técnicas de navegação.

A garota já não podia suportá-lo mais.

— Chancey, troca o rumo para o noroeste — lhe ordenou apertando os dentes.

— Nem pensar — replicou ele fulminando-a com o olhar —. Não vou permitir que nos afaste ainda mais do resto só para lhe dar o gosto de te pôr diante dele — acrescentou em voz baixa para que o resto da tripulação não pudesse ouvi-los —. Ainda faltam muitas milhas, tem que ter paciência.

— Já, mas é que estou segura de que neste mesmo instante Sutherland tem um enorme sorriso de satisfação desenhada no rosto. E o único que me importa é apagar-lo — disse em um tom de voz muito repelente.

Chancey olhou a seu redor; primeiro às ondas e logo ao céu. — Os ventos não demorarão para trocar; então poderá lhe adiantar.

Nicole se baixou a boina sem dizer nada. Ele tinha razão, se os ventos trocavam, o Bela Nicola se interporia entre estes e o Southern Cross. Sutherland não poderia aproveitá-los. Mas de uma vez não podia evitar pensar que seu pai teria feito exatamente o que ela acabava de sugerir.

Meia hora mais tarde, em efeito os ventos trocaram, e puderam ganhar vantagem.

— Se nos apressarmos, poderemos lhe adiantar a tempo antes das rochas — disse Nicole. Estavam-se aproximando do montão de bicudos escolhos que davam a bem-vinda a todos os navios que, entrando da América do Sul, participavam da regata. Ela sempre se imaginou essas rochas como uma ponte levadiça que separava aos afortunados novos heróis dos pobres diabos que acabavam afundados no fundo do mar.

Chancey sacudiu a cabeça.

— Nunca o obteremos. Ficaremos ao seu lado e nos veremos obrigados a retroceder. — Olhou-a nos olhos —. Sutherland não é um homem que goste de compartilhar seu espaço no mar, Nicole.

— Se conseguimos passar só ficará Tallywood por diante e por fim perderemos de vista a esteira do Sutherland. — Para dar mais ênfase a suas palavras, golpeou-se uma mão com o reverso da outra —. É um risco calculado, Chancey. Nisso consiste precisamente a regata! À tripulação adorará. Se conseguimos passar adiante de Southern Cross, falarão de nós durante anos.

— Dentro de uns metros teremos suficiente espaço para tentá-lo — balbuciou Chancey entre dentes —. Mas com esse movimento fará que o furacão fique justo em cima de nós.

— Então mais nos vale nos apressar — respondeu ela sorrindo com picardia.

O marinheiro a olhou com o cenho franzido, mas detráis soltar uma maldição, gritou:

— Atenção todo mundo! Vela para o norte e noroeste! Já!

— Navio à vista! — anunciou o vigia do Derek.

— Onde? — perguntou ele ao ouvir isso.

— Ao leste, acabo de vê-lo justo pego a nossa esteira e, pelas cores de sua bandeira, diria que é esse Clipper ianque.

Derek agarrou sua própria luneta para comprovar se era o navio do Lassiter. Ao ver o familiar desenho das velas do Bela Nicola o fechou de repente.

Não lhe surpreendia que o tivesse alcançado. Nenhum navio era tão rápido como o do Lassiter, mas navegar tão perto requeria muito sangue-frio. Seguro que Nicole sabia de seus planos de rota antes de deixá-lo fosse de combate naquele bordel do Brasil; entretanto, parecia que inclusive queriam adiantá-los. Jamais tinha desejado com tantas vontades que uma corrida chegasse a seu fim...

Parecia uma confusão, não sabia o que pensar, mas de repente ouviu o rugido de um trovão longínquo. A tormenta que tinham visto formar-se mais ao sul estava ganhando terreno. Desdobrando-se. E as rochas escondidas pelas ondas começavam a sair à superfície.

— Nunca me gostou de cruzar o paralelo quarenta — disse uma voz atrás dele.

Derek se virou e viu o Jeb aproximando-se.

— Nem eu — reconheceu o capitão enquanto ambos olhavam o mar. perguntou-se se Jeb se aproximou até ali para assegurar-se de que seu superior não estava bêbado, de modo que, para lhe tranquilizar, disse —: Quando o tempo melhorar teremos mais espaço para navegar.

— É só que não gosta de ir fazer companhia aos cascos que há aqui afundados — disse Jeb flexionando os dedos.

— Por que o diz? Acaso duvida de mim?

— Não, mas não pode dizer-se que isso signifique muito. Maldição, o mais provável é que você adore estar aqui... Sei como desfruta das tormentas — disse o ancião antes de afastar-se.

Derek não tinha segredos para aquele homem. Era certo, lhe encantavam as tormentas. Provavelmente porque eram o que unicamente o faziam sentir vivo. Mas na “rota impossível» inclusive o assustavam.

Perguntou-se se o Bela Nicola estava preparado para capear aquele temporal. O irlandês que a comandava seguro que tinha sobrevivido a um montão de tempestades. Seguro que sabia das correntes submarinas e das bicudas rochas ocultas, assim como da força das tormentas nessa latitude.

No Brasil, Derek tinha averiguado que esse homem era um muito bom capitão, muito mais consciente e menos imprevisível que o selvagem do Lassiter. Mas apesar de tudo, ao pensar nos bancos de areia e nas cavernas que começavam a mostrar seu rosto, Derek não pôde evitar preocupar-se com Nicole.

Maldita fosse, não lhe importava o que pudesse lhe acontecer a aquele navio nem a nenhum de seus ocupantes, incluindo ela. Nicole lhe tinha espiado, tinha-lhe mentido, tinha permitido que Chancey lhe golpeasse... Por não falar do último ataque que tinha sofrido em outra parte de sua anatomia.

E, além disso, era a culpada daqueles sonhos agonizantes que não deixavam de lhe atormentar.

“Só estou obcecado por ela porque ainda não nos deitamos”, disse-se a si mesmo para tranquilizar-se.

Seus já habituais pensamentos sobre como seria fazê-lo com ela fossem interrompidos pelo Bigsby, o médico da bordo.

— Capitão, posso falar com você, por favor? — O homem parecia muito angustiado.

Ao ver sua cara de preocupação, Derek se lembrou da estranha febre que começava a afetar a grande parte de sua tripulação. Esperava que Bigsby tivesse conseguido controlá-la por fim. Voltou a guardar a luneta no bolso de seu casaco e, depois de lhe indicar ao timoneiro que ocupasse seu posto, seguiu ao facultativo.

Fossem para a sala de cartografia e Derek esperou impaciente a que Bigsby fechasse a porta atrás dele.

— Capitão, não quero que estenda o pânico — disse, esforçando-se por manter-se acalmado —, mas... adoeceram mais dois marinheiros e um moço da cabine começa a estar enjoado.

Aquela enfermidade invisível seguia atacando a seus homens. Uma adversidade contra a que ele não podia lutar.

— Com eles já vão onze. — Derek se esfregou a nuca com a mão —. Contratei-lhe porque me disseram que era o melhor. Assim, pode-se saber por que diabos ainda não averiguou o que está passando?

Bigsby se ruborizou e respondeu nervoso:

— Acredito que já sei. — Fez uma pausa dramática e, como se estivesse comunicando uma sentença de morte, disse —: A água do navio está... Envenenada.

Derek não podia acreditá-lo mas... Que Deus lhe ajudasse, tinha sentido. Pensou nos homens que jaziam ali tombados gravemente, doentes, tentando controlar seus gemidos de dor. Primeiro tinha acreditado que só eram enjôos, nada estranho entre a tripulação. Mas logo, ferroadas no estômago fossem acompanhadas por fortes febres. Seu instinto lhe dizia que o médico tinha acertado.

Veneno. Sua mente não parecia capaz de assimilá-lo, mas sabia que não tinha tempo que perder.

— Os barris que ficam, estão todos poluídos? — perguntou sabendo já a resposta de antemão.

— Sim, temo-me que sim. Abri-os eu mesmo e lhes dava de beber a um par de galinhas. — Bigsby franziu o cenho e olhou o chapéu que não parava de manusear —. Pelo que aconteceu com esses animais, estou convencido de que assim é. Toda a água está poluída.

Não tinham água? Como mínimo demorariam uma semana mais em chegar ao cabo de Boa Esperança, isso se toda a tripulação podia trabalhar. Nesses momentos já lhe custava cobrir todos os turnos, por não mencionar quão difícil seria cruzar “a rota impossível” com a metade de seus homens. E se adoeciam ainda mais?

A maldição de um marinheiro o tirou de seus pensamentos.

— O navio do americano está virando e se aproxima de nós.

Assim que o Bela Nicola se estava aproximando. Mas não contava recebendo nenhum tipo de ajuda de sua parte.

— Capitão, temos sorte — exclamou o facultativo aliviado —. Podemos lhes pedir ajuda. Seguro que eles têm água de sobra, e talvez possam nos dar uma mão.

“A água! Nicole tinha estado no armazém...” Sentiu crescer a fúria em seu interior e, ao notar como se apoderava de seus pensamentos, Derek acreditou que ia estalar. Deu um murro sobre a mesa assustando ao médico.

— Reúna a toda a tripulação na cobertura — grunhiu Derek—. Agora mesmo!

Minutos mais tarde, todos os homens cuja saúde o permitia, estavam ali. Olhou seus rostos exaustos e voltou a lhe invadir a raiva. Obrigou-se a manter a calma.

— Chegamos à conclusão de que no navio não há nenhuma enfermidade. —Ao ver como a esperança se refletia nas caras dos marinheiros, levantou a mão —. Mas me temo que o que vou dizer lhes é igual de alarmante. Esses enjôos são culpa da água de nossa adega. — olharam-se os uns aos outros sem entender —. Não fica nenhuma gota de água sem poluir. — A angústia deformou seus rostos —. Nossa urgente necessidade de água se verá solucionada com a tormenta que se mora, ou isso espero. Mas depender da chuva em uma viagem destas características é muito arriscado. — Queria esfregar o rosto com as mãos, mas se conteve. Em vez disso, ergueu mais as costas —. O que de verdade me preocupa é o escasso de pessoal que estamos para cruzar estas águas. Se nenhum dos que estamos aqui doente, talvez possamos obtê-lo.

— Capitão, me permita que lhe diga — disse o contramestre com voz tremente —, que acredito que eu já estou doente. Não sei se poderei ocupar meu posto por muito mais tempo — reconheceu envergonhado.

Derek ia responder lhe, mas outro homem, e logo outro, e outro disseram quão mesmo o contramestre.

—Capitão, e o que passa com o Clipper que temos pego aos pés? — perguntou um de seus guias —. Embora seja Lassiter, seguro que nos ajudará se lhe pedimos socorro.

Derek cortou de coalho todas as exclamações de alívio.

— Não podemos contar com isso. —De fato, não se atrevia nem a predizer como reagiriam.

Derek viu que todos o olhavam surpreendido ao vê-lo duvidar da ajuda que pudessem receber da tripulação do Lassiter. Tentou ficar em seu lugar; entre marinheiros eram comum ajudar-se entre eles, fossem competência ou não. Em princípio, tinha decidido não lhes contar o que suspeitava, mas tampouco queria que concebessem falsas esperanças. Além disso, tinha que lhes preparar para as pouco ortodoxas ordens que fossem receber em poucos minutos:

— Tenho razões para acreditar que a pessoa que envenenou nossa água vai a bordo do Bela Nicola.

Nicole fechou a luneta apoiando-o contra sua coxa e começou a passear impaciente pela cobertura. Tratar de adiantá-lo ali ia ser perigoso. A verdade era que um dos motivos pelos que tinha querido apanhá-lo era porque estava convencida de que ao final não se atreveria a seguir essa rota. Sim, Derek a tinha planejado, mas Nicole acreditava que, ao final, tornar-se-ia atrás. Terei que estar louco para levar um navio do tamanho do Southern Cross por aquelas correntes e entre aquelas rochas tão perigosas. Franziu o cenho. Das duas uma, ou era muito, muito teimoso ou tinha perdido o julgamento. Decantou-se pelo segundo.

Afastou o cabelo da cara e voltou a colocar-lhe sob a boina antes de olhar de novo as nuvens que começavam a formar uma tormenta. Era uma loucura seguir essa rota com uma tempestade tão perto.

Mas lhe levava já, como mínimo, um quarto de milha de vantagem. De onde Nicole estava parecia que Derek conseguiria cruzar antes que o apanhasse a tormenta. “Não como nós”, pensou ao ver a cor púrpura do céu.

Mas confiava em sua tripulação e, para falar a verdade, também em si mesma. Tinha navegado por aquelas águas milhares de vezes com seu pai. E seu navio estava construído para resistir tormentas desse calibre; ágil contra o vento, mas de uma vez forte. Uma das lembranças mais apreciadas de sua infância era escutar as rajadas de vento enquanto navegava junto a seu pai. Com as velas desdobradas, a toda velocidade, adiantando aos enormes e covardes navios que optavam pelas manter pregadas.

Quando Chancey deu a ordem de que se preparassem para navegar baixo aquelas difíceis condições, ninguém pareceu surpreender-se, e Nicole foi para seu camarote em busca de sua capa de chuva. Ali, a sós, pensou no Sutherland, como de costume.

Estava passando o braço por uma das mangas quando uma quebra de onda de pânico a assaltou de tal modo que teve que sentar-se para não cair ao chão.

O risco que ia correr o capitão inglês podia ser letal.

Mas por que ela iria se importar com isso? Por culpa de seu péssimo senso de humor tinha tido que sair escondido do Brasil. Fazia semanas que estava furiosa com ele. Entretanto, nada mais que somente pensar que aquela tormenta pudesse feri-lo ou matá-lo fez que seu aborrecimento desaparecesse igual a uma brisa entre as velas.

A verdade era que não tinha nenhum motivo para lhe odiar, e a essas alturas era incapaz de zangar-se por sua brincadeira. Em especial nesses momentos, quando os navios estavam tão perto um do outro e a ponto de alcançar ao Tallywood. Já não estava zangada, e as emoções que sentia fizeram que seu corpo ficasse empapado em um suor gelado. Correu para a cobertura.

Precipitou-se para o posto de mando e procurou frenética sua luneta sob o olhar atônito do Chancey. Obrigou-se a manter a calma, respirou fundo e inclusive conseguiu esboçar um sorriso. Não tinha sentido que estivesse tão assustada. “Ao fim, a última vez que vi o Sutherland navegava tranqüilo pelo estreito.”

CAPÍTULO 14

Riu-se de si mesma e de suas tolas apreensões aproximando a luneta aos olhos.

Soltou-o de repente.

O Southern Cross estava completamente quieto no meio do mar.

— Por Deus santo! O que está fazendo? — Nicole não tratou de ocultar o medo que sentia pelo Derek, nem o Chancey nem a nenhum dos homens que estavam junto a ela —. Tem as velas pregadas... Não o entendo.

O irlandês lhe arrancou a luneta das mãos:

— Maldito idiota! — balbuciou.

— O que pretende...? Temos que lhes ajudar!

A garota teve que gritar para que pudessem ouvi-la, pois nesse mesmo instante o vento começou a soprar com todas suas forças e o Bela Nicola saiu disparado. Inclusive para ele, era muito forte, de modo que todos os marinheiros tiveram que correr a sujeitar as velas.

— Se tranqüilize — lhe disse Chancey lhe agarrando o queixo com os dedos —. Pregarão velas e navegaremos para ali.

Nicole assentiu e foi para o leme, o único lugar onde podia estar sem que sua tripulação estivesse todo o momento pendente de que não caísse pela amurada. Passaram uns minutos, mas não afastou o olhar do navio do Sutherland nem um segundo. Em que diabos estava pensando Derek?

Confusa, desviou a vista para suas mãos, que descansavam sobre o leme. Notou que este começava a estar escorregadio e que ao navio lhe custava responder, como se estivesse perdendo energia. Era como se as mercadorias do armazém tivessem se soltado de todo e cambaleassem. Muito a seu pesar, deu-se conta de que o leme ia indo cada vez mais duro até ficar bloqueado... Como se tivesse quebrado a guia.

Impossível. Seguiam no meio do canal, ali não havia nada com o que tivesse podido travar-se. Tampouco tinham se chocado com nada, maldita fosse! Levantou os olhos e viu a aterrorizada cara do Chancey. Tinha detectado os mesmos sintomas.

Sujeitou o leme com uma mão e o chamou com a outra sem deixar de sacudir a cabeça.

— Não chocamos com nada... Não entendo o que acontece! — gritou.

O gigante assentiu e correu para a escada, embora em realidade não fazia falta... Ele já sabia que o Bela Nicola se estava afundando muito, muito devagar.

Nicole esboçou um sorriso nervoso. “Bom, agora que meu navio está em perigo, poderei deixar de pensar no Sutherland.”

Chancey subiu e ordenou a vários marinheiros que baixassem às adegas a bombear, logo levantou a vista para a tormenta e viu os raios aproximando-se deles. Chamou o Dennis, que justo então acabava de pregar as velas, e lhe disse que fosse com a Nicole para revesar a seu posto. Ela ia protestar, mas ao ver a cara de seu amigo optou por manter-se calada.

Com voz estrangulada lhe disse:

— Tudo bem, pequena. Vamos atravessar o inferno.

Ela o fez sem discutir. Quando Chancey esteve satisfeito com seus nós, afastou-se dali e começou a assegurar os cabos de uma vez que explicava aos membros da tripulação ao que iriam enfrentar.

A garota se estirou um pouco para tentar ver de novo o Southern Cross, mas justo quando estava a ponto de obtê-lo, alcançaram-nos as nuvens e o céu se desabou sobre suas cabeças. Não soube se durou horas ou minutos, mas a chuva caiu implacável sobre eles alagando a cobertura e sacudindo os mastros. Era impossível ver além de seu próprio nariz. E então chegaram também os raios.

Nicole se retorcia tanto para agachar-se que lhe doíam os músculos do pescoço, tentando fugir do açoite do céu que cada vez se enfurecia mais sobre o Bela Nicola.

Olhou horrorizada e incrédula como um raio partia em dois o pau maior. Ao sentir o horrível calor que lhe abrasou o rosto, fez-se um novelo. Aquela rajada de luz foi acompanhada de um ensurdecedor vento. Estava deslumbrada pela chama, e o trovão que o seguiu não a sacudiu só a ela, mas também ao navio e à escuridão que os envolvia.

Piscou um par de vezes para tentar recuperar a visão e ver o mastro. O raio o tinha destroçado, ardia e só estava sujeito pelas cordas que ainda penduravam dele.

Cortou-lhe a respiração. “Se essas cordas cederem...”

Então aconteceu. O mastro se rompeu de tudo e foi cair em metade do posto de mando fazendo saltar pelos ares a metade da cobertura; esse buraco apanhou em suas garras a tantos marinheiros como pôde. Nicole viu como o impacto propulsava ao Dennis contra o leme.

Durante dois segundos intermináveis esperou a que se levantasse, mas não se movia. Com mãos trementes, começou a desfazer os nós. Conseguiu soltar-se ao mesmo tempo que Chancey apareceu na cobertura. Depois de levantar o timoneiro, apesar de que seguia inconsciente, atou-o ao leme. Nicole elevou a cabeça e viu que a roda não parava de girar, de modo que elevou as pernas para capturá-la com elas.

A cada sacudida do navio, Nicole se golpeava para um lado e para o outro, cravando-as vigas da cobertura sem no entanto conseguir nada. Por fim, conseguiu detê-lo um instante, mas os pregos que tinham ficado soltos lhe cravaram nas mãos. Tentou-o tudo até que, ao final, tornou-se em cima da enlouquecida roda com todo seu corpo para ver se assim conseguiria.

Nicole viu então que um decepcionado e coxo Chancey chegava até ela.

— O solta! Eu cuidarei! — gritou. Sem prévio aviso, uma enfurecida corda cortou o ar e lhe deu uma chicotada. O homem gemeu de dor e, furioso, olhou primeiro à corda e logo a Nicole —. Prenda-se, maldita seja! E apura bem as coxas! — Então, deu meia volta em busca do início daquela corda e se afastou dali.

Nicole se atou ao leme de uma vez que tentava mantê-lo firme. Depois de conseguir certa estabilidade, atreveu-se a observar o navio. Mordeu os lábios para não gritar. O enorme corpo do irlandês jazia inconsciente, como o de uma boneca de trapo, em um rincão da cobertura, depois de ser golpeado sem piedade por uma onda.

Sobressaltada, esperando que se levantasse, acreditou que lhe ia estalar o coração no peito.

“Maldito seja, Chancey! se levante! se levante!”

Como se lutasse contra seu próprio corpo, o velho lobo de mar conseguiu em fim ficar de pé e acabar de atar a corda que antes lhe tinha golpeado. Enquanto pudesse lhe ver, Nicole conseguiria controlar o pânico. Mas as ondas aumentavam de todas direções e o vento se tornou inclusive mais violento. Quando voltou a perder de vista ao Chancey, sentiu um terror que nunca antes tinha experimentado. Tentou controlar os gritos que lutavam por sair de sua garganta.

Rezou por ele e para que retornasse junto a ela. Logo rezou pela vida de todos os homens de sua tripulação que não deixavam de lutar para preservar sua nave. Rezou para que seu pai voltasse a casar-se algum dia e para que pudesse seguir adiante com sua vida sem ela e sem sua tripulação.

E, em meio dessa tormenta, rezou também pelo Sutherland.

Todos sabiam que suas vidas estavam em mãos do arbitrário mar, e a certeza de que a morte se abatia sobre eles era esmagadora. Nicole sabia que estavam perdidos. E sabia que tinha fracassado.

Apesar de que estalou de repente, aquela fera tormenta tinha estado um montão de horas indecisa. Durante esse tempo, Derek não pôde localizar à Bela Nicola. Havia- dito os seus homens que se apoderariam do navio do Lassiter, que agarrariam suas provisões e que deixaria a toda a tripulação boquiaberta. Para isso, ordenou ficar quietos no meio do canal e esperar, porque a única opção que tinham os outros era navegar perigosamente perto deles. Se o Bela Nicola se aproximasse, teria que assumir as conseqüências. E se não o fizesse, o Southern Cross dispararia um de seus canhões, a modo de advertência, para obrigá-los a deter-se.

Um plano simples, mas eficaz.

Ele não tinha culpa de que a tormenta fosse uma de piores que já tinha visto. A chuva não caía só de acima, mas sim os atacava de todos os lados, como se o oceano mesmo a cuspsisse. A única coisa que Derek podia fazer era soltar a âncora em um lugar seguro.

Com um pouco de sorte, Nicole poderia passar facilmente junto a eles aproveitando a escuridão da tormenta. Cada vez estava mais furioso, mas outro sentimento, algo que fazia muito tempo que não sentia, apoderou-se também dele.

Medo.

Seu primeiro impulso foi ignorá-lo. Entretanto, cada vez que pensava na Nicole nesse navio que podia partir-se em dois entre aquelas rochas, não podia respirar. Queria convencer-se de que sentia apenas ódio.

Mas embora ela fosse mesmo o diabo, ou uma bruxa mentirosa, ele não queria que morresse. E se seu navio não tinha conseguido sair dali antes que o alcançasse a tormenta, a possibilidade de que isso acontecesse era mais que real. Tentou não pensar em quão assustada devia estar, apanhada naquele montão de madeira e ouvindo o rugir do vento por entre os quartos do navio forçadas pela pressão do mar.

Tão impaciente como um menino, esperou que os primeiros relâmpagos atravessassem as espessas nuvens negras. Sua escassa tripulação tinha conseguido superar a tormenta sem que a nave sofresse graves danos que não lhe impediriam de ir a busca do Bela Nicola. Mas durante horas não viram nem rastro dele.

Essa ausência, um indício de sua destruição, quase o fez enlouquecer de impotência. Era como se alguém lhe estivesse dando patadas no estômago sem parar. Esteve a ponto de jurar que se encontrava a Nicole com vida não a castigaria por sua traição.

— Capitão, a tripulação começa a estar cansada — disse Jeb a suas costas —. Querem ir-se antes que isto volte a piorar.

Derek voltou-se.

— Buscaremo-los até que fique o sol.

Seu segundo voltou a tentá-lo.

— Hoje havemos talher grande parte do mar. Acredita que podem ter chegado tão longe?

— Não sei — reconheceu Derek, perguntando-se desde quando soava tão preocupado —. Mas se os falta um mastro, têm que estar em alguma parte.

— A não ser...

— Basta, Jeb. — Não podia suportar que acabasse a frase que ele mesmo não deixava de repetir-se: “A não ser que tenham afundado”. Seguiremos procurando. Diga-lhes a todos que na próxima semana terão razão dobro.

— Sim, senhor. — O homem se deteve e, com o cenho franzido, acrescentou—Capitão... Essa garota era...

Fosse o que fosse o que ia dizer o grito do vigia o interrompeu:

— Navio à vista!

Derek alcançou a luneta em menos de um segundo e viu o que ficava de uma das velas pendurando do Bela Nicola e balançando-se sobre as águas. O alívio que sentiu foi substituído por uma enorme impaciência, e ordenou a sua tripulação que navegassem para ali.

Apesar de que o sol seguia brigando com as nuvens, ainda zangadas, Derek pôde ver ao longe que o navio de Nicole, além de estar em muito mal estado, estava afundando. Deduziu que o mastro deveria ter rompido e furado a cobertura, em que se vislumbrava um panorama desolador.

Ouviam-se gemidos por toda parte que seguro que provinham de quão marinheiros começavam a recuperar a consciência e, muito a seu pesar, compadeceu-os pelo horror ao que tinham sobrevivido. Pôs freio a esse sentimento. Os principais membros da tripulação do Lassiter levavam com ele mais de vinte anos. E era lógico pensar que mais de um, se não todos, tivessem participação no envenenamento.

Também lutou por controlar as ânsias que sentia por localizar a Nicole e o enfureceu ver que não estava por nenhum lado. Acaso se tinha encerrado em seu camarote como uma menina malcriada? Agora não só era uma ladra ou uma espiã: se tinha envenenado a água, era também uma assassina.

Ninguém tinha morrido... Ainda, recordou-se a si mesmo, mas seus homens seguiam adoecendo.

“O que quero é encontrá-la com vida para romper esse precioso pescoço com minhas próprias mãos.”

À medida que o Southern Cross ia aproximando-se, tanto ele como sua tripulação observavam a cena. Alguém miúdo jazia em cima do leme, imóvel, mas então começou a mover-se um pouco, com estupidez. Quando estiveram mais perto, Derek viu o que parecia uma enorme mata de cabelo cobrindo esse corpo. Era Nicole quem levava o leme.

Ao parecer, não se tinha encerrado em seu camarote como uma covarde.

Nicole jazia aturdida, muda, incapaz de pensar em nada que não fosse a dor que sentia enquanto tentava de uma vez discernir quantos ossos tinha quebrados.

Tinha ouvido um gemido e voltou à cabeça para tentar localizá-lo. Esse simples movimento a teria derrubado, mas as cordas que tinha ao redor da cintura a mantiveram em pé, pregada ao leme. Enjoada, baixou confusa a cabeça. Estava atada ao leme?

Pegou os nós para desfazê-los. Uma vez que se soltou, deu um passo para trás e caiu. Gemeu e voltou a tentá-lo. Lutou para controlar o ataque de pânico que estava a ponto de sofrer e se afastou o cabelo da cara. Coxeou um pouco e, ao sentir o estranho vaivém do navio, lembrou-se do que tinha passado.

Recordou as intermináveis horas de tormenta e abriu os olhos como pratos. A água alagava a cobertura. “O navio não! Ele não!” Mas... ela já sabia que o Bela Nicola estava afundando. Quanto fazia disso, horas? Dias?... deu-se conta justo antes de entrar no estreito.

Tão rápido como permitiu seu machucado corpo, Nicole caminhou devagar se arrastando para onde estava caído Chancey. Sacudiu-o e demorou mais de um minuto em despertá-lo. Passados uns quantos mais, começaram a repassar os danos.

Não estava nada bem.

— Os botes salva-vidas? — perguntou com voz entrecortada.

— perdemos um. O outro está quebrado.

Nicole sabia que muitos marinheiros nunca aprendiam a nadar. De propósito. Sabiam que ficar apanhados em um navio no meio do mar, ou no mar em si mesmo, era muito pior que morrer. Pensar isso fez que lhe comessem a tremer as mãos de tal modo que foi incapaz de soltar o resto de nós. Chancey teve que ajudá-la e viu que as cordas lhe tinham deixado feridas na pele.

— Um sinal. Talvez ainda estejamos a tempo de mandar um sinal — disse, levantando-se para tentar caminhar para a popa do navio.

Ela ficou ali presa do estupor. Duvidava que fosse capaz de levantar-se jamais. O irlandês mandaria uma sinal. E se Sutherland não se afastou muito, talvez pudesse salvá-los...

De repente, Chancey deu uma patada no chão da cobertura e moveu as mãos com uma energia assombrosa.

— Se levante, Nic — disse com voz ainda alterada —. Seu capitão veio para resgatar você. — O alívio que sentia era mais que evidente —. Não é o que eu teria desejado, mas considerando as outras alternativas...

A garota se voltou devagar, não podia acreditar, não queria fazer-se ilusões.

Mas sim, ali estava ele. Deus, que formoso era.

Nicole nunca se alegrou tanto de ver ninguém como o Sutherland em pé na cobertura de seu navio enquanto se colocava junto ao dela. Supôs que toda a vida recordaria o aspecto que tinha nesse momento: em pé, apoiando indolente um joelho no corrimão, com seu espesso cabelo negro ondeando ao vento e os braços cruzados sobre seu impressionante torso. Sorriu-lhe como uma boba. E, apesar de que ainda estava aturdida, o prazer de vê-lo foi tão grande que conseguiu dissipar o desespero que até então sentia. Não só sabia que Derek estava a salvo, mas também ele tinha ido salvar a...

Uns ganchos de ferro começaram a cravar-se na cobertura do Bela Nicola.

Nicole observou horrorizada como se estilhaçava ainda mais a madeira e se arranhava o que ficava de sua amurada. Ganchos de ferro? Submeter assim sua nave inclusive quando já estava sentenciada a morte gelou o sangue. Por que ia Derek fazer isso? Acaso acreditava que fossem enfrentá-lo? Precisava pensar. Por que não era capaz de concentrar-se?

Viu, sem compreender nada do que acontecia, como os homens do Sutherland saltavam armados a seu navio e reduziam a sua tripulação. Levantou a cabeça e se topou com o olhar gelado dele. O coração lhe deu um tombo. Mas esta vez não da alegria que havia sentido apenas uns minutos antes, mas sim de medo.

Porque parecia que o capitão Sutherland desejasse vê-la morta.

Agora que por fim estava o bastante perto para distinguir a Nicole, Derek desejou poder ver a culpabilidade refletida em seu rosto. Não, maldita seja, o que queria ver era arrependimento.

De modo que, quando lhe sorriu daquela maneira, como se uma janela de luz se abrisse em meio de tanta escuridão, ficou mais que surpreso ficou atônito. Era incapaz de afastar o olhar daquele sorriso que estava acostumado a ter um efeito tão devastador nele. Que ainda o tinha... Maldita fosse.

Ao parecer, Nicole não era consciente de quão zangado estava, pois parecia contente em lhe ver... e Derek não conseguia entender por que. Sim, ele tinha aparecido bem a tempo de salvá-los, mas seguro que ela já suspeitava que, a essas alturas, ele devia estar a par do envenenamento. Tinha que ser consciente de que ele queria vingar-se. E apesar de tudo, olhava-o com olhos cheios de emoção, como se para ela ele fosse o herói de uma velha gesta mandado ali para protegê-la.

Punha-lhe a pele de galinha.

Nicole afastou o olhar e sua expressão trocou, e uma estranha sensação de decepção se apoderou dele. Quando sua tripulação lançou os ganchos de ferro para bloquear seu navio, aquele formoso sorriso desapareceu e ele se deu conta de que ela não entendia o que estava acontecendo.

Derek não podia lamentá-lo, disse-se a si mesmo ao ver como os olhos da Nicole se cravavam nos homens que começavam a ocupar o navio. No preciso instante em que a garota viu que estavam armados, a muito parva se virou para ele. Com o queixo mais baixo do que era habitual nela e os ombros cansados. Estava assustada. Ele soube que ia derrubar se a seus pés, a lhe suplicar. Mas a reação da Nicole o deixou gelado.

Ficou em pé de um salto e caminhou para ele com passo firme e com a juba empapada ondeando ao vento; e sem rastro de terror já no rosto. Ao contrário, conseguiu que toda sua face expressasse claramente a fúria que sentia. E então lhe gritou.

Aquela coisa diminuta lhe gritou.

— Que diabos significa isto, Sutherland?

— Tenho intenção de confiscar o que fica de suas provisões e de capturar a toda sua tripulação — respondeu ele, acalmado.

Nicole abriu a boca e voltou a fechá-la sem poder articular palavra.

Derek teve que dissimular quão surpreso estava pela reação dela. Olhando-a, acrescentou:

— Ao parecer, surpreende-se que tome seu navio à abordagem e que retenha a sua tripulação. — Fez uma pausa —. Embora ambos sabemos que não deveria se surpreender.

Nicole seguiu olhando-o, mas se levou as mãos às têmporas para massagear-lhe A via alterada e confusa, e de repente pareceu compreendê-lo tudo e o rosto se desmanchou.

Derek teve que agachar-se para poder entender o que dizia.

— Todo este tempo... Foste você.

Que diabos significava isso?

A moça respirou fundo e com a voz entrecortada, mas a um volume mais alto, acrescentou:

— Tem razão, sei exatamente por que o está fazendo.

Nicole não ia nem a tentar negar o que tinha feito. Uma pequena parte do Derek desejava que o fizesse, que o negasse com tanto ardor que conseguisse convencê-lo. Mas não, ela se limitou a ficar ali, abatida e derrotada. Deslizou-se para o chão e se sentou agarrando-se dos joelhos. Ele não pôde evitar fixar-se na pequena e frágil que a via vestida com aquela capa de chuva.

Quase sem querer, fez uma careta de dor quando um de seus homens a obrigou a ficar em pé de novo e a fez cambalear-se. Fazendo provisão da pouca energia que ficava, Nicole lhe deu uma patada e conseguiu soltar-se. O capitão viu como movia a cabeça de um lado a outro em busca de uma arma.

Já sabia que era uma lutadora. O que não sabia era por que ele mesmo tinha vontades de sair em sua defesa.

Nicole não podia fazer nada. Nada, exceto assumir que agora era a prisioneira do Sutherland. Sua nave estava tão funda, que a cobertura logo que chegava à linha de flutuação do Southern Cross. Chancey, e a maioria de sua tripulação, muitos dos quais seguiam ainda inconscientes, já estavam a bordo do outro navio, atados. Ela conseguiu soltar do marinheiro que a sujeitava. Tinha-se que render, faria-o a sua maneira.

Caminhou com os ombros jogados para trás, e, graças a seu orgulho, conseguiu atravessar a passarela com dignidade.

Sutherland teve a desfaçatez de sorrir. Estava desfrutando com tudo aquilo.

Não tinha ido resgatar-la. “Menina tola.” Não, por desgraça ela tinha acertado com ele. Derek estava detrás de todos aqueles acidentes. E não lhe bastava prejudicando os seus competidores, além disso, tinha que esmagá-los.

A dor de cabeça que tinha ameaçava derrubando-a e a cada pensamento doía ainda mais. Agora entendia por que o navio dele não se moveu; ele se tinha limitado a esperar que sua sabotagem afundasse à Bela Nicola em meio à tormenta. E claro que tinha sido uma sabotagem. Ele e seus subordinados não tinham aparecido em Recife por acaso.

Nicole teve que tragar a sua vontade de gritar. Passou-se dois dias convencida de que tanto ela como sua tripulação fossem morrer. Não tinham comido, dormindo nem bebido nada nesse tempo. E que os fizesse prisioneiros o causador de seu naufrágio... Entender isso a deixou sem respiração, fê-la sentir como se já não pudesse ficar em pé.

Mas mesmo assim, obrigou-se a passar junto a ele com a cabeça bem alta e a vista à frente.

— Me olhe, maldita seja — exigiu ele em voz baixa.

Quando ela se negou a fazê-lo, ele a agarrou e voltou-se para poder olhá-la. Pareceu surpreender-se do que viu em seus olhos, e Nicole desejou que sentisse como lhe odiava. Ante ele, que ainda lhe parecia dolorosamente atrativo, a jovem não soube se tinha vontade de chorar ou de matá-lo.

Ao ver que a surpresa inicial do Sutherland se convertia em regozijo, soube que chorar não era uma opção.

Ao Derek nunca deixava de lhe surpreender a intensidade com a que todo seu corpo reagia ante a Nicole. Quando a agarrou pelo braço e a aproximou, teve que lutar por dissimular o que de verdade estava sentindo. Fazia semanas que não a via e encontrá-la naquele estado... Seus olhos cheios de dor, com as pupilas ainda dilatadas pelo terror, atraíam-no como ímãs. Tinha a pele extremamente pálida, tanto que parecia quase translúcida. Tinha sal nas sobrancelhas e nas pestanas, e seu cabelo, também cheio de cristais salinos, resplandecia de um modo mágico sob a luz do sol. “Ainda me parece preciosa.”

Não sabia o que fazer. Apesar de tudo o que tinha descoberto, ela seguia lhe atraindo. E não de um modo meramente sexual, embora assim fosse de qualquer dúvida; Nicole afetava a todos seus sentidos. Era óbvio que uma parte dele se negava a acreditar que fosse uma harpia sem escrúpulos.

Ao lembrar-se do muito que tinham sofrido seus homens, apertou-lhe os braços com força.

— Por quê? —perguntou com brutalidade—. Por que o fez? — Ao ver que a ela lhe nublava a vista, sacudiu-a um pouco—. Ordenou-lhe isso alguém? Obrigaram-lhe a fazê-lo?

Derek logo que foi consciente de que a tripulação da Nicole tinha começado a gritar, mas sim se deu conta de que pretendiam que a soltasse. Ele pelo contrário a sujeitou ainda com mais força e gritou:

— Quem ordenou que o fizesse?

Ela por fim o olhou, mas franziu o cenho, como se não entendesse a pergunta.

Que sacudisse a Nicole fez que alguns de seus marinheiros se zangassem e tratassem de soltar-se dos homens que os aferravam. Podiam tentá-lo tanto como quisessem. Ninguém conseguiria impedir que se vingasse; o que Nicole fazia era tão grave que nesse instante ele podia fazer com ela o que quisesse.

Tinha jogado com ele. Tinha-lhe tirado o sarro. O dia que foi ao seu navio para que lhe desse informação sobre seu pai, ele acreditou; mas em realidade tinha ido ali para assegurar-se de que ganhava a regata. Entretanto, o mais grave era que tinha feito mal a sua tripulação.

Agora que estava em seu navio podia fazer com ela o que quisesse. Derek olhou aos marinheiros do Lassiter e, com sua expressão, deixou-lhes claro o que pretendia. Quando eles começaram a lutar com mais força, limitou-se a rir sem vontades e voltou a centrar sua atenção na Nicole.

Tinha que saber por que o tinha feito. Fechou os dedos ao redor dos braços dela até que ouviu que respondia com voz entrecortada:

— Ninguém me disse que fizesse nada... eu sempre faço o que quero.

Sutherland, que não tinha intenção de lhe fazer dano, voltou a sacudi-la pelos ombros até que, com um grito afogado, Nicole se deprimiu em seus braços.

Quando ela se desabou, o homem ficou gelado. Não podia pensar em nada mais que não fosse agarrá-la e estreitá-la entre seus braços. Levantou a vista e viu que Chancey o olhava fixamente como dizendo “E o que esperava?”. ruborizou-se. Ele não pretendia lhe fazer dano. Maldita fosse! Mas jamais em sua vida tinha estado tão zangado com ninguém. Nem sequer com a Lydia.

A culpa se apoderou dele, e sentiu a necessidade de afastar-se dela. Encaminhou-se para o velho marinheiro e entregou o inerte corpo da Nicole. O homem a abraçou com carinho e, na medida que o permitiam as mãos atadas, tentou protegê-la.

O inglês voltou para flanco do navio e saltou do Bela Nicola para ajudar a seus homens a recolher as provisões. Em sua mente, repassou a cena que acabava de acontecer e se arrependeu de seu comportamento. Passou junto a seus homens sem prestar muita atenção a nada do que faziam, mas era evidente que tinham feito o rapa em tudo. À exceção do que havia na escrivaninha e o camarote do capitão, pois havia dito que só ele se encarregaria dessas cabines.

Abriu a porta empurrando com o ombro e viu que a água lhe chegava até os joelhos. Cheirava a azeite de um dos abajures que se quebrado. Pela escrivaninha e a roupa de homem que havia no armário, soube que era o camarote do Lassiter. Via-se austero, despojado de qualquer luxo.

Atravessou a água para a habitação contínua formando pequenas ondas a cada passo. Estudou o camarote, era o da Nicole; viu nele um preciosa escrivaninha e uma cama de mogno com colcha de seda. Havia várias bússolas e barômetros quebrados, que, junto com alguns termômetros, flutuavam justo por cima do chão. Chamaram-lhe a atenção as preciosas paisagens que penduravam de um dos painéis. Assim como o camarote do Lassiter não tinha nada, as coisas mais curiosas e variadas alagavam o da Nicole. Este não tinha reparado em gastos na hora de decorá-lo, pensou Derek, ao ver as cortinas dos olhos de boi. Sabia o que valiam esse tipo de coisas, assim como aqueles preciosos quadros. Não por pouco que Lassiter andasse mal de dinheiro.

Havia mapas flutuando por toda parte. Derek acreditava que ele mesmo não tinha tantos. Nicole tinha reservado um canto dessa cabine para suas coisas, e talvez ali se sentava a costurar. Aproximou-se dos baús, que claramente pertenciam a uma garota, e começou a inspecioná-los.

O que encontrou no primeiro lhe deixou sem fala. Estava cheio de roupa interior de seda. Roupa de mulher. Ele nunca a tinha visto vestida com nada que não fosse roupa de homem. Mas talvez, se tivesse fixado nela aquela noite e não a tivesse despido com tanta rapidez, teria podido apreciá-la. Talvez devesse lhe agarrar algo para a viagem. Ela tinha a pele muito suave e delicada. E se os tecidos rugosos lhe fizessem mal?

Mas isso era precisamente o que queria, não? Castigá-la. Embora lhe gostasse que tivesse a pele como a tinha e não via nenhum motivo para que lhe danificasse. Aproximou-se da porta e ordenou a dois de seus homens que subissem aqueles baús ao Southern Cross.

— Capitão, esta beleza não demorará muito em afundar-se — gritou outro desde cobertura.

— se assegure de que todos estão já a bordo, eu lhes sigo. — Pôde sentir os pesados movimentos do esqueleto do navio sob seus pés. Estava morrendo. Sacudiu a cabeça com tristeza e correu para cobertura.

Já no Southern Cross, procurou Chancey e, com a ajuda de outros dois marinheiros, arrancou de seus braços o corpo da Nicole. Considerava-se um homem valente, mas ao escutar o rugido desumano do gigante lhe puseram os cabelos arrepiados. Derek, com a garota ainda inconsciente entre seus braços, deu meia volta para olhá-lo, e imediatamente se arrependeu de havê-lo feito.

Antes que alguém pudesse evitá-lo, Chancey conseguiu soltar um braço e, olhando-o, percorreu-se o pescoço com um dedo para lhe deixar claro o que faria com ele quando o encontrasse.

Como resposta, Derek sorriu de orelha a orelha até que um último grito de dor do moribundo navio ressonou como um disparo.

Ambos os homens se voltaram para ver como o Bela Nicola se partia em dois. O inglês se incomodou ver quão limpo era esse corte por cima da capa de pintura, ver como as madeiras gritavam de raiva ao rasgar-se. Era um som ensurdecedor que os perseguiria para sempre. Mas inclusive isso era preferível ao silêncio que se produziu logo, quando por fim se afundou por completo no mar.

Derek se deu conta de que enquanto o Bela Nicola ainda fazia ruído Nicole permanecia imóvel. Mas quando todo ficou em silêncio, lhe alagaram as bochechas de lágrimas e lhe escapou um gemido de desespero.

CAPÍTULO 15

Derek levou a Nicole a seu camarote com o doutor Bigsby em seu encalço, mas ia tão rápido que o pobre doutor não chegou a tempo de evitar que lhe fechasse a porta nos narizes.

— Mas capitão Sutherland! A garota necessita atenção médica. Pode estar gravemente ferida.

Este não lhe fez nem caso; estava convencido de que Nicole despertaria em seguida e poderia começar a interrogá-la sobre a água. Pô-la em sua cama, não a atirou ali, quase. Ela gemeu de dor e, pela primeira vez, Derek começou a assustar-se.

Aproximou-lhe sem perder um segundo e lhe tirou as botas e o capa de chuva. Estava gelada, ele nunca havia sentido uma pele tão fria. Ao ver as abrasões que lhe rodeavam o pescoço e os quadris, chamou o Bigsby. O médico, armado com sua maleta negra, entrou na cabine imediatamente.

— Tem algo para isto? — perguntou-lhe o capitão lhe levantando uma boneca. A capa de chuva se ficou rígido por culpa do sal e lhe tinha segado a pele.

— Tenho uma nata, mas essa é a menor de nossas preocupações. Já examinei a toda a tripulação da garota e todos têm feridas graves. A ela tão pequena, que temo que possa ter ferimentos internos. E temos que obter que se aqueça.

Derek se limitou a ficar ali plantado, transtornado pelas palavras do Doutor, assim que este o afastou um pouco e começou a cortar a camisa da Nicole. Acabava de começar quando disse:

— Que diabos...?

Na pele dela ainda ficavam restos do mehndi.

— Deixe que eu farei! — Derek lhe arrancou as tesouras das mãos. Não gostava de nada a idéia de que outro homem pudesse ver a pele grafite da garota. A tinham pintado para ele.

Bigsby o olhou incrédulo.

— Não me importa que... Tenha tatuagens. É só que me surpreendi.

Com as tesouras em mão, Derek seguia ali plantado, olhando-a sem fazer nada.

O médico mediu o terreno:

— O que pensa fazer com ela?

— Com ela nunca sei o que fazer — disse acontecendo-se nervoso uma mão pelo cabelo.

— Isso é óbvio — balbuciou Bigsby. Logo, em um tom de voz mais alto, acrescentou —: Se não vai deixar que eu faça, ao menos lhe tire toda essa roupa molhada e faça que se aqueça.

Derek se dispôs a seguir cortando a camisa. O que viu o deixou sem respiração. Tinha o peito coberto de enormes hematomas. Sem pensá-lo duas vezes, acariciou-a seguindo cada marca com a gema dos dedos.

— Capitão Sutherland — disse Bigsby sério —, não deveria estar aqui enquanto a examino. Quando despertar sentirá incômoda.

— Importa-me muito pouco — cuspiu Derek —. Ela é agora minha responsabilidade. É... Minha. Não penso deixá-la sozinha.

O médico sacudiu a cabeça e caminhou para a porta para ordenar que lhe trouxessem uns baldes com água quente. Retornou e começou a examiná-la com o mesmo cuidado com que uma loba trata a seus lobinhos. Derek não teve nenhuma queixa do comportamento profissional do médico. Tirou-lhe a roupa, mas todo o momento a manteve tampada com uma manta.

— Tem um golpe muito feio na cabeça — lhe informou este quando por fim acabou —. Isso é o que mais me preocupa. Nunca se sabe como vão evoluir as feridas da cabeça. Também me preocupa que se passou como mínimo os dois dias da tormenta, com essa roupa tão molhada. Não sentiria surpreenderia se tivesse febre.

— O que vai fazer agora? — perguntou-lhe Derek ao ver que o homem ordenava a um dos marinheiros que deixasse o balde de água quente junto à cama.

— Vou lavar lhe feridas — respondeu-lhe.

— Nem pensar! Minha tripulação também lhe necessita e é mais importante que se ocupe deles. — Ao ver que o médico o olhava estupefato, acrescentou com estupidez —: Pode deixar que eu o farei.

Bigsby assentiu.

— Mas por favor, faça-o em seguida. Precisa se aquecer o quanto antes. Capitão Sutherland, não exagere quando digo que é uma questão de vida ou morte. E tem que ser delicado com ela. Embora esteja inconsciente, seu corpo sente dor. Não lhe faça mais dano do que já tem. — antes de sair dali, acrescentou —: Como não sei se tiver alguma ferida interna, o melhor será não mover a dessa cama.

Derek, impaciente, acompanhou o Médico até a porta, e logo se virou disposto a ocupar-se da Nicole. Empapou uma toalha com a água quente do balde, e a aproximou do corpo. Essa tarefa acabou sendo um castigo para Derek, porque a cada movimento, ela gemia de dor e ele, apesar de que a odiava pelo que tinha feito, não podia evitar estremecer-se.

Os hematomas que cobriam as pernas e os quadris da Nicole eram ainda mais escuros que os dos seios. O capitão podia ver com clareza por onde tinha passado a corda, pois a pele de sua cintura estava completamente arranhada nessa zona. O galo que tinha na cabeça era volumoso e apresentava cortes por todo o corpo. Nunca tinha visto uma mulher em tão mal estado. E nunca tinha estado tão assustado.

Tentou tratá-la com distanciamento e não recordar quão preciosa estava essa pele a última vez que a tinha visto. Quando acabou de lhe limpar o sal das feridas, Derek estava coberto de suor. Ele nunca havia cuidado de nenhum doente, e muito menos de uma mulher. Cada vez que uma de suas calejadas e enormes mãos se aproximava dela se sentia torpe e inseguro.

Depois de secá-la bem, abriu um dos baús da Nicole em busca de um vestido, mas foi incapaz de esclarecer-se no complexo mundo da roupa interior feminina e sua imaginação começou a descontrolar-se.

Sentiu-se culpado de sentir prazer ao ver sua roupa, como se fosse um voyeur, e, furioso consigo mesmo, guardou-o tudo e fechou a tampa de repente. Não se incomodou em abrir o segundo, mas sim, sem perder mais tempo, agarrou uma de suas camisas. Vestiu Nicole com ela e logo a tampou com todas as mantas que pôde encontrar.

— Seus hematomas têm agora pior aspecto — disse ao Bigsby quando mais tarde este reapareceu —. E ainda não despertou.

— Capitão, estou convencido de que não tem nada quebrado nem nenhuma ferida grave. O sonho é o modo que tem nosso corpo de lutar contra as agressões que recebe.

Derek saiu do camarote e a deixou a sós com o médico. Confiava nele. Diabos, se inclusive tinha permitido que a examinasse apesar do muito que lhe incomodava que outro homem a tocasse. Mas Derek não passou por cima que, desde que tinham levado a Nicole ao navio, cada vez que o doutor Bigsby falava com ele, olhava-o de um modo estranho. Como se soubesse o que lhe acontecia e sentisse pena.

No dia seguinte, Nicole seguia sem mostrar sinais de melhoria. Quando chegassem a Cidade do Cabo teria que procurar a outro médico. E a um juiz. Desprezou a idéia imediatamente. Não entregaria a Nicole ao corrupto sistema judicial de Cidade do Cabo; não era muito difícil imaginar os abusos que uma garota como ela podia sofrer ali. E ela era dele, podia fazer com ela o que quisesse.

Quando voltou a entrar no camarote, Nicole se estava movendo na cama. A cada pequeno movimento gemia de dor e, até dormindo, começou a chorar. Derek queria matar, matar, a aquele irlandês por lhe haver permitido que navegasse por aquelas águas, e também por havê-la deixado cruzar “a rota impossível” pondo em perigo sua vida. E sua tripulação tinha mimado que se atasse ao leme para mantê-lo firme. Por culpa dessa estupidez, o navio de seu pai tinha ficado preso entre aquelas bicudas rochas. Se Derek não tivesse estado tão perto, ninguém teria conseguido sobreviver.

— Capitão, precisamos-lhe na cobertura agora mesmo! — gritou Bigsby da porta.

— O que acontece? — perguntou esquivando ao médico.

— Ao parecer, a tripulação da Nicole pretende tomar o nosso navio.

Ao amanhecer, quando um exausto Derek conseguiu chegar cambaleando-se até seu camarote, encontrou-se ao Bigsby sentado junto à Nicole. Era óbvio que o doutor passou ocupado esta noite junto a ela. Ele não gostou de nada daquilo. Queria ser ele quem a cuidasse, quem estivesse ao seu lado o máximo de tempo.

Assim poderia brigar quando por fim despertasse.

— Está bem?

— Sim, capitão...

— Pode ir.

Bigsby ficou em pé de um salto.

— É óbvio, capitão — disse o homem voltando-se para sair —.Asseguro que despertará logo.

Assim que fechou a porta, Derek correu junto à Nicole. A via tão pequena vestida só com uma de suas enormes camisas e sem aquele abrigo com o que ele sempre a tinha visto. Derek se deu conta do quanto queria que ela despertasse e se perguntou por que tinha esse nó no estômago. Não queria analisar o que sentia por ela. Se alguém lhe perguntava, limitava-se a dizer que desejava que despertasse para poder começar sua vingança.

Mas sabia que, nos dias seguintes, beberia muito mais do habitual e comeria e dormiria muito menos do que estava acostumado.

Essa noite, depois de finalizar suas tarefas, retornou a seu camarote e se sentou depois da escrivaninha para começar a beber. Seus olhos se desviavam uma e outra vez para os baús da Nicole, esses baús que em um impulso tinha decidido subir a seu navio. Ele não tinha nem idéia de se o que continham era de vital importância para ela; Derek nunca tinha visto a bagagem de uma mulher e jamais tinha vivido com uma.

Olhou-os com uma mescla de temor e curiosidade. Ali estavam os baús de uma mulher. Justo ao lado dos seus. Com um pouco parecido ao pânico foi consciente de que ali estavam e ali ficariam porque, segundo Bigsby, Nicole não podia ser movimentada.

O dia em que a subiu a bordo, Derek pendurou uma rede em seu camarote, mas sabia que se deitasse nela seria incapaz de dormir mais de dez minutos seguidos. Isso se chegasse a conciliar o sonho. Maldição, queria dormir em sua cama.

Mas lhe faria muito dano se, sem querer, dava-lhe um golpe durante a noite; entretanto, era tão miúda que ocupava muito pouco espaço no enorme colchão. Apesar de tudo, não conseguiu atrever-se a fazê-lo. Em vez disso, passou horas bebendo e discutindo consigo mesmo. Até que ela começou a tremer.

Na habitação não fazia frio; um dos grumetes se ocupava de manter constantemente a estufa acesa. Mas não obstante ali estava ela, tremendo mais a cada minuto que passava. Poderia chamar o Bigsby. Não, decidiu Derek, cuidaria dela sozinho. Tirou a roupa e, com cuidado, tombou-se junto a ela para lhe dar calor.

Mas não serviu de nada. Nicole tinha a respiração acelerada e balbuciava algo entre dentes. Derek temeu que tivesse febre. Aproximou-lhe devagar e inseguro e, com delicadeza, abraçou-a. A garota se acalmou e se aproximou mais dele.

Sentiu-se estranhamente satisfeito consigo mesmo. Sua presença tinha conseguido que deixasse de tremer. E, por estranho que parecesse, ele ficou profundamente adormecido.

Em algum momento enquanto dormiam, Derek despertou e se deu conta de que Nicole tinha as costas pega a seu peito e que sua cabeça descansava sobre seu braço. Todo ele se esticou. Apesar de que ela levava uma de suas camisas, o tecido lhe tinha enredado nas coxas e podia sentir o roçar de suas pernas e seus... Quadris.

Era uma tortura. Sua ereção tremeu, dura e rígida. Não poder tocá-la quando o único que queria fazer era possuí-la, estava-o voltando louco.

Derek estava convencido de que ela o fazia a propósito; a muito picante não deixava de mover seu bonito traseiro. Respirou fundo e seu membro descansou entre as coxas dela. Apertou os dentes e tentou pensar em algo que não fosse em quão suave era o gosto que sentia ao tê-la junto a seu peito. Mas sua mente não deixava de lhe repetir quão bem Nicole encaixava entre seus quadris.

Seus corpos se amoldavam perfeitamente um ao outro, e Derek sabia que o único modo de tirar-la da cabeça era deitando-se com ela.

Antes de descobrir o que ela tinha feito com a água, Derek sempre pensava que faria amor com ela. Imaginava um ato completamente despojado de egoísmo no qual percorreria cada parte de seu corpo com os lábios e, com a língua, saborearia cada curva de sua cálida Vênus, assim como de seus quadris e seus preciosos seios. Agora, pelo contrário, só queria pensar que a possuiria. Doeu-lhe que assim fosse... E desejou poder fazer ambas as coisas.

Nas noites seguintes, Derek se deitou em sua cama. Despertava cedo e se ia para evitar que ela o visse ali se despertasse. Logo, depois de ter dado as ordens pertinentes do dia, retornava a seu camarote para comprovar como seguia.

Quase conseguiu convencer-se de que, como Nicole não sabia que ele dormia com ela cada noite, esse tempo não contava na hora de mensurar a intimidade que existia entre ambos. Por outra parte, não tinha tampouco outra opção. Embora não o havia dito ao Bigsby, cada noite Nicole tremia e se agitava. Como não parecia ter febre, Derek deduziu que se tratava de pesadelos. E só se acalmava se ele a abraçava.

O médico se impôs a missão de cuidar da garota e, enquanto o capitão estava na ponte de mando, permanecia junto a ela. O tempo de Derek ocupar-se dela era pelas noites, e não estava disposto a deixar de fazê-lo. Era um desafio tranquilizá-la.

Mas a terceira noite, apesar de que a tinha abraçada e a havia talher com três mantas, não obtinha que deixasse de tremer. Não podia aproximar-se mais a ela. Cada poro da pele dela estava pego a ele, e apesar de tudo seguia tremendo e gemendo de dor. Frustrado, começou a lhe acariciar o cabelo. Ao ver que isso ajudava, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Chis, Nicole. Tem que dormir.

Ela ficou quieta e se abraçou mais a ele. Derek soltou uma maldição. Preferiria que tivesse febre a que a assaltassem esses malditos pesadelos. Seguro que sonhava com a tormenta. O seguiu acariciando até que pouco a pouco se acalmou. Antes de brigar consigo mesmo pelo que acabava de fazer e de insultar-se por seu ridículo comportamento, acrescentou:

— Boa garota.

E ficou dormindo.

Ao quarto dia, todos seus sofrimentos fossem recompensados e Nicole abriu os olhos.

Logo que entreabriu aqueles lábios tão ressecados, Derek lhe serve um copo de água e esperou a que ela formulasse a primeira pergunta. Piscou um par de vezes, como se não pudesse centrar a vista. A via assustada, tentando controlar o pânico que sentia, de modo que, quando foi capaz de falar, o homem sentiu um profundo alívio.

— Onde estou? — perguntou antes que ele a ajudasse a levantar-se um pouco.

— Está a bordo do Southern Cross.

Nicole se bebeu toda a água e voltou a tomar-se confusa.

— E meu navio...?

— Afundou-se.

Para ouvir essa resposta, a garota se levou uma mão aos lábios para silenciar um gemido de desespero.

— E mi... tripulação? — sussurrou.

— Sua tripulação... — repetiu Derek burlando-se da palavra — vai passar a engrossar as filas das prisões de Cidade do Cabo por amotinar-se. Ao parecer, não saber como se encontrava lhes fez perder o julgamento.

— Eles... você lhes fez mal? — perguntou, acusando-o com o olhar.

— Sim, é obvio que lhes fiz mal ao defender meu navio de seu ataque! — Nicole empalideceu ainda mais e parecia que fosse vomitar, assim que ele acrescentou —: Se quer saber se morreu alguém, a resposta é não.

Ela o olhou tão aliviada que Derek se perguntou o que significavam para ela todos aqueles homens.

Nicole levantou a mão e lhe sujeitou a boneca com uma força incomum para alguém tão miúdo.

— Tenho que ver Chancey.

Seu tato lhe fez sentir como se o atravessasse um raio. Apressou-se a justificar-se dizendo que era só porque a pele da Nicole estava quente e talvez tivesse inclusive um pouco de febre. Quando entendeu o que lhe estava dizendo, ficou furioso.

— Nem o sonhe, princesa — respondeu zangado.

Soltou-lhe de repente, e a mão do Derek caiu junto à sua que estava agora carente de forças. A via desolada, com o olhar tão perdido que se sentiu tentado de retirar o que havia dito.

Xingou-se por experimentar semelhante debilidade pela filha do Lassiter. Estava perdendo a cabeça. Por que ia consentir que a mulher que tinha envenenado a sua tripulação se reunisse com o homem que tinha tentado apoderar-se de seu navio? A idéia era ridícula, não ia permitir.

— Interroguei a alguns membros de sua tripulação sobre o envenenamento da água, mas juram que não sabem nada. — Cravou-a na cama com o olhar —. Agora, você me contará tudo o que sabe sobre a sabotagem.

Nicole abriu os olhos atônita e disse entre dentes:

— Como se você não soubesse.

— Que diabos significa isso? Como posso eu sabê-lo?

O corpo da moça ia apagando-se ante seus olhos, mas conseguiu dizer com voz firme:

— Sabe por que você é o responsável.

— Que eu sou o responsável? — Derek riu sem humor e se levantou da cama. Começou a caminhar de um lado a outro —. Eu não tenho nenhum motivo para querer afundar o navio de ninguém — disse enquanto se servia uma taça da garrafa que tinha em sua escrivaninha.

— Você sabotou meu navio — prosseguiu ela observando como bebia.

— Já estava perdido quando eu cheguei; e foi sua culpa, por atravessar o estreito desse modo — replicou ele —. Deveria me dar obrigado. Se não te tivesse tirado dali teria morrido.

Nicole ficou em silêncio um momento e tratou de recordar o que tinha passado. Por fim, respondeu:

— É verdade que me salvou a vida. Mas asseguro que meu navio não se chocou com nada.

— Já, suponho que o Bela Nicola decidiu afundar-se sozinho.

Nicole suspirou exasperada. Mas tal como estava, só conseguiu suspirar.

— Afundou-se porque alguém o sabotou.

— De verdade pretende seguir com essa ridícula história? Você verá. — Levantou a taça —. Brindo pela sinceridade.

Ela o olhou aos olhos.

— Vais deixar-me na Cidade do Cabo com minha tripulação?

— Não. — De retorno à cama encheu a taça de novo.

— Isto é um seqüestro — protestou ela com a voz entrecortada, e ao ver que Derek se sentava no leito, afastou-se dele tanto quanto pôde.

— Não, é justiça, harpia traiçoeira. — Viu que ela retrocedia ainda mais e se levantou da cama de um salto —. Depois do que você fez a minha tripulação, tenho todo o direito do mundo de querer te castigar.

— O que eu fiz a sua tripulação? —perguntou confusa massageando-as têmporas.

Esteve tentado a acreditar que na realidade era uma garota indefesa que tinha sobrevivido a uma grande tragédia, mas sabia que não era certo. Nicole era a filha de seu mais acérrimo adversário, e o próprio Derek a tinha encontrado no armazém, junto aos barris de água envenenada.

Enojado, deu meia volta para ir-se. Mas antes de chegar à porta, voltou-se para olhá-la e desejou poder lhe fazer tanto dano como tinha feito a ele. Entretanto, viu que Nicole estava completamente atônita, e quando uma única lágrima lhe escorregou pela bochecha, insultou-se a si mesmo por ser tão idiota e saiu dali. Embora antes pudesse ouvir como ela sussurrava:

— E pensar que estava preocupada com você.

Horas depois de sua discussão com o Sutherland, Nicole despertou de novo, mas se sentia muito cansada para mover-se. Inspecionou seu corpo e viu quão mal estava. Nunca tinha tido a sensação de que lhe saíssem hematomas com facilidade, mas agora estava coberto de marcas de cor azul e lilás por toda parte. E, embora não estava acostumada a chorar, ao pensar no Bela Nicola jazendo no fundo do mar, as lágrimas começaram a brotar de seus olhos tristes. Disse a si mesma que se derrubou por culpa da lembrança ao inteirar-se de tudo e por causa dos machucados, mas a verdade era que chorava porque a vida que sempre tinha conhecido, que sempre tinha desejado, tinha-a perdido para sempre. Tanto ela, como Chancey e seu pai.

Durante o que lhe pareceram muitas horas, ficou ali tombada, tentando recordar seu precioso navio e gravando essas imagens em suas lembranças. Mas a chegada de um homem baixinho com cara de querubim e cabelo loiro interrompeu suas reflexões.

— Oh, sinto não ter batido. Pensava que estaria dormindo — disse o homem aproximando-se da cama —. Sou o doutor Bigsby, o médico do navio, e a estive tratando de suas feridas.

— Estou muito mal?

— Assustou-nos bastante que não despertasse durante três dias. Mas agora que já está acordada e consciente, estou seguro de que se recuperará.

— Três dias... Estive inconsciente três dias?

— Assim é. O descanso a ajudou a sarar. — Tirou uma pequena lente da maleta e a aproximou dos olhos —. Agora, se for tão amável de olhar para cima... E para a esquerda, e agora direita. Muito bem, agora o outro olho, por favor.

Quando afastou o instrumento, Nicole lhe perguntou:

— O que passou a minha tripulação?

O homem tomou o pulso e respondeu reticente:

— Bom..., houve um pequeno incidente... Um intento de motim, mas ninguém resultou gravemente ferido. Assegurei-me pessoalmente de que recebessem os cuidados e os mantimentos necessários. Quando você se despertou, fui e lhes comuniquei que se recuperou e que tudo parecia estar bem.

— Não me posso acreditar que tentassem amotinar-se.

— Pois sim, e, embora nos deram bastante trabalho, não o conseguiram.

— E Chancey? Está bem?

— Passeia-se furioso como um tigre enjaulado, mas quando lhe disse que estava sendo bem cuidada se acalmou um pouco.

Nicole agarrou ansiosa a mão do médico.

— Oh, obrigado, doutor Bigsby. Estou muito agradecida por tudo.

Nesse instante, Sutherland entrou no camarote, e seu olhar foi diretamente a esse par de mãos agarradas.

— Bigsby... Venha comigo. Agora — gritou Derek. O médico olhou o Sutherland e logo a Nicole, a que deu um carinhoso tapinha na mão para lhe dar ânimos —. Voltarei — anunciou, antes de seguir a seu capitão e saísse do camarote.

Nicole não pôde entender nada do que diziam, mas passados uns segundos, Sutherland retornou sozinho.

— Já não necessitamos mais da ajuda de nosso querido doutor — comentou fechando a porta a suas costas.

Nicole se estremeceu. A voz do Derek era tão dura e fria comparada com a cálida voz do doutor Bigsby... Observou-o assustada enquanto ele procurava algo pelo camarote, mas por muito que o tentava não conseguia manter os olhos abertos.

De repente, ouviu um inconfundível ruído de madeira golpeando contra madeira e se esticou de repente... Não podia fugir a nenhum lado.

Abriu os olhos. Não estava em seu navio? Estava seca... e a salvo?

A porta do camarote se abriu de repente. Um menino entrou com uma bandeja e a deixou no chão com tão pouca delicadeza que tudo acabou derramado.

Apesar de que uma mecha de cabelo ocultava meia cara do guri, este se agachou para ver a comida esparramada, e disse um pouco parecido a:

— Não merece nem um pedaço de pão duro.

Caminhou de retorno à porta e, antes de fechar a de uma portada, voltou a fulminá-la com o olhar. Logo, ao igual que tinha feito Sutherland essa manhã, fechou-a com chave.

O que? Acaso acreditavam que podia escapar? Idiotas! Passou um momento e, pouco a pouco, Nicole se foi levantou na cama para ver se assim conseguia chegar até a bandeja da comida. Ao final se rendeu, e não só porque suas feridas o impedissem. Depois daquele olhar do menino, era incapaz de comer nada. Nicole se disse a si mesmo que se o guri estava convencido de que ela os tinha envenenado, ele trataria de fazer o mesmo. E seguro que tinha cuspidos nos pratos. O esforço que fizera para levantar seu tronco na cama fora muito, e por fim voltou a vencê-la o sonho.

Quatro dias mais tarde, chegaram a Cidade do Cabo. Nicole ainda tinha fortes dores de cabeça e se passava grande parte do dia dormindo. Derek rezou para que permanecesse dormindo enquanto obrigava a sua tripulação a descer do navio.

Observou como aqueles marinheiros maniatados descendiam pela passarela e resultou claro que não ia ter tanta sorte.

Chancey começou a gritar:

— Nic, seja forte! É uma Lassiter!

Voltou a agarrar ar, e o marinheiro que o acompanhava olhou a Derek, quem assentiu com a cabeça. Assim, quando o irlandês começou a gritar de novo: “Quando chegar a Sydney, trato de escapar e eu irei A...”, aquele lhe deu uns murros no estômago.

Derek olhou incômodo para os camarotes. Seguro que a comoção tinha despertado a Nicole. Se esta tratava de levantar-se faria mal. Em menos de um minuto, Derek abria a porta de seu camarote e, tal como se temia, Nicole jazia no chão por ter tentado ficar em pé sem êxito.

Levantou-a nos braços e ao notar o pouco que pesava se preocupou ainda mais. Nos últimos dias tinha emagrecido muito. Propôs-se obrigá-la a comer.

As mãos de Nicole o agarraram pelo pescoço da camisa e o distraiu.

— Não faça isso, Sutherland. Por favor, não o faça. — Estava mudada e parecia como se pronunciar essas palavras tivesse acabado com ela.

Mas Derek não ia ceder. Quanto antes abandonassem seu navio aqueles homens, mais segura estaria sua própria tripulação. E sua primeira obrigação era para com eles.

— Não tenho escolha.

— Então, por favor, por favor, não deixe que lhes façam mal. — Embora tinha o olhar fixo nele, Derek se deu conta de que estava a ponto de desmaiar. A tensão abandonou seu corpo e se desabou entre seus braços.

CAPÍTULO 16

— Ah sim, sim, sim. A garota já está totalmente recuperada — presumia o doutor Bigsby uma semana mais tarde ante qualquer que queria lhe escutar —. Já volta a ter as bochechas rosadas. É uma garota muito forte.

Derek estava atônito de que o homem não se desse conta de que o resto de marinheiros, que justo acabavam também de recuperar do envenenamento, fulminavam-no com o olhar. Não lhes alegrava especialmente que Nicole estivesse bem.

— Capitão Sutherland! Por fim lhe encontro!

Este não tinha vontade de falar com o médico mas não teve mais remedeio que deter-se.

— Como amanheceu hoje nossa paciente? — perguntou Bigsby contente.

— Bem.

O médico arqueou uma sobrancelha à espera de obter mais informação. Ao ver que não a dava, perguntou:

— E seus hematomas?

— Bem.

Bigsby franziu o cenho e voltou a sorrir.

— Só perguntava. Só perguntava. Dado que você já não me deixa visitá-la, sabe? Era só mera curiosidade.

Entre as palavras do homem se escondia uma crítica. Naqueles momentos, Derek não necessitava que ninguém o repreendesse.

— Ela está... bem. — Embora em realidade não sabia.

Nicole se banhava e se vestia sozinha, assim não a tinha visto. E se estivesse preocupada com algo, ele seria a última pessoa a que acudiria. Afastou-se do médico franzindo o cenho e passou o dia fazendo-se perguntas: estava ainda doente?, Havia-se curado de tudo?, Estava mais doente ainda?

A manhã seguinte despertou ainda mais cedo, justo à alvorada, enquanto Nicole ainda dormia. Devagar e com suavidade a pôs de barriga para cima para lhe desabotoar os botões que tinha justo em cima do estômago. Nicole levantou um braço, inclinou a cabeça para um lado e Derek segurou a respiração. Quando ela voltou a ficar quieta, ele desabotoou o resto dos botões e viu que os hematomas começavam a desaparecer. Mas lhe entristeceu ver que o mehndi também. Tinha sonhado tantas vezes percorrendo-o com seus dedos... E por que não fazê-lo então? Ele podia fazer o que quisesse com ela.

Com dedos inseguros começou a seguir o desenho que decorava ainda a cintura da Nicole e que chegava até seu firme ventre. As linhas se ocultavam logo sob sua camisa, assim que abriu um pouco mais. Ao ver a palidez de seus seios, Derek acreditou que lhe ia estalar o coração. Levava muito tempo sem uma mulher, maldita fosse! Esse era o único motivo pelo que reagia assim com a Nicole. Seguiu percorrendo a complicada sianinha até chegar a seus seios.

Abriu-lhe ainda mais a camisa assim como as calças para poder ver deste modo a pele que se escondia sob sua cintura e perfilava seus quadris. Fez-lhe água na boca de tantas vontades como tinha de beijá-la. Mas pôde sentir ao tato como Nicole começava a tremer de frio. Sentiu remorsos e acariciou com seus toscos nódulos aquela pele que justo acabava de despir, mas em seguida voltou a vesti-la e a tampá-la com as mantas.

“O que acabava de acontecer?” Nicole estava sonhando que Sutherland a acariciava, e foi tão real que inclusive pôde sentir o contraste entre a áspera pele de suas mãos e a suavidade de suas carícias. O sonho era muito real, muito confuso, mas quando abriu os olhos e o viu ali sentado junto a ela foi à pior. Derek a olhava como se fosse ela, que de algum modo o fazia arder todo o corpo e, embora sua mente se empenhasse em sentir-se ofendida com ele por haver-se tomado essas liberdades, desejava que voltasse a fazê-lo.

Sua primeira reação foi sentar-se para tampar-se justo depois de lhe dar uma bofetada, claro. Mas em vez disso, ficou observando em segredo como as mãos do homem não deixavam de tremer a cada carícia.

Logo, essas carícias se voltaram muito mais que prazenteiras. Nicole se deu conta de que gostava de estar nua com ele, em especial se a olhava com essa intensidade. Por quê? Acaso significava isso que já não o odiava? Seguro que se sentia assim com ele, como mínimo tinha que gostar dele. Não, ela o odiava, entretanto, ao ver como seus dedos a percorriam com tanta delicadeza e reverência, desejou poder sentir outra coisa.

Ele deveria ter lido sua mente porque lhe separou um pouco mais a camisa e suas mãos se aproximaram de seus seios.

Temendo que se desse conta de que estava acordada, a garota fechou os olhos. E assim começou uma tortura que jamais havia imaginado.

Cada sensação era mais intensa que a anterior. Não sabia onde ia acariciá-la. Podia lhe tocar o peito ou inclusive uma zona muito mais íntima, igual a tinha feito aquela vez. Por que não o detinha? Nicole começou a tremer. Se Derek seguia adiante, voltaria a sentir o que havia essa sentido primeira noite que estiveram juntos? Justo quando ela começou a enjoar-se de desejo e teve a tentação de lhe agarrar a mão para aproximar-lhe a seu membro, Sutherland lhe grampeou a camisa e voltou a agasalhá-la.

No que se referia a esse homem, Nicole não tinha nenhum autocontrole, e isso a assustava.

O tinha todos os agarra. Ela passava de odiar-lo a querer lhe entregar sua virtude em questão de segundos.

Ao fim de uns dias, numa manhã, quando Derek retornou de dar as ordens pertinentes a seus homens, encontrou-a sentada junto ao olho de boi, olhando o mar. E a partir de então o recebia cada dia sem uma palavra. Essa manhã era igual às demais, mas a diferença das anteriores, Nicole estava vestida com sua roupa e levava o cabelo recolhido. Doe-lhe ver que as calças e a camisa de menino que levava ficavam muito folgados.

— Disseram-me que estava acordada — disse com estupidez ao fechar a porta atrás dele.

Não lhe respondeu, não se moveu, limitou-se a ficar ali, olhando pela janela. Tratar com uma mulher como ela era desconcertante. Derek era muito calado, e estava acostumado a que as mulheres que tinha ao redor se passassem o momento falando. Mas Nicole não lhe dizia nada.

As mulheres estavam acostumadas sentir-se atraídas por ele, ou para ser mais exatos, por seu dinheiro. Mas era óbvio que essa garota desprezava sua pessoa. Era isso o único que sempre tinha sentido por ele?

Ele não tinha nem a mais remota idéia de como tratá-la. Queria castigá-la pelo que tinha feito, mas nem sequer ele era tão cruel para lhe fazer dano agora que estava ferida. Além disso, começava a perguntar-se se jamais se recuperaria da perda de seu navio. Esse era castigo suficiente. Estava letárgica e seguia perdendo peso.

Bigsby lhe tinha sugerido que comprasse fruta em Cidade do Cabo para ver se assim obtinha que recuperasse o apetite, e inclusive se atreveu a insinuar que lhe comprasse umas laranjas muito caras. Derek fez conta. Neste mesmo dia, o médico lhe havia dito que confiava em que Nicole voltaria a comer com normalidade.

— Eu..., trouxe-te fruta fresca. Deixá-la-ei aqui e...

Não teve tempo nem de piscar quando Nicole se lançou sobre ele, ou, melhor dizendo, sobre a fruta que tinha deixado sobre a mesa. Apoderou-se de três laranjas e duas maçãs, que sujeitou entre o oco de seu cotovelo e o queixo para tentar agarrar algo mais.

Logo, sentou-se em um extremo da cama do Derek e, quando esteve convencida de que ele não ia arrebatá-la se a relaxou-se um pouco e começou a cortar uma laranja. Pôs os olhos em branco de prazer e um pouco de suco lhe escorregou pelo queixo.

Derek entendeu o que aquilo significava e ficou furioso.

— Deduzo que você não gosta da comida de nosso navio.

A garota arqueou uma sobrancelha e, com o olhar lhe disse: “Agora te dá conta?”.

Ele se esforçou por manter a raia seu mau humor e evitar gritar as seguintes palavras:

— Trouxeram-lhe uma bandeja cheia de comida três vezes ao dia. Cada dia. — esfregou-se a ponte do nariz —: por que não comeu?

Nicole duvidou entre lhe responder e comer o último galho de laranja. Ganhou a laranja e Derek teve que esperar a que acabasse de mastigar. Então começou a cortar outra com grande destreza e lhe perguntou:

— Você segue acreditando que envenenei a sua tripulação, equivoco-me?

O homem esteve tentado de lhe dizer que não era que acreditasse, mas sim estava completamente convencido disso. Mas Nicole lhe estava dirigindo frases completas pela primeira vez em muito tempo, assim assentiu.

— E mandou a minha tripulação ao cárcere porque estavam preocupados com minha saúde, não é assim?

Ao Derek não gostava de nada o rumo que estava tomando essa conversação.

Ela comentou condescendente:

— Interpretarei esse silêncio como “Sim, senhorita Lassiter”.

Seria atrevida... Mas apesar de seus grunhidos, Nicole continuou.

— O menino que me traz a comida me deixou claro que não acredita que, depois do que tenho feito, mereça comer. E seguro que o resto de sua tripulação pensa o mesmo. — Esfregou a maçã com a ponta da camisa —. Se você estivesse em meu lugar, comeria algo dessas generosas bandejas de comida?

Visto assim, não, provavelmente ele haveria feito o mesmo. Mas se negava a reconhecê-lo.

Nicole olhou a maçã ensimesmada, sujeitando-a com ambas as mãos antes de lhe dar um bocado.

Por que não tinha pensado que esse podia ser o problema? Maldição. Derek não queria que morresse de fome. Suspirou fundo e disse:

— Juro-lhe que não dei ordens de que envenenassem sua comida. E no futuro me assegurarei muito bem do que contêm suas bandejas.

Nicole inclinou a cabeça para ele como uma rainha. Irritado por como ela conseguia sempre abrandá-lo, agarrou seu chapéu e se dispôs a sair.

— Sutherland — o chamou ela antes de que ele pudesse fugir.

— O que?

Limpou-se o queixo com a manga da camisa e tomou ar.

— Apesar do muito que me custa te pedir algo, acredito que chegou o momento de que o faça.

Derek acreditou que ia solicitar algum capricho, assim que a seguinte pergunta o pegou completamente despreparado.

— Como afundou meu navio?

— O que?!

Nicole saltou da cama.

— Tenho que sabê-lo!

— Eu não tive nada que ver com isso! Você e sua tripulação lhes encarregaram sozinhos de fazê-lo! — gritou Derek.

— Não — respondeu ela sacudindo a cabeça —. Foi você.

— Dí-lo por que quer escapar de seu castigo.

A garota começou a passear nervosa.

— Sei por que o fez — disse ela como se ele não houvesse dito nada —. Ao fim e ao cabo, meu pai tinha muitas probabilidades de ganhar esta regata. E, com sua reputação, perder outro navio teria arruinado sua naval.

— Exagera.

Nicole voltou a lhe olhar.

— Você sabe perfeitamente que esta regata marcará uma diferença entre as companhias navais e seus capitães. Toda a Inglaterra está esperando por ela. Todos nós jogamos nossa reputação.

— Estou de acordo com isso, mas me acredite, peregrine-a pode agüentar perder esta corrida e muito mais.

Olhou-o como se sentisse lástima por ele.

— Sei muitas coisas sobre sua companhia. Sei que nos últimos anos não deixaste que perder clientes. Talvez consiga dissimulá-lo, mas tudo o que olhe com atenção se dará conta de que a Peregrine se está morrendo por sua culpa.

O que Nicole acabava de dizer era quase o mesmo seu irmão lhe havia dito semanas atrás mas, maldita fosse, Derek não queria que o visse desse modo.

— Pode dizer o que te dê a vontade, princesa. Você envenenou a minha tripulação para que seu pai pudesse ganhar a regata.

— Como pode acreditar que sou responsável por algo semelhante? — perguntou Nicole incrédula.

— Não se esqueça de que te encontrei farejando em meu armazém, muito perto dos barris de água — respondeu ele igualmente de convencido —. E que ouvi como dizia a esse irlandês que já podia me tachar na lista, que já tinha terminado com meu navio.

— Meu deus, olhe que é tolo. Está claro que o álcool te afetou o cérebro.

— Devo muito à bebida. Minha fidelidade à garrafa impediu que eu também sucumbisse a sua água envenenada — rugiu Derek.

— Repito isso, foi outra pessoa. E acredito que foi o mesmo que sabotou meu navio.

— Então, o que estava fazendo em meu armazém?

— Espiando, que outra coisa ia fazer?

Disse-o tão convencida que Derek esteve a ponto de acreditá-la. Mas ele nunca tinha visto um competidor tão decidido como Lassiter e era lógico pensar que tivesse encontrado o modo de vingar-se por estar no cárcere.

— Não acredito. É certo que seu pai precisava ganhar para poder seguir pagando todos seus caprichos de menina mimada.

Nicole o olhou de um modo muito estranho e logo começou a lhe contar:

— Meu pai estava investigando uma série de misteriosos acidentes que estavam acontecendo em diferentes navais. Essa noite estava no Sereia para solicitar informação porque estava convencido de que alguém tentava sabotar a todas. Eu votei por ti. Meu pai e Chancey acreditavam que era Tallywood.

Derek se pôs a rir a gargalhadas.

— Isso era exatamente o que pensava — reiterou ela —. Também acreditava que você estava atrás do encarceramento de meu pai. Tínhamos uma lista de suspeitos, mas eu estava convencida de que o único o

bastante frio para havê-lo feito era você. Assim quis reunir provas para te poder acusar ou te tirar definitivamente da lista.

— E o que decidiu ao final?

— Naquela época, cheguei à conclusão de que não tinha tido nada que ver. Mas agora, depois do que tem feito a mim e a minha tripulação, já não fica nenhuma dúvida.

— Meu amor — disse ele —. E em seu conto há um detalhe que empresta a falsidade como poucos, princesa. Ninguém acreditaria que Tallywood possa ser pior que eu. — Olhou-a por última vez e fechou a porta de um golpe.

Nicole estava o suficientemente recuperada para subir a cobertura mas, dado o muito que desgostava a sua tripulação tê-la a bordo, Derek não ia permitir. Todos entendiam que um homem como ele queria ter prisioneira a uma mulher como ela, mas preferiam que a mandasse ao cárcere com o resto de seus homens.

Se Nicole saía ao exterior, teria que acompanhá-la todo o momento e Derek não queria passar o dia com alguém tão taciturno. Se por acaso lhe falava, era só para insultá-lo ou burlar-se dele.

Mas tal como supunha, pouco depois de deixar Cidade do Cabo, ela começou a lhe pedir poder sair de seu camarote.

Derek teve uma idéia genial e lhe propôs:

— Acompanhar-te-ei acima se me disser por que envenenou a água de meu navio.

— Por última vez, eu não envenenei sua maldita água.

— Você o quis. Quando estiver disposta a me contar isso a acompanharei acima.

— Não tem por que me acompanhar. Só se limite a me deixar sair! Tem medo de que me escape? Embora não saiba muito bem onde estamos, sei que estamos perto do Antártico. Imagina que tentarei fugir nadando? Ou talvez pudesse cortar um pedaço de gelo e remar de retorno à cidade? — perguntou sarcástica.

Derek lhe respondeu no mesmo tom.

— À tripulação... Não gosta muito de sua presença. Não estou seguro de que queria estar com eles sem mim ao seu lado.

Nicole semicerrou os olhos e mordeu a língua.

Aquela garota era mais teimosa que uma mula. Mas bom, ele também o era. Derek lhe havia dito a sério que não sairia dali até que confessasse. Obteria que se derrubasse.

Ela respirou fundo e se virou para a janela.

— Tem que entender que não te posso dizer nada sobre o envenenamento porque não fui eu. Está dando cabaçadas contra um muro de pedra.

— É você quem se equivoca. Diga-me isso ou passará os próximos dois meses encerrada neste camarote.

Nicole se voltou de improviso para ele.

— Que diga isso, deixa claro o pouco que me conhece. Se Imaginar que pode me manter aqui encerrada é que desvairas. — Inclinou um pouco a cabeça —. Hmmm, ouvi dizer que isso é algo que aos, como o diria..., bêbados, lhes está acostumado a acontecer. Mas suponho que em seu caso — acrescentou lhe olhando —, também poderia ser culpa da idade.

Nicole passou o resto da manhã repassando o encontro com o Sutherland em sua mente. Ela o tinha acusado sem rodeios de ter afundado seu navio. Mas agora já não estava tão segura. A essas alturas, se fosse culpado, não seguiria defendendo sua inocência. Um homem ao que nada lhe importava o mais mínimo não teria nenhum problema em reconhecê-lo. Além disso, tinha-lhe dado a sensação de que Derek também queria convencer-se de que Tallywood era o principal suspeito. Era como se precisasse acreditar que seu nome não era o primeiro que lhe ocorria às pessoas quando se falava de más artes no mundo da navegação. Se ele o tivesse feito, não estaria tentando fazê-la acreditar no que lhe contava.

Ver que lhe entristecia que ela o acusasse de ser o principal suspeito já a tinha feito duvidar, mas quando viu quão zangado estava, Nicole acabou de convencer-se por completo. Derek estava seguro de que ela tinha envenenado a sua tripulação e ela estava convencida de que ele tinha fundo seu navio. Mas já não; agora sabia que uma terceira pessoa era a culpada de ambas as coisas. Sentiu-se mal pelos insultos que lhe tinha dirigido essa manhã, mas afastou esses remorsos de sua mente.

Se ele não tinha afundado o Bela Nicola, tinha um motivo menos para lhe odiar. E, apesar de estar convencido de que ela tinha envenenado a seus homens, tinha-a tratado bem. O único motivo pelo que Nicole ainda podia odiar Derek era por ter feito encarcerar a sua tripulação na Cidade do Cabo.

Porem a única coisa que podia fazer era esperar. Já estava recuperada das feridas, e ele sabia. Até o momento, ela não tinha insistido em sair a cobertura, mas depois da tormenta que acabavam de atravessar, se não o fizesse se voltaria louca.

Quando ao meio dia Derek retornou ao camarote, Nicole estava vestida e passeando de cima abaixo.

— Capitão Sutherland, posso falar contigo? — Quando queria podia ser educada.

Derek se sentou no extremo do colchão e se tirou as botas. Estava empapado.

— E agora o que quer? — respondeu ele sem maneiras.

Deus, ainda estava doído pelos insultos da manhã. Ele tinha algum ponto débil. Essa informação, pensou Nicole, poderia lhe ser útil algum dia.

— Esperava que hoje pudesse me acompanhar lá fora, já que a tormenta amainou por fim.

— Não — replicou ele sem pensá-lo nem um segundo.

— Não, e já está? — perguntou ela.

— Sim.

A Nicole ardeu à cara pelo esforço que fez por não dizer o que pensava. Não devia fazê-lo, mas não podia ficar encerrada nem um dia mais.

— Sutherland..., por favor.

Derek a ignorou e se aproximou de seu baú em busca de roupa seca. Atirou-a em cima da cama e se tirou a empapada camisa por cima da cabeça. Nicole afastou a vista daquele maravilhoso e molhado torso. Sutherland era um arrogante; por que lhe seguia afetando tanto ver seu corpo?

Ficou de costas para poder concentrar-se.

— Suplico-te que o reconsidere. Começa a ser desumano que me tenha aqui encerrada.

Seguia vestindo-se sem dizer nada, de modo que Nicole se deu a volta e sentiu um pouco parecido à decepção ao ver que ele já se trocou de calças.

Seguindo o plano que se riscou, e dado que ele parecia disposto a ignorá-la, decidiu mentir. Derrubou-se em uma cadeira e se levou uma mão à frente.

— Acredito que a falta de ar e de luz natural têm feito que me voltem aquelas horríveis dores de cabeça.

Durante um segundo, ele pareceu preocupado.

— Sêrio?

Maldito fosse, por que não acreditava?

— Sim, temo-me que sim. Por favor, só uma hora ao dia. Posso trabalhar. Contribuir em algo.

— Não precisamos a ninguém que cozinhe ou que costure. E já temos a quem nos faça estas coisas. Para mim, é completamente inútil.

— Inútil? Inútil? Se limitar-se a enumerar as tarefas que normalmente fazem as mulheres em terra firme. É isso do único que me acha capaz?

— Sei muito bem do que é capaz — replicou sarcástico.

“O muito bastardo!”

Ao ver que se levantava dando por finalizada a conversa, Nicole se encheu de fúria. Pensar que ia estar encerrada outro dia naquele camarote lhe formava um nó na garganta.

Quando Derek estava a ponto de alcançar a porta, por fim pôde voltar a falar:

— E o que se supõe que devo fazer durante todo o dia? —disse com tristeza.

— Não me importa o mínimo.

Quando Nicole ouviu como girava a chave, toda essa tristeza voltou a converter-se em fúria. Com cada canção que cantava a tripulação e a cada virada que dava o navio se enfurecia ainda mais. Não era natural estar encerrada ali abaixo, em especial para alguém como ela. Por Deus, agora sim que queria lhe envenenar!

Procurou por toda a cabine algo que pudesse romper ou destroçar. Mas ia contra sua natureza ser destrutiva. Ela preferia criar...

Teve uma idéia. Dirigiu o olhar para seus baús, até mesmo Sutherland a evitava como se pudessem lhe morder. Ali, ao alcance de sua mão, tinha os instrumentos necessários para vingar-se. Sutherland lamentaria havê-la tratado desse modo. E, quando tivesse acabado, jamais poderia esquecer-se dela.

— Capitão Sutherland — o chamou Bigsby franzindo o cenho.

— O que quer?

O homem olhou atrás dele.

— Queria me encontrar com a senhorita Lassiter. Faz um dia precioso.

— Pois saiba já que não. — Derek seguiu caminhando.

O médico lhe seguiu.

— E como está? Tem dor de cabeça?

Derek franziu o cenho. Estava seguro de que ela se inventou as dores de cabeça. Ou não? Claro que sim.

Era uma atriz péssima. Mas...

— Por que o pergunta?

— Sempre me preocupou esse golpe que se deu.

— Não, não tem dores de cabeça.

— Oh, me alegro. Dir-lhe-á que me alegro muito de que se encontre já melhor?

A amabilidade do Bigsby o fez sentir culpado por tratá-la tão mal. Primeiro tinha pensado que era lógico que alguém como ela mentisse. Mas nesse instante, depois de ficar em seu lugar, supôs que ele haveria feito o mesmo.

Ao contrário do que muita gente acreditava Derek não era um homem cruel por natureza, de modo que retornou a seu camarote para comprovar que Nicole estava bem.

— Capitão! Navio à vista! Parece um navio inglês de retorno a casa. Casco de navio-correio comercial. Pedem-nos permissão para aproximar-se para conversar.

Derek duvidou um instante, mas estava impaciente por saber como ia à regata e, além disso, necessitava algumas provisões. Disse a si mesmo que Nicole podia passar um par de horas mais só em seu camarote. Quando o outro navio se colocou junto ao Southern Cross, aceitou o convite de seu capitão para passar um momento com ele e sua esposa.

Uma vez a bordo da outra embarcação, o jovial casal insistiu em que ficasse a tomar uma taça de clarete com eles e logo para jantar. Derek disse que sim, porque apenas fazia vento e estava seguro que isso não atrasaria em nada sua viagem. E o que era mais importante, talvez assim conseguisse deixar de pensar um momento na mulher que tinha encerrada em seu camarote.

Não o conseguiu e Nicole não abandonou sua mente nem um segundo. Depois de algumas horas, o inglês conseguiu por fim deixar o navio de seus anfitriões com educação. O clarete, que tinha bebido com a esperança de sentir-se menos culpado e menos zangado com ela, só tinha servido para embebedá-lo ligeiramente.

Ficou em pé junto ao corrimão para limpar-se um pouco. Queria estar em plenitude de faculdades quando se enfrentasse a Nicole. Seguro que há essas horas devia estar terrivelmente furiosa.

“Nicole.” Derek olhou o céu azul escuro e pensou que por fim tinha encontrado algo da cor de seus olhos: céu estrelado ali, no fim do mundo. burlou-se de quão sentimental estava. Deus, tinha que deixar de beber. Quando viu aparecer Jimmy, Derek se alegrou de que interrompesse esses pensamentos tão escorregadios.

— Capitão, disse-me que se passava algo com a garota o dissesse em seguida. Pois bem, não comeu nada em todo o dia.

Se Nicole tinha intenção de fazê-lo sentir culpado, estava-o fazendo maravilhosamente.

— Pareceu-te que estivesse doente? — perguntou ele tratando de não demonstrar nada.

Jimmy se balançou incômodo sobre seu olhar, e logo respondeu:

— Não a vi, capitão.

— O que há dito, guri?

— Ao meio dia me há dito que não estava vestida e que não podia entrar. Assim deixei a bandeja junto à porta.

Derek viu que ao Jimmy não importava o mais mínimo que ela comesse ou não e supôs que o resto da tripulação opinava o mesmo.

— Não comeu nada, mas sim agarrou os copos de água — acrescentou o menino com a esperança de que seu capitão parecesse menos preocupado.

Nicole comia como um passarinho, mas desde que Derek lhe tinha assegurado que os mantimentos não estavam envenenados, alimentava-se cada dia. Algo ia mal.

Derek se dirigiu a seu camarote com passo firme e, apesar de que soprava o vento, a frente lhe empapou de um suor gelado. Não entendia por que lhe preocupava tanto. Mas sua tripulação já se recuperou do envenenamento, e cada vez lhe resultava mais difícil querer prejudicá-la.

Tentou dissimular sua mais que óbvia angustia e abriu a porta. Nicole estava na cama, acurrucada sob um montão de mantas, o que tinha sentido, pois o olho de boi estava aberto e o frio ar da noite enchia a estadia. Mas apesar disso, um estranho aroma mineral impregnou suas fossas nasais. Os abajures estavam apagados e ele logo que podia vê-la, mas sim distinguiu que a jovem tinha uma mancha na bochecha e no cabelo. Acendeu o abajur que havia junto à porta e, quando a luz alagou sua cabine, Derek ficou sem fôlego.

Tinha decorado seu camarote.

Nicole, muito desobediente, tinha pintado todas as paredes. Tinha reproduzido uma cena pastoral, uma paisagem que era... Preciosa.

Por desgraça, o mural que tinha escolhido como base era seu camarote. Se uma de suas camisas pendurava na cremalheira... também a tinha pintado. Os lombos dos livros, perfeitamente alinhados, agora reproduziam a erva. Seu espelho se converteu em um lago rodeado de trepadeiras. Nicole tinha conseguido integrar cada detalhe de seu camarote na paisagem.

Aproximou-se dos copos de água que ela tinha pego da bandeja de comida. E os viu cheios de pincéis. As reluzentes mangas chapeadas tinham uma gravura: “Para a Nicole. feliz aniversário, E. B.”. Quem diabos era E. B.? Mais luxos, e esta vez não provinham de seu pai.

Alguém, talvez outro homem, tinha pensado o suficiente nela para lhe fazer esse presente tão caro. Tentando não imaginar-se como Nicole teria agradecido tal presente, Derek seguiu olhando a habitação. Tinha utilizado até a última gota de tinta para pintar as paredes, que antes eram negras. Mas mesmo assim, devia ter bastante pintura. Onde?

Os baús. Derek se recriminou não ter inspecionado aqueles baús que ao parecer estavam cheios de utensílios de pintura.

As paisagens que tinha visto no camarote da Nicole... Tinha-os pintado ela. Ela era o artista a que, sem sabê-lo, ele tinha admirado. Ficou sem fôlego ao observar sua obra. Fazia um trabalho excepcional, mas como tinha podido em tão pouco tempo?

Ele voltou a sentir-se culpado. A garota se passou oito ou nove horas só no camarote. Mas inclusive assim, pensou, ao apreciar quão detalhados eram os desenhos, tinha tido que trabalhar sem descanso para acabar todo aquilo em um só dia. Tinha-o pintado absolutamente tudo.

Nicole tinha violado todas suas posses, assim, por que não estava zangado? Deveria está-lo. Mas uma parte dele sabia que o merecia.

Como se lhe estivesse lendo o pensamento, Nicole falou:

— Disse-me que “não te importava o mínimo” o que fizesse.

Derek afastou a vista da parede para olhá-la. Ela tinha os olhos abertos e o olhava sem interesse.

— Assim é, lhe disse — reconheceu isso ele. As olheiras que tinha sob os olhos punham de manifesto quão cansada estava. E se voltava a ficar doente? A culpabilidade lhe bateu no peito e lhe surpreendeu ver que tinha vontades de desculpar-se com ela. Mas em vez disso, como um parvo, disse —: Sabe uma coisa?, teria que estar zangado.

Permaneceram um momento em silêncio.

— Não me importa o mais mínimo como se sinta — disse ela séria, antes de fechar os olhos.

Nicole dormiu e Derek ficou encerrado em seus pensamentos enquanto que aquela paisagem o engolia por completo.

CAPÍTULO 17

Nicole estava sentada junto ao olho de boi quando alguém bateu na porta. Chamavam antes de entrar? Bom, isso sim era uma novidade. Olhou a seu redor para ver se tudo estava em ordem.

Dado que ao Bigsby tinham proibido que lhe fizesse companhia, ninguém tinha olhares na hora de abrir ou fechar a porta daquele camarote. Por sorte, haver-se criado a bordo de um navio tinha eliminado o pouco pudor que ficava.

Sutherland entrou cheirando a mar, a sal e a um frio penetrante. Deus, quanto desejava poder sair dali! Era tão doloroso como se alguém se burlasse de um faminto da janela de um restaurante.

Nicole lutou contra a tentação de inventar uma história sobre o envenenamento só para ver se assim podia sair dali. Mas ela não sabia nada sobre venenos, e se via incapaz de elaborar algo convincente.

Pensar em mentir para conseguir sua liberdade lhe punha os cabelos de ponta. Se Derek se ficou ali quieto esperando a que falasse, tinha para momento. Do único que Nicole se via capaz era de olhá-lo com toda a raiva que sentia. Ele pelo contrário a observava como se não soubesse o que lhe dizer.

— Pensei que, já que te ficaste sem tecidos... — disse o capitão por fim olhando as paredes de seu camarote —, talvez você gostaria de ter mais.

Deixou um montão de tecidos em cima de sua escrivaninha como se estivesse tratando de aplacar a um animal furioso. Nicole sabia que se sentia assim.

Logo, de uma pequena caixa, Derek tirou três botes.

— Também pensei que você gostaria de ter mais pintura. — Se via muito satisfeito consigo mesmo, como se esse ataque de generosidade compensasse tudo o que tinha acontecido.

Em vez de lhe dizer algo amável, ou de obsequiá-lo com um gesto de agradecimento, como ele ao parecer esperava, Nicole se limitou a olhá-lo assinalando as quadrados tecidos. Deteve-se um instante e começou a lhe tremer um músculo da bochecha.

— Pensei que você gostaria e que poderia me perdoar pelo de ontem... — prosseguiu ele, mas se interrompeu ao ver que ela se levantava e se aproximava dele. Antes de que pudesse suspeitar nada, Nicole jogou o braço para trás e lhe deu um murro.

— Que diabos! Por que o tem feito? — gritou Sutherland enquanto se massageava a mandíbula.

Ela tremia de tão furiosa como estava.

— Se imaginou que com um par de recortes de vela e um pouco de pintura velha poderá me fazer esquecer que me tiveste encerrada neste camarote... — fez uma pausa para respirar —... está muito equivocado. Não sou uma menina estúpida que se entretém com o primeiro que lhe ocorre! Quando Pinto, faço-o depois de um comprido dia de duro trabalho!

Tinha-lhe dado um murro ao Sutherland! Não podia acreditá-lo. Agora, depois de ter golpeado aquela mandíbula de granito lhe doía à mão. Ouviu movimento fosse do camarote; Jimmy estava junto à porta. Quanto momento levava ali? Não sabia, mas sim sabia que tinha visto o Sutherland esfregando-a mandíbula e soltando insultos a torto e a direito.

Depois de ter estalado, Nicole não pôde evitar sorrir. E não deixou de fazê-lo nem sequer quando Sutherland saiu furioso de seu camarote.

De fato, a cada minuto que passava estava mais contente... Logo estaria informado todo o navio.

A manhã seguinte, voltaram a chamar antes de entrar, e esta vez incluso esperaram uns segundos para abrir a porta. O pequeno Jimmy entrou sigilosamente, como se não queria despertá-la. Enquanto ela ia empalidecendo com cada dia que passava encerrada, as bochechas daquele guri estavam cada dia mais ruborizadas. Nicole soube que poderia chegar a lhe odiar.

Igual a no dia anterior, o menino observou fascinado quão murais tinha pintado na parede e deixou uma bandeja. Essa manhã, a diferença das outras, depositou-a em cima da mesa e não no chão, como era seu costume. E na hora de ir se deteve indeciso na porta e se voltou a olhá-la.

— O que quer? — perguntou Nicole zangada. Com aquelas bochechas era a exata imagem da saúde e, ao igual que Sutherland, cheirava a amanhecer. Pensar em que Jimmy podia estar lá fora e ela não, era mais do que podia suportar.

Aquela tripulação ia começar a tratá-la de outro modo, e Jimmy ia ser o primeiro em fazê-lo. Dirigiu-se para aquele mequetrefe.

Ele retrocedeu uns passos.

— De... De verdade lhe deu um murro ao capitão?

Nicole levantou uma sobrancelha, mas o menino continuou:

— Acreditava que o capitão gostava.

Nicole lhe ameaçou com o olhar. Perfeito. Se Jimmy estava disposto, ela não tinha nenhum problema em brigar com ele.

— Sim, dava-lhe um murro ao capitão. E você o que pensa fazer a respeito? — Nicole inclinou a cabeça para calibrar ao moço. Não era muito mais alto que ela. Centímetro mais ou menos. Poderia com ele.

— Um momento! — Adiantou sua mão para detê-la e se aproximou da porta deixando só a cabeça dentro da habitação —. Não... Não se arrepende do que tem feito? — gritou o menino.

Ela sabia que não se referia ao murro que lhe tinha dado a seu capitão a não ser ao envenenamento da água. Seguia convencida de que essa pergunta não merecia nenhuma resposta, mas a essas alturas já estava muito zangada para raciocinar.

— Me arrepender? Eu não tenho feito nada do que tenha que me arrepender! — gritou ela—. Se não fossem todos tão obtusos como seu capitão, já lhes teriam dado conta de que sou incapaz de envenenar a ninguém! Não sou perfeita, nem muito menos, mas não sou tão pérfida para querer lhes envenenar, embora agora desejasse havê-lo feito!

Jimmy ficou sem fôlego, e antes de pôr-se a correr a olhou com os olhos completamente abertos. Teve que esquivar ao montão de homens que, depois de escutar os gritos da Nicole, congregaram-se junto à porta. Alguns deles ficaram olhando-a e outros balbuciaram um par de comentários, mas ela os ignorou a todos. Supôs que esse momento era tão bom como qualquer outro para deixar claro o que pretendia. Porque de maneira nenhuma ia passar se o mês seguinte ali encerrada, e já era hora de que soubessem.

Abriu a porta de par em par e lhe disse ao marinheiro que tinha mais perto.

— Assim acredita que envenenei sua água? — perguntou-lhe —. Estão tão convencidos disso que seu capitão não me deixa subir a cobertura pelo medo que lhe dá que me façam mal. — Olhou-os a todos aos olhos.

— Pois bem, maldita seja, eu não tive nada que ver com nenhuma das desgraças que lhes tenham podido acontecer, turma de covardes! — Chegados a este ponto sem retorno, Nicole apertou os punhos—. E se querem me fazer dano, façam agora, porque vou cruzar essa porta para sentir o sol sobre minha pele O... vou morrer no intento. Entendeste-me?

Em seu ataque de fúria, quão único podia ouvir era como o sangue retumbava em sua cabeça. Logo que foi consciente dos assobios ou grunhidos que se produziram a seu redor.

Aproximou-se da porta e afastou a todos os que se interpunham em seu caminho.

Incluído Sutherland.

Tinha a expressão desencaixada e estava petrificado. Pior para ele.

Nicole recorreu a todas suas forças para lhe apartar e, depois de fazê-lo, seguiu até a cobertura e se aproximou do corrimão, para poder ver o mar.

Derek jamais se havia sentido tão estúpido e tão miserável. Enquanto observava como os ombros da Nicole subiam e baixavam a cada bafosseda de ar, soube a verdade.

Ela não o tinha feito.

Não podia acreditar que ela se atreveu a lhe gritar a toda sua tripulação nem que o tivesse afastado diante de todos. Mas o revoltante comportamento da garota o sacudiu de cima abaixo. Seus instintos despertaram de repente e, simplesmente, soube. Todo aquele tempo lhe tinha estado dizendo a verdade sobre o que tinha acontecido aquela noite.

Afastou-se dela e foi em busca do Jeb.

— Lhe diga ao resto da tripulação que a partir de agora têm que tratar à senhorita Lassiter como a uma convidada do navio.

— Como diz, capitão. Mas depois de que te desse um murro, já tínhamos decidido fazê-lo assim.

Derek o fulminou com o olhar.

— Que seja muito maior que eu não te dá direito a lhe faltar ao respeito a seu capitão.

— Não, mas se meu capitão se pôs ele sozinho em ridículo, sim posso fazê-lo.

Com um último olhar, Derek deu meia volta e foi procurar um lugar onde pudesse observá-la sem que o incomodassem. Durante as duas horas seguintes, ela ficou ali, no corrimão. Já era tarde quando por fim apoiou a cabeça na madeira. Tinha medo de que alguém a obrigasse a retornar dentro.

Derek não acreditava que fosse prudente aproximar-se dela tão logo, mas não podia deixar que seguisse temendo a sua tripulação.

— Nicole — disse a suas costas. Não lhe fez nem caso —. Olhe-Me, por favor — lhe rogou. Devagar, deu-lhe meia volta e lhe doeu ver que ela se agarrava com força ao corrimão —. Não acredito que envenenasse a água.

Ela não respondeu.

— Alguém... Alguém tratou de sabotar também seu navio.

— Disse-lhe isso.

Derek suspirou fundo.

— Quero me desculpar...

— Muito bem — replicou ela, seca.

Desculpou-se, mas a jovem parecia não alterar-se.

— Hei-te dito que o sinto — balbuciou entre dentes.

— E eu te digo que “muito bem”.

— O que quer de mim? O que devo fazer para que as coisas voltem a estar bem entre nós?

Atravessou-lhe com o olhar.

— Quero ir a Sydney.

Nicole se afastou dele seguindo a guia do corrimão.

Como já era habitual, Derek não sabia como tratá-la. Cada vez que acreditava entender que tipo de pessoa era, sua concepção dela se fragmentava.

A primeira vez que a viu acreditou que era uma prostituta e uma mentirosa. E nesses momentos seguia sem conhecê-la. Era na verdade uma mulher que morria por navegar junto a seu pai e de uma vez queria lhe ajudar a construir sua própria naval? Ou tinha intenção de converter-se em uma pintora profissional? Ou só navegava à espera de encontrar o homem ideal com o que casar-se e formar uma família?

Só de pensar em que pudesse casar-se com outro homem, Derek enlouquecia de ciúmes. E sim, eram ciúmes. Já estava farto de fingir que quão único sentia por ela era luxúria. Queria entendê-la; queria conhecê-la.

E sabia que isso não ia acontecer em curto prazo. Nos dias que seguiram a aquele enfrentamento, ela se negou a lhe falar, e ele deixou de insistir.

— Pelo modo no qual te ignora, bem poderia ser invisível — lhe disse Jeb uma manhã que o pilhou observando-a.

Derek, incômodo porque o tinham descoberto, olhou a seu segundo. Não lhe tinha passado por cima que toda sua tripulação sentia lástima por ele. Se o pilhavam olhando-a, coisa que fazia grande parte do dia em seguida apartava a vista. Não sem antes lhe dedicar um olhar de comiseração.

— Obrigado, Jeb, por sua artilosa e desnecessária opinião.

— A que agora desejaria que te gritasse? — disse este.

Derek apertou os dentes.

— Mas essa garota não é das que choram e lhe jogam as culpas às pessoas.

Era verdade. Por estranho que parecesse, Nicole não tinha feito nada para tratar de fazê-lo sentir culpado. O teria conseguido. Em especial sabendo tudo o que tinha perdido e que ninguém tinha estado ao seu lado para consolá-la. E, para cúmulo, ele a tinha encerrado em seu navio e quase o arbusto de fome, embora isso último tivesse sido sem querer.

— Ela não quer ter nada que ver comigo — disse Derek ausente.

— E isso é como jogar sal em uma ferida, a que sim? — perguntou o velho lobo de mar já mais carinhoso.

Derek se deu conta de que assentia com a cabeça. Era certo, como também o era que o doutor Bigsby era o único membro da tripulação que desfrutava de sua companhia.

Ao igual que Derek, a tripulação ao completo tinha trocado de opinião, mas ainda não a consideravam um dos seus. E, ao parecer, ela tampouco desejava ter muito que ver com eles. Agora que podia passear por todo o navio, Nicole fazia uso desse espaço para evitá-los a todos.

Em especial a ele.

Sem perguntar-lhe a ninguém, a garota começou a fazer-se carregos de pequenas tarefas, como por exemplo limpar ou remendar todo aquilo que o necessitava. Derek não se fazia iludido; sabia que não era para ajudá-lo a ele ou a sua tripulação. Trabalhava para ter as horas ocupadas.

O distanciamento que Nicole mantinha entre ela e o resto do mundo era infranqueável, e ninguém podia fazer nada a respeito...

— Bom dia, senhorita Lassiter.

— Mmm.

Nada absolutamente.

Exceto ele na cama.

Desde aquela primeira noite em Londres em que dormiram juntos... Derek se deu conta de que gostava de muito deitar-se com ela a seu lado, e tinha seguido fazendo-o após, inclusive depois daquele murro. Cada manhã lhe era mais difícil separar-se dela e da trégua que se instaurava entre os dois enquanto dormiam. Quando ele a apertava contra seu peito, ela não resistia e, de um modo inconsciente, apertava-se contra ele.

Essa noite, ao retornar a seu camarote, ficou olhando-a. Sujeitava o lençol com suas pequenas mãos por debaixo do queixo, e levava o cabelo recolhido em uma trança. "Preciosa." Ao Derek era o que lhe parecia. Queria

lhe fazer o amor sem lhe importar o prazer que ele pudesse sentir, embora soubesse que nunca antes havia sentido nada parecido. Queria estar com ela, conseguir que aquela incrível e valente mulher fosse dele.

Por alguma estranha razão, essa noite esse desejo era muito mais forte do habitual. Estava farto, farto de desejar a desse modo. Essa noite não podia, não queria dormir com ela. Sentou-se em sua cadeira, pensando na moça que dormia em sua cama e começou a beber com a esperança de podê-la esquecer. Quando se levantou para agarrar outra garrafa, Nicole despertou e se esfregou os olhos.

— O que está fazendo?

Ela não havia dito: “O que está fazendo aqui?”.

Sabia que dormia cada noite a seu lado? Tinha idéia de como afetava a ele fazê-lo?

— Estou-me servindo uma taça. Quer uma?

A jovem sacudiu a cabeça e se incorporou um pouco. Rodeada de mantas, sentou-se com os joelhos apertados contra o peito.

— Por que o faz? Por que bebe tanto?

O copo que ia levar se aos lábios se deteve a meio caminho. Em todo esse tempo, era a primeira pergunta pessoal que o fazia, a primeira vez que se interessava por ele. E tinha conseguido dar no branco.

Derek estava o suficientemente bêbado para lhe dizer a verdade:

— Bebo para esquecer. Para me esquecer de todas essas coisas que não posso trocar.

Nicole inclinou a cabeça.

— E o consegue?

— Não sei — respondeu ele olhando o copo —. Antes acreditava que sim.

— Sinto-o — disse ela com suavidade. Depois voltou a deitar-se e a dormir.

Durante a noite, o capitão seguia pensando naquelas palavras.

Aquele “O sinto” se parecia mais a um “Dá pena”.

Maldita fosse, ele era um homem orgulhoso. Queria que Nicole o respeitasse, que o quisesse. Por Deus santo, não queria que sentisse lástima por ele.

Mas embora deixasse de beber, no caso de que pudesse fazê-lo, lhe estava acabando o tempo. Cada interminável noite os aproximava mais a porto, e entre os dois se interpunham muitas mais coisas das que ele imaginava.

Derek sabia que ela tinha muitas vontades de pisar em terra firme. Pelo contrário ele temia a chegada ao Sydney, pois sabia que ali Nicole o abandonaria para sempre.

CAPÍTULO 18

Às duas noites seguintes Jimmy lhe deixou a bandeja lhe fazendo uma reverência. O comportamento do mucoso tinha sofrido uma mudança tão drástica, que Nicole soube sem dúvida nenhuma que sim, que antes lhe cuspiam na comida e agora se sentia culpado. Além disso, o menino não a deixava nem a sol nem a sombra e o fazia pergunta sem parar. Elogiava-a e lhe levava diariamente água quente para que pudesse banhar-se, e um montão de comida para que pudesse escolher. De fato, Nicole nunca tinha comido tão bem.

Havia ainda uns quantos marinheiros que não a tratavam com simpatia, mas ao menos eram educados. E a Nicole bastava com isso. Ela tinha sua própria tripulação, uma tripulação a que adorava. Não precisava ser acolhida por nenhuma outra.

Ignorou o falatório do Jimmy e enquanto desfrutava de umas uvas, pensou em sua situação. Não podia continuar zangada muito mais tempo. Não era seu estilo; um aborrecimento lhe durava como muito uns dez minutos e depois já nem se lembrava do motivo. Disse-se a si mesmo que se ela tivesse estado na situação do Sutherland e seus homens tivessem pensado o mesmo.

Além disso, Sutherland lhe estava pondo muito difícil o de seguir zangada. Antecipava todos seus desejos. No dia anterior, ao passar junto a um barco a vapor francês, pediu-lhes que o deixassem subir a bordo, apesar de que sabia que assim fossem perder tempo. E quando retornou, trouxe uma bolsa cheia de fruta fresca para ela; maçãs, laranjas, e essas uvas que se estava comendo e pelas que seguro tinha pago uma fortuna. Quando lhe deu um bote de tinta e lhe disse que a utilizasse para escrever a seu pai, ficou sem fala.

Se Nicole passava por seu lado, o que ultimamente acontecia muito freqüentemente, ele se aproximava dela para roçá-la e lhe punha a mão nas costas para acompanhá-la. Logo, essa mão permanecia ali um momento. Nicole supunha que, com cada um desses detalhes, Derek lhe pedia que o perdoasse.

Dormir junto a ele também a estava afetando. A jovem sabia que ele ia a seu camarote cada noite, apesar de que Derek não se deu conta de que, quando se metia na cama, ela despertava.

Que tomasse essas liberdades deveria enfurecê-la, mas enquanto ele não soubesse que ela sabia, Nicole podia seguir fingindo que ela tampouco e seguir desfrutando de do calor do corpo dele naquelas frites noites.

Mas às vezes, quando Derek a rodeava com os braços e a aproximava para ele, suas mãos lhe acariciavam levemente os seios. Nicole ficava então paralisada sentindo os efeitos do prazer. Cada noite lhe custava mais não responder e tinha que recorrer a todo seu auto-controle para não reagir e apertar-se contra aquele corpo forte e quente. Escutar o batimento do coração do Derek pego a suas costas a tinha enfeitiçada.

Quando ainda estava recuperando-se de suas feridas, ele ficava dormindo assim que se deitava, mas agora permanecia acordado, tenso. Não havia nenhuma noite em que Nicole não pudesse sentir quão excitado estava. Mas ele se mantinha a distância. Por ela. Embora Nicole desejasse que não o fizesse. Desejava que a abraçasse e a acariciasse como tinha feito no passado.

Depois desses pensamentos, sempre se sentia culpada. Como podia desejá-lo depois de que tinha encarcerado a sua tripulação? Ele mesmo tinha reconhecido que não lhes tinha informado sobre sua recuperação. É obvio que seus homens tinham tratado de amotinar-se; deviam estar preocupados com ela. Não, Nicole não podia baixar o guarda. Um homem o bastante cruel para entregar aos marinheiros do Bela Nicola aos lobos de Cidade do Cabo não era de confiar.

— Encontra-se bem? — perguntou Jimmy apartando a daqueles pensamentos.

Nicole baixou a vista e se deu conta de que, inconscientemente, esteve-se esticando.

— Estou bem.

Jimmy franziu o cenho e recolheu a bandeja.

— Será melhor que lhe leve isto ao cozinheiro.

Depois de um leve movimento de cabeça por parte da Nicole, o menino se foi dali.

De repente, ficou nervosa e, depois de abrigar-se com quase toda a roupa que tinha, agasalhou-se com uma manta e saiu para fora. Passou-se mais de uma hora olhando o mar, vendo como a luz da lua se refletia do horizonte. O astro descansava sobre a linha do mesmo como se estivesse muito cansado para elevar-se.

— É incrível, não? — disse Sutherland se colocando detrás dela —. É como se não quera separar do mar. — ficou ali em pé sem tocá-la e sem ficar ao seu lado no corrimão.

Nicole não respondeu, mas teve que lutar contra a tentação de tornar-se para trás e desfrutar de do calor que já começava a envolvê-la.

— Esta é minha parte preferida da viagem — continuou ele — ...Estes últimos dias que navegamos tão para o sul.

Por que lhe afetava tanto sua voz? Por que a tentava a dá-la volta e abraçá-lo contra seu peito?

Nicole sacudiu a cabeça e se obrigou a recordar que aquele homem tinha feito mal a sua tripulação.

— Não me surpreende — disse sarcástica —, a paisagem daqui é fria como você.

Talvez, se era o suficientemente antipática, ele se iria dali.

Ficaram em silêncio e Nicole lamentou ter sido tão dura. Derek lhe pôs uma mão no ombro.

— Está tremendo. Por que não leva a roupa de casaco que te deixei preparada?

— OH, por isso está em cima da cama? — perguntou ela fingindo desinteresse.

— Sim, é..., eu não sabia como te dizer que podia te pôr minha roupa.

— Em diante não faz falta que perca o tempo.

Derek suspirou fundo.

— Nicole, eu quero que saiba — disse com voz entrecortada —, que me arrependo de como fossem as coisas entre nós. Se pudesse, trocava o que aconteceu e te trataria de outro modo. — Ao ver que ela não dizia nada, Derek a fez voltar-se —. Sei que talvez me odeie, mas há algo entre nós, e não podemos seguir ignorando-o. Você não o sente? Não tem a sensação de que juntos poderíamos estar muito bem? — perguntou-lhe com

suavidade lhe acariciando a bochecha. Brilhavam-lhe tanto os olhos, como prata sob a lua, que a jovem estava como hipnotizada por eles.

Afastou a vista e disse como quem não quer a coisa:

— Falas como se não tivéssemos nada que dizer a respeito; como se fosse algo que estivesse fosse de nosso controle.

— Eu me sinto assim. Inclusive quando acreditava que tinha envenenado a minha tripulação desejava. Não importava o muito que o negasse, seguia te desejando.

Derek descrevia exatamente quão mesmo ela sentia. Essas sensações que a invadiam e faziam que se esquecesse de sua tripulação... Do Chancey.

Ela ficou tensa.

— Entre você e eu aconteceram muitas coisas. É muito tarde. Se de verdade se sentir culpado por como me trataste, eu te direi como me pode compensar isso, me deixe em paz.

A manhã seguinte, Derek tinha tomado uma decisão. A noite anterior, Nicole lhe havia dito sem nenhum olhar que não queria ter nada que ver com ele. Seu corpo, que se tinha pego ao seu até o amanhecer, havia-lhe dito pelo contrário um pouco muito distinto. Tinha que recorrer a isso para conquistá-la não duvidaria em fazê-lo. Utilizaria todas as noites que ficavam com ela para eliminar tudo o que se interpunha entre os dois, até poder, por fim, reclamar também os dias.

Como quase cada manhã, Derek se passou a maior parte do tempo olhando-a da ponte de comando enquanto tomava seu café. Parecia-lhe tão formosa... Tinha as bochechas rosadas pela brisa, e mechas de sua juba escapavam de sua inseparável boina.

Nicole caminhou para onde estava Jebediah. Nunca antes se aproximou dele... Significava isso que...? Tinha posto um dos jérseis do Derek.

Seu pulôver preferido, e extremamente caro.

Bom, lhe havia dito que usasse sua roupa, não?

Isso era bom sinal. Ao parecer, Jeb também acreditou porque, depois de falar com ela, encaminhou-se para o interior tão rápido como o permitia seu pesado corpo, e reapareceu minutos mais tarde com uma vara de pescar e um pouco de ceva, que deixou junto à Nicole. Disse-lhe algo mais e Jeb se afastou dali com um sorriso em seus velhos lábios.

Agora navegavam para o norte e Nicole aproveitou para lançar o cano justo quando os bancos de peixes começavam a aproximar-se do navio, o que impressionou ao Derek. Da distância, desfrutou vendo como preparava a linha e, depois de colocar o cevou, limpava-se calma as engorduradas mãos no pulôver. As escamas que se pegaram nele resplandeciam sob os raios do sol. Nicole, sem preocupar-se, tornou-se para trás e lançou o cano.

Como podia lhe fazer isso...? Bom, dava igual. Se ela estava contente, não lhe importava como cheirasse sua roupa.

Nicole se equilibrou sobre o corrimão. Embora soubesse que não tinha motivos, Derek ficou um pouco nervoso. Tinha-lhe demonstrado, uma e outra vez, que sabia como mover-se em um navio. Assim, por que se apressava para ela?

À medida que se aproximava, pôde ouvir como a garota cantarolava algo olhando a água.

—Peixinhos..., peixinhos...

Ele sorriu.

— Peixinhos, querem subir a bordo? — perguntou ela risonha balançando-se.

Quando Derek chegou a seu lado, viu que lhe estava falando com um tubarão de tamanho médio que, ainda indeciso, não deixava de perseguir sua ceva.

— Acredita que conseguirá subir no navio? — perguntou Derek —. Parece muito grande.

Nicole não pareceu alegrar-se de que ele estivesse ali. Suspirou fundo e, lhe assinalando o cano e a linha que sujeitava entre as mãos, respondeu-lhe devagar, igual a lhe falaria com um menino pequeno:

— Quando o peixe remoa o anzol, começarei a lhe dar a esta rodinha até levantá-lo. É magia — finalizou sarcástica.

— De acordo, de acordo — replicou ele com um sorriso —. É só que parece muito grande para que você sozinha possa subi-lo.

— Agüentei-te muitas coisas — disse Nicole irritada —, e já estou farta de que sempre me subestime... — O cano deu um forte puxão e como quase caiu pela amurada, não conseguiu acabar a frase —. Maldita seja, Sutherland!

Mas ele já estava detrás dela, sujeitando-a pelas calças com uma mão enquanto com a outra a ajudava com a vara de pescar. Derek a ajudou a estabilizar-se e a soltou como se fosse a romper-se. A seguir a observou admirado. Nicole atirava e soltava linha com sabedoria para cansar assim ao tubarão e poder por fim subi-lo ao navio.

Derek sempre se perguntou como uma garota como ela tinha conseguido sobreviver no duro mundo do mar, e agora o entendia. Talvez não tivesse muita força, mas ele apostaria o que fosse a que sempre tinha encontrado o modo de conseguir o que queria.

Apesar de que sabia que não fazia falta, Derek ficou detrás dela, sujeitando-a cada vez que sentia um puxão e recebendo um olhar fulminante da Nicole cada vez que o fazia.

Nada nem ninguém poderiam havê-lo afastado dali nesse momento. Derek se desfrutou no aroma do cabelo da Nicole que flutuava no ar gelado e em como seu pequeno corpo se pegava ao dele cada vez que a abraçava. Deu-se conta de que desejava prolongar aquilo o máximo possível, mas então ela começou a mover-se.

Tinha conseguido pescar ao peixe, mas a julgar por seu tamanho, era impossível que ela sozinha pudesse tirá-lo da água. Derek se apoderou da vara de pescar esquivando-se dos tapas que Nicole lhe dava com a mão que tinha livre, conseguiu subir o tubarão a bordo e o deixou em um grande balde cheio de água que lhe tinha aproximado até ali um dos grumetes.

Com a pesca segura já no navio, ele a olhou aos olhos. E então, como se sentisse incômoda, Nicole afastou o olhar e a dirigiu ao tubarão de uma vez que se agachava para vê-lo melhor.

Derek podia sentir quão contente estava. Seguro que ela já os tinha pescado a centenas, mas mesmo assim tinha os olhos resplandecentes de ilusão e seus lábios desenhavam um inadvertido sorriso. E, depois de ver como ele a observava, ruborizou-se.

Ele se ajoelhou a seu lado e lhe perguntou:

— Está segura de que você sozinha teria podido subi-lo a bordo?

Nicole colocou uma mecha de cabelo detrás da orelha.

— Reconheço-o, se tivesse estado em meu navio, teria tido que soltá-lo e tentar pescar um menor.

Derek sorriu, e viu como lhe devolia o sorriso. Nicole o olhou à cara, logo aos lábios, e depois se ruborizou outra vez e afastou o olhar de novo.

Sem lhe dar tempo de reagir, Derek a agarrou pela mão e a pôs em pé. Atirou com ela para o seu camarote, esquivando a todos os marinheiros, que tentavam dissimular, e detendo-se só para dizer a Jeb que já tinham o que jantar.

O inglês estava tão contente de ter estado essa manhã com Nicole, de ter acontecido esse momento com ela... O dia estava muito tranqüilo, aproximava-se uma tormenta, e sabia que quando ela desatasse teria que retornar junto ao leme. Mas depois de havê-la abraçado e de ver como se ruborizava, já não podia mais. Desejava-a. Necessitava-a. Já.

Mas tinha um plano e não podia desviar-se dele; ia ser paciente. Jurou-se que só falaria com ela, que o único que queria era voltar a ganhar sua confiança.

Baixou a vista e viu que ela o olhava boquiaberta. Maldição estava-a assustando. Sua relação já tinha começado com o pé esquerdo, por dizê-lo de algum jeito, assim tinha que ir com cuidado. Fechou a porta atrás dele com delicadeza e, com muita educação, pediu-lhe que se sentasse. Nicole, que estava morta de curiosidade, aceitou e, depois de tomar assento no extremo de uma das cadeiras, tirou-se a boina.

— Já sei que houve um... Mal-entendido entre nós. E não quero voltar a falar disso, mas temos que arrumar as coisas — disse com mais gravidade do que pretendia, e Nicole ficou por sua vez séria.

“Excelente abertura. Encantador. Não é de sentir assustar que ela te evite.”

— Mmm..., mal-entendido? — perguntou Nicole levantando as sobrancelhas — Faz que pareça uma pequenez, mas para mim foi horrível. Não saber o que lhe tinha passado a minha tripulação, a perda de meu navio. — Os olhos lhe encheram de lágrimas —. Esse navio era meu lar.

Derek se aproximou para tocá-la, e embora Nicole se afastasse não a fez tão decidida como em anteriores ocasiões.

Seu olhar lhe rasgava o coração.

— Passei muitos anos de minha vida no Bela Nicola junto a esses homens. Eu só tinha a meu pai e eles se converteram em minha família. E agora, agora — disse ela secando uma lágrima que lhe escorregava pela bochecha —, é horrível o que você fez com eles. — sua voz quebrou-se —. O motim é causa de enforcamento.

Derek gemeu doído e ficou em pé.

— Se tanto se preocupa sua tripulação, fique tranqüila, dei ordem de que os soltassem ao fim de uma semana.

A jovem abriu os olhos incrédulos.

— Ordenou que... Que os soltassem?

— Assim é. — Viu que ela ainda duvidava —. Teria feito que os soltassem antes, mas não queria que viessem atrás de você. — Ao ver que sua incredulidade começava a desaparecer, acrescentou —: Eu juro que...

Nicole se jogou em cima e dele não pôde acabar a frase. Pôs-se nas pontas dos pés e tratava de lhe rodear o pescoço com os braços. Quando Derek se agachou, lhe sujeitou a cabeça com ambas as mãos e, sorrindo, começou a lhe encher a cara e o pescoço de pequenos beijos.

— Minha tripulação está a salvo? — perguntou afastando-se —. Os soltou?

Derek assentiu.

— Eu passei todo este tempo acreditando que os tinha acusado de motim?

Ela fechou os olhos um instante.

— Deus, devia pensar que era um monstro — disse ele lhe acariciando o cabelo —. Embora suponha que não dei muitos motivos para que acreditasse no contrário.

— Mas gora sei a verdade — respondeu ela com doçura —. E entendo que por sua parte estive tão zangado comigo. O eu tampouco tinha boa pinta. Mas disse a verdade, só estava tão perto dos barris porque jamais tinha visto uns metálicos.

Derek gemeu e lhe quebrou a voz.

— Não me posso acreditar que me estivesse espiando.

— Bom, já. — A garota se ruborizou —. Mas jamais teria ido a seu navio se não me houvesse sentido tão atraída por você. — ficou de novo nas pontas dos pés e lhe acariciou o cabelo da nuca—. E nunca me arrependi que o que aconteceu naquela noite.

Derek franziu o cenho. Não dava crédito ao que estava ouvindo; sempre se tinha perguntado se ela, igual a ele, lembrava-se dessa noite. Saber que sim fez que a desejasse ainda mais e a abraçou com força. Soltou-lhe a trança e passou as mãos pelo cabelo enquanto lhe enchia o pescoço de beijos. Ela suspirou e ficou sem fôlego.

De repente ficou quieta e logo se separou dele olhando-o com cara de asco. Assinalou-o com um dedo e se limitou a dizer:

— Pescado.

Derek baixou a vista e viu que toda sua roupa estava cheia de escamas. Arqueou as sobrancelhas e a olhou para encontrar-se com que Nicole lhe estava sorrindo travessa.

Não pôde evitar lhe devolver o sorriso.

— Pequeno problema. — trocou-se de roupa e, quando estava preparado, voltou-se. Viu que Nicole se mordida o lábio inferior enquanto tentava tirar as escamas de pescado de seu pulôver.

Sorrindo como fazia tempo que não fazia, Derek lhe deu outro limpo.

— Acabaremos com isto a noite, carinho.

Essa noite, apesar de que o mar estava tranqüilo, Nicole não pôde dormir. A névoa, espessa em cima daquele mar sem vida, amplificava cada som. Era a calma que precede a mais horrível das tempestades. Ela não queria ter que suportar outra tormenta, mas para falar a verdade, os nervos que tinha não se deviam ao clima a não ser ao Sutherland.

Ele tinha retornado a cobertura e a tinha deixado ali com aqueles sentimentos tão contraditórios. Quando lhe disse que não tinha feito mal a sua tripulação e, pela primeira vez, viu aquele sorriso tão sincero, seu cérebro só pôde descrevê-la com uma palavra: devastadora.

Estava convencida de que essa noite lhe faria amor. Mas apesar de que estava nervosa pelo fato em si, não temia às conseqüências. Sabia que sentia algo muito mais profundo que luxúria pelo Derek. Não sabia se era amor, mas fosse o que fosse, sentia-o com uma força dilaceradora.

A porta se abriu e se fechou em seguida. Sutherland começou a despir-se, e o som da roupa caindo pôs os cabelos em pé e aumentou o calor entre as pernas. Nicole não podia suportar uma noite mais assim; tinha que fazer algo.

Meses atrás lhe tinha ensinado o que era o desejo, e agora o desejava, necessitava-o, não podia controlá-lo e não deixava aumentar. Quando Derek se deitou a seu lado e a rodeou com os braços, Nicole teve que recorrer a toda sua disciplina para não voltar-se e pousar os lábios sobre sua pele.

Ele a aproximou ainda mais e ela tratou de respirar com normalidade, mas quando sentiu em suas costas quão excitado estava, ficou sem fôlego.

Essa noite também era diferente para o Derek. Em vez de deitar-se junto a ela e passar-se acordado largas horas até ficar dormindo de puro esgotamento, incorporou-se um pouco e, com cuidado, beijou-lhe o lóbulo da orelha. Nicole gemeu e toda ela tremeu, tremor que foi a mais quando Derek a beijou ali onde o pescoço se junta com o ombro.

E o que importava que soubesse que estava acordada? Nicole já não lhe odiava. E sem essa barreira, seus sentimentos se precipitavam para a banda do inimigo. Não podia pará-los, e tampouco queria fazê-lo.

Quando Derek lhe percorreu com os nódulos da mão, justo por cima dos seios, Nicole suspirou de prazer, mas esse som fez que ele afastasse a mão. Ela quis gritar de frustração. Tinham passado tantas noites assim, com tanta paixão reprimida. Não ia desperdiçar nem um segundo mais.

Nicole agarrou o braço que descansava a suas costas e deslizou os dedos até encontrar sua mão. Antes que pudesse arrepender-se, levou essa mão para seu seio. Derek cortou sua respiração e, enquanto a acariciava, não parava de suspirar.

Nicole se apertou contra ele, desfrutando ao senti-lo tão perto, tão excitado, tão duro e tenso a suas costas. Um rouco gemido se formou em sua garganta. De repente, voltou-se e cobriu seus lábios com os seus de uma vez enquanto movia os quadris. Foi para cima dela, apoiando-se nos braços, e quando Nicole olhou para baixo, viu que seu sexo se movia contra seu ventre uma e outra vez. Os músculos esculpidos de suas pernas e os peitorais, assim como seus ombros, estavam tensos e tremiam sob suas carícias.

Ele inclinou a cabeça e, com os lábios, beijou-lhe os sensíveis seios, primeiro um e logo outro, molhando a roupa que os cobria. Era muito. Nicole não podia deixar de mover os quadris e ir a seu encontro. Estava a ponto de voltar a sentir aquela maravilhosa sensação... Estava tão perto.

— Nicole, se seguir assim, dentro de pouco não poderei parar. Diga-me isso agora, ou juro que a farei minha — sussurrou ele. E essa vez, em vez de mover-se, deteve-se justo diante de suas pernas, e afastou a roupa lhe pedindo permissão para entrar.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, eu quero... Quero tê-lo ao fim dentro de mim.

Ao escutar suas palavras, o homem ficou sem fôlego.

— Tem que estar segura, a partir daqui já não há como volta atrás. — Baixou a cabeça e voltou a lhe beijar os seios.

— Acredito que me vou morrer. Por favor... — respirou ela ondulando-se debaixo dele e separando as pernas.

O pouco controle que ficava ao Derek se desvaneceu nesse instante. Gemeu, um som brutal e masculino, e lhe tirou a camisa. A jovem estremeceu. “Deus, toda essa força, esses músculos...”, e embora a impressionasse, respondeu ao enorme poder que emanava do corpo do Derek. Ele perdia o controle igual a ela...

Derek a acariciou com os dedos.

Primeiro foi só uma carícia e logo, devagar, entrou nela, primeiro um dedo, logo dois, e a Nicole tudo deixou de ter importância. Cada vez que introduzia seus dedos em seu interior, todo seu corpo se movia para ela e seu sexo palpitava junto a seu quadril, como se estivesse preparando-a para o que ia passar depois.

Mas Nicole não podia esperar mais. Aquela deliciosa sensação que crescia em seu interior a estava deixando sem sentido e, gritando seu nome, sacudindo a cabeça, deixou de sentir tudo o que não fosse o frio ar sobre seus seios descobertos e os dedos do Derek em seu interior.

— Deus, Nicole, posso te sentir... Já não posso parar — murmurou ele com voz entrecortada, colocando uma mão em cada um de suas coxas para lhe separar as pernas e colocar-se entre elas. A garota percebeu todos seus movimentos. O quanto estava tenso seu pescoço, seus braços, inclusive os músculos de sua mandíbula. Derek se esforçava tanto em não lhe fazer dano que o estava fazendo a si mesmo.

— Não tente se controlar — disse ela lhe percorrendo o torso com as unhas. Derek tremeu. Nicole, descarada, atreveu-se a lhe rodear o sexo com a mão e, fascinada, acariciou-lhe a pele com a gema dos dedos.

— Nicole, não...

Parecia que lhe doía, mas então Derek se moveu com suavidade entre sua mão e ela seguiu com sua exploração. Desenhou a ponta e, ao deter-se nela, obteve que ele se cambaleasse. E ao notar que se umedecia ao tocá-la, abriu muito os olhos e gemeu antes que ele também o fizesse. Derek inclinou a cabeça para trás e os dedos dela seguiram percorrendo-o, apreciando seu tamanho e passando as mãos pelas bolsas que descansavam ao final, até que ele baixou o queixo e a olhou aos olhos.

Derek a empurrou contra o colchão e afastou sua mão antes de tomar o controle. Devagar e trêmulo, abateu-se sobre ela e, com seu sexo, desenhou o seu, acima e abaixo, fazendo que ambos se excitassem ainda mais. Morta de vergonha, Nicole afastou o olhar.

— Não, Nicole. É perfeita. — Derek se ajoelhou entre suas coxas —. Eu gostaria de beijá-la aqui. Mostrar o que sinto ao ver-la responder a minhas carícias.

Ela ficou boquiaberta. Beijá-la? Ali? Só teve um segundo para pensá-lo, porque, em seguida, Derek a penetrou. Começou devagar, alargando-a, deixando que se adaptasse. Retrocedeu um pouco e logo voltou a tentá-lo.

— Oh, Deus! Por favor!, Sutherland. Mais.

Nicole não soube quantas vezes Derek repetiu esse movimento, mas o prazer ia aumentando.

De repente, começaram para ouvir ruídos fosse do camarote, primeiro umas suaves batidas na porta que fossem crescendo em intensidade até converter-se em uma surra.

Nicole não sabia quanto tempo levavam ali, e tampouco lhe importava. Sua mente só pensava no prazer, e nas novas sensações que seu corpo estava descobrindo. Em como seu amante encaixava em seu interior. Nos tremores de seu ventre, nesse calor que ardia dentro dela...

Mas justo quando acreditou que Derek ia entregar se o por completo, ele se afastou e se levantou da cama, deixando-a sozinha, vazia e tremendo.

— Que diabos passa? — gritou ele.

Nicole nunca o tinha visto tão zangado.

Quando retornou junto a ela, agarrou-a em braços e a sentou em seu regaço. Nicole, confusa, pôde sentir quão excitado estava e não conseguia entender por que ele não tinha chegado até o final para satisfazer assim também seu desejo.

Derek inclinou a cabeça e, antes de deixá-la de novo na cama e levantar-se, deu-lhe um beijo.

— Vista-se rápido, meu amor. — Percorreu-lhe o corpo com um ardente olhar—. Temos problemas.

CAPÍTULO 19

Um destrozado e baqueado Southern Cross entrou em Sydney. Onde antes havia flamejantes bandeiras agora só tinha pedaços desfiados de tecido. Visto de longe, a tripulação, exausta depois dos eventos das últimas horas, parecia só um montão de cadáveres esparramados pela cobertura.

Derek pensou em todas as vezes que tinha desejado que uma tormenta os pusesse a prova a ele e a sua tripulação, e sacudiu a cabeça. Se não fosse por essa tempestade, Nicole já seria dele. Tentou não pensar no perto que tinha estado disso, bem que esteve com ela entre seus braços. Mas a tormenta tinha sido implacável, e ele não tinha tido tempo de pensar em nada que não fosse sobreviver.

A vida do Southern Cross tinha pendido por um fio. Para obter a vitória, Derek tinha lutado como nunca, e tinha feito que sua tripulação se opor à morte com unhas e dentes. Ninguém dormiu; todos tinham permanecido em um exaustivo e constante estado de vigília. Derek olhou suas mãos, que estava cheias de cortes, e supôs que todo seu corpo estava igual. Que estranho, não sentia dor alguma.

Sabia que todos seus homens tinham adivinhado o motivo pelo que tinha lutado como um possesso contra a tempestade. Levou-se como um louco e os obrigou a chegar a extremos sobre-humanos para poder vencer ao vento e as ondas que os atacavam.

Ao princípio, uma parte dele estava convencida de que ia perder o navio, e o único que o guiou foi o medo da morte. Mas então viu a Nicole. Olhou para a cobertura, onde ela o esperava desobedecendo a suas ordens diretas, e em seus olhos viu que confiava nele. Toda ela irradiava confiança, e isso lhe deu força. Nicole lhe dizia com o olhar que sabia que ele ia protegê-la.

Agora, Derek procurou a Nicole na proa e viu que umas mechas de cabelo escapavam de sua boina enquanto ela se esforçava por avistar Sydney. Pensou em como ela tinha sido valente e se sentiu orgulhoso dela. Mas essa emoção não era dessas que só sente para os membros de uma família, o orgulho pelo que faz outro? Derek não pensou muito, o único que sabia era que cada vez que Nicole ajudava a um de seus marinheiros, a ele enchia o peito. Custava-lhe lembrar-se de tudo o que tinha passado. Sua tripulação também tinha começado a olhá-la desse modo? Acaso não tinham tentado cuidar dela ao longo de toda a tempestade?

— Ah do navio! — gritou Jeb a uns pescadores que se aproximavam, e interrompeu assim os pensamentos do Derek —. Sabem algo da Grande Regata?

— Sim — disse um homem magro queimado pelo sol assinalando ao Derek com um dedo —. É você Sutherland?

Este assentiu e o homem continuou:

— Lamento ter que ser eu quem o diga. O Desirade chegou ontem.

Derek apertou a mandíbula. O Desirade era o navio do Tallywood, e se tinha que perder, não queria fazê-lo contra semelhante pessoa. Em especial, agora que suspeitava que fosse ele quem andava detrás das sabotagens. Apesar de que tinha vontades de romper algo, obrigou-se a controlar-se e a lhe dar as graças ao pescador.

Ao princípio, essa regata não lhe tinha importado o mínimo, mas nesses momentos queria impressionar a Nicole. Dado que seu navio já não podia ganhar, tivesse querido compartilhar a vitória do Southern Cross com ela.

Sentiu a mão da Nicole no braço. Era reconfortante saber que ela entendia o frustrado que se sentia.

— Acreditava que já a tinha — comentou Derek com uma voz que a ele mesmo soou oca.

— Também acreditava eu — disse Nicole sorrindo com doçura.

Ouvi-la dizer isso pôs as coisas em outra perspectiva. Nicole tinha perdido tudo, enquanto que ele só tinha perdido a regata. Derek jurou então que faria que aquilo não tivesse importância; sanearia a Peregrine, com ou sem aquela vitória. Colocou uma mão em cima da de Nicole e ela a apertou com força.

— Estamo-nos aproximando do porto. Não temos muito tempo.

Derek franziu o cenho e a olhou.

Nicole o olhou incômodo, mas serena, e respondeu à pergunta que o fazia com os olhos.

— Logo começarão a chegar mais navios. Não podem nos ver assim. — Baixou a vista —. O sinto. Mas acredito que nem seu navio nem sua tripulação podem ser vistos neste estado.

— Pois isso é exatamente o que vão ver. Se por acaso não o ouviste, deixa que lhe repita isso: Tallywood ganhou a regata. — Estava zangado, e Nicole afastou a mão.

Uma mecha de cabelo pegou aos lábios e o afastou.

— Ouvi-o. Mas me diga que não pretende entrar no Sydney deste modo. Com todas as velas feitas farrapos e pendurando por todos os lados?

— Pois sim, isso é precisamente o que pretendo fazer. — dando meia volta retornou a seu camarote para servir uma taça.

A garota se pegou a seus pés.

— Agora mesmo vais ordenar a sua tripulação que deixe o navio apresentável!

Derek deu um comprido trago e se esfregou a cara com as mãos.

— Meus homens estão exaustos. Eu estou exausto. Perdemos.

— E já está? —perguntou Nicole atônita.

— Vou deitar-me. Quer vir? — perguntou zombador.

Nicole abriu a boca e Derek se preparou para receber alguma resposta igual de azeda. Mas em vez disso, a tristeza se fez presente nos olhos dela e disse:

— Teria esperado que reagisse assim... — E em voz baixa, acrescentou — No passado.

Viu que saía do camarote e Derek a seguiu.

— Nicole, espera.

Mas ela não se deteve.

— Nicole.

Quando chegaram a cobertura, ela começou a recolher uma empapada e pesada corda até deixá-la perfeitamente enrolada. Devagar, um marinheiro se levantou e começou a ajudá-la, logo outro, e outro. Derek se deu conta de que Jeb desviava a vista, primeiro para a Nicole e logo para ele mesmo. Logo, fez uma careta desrespeitosa e, com uma voz mais forte do que cabia esperar dadas as circunstâncias, começou a cantar. Logo, toda a tripulação esteve cantando e trabalhando junto à Nicole.

Tinha perdido aquela batalha. Derek suspirou fundo e, depois de lhe dar o copo que ainda tinha na mão ao Jimmy, corrigiu o rumo do navio. Uma hora mais tarde, um impoluto Southern Cross de velas impecáveis fazia sua entrada no porto do Sydney. O navio estava precioso, e embora os membros da tripulação estavam esgotados, sua moral era muito mais alta.

Nicole evitou Derek todo o momento e quando se atrevia a lhe olhar tinha uma estranha expressão nos olhos.

Quando este viu o navio do Tallywood atracado no caís sentiu uma enorme decepção. Apesar de que já sabia que lhe tinha vencido, ver ali a nave daquele bastardo foi como se lhe dessem um murro no estômago.

Mas de uma vez, deu-se conta de que se alegrava de ter arrumado o Southern Cross. O Desirade estava desarrumado e feito pó, a cobertura estava suja e as velas penduravam por todos os lados. O fato de que um de seus compatriotas tivesse entrado no caís nesse estado o enchia de vergonha.

Maldição, ainda havia gente nos caís esperando sua chegada. Talvez o Southern Cross não tivesse ganhado, mas ao menos, parecia que para eles aquela regata tinha sido uma mera travessia. E o devia a Nicole.

Quando o navio esteve por fim atracado e a comoção por sua chegada se acalmou, Derek escrutinou a cobertura em busca da jovem.

— Foi a seu camarote — disse Jeb olhando-o aos olhos. Derek pensou em fingir que não sabia do que lhe estava falando, mas decidiu que não valia à pena. Estava muito cansado. E seguro que era mais que evidente o que sentia.

Entrou na estadia e a encontrou sentada na poltrona que havia frente a sua escrivaninha, lhe dando as costas. Nem sequer o saudou. “Assim ainda está zangada?” Naqueles momentos não podia enfrentar a isso.

— Olhe, Nicole, se estiver assim pelo desta manhã, reconheço-o, comportei-me como um cretino. Nunca soube perder. — A ele mesmo pareceu uma desculpa muito má. Nos últimos dias, ela tinha demonstrado ter muito mais caráter que ele —. Esquece o que acabo de dizer. Sei que tenho muitos defeitos. Mas não tem por que seguir zangada. — Ao ver que ela seguia sem dizer nada, acrescentou —: Maldita seja! Nicole, sinto muito. Que mais posso fazer? Quando estou contigo... Quero ser melhor homem. Seguro que isso conta para algo, não?

Ela seguiu em silêncio e Derek começou a perder os nervos. Queria sair dali dando uma portada, mas em vez disso, encaminhou-se para a poltrona.

Então viu que estava dormindo, recostada no respaldo. Derek sorriu. Nicole não se inteirou de que acabavam de discutir.

Banhou-se e levava uma das batas dele. Vê-la dormir, completamente alheia a tudo o que acontecia a seu redor, fez-lhe ser ainda mais consciente de quão cansado estava. Apesar de que tinha intenções de lhe fazer por fim amor, queria assegurar-se de que sua primeira vez ia ser especial. E não acreditava que conseguiria fazê-lo assim neste momento.

Derek se despiu, e logo a agarrou em braços e a levantou da poltrona, inalando o aroma de seu cabelo. Levou-a para cama e se tombou junto a ela. Logo que fechou os olhos ficou dormindo.

Era já perto do entardecer quando ele ouviu a Nicole mover-se pelo camarote e despertou.

— Que diabos está fazendo? — perguntou atônito, esfregando-os olhos.

— As malas — respondeu ela para frustração do Derek, pois era evidente o que pretendia.

— Já o vejo. O que quero saber é por que.

— Acredito que já abusei muito de sua hospitalidade. Além disso, tenho coisas que fazer.

Derek ficou em pé de repente. Nicole se ruborizou e afastou o olhar de seu nu corpo, mas não tão rápido como o fazia no passado. Ele, furioso, pegou as calças.

— E se pode saber o que é o que tem que fazer? — Ao compreender o que Nicole pretendia, acendeu-se —. Tallywood. Vai atrás dele.

— Não é isso.

— E o que pode ser então? Nicole, tenho a dois homens seguindo ao Tallywood sem perdê-lo de vista nem a sol nem a sombra. E o resto da tripulação está solicitando informação em todos os bares e botequins do porto.

— Disse que não é isso!

— Acaso planeja “lhe investigar”, igual o fez comigo? Se Tallywood for o culpado de tudo o que nos aconteceu, encarregar-me-ei de que pague por isso. — Estava nervoso. Isso era precisamente o que tinha estado temendo. Sabia que logo que chegassem a porto ela queria ir-se. Mas agora tinha uma desculpa para retê-la. Agarrou-a do braço —. Não deixarei que vá. Não permitirei que sofra dano algum.

— Não deixará que vá? — repetiu ela zangada —. Nem sequer me pediu que ficasse

—Fica. — Estava sendo irracional e nada delicado, mas estava morto de medo.

Nicole puxou seu braço para soltar-se e se afastou dele.

— E isso o que significa? Que volto a ser sua prisioneira?

Derek começou a passear de um lado a outro do camarote massageando-a nuca. De repente, deteve-se diante dela e lhe disse:

— Significa que não vou deixar que vá.

A garota se manteve em silêncio um comprido momento.

— Então sou sua prisioneira.

— Suponho que sim. — Derek não queria retê-la contra sua vontade, mas tampouco queria que corresse nenhum perigo. Além disso, queria construir algo com ela, algo duradouro, algo que fizesse que desejasse ficar com ele —. Nicole, não vai sair deste camarote até que reconheça que você me deseja tanto como eu a você.

Apesar de que Sutherland a observava com aquele escuro olhar cheio de desejo que sempre a derretia, Nicole se negou a render-se. Sabia que tinha que ir-se daquele navio. A noite anterior, enquanto se banhava, por fim pôde pensar em tudo o que tinha acontecido, e entendeu com clareza em que situação estava.

Embora confiasse a vida a esse homem, nunca lhe confiaria a vida dos membros de sua tripulação. Em muitas ocasiões, como na discussão que estavam tendo naqueles mesmos momentos, Nicole ainda podia ver rabadas do crápula egoísta que tinha conhecido em Londres. Tinha acreditado quando ele disse que tinha ordenado que os soltassem, mas... Estava disposta a aceitá-lo em sua vida se ele assim o tivesse feito? E se algo mal tivesse acontecido a sua tripulação?

Sutherland estava convencido de que queria ir atrás do Tallywood quando em realidade não tinha intenção de fazê-lo. Ainda. Mas o que sim tinha que fazer era ir a Cidade do Cabo com o dinheiro necessário para subornar à polícia, se por acaso sua tripulação seguisse ainda presa. Todos seus instintos lhe gritavam que podia confiar nele, mas não podia lhe dizer o que tinha planejado.

Além disso, estava convencida de que ele não ia emprestar lhe dinheiro e tinha intenção de lhe roubar. Tinha que ir-se e tinha que fazê-lo sozinha.

Se Derek lhe pedia que ficasse, sentir-se-ia tentada de aceitar, embora por desgraça ele só o tinha ordenado. Nicole estava convencida que ia pedir se o e como duvidava ser capaz de resistir, tinha optado por fugir às escondidas enquanto ele ainda dormia. Agora, sua condescendência e maus modos a haviam posto furiosos.

A ela ninguém dava ordens, disse-se Nicole, mas Derek a atraiu para ele e lhe levantou o queixo para podê-la beijar. Quando sentiu a pressão daqueles quentes lábios, sua determinação se cambaleou. Nicole desejava desesperadamente acabar o que começaram a noite da tormenta.

Tinha que saber o que lhe esperava. Tinha começado um caminho e não saber o que encontraria ao final a estava voltando louca. O suficiente para ficar. Até que ele a empurrou devagar para a parede do camarote e ela sentiu uma garrafa de brandy pega a suas costas.

— Não... — sussurrou ela. E para sua surpresa, Derek se deteve e se mexeu nos cabelos.

— Desejo-te. E vais ficar aqui comigo.

— E se eu não desejo a você?

— Aprenderá a me desejar! — gemeu ele torturado.

“Egoísta.”

— Dou-te uma última oportunidade. Se prometer retornar, deixará que vá?

— Dá-me uma última oportunidade? — burlou-se Sutherland.

Nicole se lembrou de como ele a tinha encerrado já uma vez naquele camarote e sentiu como ressurgia o velho ressentimento.

— Não pode me obrigar a ficar.

— Asseguro-lhe que sim posso — disse ele —. Não confio em você, não acredito que retorne.

— Não confia em mim?! — repetiu incrédula.

— Este tema está resolvido. Se quiser, amanhã pela manhã eu mesmo a acompanharei a fazer essas coisas misteriosas que tem que fazer na cidade. Mas agora retornará à cama.

Ante aquele tom de voz tão decidido e autoritário, Nicole arqueou as sobrancelhas e decidiu tentá-lo uma última vez.

— De verdade não vai deixar que vá?

— Jamais — respondeu ele sem duvidá-lo, olhando-a nos olhos. Derek pareceu surpreso de ter confessado isso com tanta sinceridade e, aturdido, voltou-se. E com isso cometeu um engano, porque ao lhe dar as costas, Nicole lhe golpeou com a pesada garrafa de cristal e ele perdeu o sentido.

Quando Derek despertou, descobriu que estava amordaçado e caído na cama. Debateu-se contra as cordas, mas se Nicole sabia fazer algo era dar um nó. Ela não pôde evitar sorrir ao observar sua obra.

— Eu não perderia o tempo tentando escapar — disse ante o furioso escrutínio do olhar de aço do Derek.

Este balbuciou algo sob a mordaça. Nicole se imaginou que era um pouco relacionado com tudo o que lhe faria quando conseguisse soltar-se, e tentou não fraquejar ao ver a frieza que havia em seus olhos.

Desviou a atenção dele e começou a revolver a escrivaninha e os baús do Derek em busca de dinheiro.

— O que esta dizendo, capitão? — perguntou —. Ah, sim, sim, é você muito amável... Acredito que vou levar um pouco de seu dinheiro. — Nicole encontrou uma bolsa de moedas que já tinha visto antes e lhe sorriu antes de voltar a afastar a vista.

— É você muito amável, como sempre. Sua hospitalidade, suas maneiras... Esplendidos como de costume.

A jovem se aproximou de seu baú e colocou alguns de seus vestidos em uma bolsa.

— Desculpe? Ah, sim, é obvio que vou escrever lhe, e estou convencida de que você fará o mesmo e ambos poderemos manter uma correspondência fluída. Mas por desgraça, agora tenho que ir, e como não quero que a despedida seja larga nem triste... — Para lhe ouvir gemer de novo, deteve-se.

Tinha-lhe feito muito dano? Não lhe tinha golpeado tão forte, tinha pontado onde lhe tinha ensinado Chancey. Mas aquele gemido...

A preocupação que sentia se evaporou ao olhá-lo. Derek tinha o olhar fixo nela, ou melhor dizendo em sua camisa, e o decote que mostrava cada vez que se agachava. Grampearam-se os botões e se ruborizou até as orelhas. Estava indefeso e caído na cama e mesmo assim parecia um depredador. Seu olhar era tão capitalista como uma carícia.

Podia ser que, depois de tudo, seguisse desejando-a? Disposta a averiguá-lo, Nicole se aproximou dele. Assegurou-se de que Derek pudesse ver perfeitamente o decote e voltou a agachar-se para guardar algo na bolsa.

Ele voltou a gemer. E uma enorme sensação de poder correu por suas veias. Nicole desviou o olhar para o corpo do Derek e viu o vulto que havia sob suas calças. Ficou boquiaberta e se lembrou da última vez que tinham estado juntos. Se tivesse durado um segundo mais, ele a teria feito dele. Pensou no muito que ela tinha desejado que assim fosse.

Sempre havia gostado de cometer atos proibidos. E fazer amor com o Sutherland não entrava nessa categoria... Devagar, aproximou-se da cama e se sentou em um extremo, tentando fazer provisão do valor suficiente para lhe tocar.

Derek tinha os olhos fechados e seu peito subia e baixava com rapidez. Nicole levantou a mão e colocando-lhe em cima da pele, que tinha uma moréia marca em forma de “V” começou a acariciá-lo. Sentiu como os músculos dele se moviam e deslizou os dedos jogando com o pêlo dos seios até chegar à cintura das calças, observando todo o momento como suas unhas arranhavam seu duro estômago.

Deteve-se. Derek estava excitado, mas... E se já não a desejava? Estar pacote deveria ter apagado esse desejo. Deveria lhe desatar? Não, se o fazia, ele a castigaria por lhe haver golpeado e amarrado à cama.

Enquanto se perguntava o que devia fazer, sem dar-se conta seguiu acariciando-o. Deus, era uma loucura. Tinha-o golpeado para poder escapar e, embora agora ele parecia indefeso, ainda podia retê-la junto a ele. Tinha que ir-se dali, mas de repente sentiu que ele ficava tenso. Baixou a vista e suas mãos, quase com vontade própria, tinham decidido acariciar outras partes de sua anatomia. Agora estavam percorrendo os esbeltos quadris dele, acima e abaixo, o interior de seus antebraços.

— OH! — exclamou Nicole, surpreendida por suas próprias ações. Derek se afastou e se tornou a um lado, negando-se a olhá-la.

“Quem se tinha acreditado que era para apartar-se dela?” Nicole lhe desejava; ia permitir que um montão de cordas se interpusesse em seu caminho?

Ficou de joelhos e, fazendo uso de toda sua força, obrigou ao Derek a dá-la volta e se sentou escarranchado justo em cima de sua cintura. Ele atirou de suas ataduras e se incorporou ao máximo até olhá-la aos olhos, pelo que a Nicole se deslizou até seu regaço. Derek, satisfeito, voltou a tombar-se.

“Está-me dizendo o que tenho que fazer? supõe-se que está indefeso e pacote à cama.” Acaso acreditava que era ele quem estava ao mando? Ansiosa por voltar a sentir o poder de antes, Nicole se desabotoou devagar a blusa e Derek abriu muito os olhos.

Nicole nunca o tivesse imaginado, mas ele se excitou ainda mais e notou como seu corpo subia de temperatura. Guiada pelo instinto, moveu-se em cima dele em busca de uma postura mais cômoda. Supôs que o que Derek acabava de balbuciar era outra maldição. Nicole se desabotoou outro botão de uma vez que, devagar, ondulava-se sobre a ele; e o prazer que sentiu diluiu a pouca vergonha que ainda sentia.

Sujeitando-a camisa com as mãos e, antes de que lhe falhasse o valor, perguntou-lhe:

— Quer ver-me, Sutherland?

CAPÍTULO 20

“Se queria vê-la?” Queria vê-la, saboreá-la, afundar-se em seu interior. Fazia meses que vivia no inferno de tanto como a desejava sem podê-la ter. Já não queria brigá-la nem discutir com ela, agora o único que sentia era desejo. Um desejo que o consumia como nunca antes em toda sua vida.

Estava em uma posição que não era a ótima para o que pretendia, e Derek sabia que mais tarde estaria furioso, não com ela, a não ser com ele mesmo. Mas o desejo de estar com a Nicole era quão único o guiava, e agora se instalou como um ferro candente entre suas pernas. Ardia por ela, desejava-a tanto que sua já dolorida cabeça não podia absorvê-lo. Seguir-lhe-ia o jogo. Excitá-la-ia até convencer a de que o desatasse. Já não estava furioso nem se sentia indefeso; inclusive amarrado, se o propunha, conseguiria lhe fazer o amor.

E, maldita fosse, vá se o propunha. Por cima de tudo. Derek assentiu com a cabeça e respondeu assim à pergunta que Nicole lhe fez com os olhos. E ela devagar, diabos, muito devagar, afastou a camisa e deixou ao descoberto seus seios. Derek ficou sem fôlego e seu sexo se moveu faminto. Seus seios eram pálidos, perfeitos e, segundo suas lembranças, suaves.

Olhou-a aos olhos e viu que ela começava a duvidar, como se não soubesse o que fazer a seguir. Assinalou-lhe as calças com o queixo. Nicole baixou a vista para sua cintura.

— Quer que me tire as calças?

O voltou a assentir. E olhou enfeitiçado como ela se separava de seu enorme corpo para ficar em pé e, com acanhamento, desabotoá-los calças. Nicole se mordeu o lábio inferior e seus olhos revelaram a incerteza que sentia. Mas mesmo assim, depois de despir-se, não se tampou e deixou que Derek a devorasse com o olhar.

Contemplá-la, ver aquele suave corpo, convenceu ao Derek de que jamais haveria nenhuma mulher tão perfeita para ele. Encaixavam como com nenhuma outra lhe tinha passado nunca. Seus seios se acoplavam perfeitamente as suas mãos, e só de pensar nisso fez que voltasse a atirar das cordas. Afastou o olhar deles e, devagar, percorreu-lhe todo o corpo, detendo-se em sua delicada cintura e nas arredondados quadris.

Quando seus olhos contemplaram os cachos que cobriam sua Vênus, Derek perdeu a capacidade de raciocinar. Fez-lhe a boca água, quão mesmo quando um lobo observava a sua presa. Queria tê-la ao alcance de seus lábios.

Quando o desatasse, devorá-la-ia, e percorreria aqueles úmidos lábios com a língua até saciar-se. Fascinado, Derek observou como Nicole se ruborizava da cabeça aos pés, como se lhe tivesse podido ler o pensamento.

Ao ver a Nicole olhando para a porta, Derek se assustou. Ela ainda estava a tempo de trocar de opinião sem que ele pudesse fazer nada a respeito. Assinalou suas próprias calças com o queixo. Entendeu-lhe e pareceu satisfeita de ter algo que fazer. Aproximou-se de novo à cama e, com dedos trementes, acariciou-lhe o estômago até concentrar-se nos botões. Ele não pôde evitar tremer e excitar-se ainda mais.

Quando ela se afastou, um pouco assustada, Derek se amaldiçoou, mas logo viu que Nicole o olhava fascinada. “Maldição.” Agora estava ainda mais excitado e ela mais indecisa. Antes que Nicole pudesse trocar de opinião, voltou a lhe assinalar as calças. Sem dizer uma palavra, ordenou-lhe que o despisse.

Esta vez ela os tirou de tudo e, quando ficou nu, Nicole soltou um grito de admiração. Olhava-o como se estivesse enfeitiçada, mas Derek não tinha tempo para isso; precisava estar com ela sem perder um instante.

Sutherland voltou a mover a cabeça para a Nicole, e logo para si mesmo. O que queria que fizesse? Ela tinha medo de lhe desatar, mas mesmo assim queria que aquilo passasse. Entretanto, supunha-se que ele tinha que estar em cima, não?

Aproximou-se da cama e se ajoelhou junto a ele, embevecida ainda com sua ereção. Era como se tivesse vida própria, tremia e não deixava de crescer. Seu membro era formoso, como se estivesse esculpido em mármore, mas quente ao mesmo tempo. Sem pensar o que fazia, o sujeitou entre as mãos. O pêlo que cobria o extremo inferior era suave, o saco que havia ao final, apertado. Acariciou-o e o sopesou e Derek tremeu ainda mais, gemendo ao mesmo tempo. Procurou seus olhos com os seus e disse algo contra a mordada. Seguro que lhe estava pedindo que o soltasse.

— Não vou desatar-te.

Derek negou com a cabeça. Nicole estava segura de que, por medo de que sua tripulação o visse nesse estado, não iria gritar, assim devagar e com cuidado se aproximou dele. Depois de lhe afrouxar o nó da nuca, tirou-lhe a mordada. Derek respirou fundo, como se não soubesse o que dizer. Incapaz de deter-se, a garota o acariciou de novo e percorreu a ponta de seu sexo com a gema dos dedos. Poderia passá-la a vida inteira tocando-o...

Ele se arqueou como se queimou.

— Me desate.

— Não me peça isso, não vou fazê-lo.

— Se me desatar, posso te dar mais agrado de que senti a noite da tormenta.

As lembranças daquela ocasião ainda a afetavam, atormentavam-na, faziam-na arder de desejo. Mas agora tinha muito mais que uma lembrança, e se queria podia voltar a fazer o que tinham feito então.

Nicole desviou sua atenção para sua própria mão, que seguia acariciando sua ereção. Estava fascinada, como uma mosca ante um pote de mel, e para poder lhe acariciar melhor, sentou-se em cima de uma das pernas

do Derek. Ele levantou a outra coxa e a reteve ali capturada. Nicole pensou que deveria apartar-se... Mas isso a acalmava, como quando se sopra em cima de uma queimadura. Ficou ali, e seguiu lhe mimando.

Aquela mão que o sujeitava era a sua. Já não podia nem respirar, e não a envergonhava dar-se conta de que sua própria umidade estava molhando a perna do Derek. Nesse preciso instante, ele levantou um pouco o quadril fazendo que ela se deslizesse acima e abaixo. Nicole gemeu. Ele voltou a fazê-lo e logo se deteve para lhe sussurrar com voz rouca:

— Fá-lo você, amor. Toma o que necessite...

E o fez. A jovem cavalgou a perna do Derek enquanto com a mão direita se sujeitava a seu esculpido torso e com a esquerda seguia lhe acariciando.

— Nicole, me olhe!

Ela afastou a vista que tinha fixa no membro dele e o olhou à cara; viu que estava sofrendo.

— Quer que te faça sentir coisas que alguma vez antes há sentido? — perguntou ele com voz entrecortada.

Para ouvi-lo tão emocionado, Nicole se se pôs a tremer e respondeu do único modo possível:

— Sim.

— Me ponha dentro de ti.

A essas alturas, já não sentia vergonha alguma. Tinha a sensação de que a cabeça lhe ia estalar e era como se sua própria pele não pudesse contê-la. A ansiedade que governava suas entranhas a impulsionou a fazer o que lhe pedia.

Quando Nicole se sentou em cima de seu sexo, igual que tinha feito com sua perna, Derek ficou sem respiração, e ao sentir a umidade dela contra a pele, quase estalou. Vê-la cavalgar sua coxa o tinha feito enlouquecer, levando-o a bordo de correr-se entre seus dedos enquanto ela o acariciava, mas agora, senti-la ali...

— Tem que parar — gemeu ele —. Tem que me pôr dentro de ti.

Nicole baixou a vista, nervosa, para onde seus corpos se tocavam.

Derek se sentiu como um bastardo. Naquela postura, lhe faria mais dano, mas já não havia volta atrás. Não poder lhe fazer o amor de uma maneira mais convencional não era culpa dele, maldita fosse.

Entretanto, sua consciência o obrigou a fazer o correto:

— Nicole, doer-te-á... Provavelmente mais que se eu pudesse estar em cima de ti.

Ela o olhou aos olhos.

— As anteriores vezes que tem feito isto... Fez algo para evitar que a essa mulher doesse?

Derek franziu o cenho.

— Refere-te A... Quando tenho feito o amor com uma virgem?

— Sim — respondeu ela, movendo-se de novo.

Derek viu a paixão que havia nos olhos da garota e todo seu corpo respondeu lhe fazendo quase impossível falar:

— Eu nunca... Nunca estive com uma virgem. Mas sei que ajuda se estiver... Excitada — tratou de lhe explicar com voz entrecortada—... E ao parecer nisso vamos bem.

Nicole abriu os olhos e o olhou... Feliz?

— Está-te burlando de mim? — perguntou-lhe, sorrindo e baixando de novo o olhar para seus corpos.

— Meu amor — disse ele antes de perder o sorriso para adotar uma expressão de preocupação —. Ou paramos ou fazemos o que... — O que fosse a dizer morreu em seus lábios ao ver como Nicole se incorporava um pouco para sujeitá-lo e guiá-lo para seu...

Quando ela se começou a deslizar em cima dele, Derek apertou os dentes e soltou o ar que retinha em seus pulmões. O prazer era tão intenso que teve que recorrer a todas suas forças para não empurrar para cima.

Devagar. Nicole tinha que mover-se devagar.

Ao parecer, ela não o entendeu assim. Quando o glândula dele começou a penetrá-la, tentou apartar-se, mas seu corpo não captou a mensagem e fez justamente o contrário, agachando-se para ele. Nicole repetiu esse lento movimento acima e abaixo de um modo regular, cada vez conquistando um pouco mais do sexo do Derek. Não podia haver pior tortura. Obteria alguma vez entrar por completo dentro dela?

— Nicole — gemeu Derek —... Ponha-me dentro... Preciso estar dentro de ti. — Se não conseguia afundar-se logo naquele quente interior, não poderia deter o impulso que sentiam seus quadris por levantar-se e apoderar-se dela de tudo.

Depois de uma pausa, Nicole apoiou as mãos no torso do Derek e baixou até que ele pôde sentir a barreira de sua virgindade.

O não deixou de olhá-la aos olhos, e esperou a que terminasse de inclinar-se e ficasse quieta. Mas quando viu que lhe enchiam de lágrimas, soube que tinha que ajudá-la. Respirou fundo, cravou os pés na cama e levantou os quadris até afundar-se dentro dela.

Nicole gritou e, antes de ficar completamente imóvel em cima dele, cravou-lhe as unhas no torso.

— Nicole, está bem?

Sentiu como respirava contra sua pele.

— Mmm.

Derek se obrigou a não mover-se, e como sabia que ela necessitava tempo para acostumar-se, deleitou-se em quão bem ela o envolvia.

Não soube quanto tempo passaram assim. Quão único seus músculos entendiam era a tensa agonia de não poder-se mover, mas Derek era um homem muito grande e não queria lhe fazer dano.

Por fim, o corpo da Nicole se acostumou a aquela nova sensação e começou a exigir mais. Incorporou-se um pouco, o que fez que ele penetrasse ainda mais fundo. Derek queria que durasse, mas ela começou a mover-

se em cima dele, a suspirar, a gemer, a lutar por lhe conquistar por completo. Se tivesse as mãos livres a acariciaria de cima abaixo e a sujeitaria pela cintura para reduzir o ritmo daquele enlouquecido emparelhamento.

Ao lembrar-se de que estava amarrado, a situação lhe pareceu incrivelmente erótica e embora tentasse não pensar nas cordas que o sujeitavam, sentia o orgasmo cada vez mais perto. Ele não podia mover-se, mas Nicole podia utilizá-lo como quisesse para alcançar seu próprio prazer.

Ela estava ao bordo do clímax, e agora que já sabia o que lhe estava passando, não ia resistir, mas sim ia alargar o máximo possível. Cavalgou para o Derek com abandono, separou um pouco mais os joelhos para que ele pudesse possuí-la por completo. Os limites de seus corpos desapareceram e cada vez estava mais perto do orgasmo. Desejou lhe haver desatado para que ele pudesse lhe acariciar os seios. Ele deveu dar-se conta do que estava pensando, porque lhe disse:

— Arqueia um pouco mais as costas e te aproxime de mim.

Nicole lhe obedeceu e Derek se incorporou tanto como o permitiram suas ligaduras para poder lhe beijar os seios. Quando voltou a tomar-se, o corpo da garota o seguiu, sentindo a estranha necessidade de lhe oferecer seu corpo inteiro. Nicole se levou uma mão sob o peito e tentou aproximar-lhe ao Derek. Ele entendeu o gesto e em seguida começou de novo a beijá-lo até lhe endurecer o mamilo com os lábios.

Logo foi em busca do outro. Apesar do muito que gostava de beijá-la, todo seu corpo se esticou e, cravando os pés, levantou os quadris para mover-se com fúria dentro dela... Era muito. Nicole se esticou... E de repente, uma onda de calor se apoderou dela sacudindo-a invertido em cima dele. Lhe aconteceu o mesmo e, com um peito da Nicole ainda entre seus lábios, gemeu de prazer e estalou dentro dela.

Derek se tombou imóvel. Depois daquele incrível orgasmo, Nicole se tinha ficado dormindo em cima dele, envolvendo-o com seu corpo.

O inglês tentou entender o que estava sentindo, mas entre as milhares de perguntas que lhe vinham à mente, só uma coisa tinha completamente clara... Não podia perdê-la. Não entendia o que sentia por ela, e isso lhe dava medo.

Estar amarrado a uma cama sem poder escapar, com qualquer outra mulher o haveria posto furioso. Uma vez acabado o ato, Derek nunca ficava com sua companheira de leito. A essas alturas, deveria estar acostumado aos ataques de pânico que sentia sempre que alguém lhe aproximava muito. Mas em vez disso, estar assim amarrado o enfurecia porque, se Nicole decidia levantar-se e ir-se, ele não poderia fazer nada para evitá-lo. Derek nunca tinha sentido por ninguém o que sentia cada vez que estava junto a essa jovem, e no mais profundo de seu ser sabia que se a perdia jamais voltaria a senti-lo.

Quanto tempo levavam já seus homens em terra firme? Três horas? Podia-se retê-la ali até que retornassem, talvez Nicole não quisesse fugir. E logo, com o tempo, conseguiria convencer a de que ficasse com ele.

Poderia gritar e pedir ajuda aos guardas que estavam vigiando o navio, mas só imaginar traída que se sentiria Nicole ao despertar fez trocar de opinião. Ou pior ainda, e se não despertava a tempo de tampar-se? Ao fim e ao cabo, pensou satisfeito, tinha-lhe dado motivos para estar exausta.

Derek se esticou incômodo. Pensar em que os guardas pudessem vê-la tal como estava... Não, pensou zangado, isso estava descartado. Quão único podia fazer era ficar ali, o mais quieto possível, e confiar em que Nicole não despertasse até que retornasse a tripulação.

Ao menos, esse era o plano. Até que voltou a excitar-se.

A moça se moveu meio dormindo e murmurou algo de uma vez que lhe beijava o ombro. Por sorte, não despertou, entretanto, não podia dizê-lo mesmo do excitado membro dele.

“Pensa em outra coisa. Em qualquer outra coisa.” Mas sentir o delicado corpo da Nicole em cima dele, com seus seios apertando-se contra seu torso, era superior a ele. Respirou fundo, mas o aroma de sua juba junto com o aroma de sexo da habitação lhe alagou as fossas nasais. Era uma batalha perdida.

Esforçou-se por elaborar um plano alternativo e finalmente lhe ocorreu que poderia retê-la ali lhe fazendo o amor durante toda a noite. Talvez, se o faziam uma segunda vez, Nicole voltaria a dormir.

Ela se moveu e Derek deixou de pensar. Dormindo, acariciou-lhe o ombro e gemeu ao sentir como ele crescia em seu interior. Não demorou para despertar e, depois de piscar, olhou-o com curiosidade.

Deveu lhe gostar do que viu em seus olhos, porque, lentamente, seus lábios esboçaram um doce sorriso. A parte superior do corpo da Nicole se ondulou em cima dele muito devagar. Derek gemeu e levantou a cabeça para poder beijá-la e apanhar seus lábios e sua língua com os seus, em um beijo de intensa posse. Nicole respondeu de igual modo. Suas línguas dançaram juntas ao ritmo de seus corpos.

CAPÍTULO 21

Que se atrevesse a olhar a cara do Sutherland com o zangado que estava, surpreendeu-a inclusive a si mesmo. Tinha-o abandonado. Afrouxou-lhe um pouco as cordas e se foi de seu lado.

— Nicole, não te atreva — lhe ordenou ele ameaçando-a.

Explicou-lhe que tinha responsabilidades para com sua tripulação, embora desejasse ficar com ele todo o tempo que pudesse. Disse-lhe que, se pudesse pensar só nela, ficaria, mas que mesmo assim não se confiava completamente dele.

Ao ver a reação do Sutherland, ao que lhe custava muito dissimular que estava furioso, assustou-se.

— Aonde irá? — perguntou zangado —. Quem vai cuidar de ti?

Cuidar dela? Aquela pergunta fez que se sentisse o bastante insultada para agüentar o tipo.

— Graças a seu dinheiro, poderei fazê-lo eu sozinha. Além disso, tenho amigos no porto e seguro que encontrarei um lugar onde dormir. Não me busque. Não me encontrará, e acredito que é o melhor... O que pode sair de tudo isto?

Esse último comentário o pôs ainda mais furioso. Olhou-a aos olhos.

— Que o que pode sair de tudo isto? Maldita seja, Nicole, o que ocorre entre você e eu não acontece freqüentemente. Se for por isso, porque não acredite que possamos chegar a nada, é que está cega.

Respondeu-lhe emocionada.

— Não é por isso. Apesar de que sei que está mau, eu quero... Estar contigo outra vez. E estou convencida de que passar-nos próximos dias na cama contigo seria como estar no paraíso.

Para ouvir essas palavras, Derek se tranqüilizou um pouco e ela aproveitou para correr para a porta.

Os dois dias seguintes fossem tão tristes como mágica tinha sido a noite que tinha passado com ele. Seguia temendo que Sutherland, ou algum membro de sua tripulação, encontrasse-a. E como tinha que esconder-se, viu-se obrigada a mover-se pelos piores bairros do porto. Fazia muito calor para ficar o casaco, assim não teve mais remedeio que ir sem ele. Nicole não queria parecer paranóica, mas tinha a sensação de que todos os homens a olhavam. E, como uma parva, perguntou-se se saberiam o que tinha feito. Notaria-lhe na cara?

Apesar de todo isso, tinha aproveitado o tempo ao máximo. Encontrou a um capitão disposto a entregar seu dinheiro em Cidade do Cabo. O homem podia levá-lo a contato que ela tinha naquela cidade e, se tudo saía tal como esperava, saldar qualquer dívida que houvesse pendente. Também escreveu um montão de cartas; a seu pai, a Maria, inclusive a sua avó, e as mandou por distintos canais.

Nicole se sentou na parte de atrás de um carro abandonado para comer uma maçã que acabava de comprar e pensar um momento. Tinha chegado a um ponto no qual não sabia se podia manter-se afastada do Sutherland por mais tempo. Lembrou-se da noite em que o abandonou, em tudo o que tinham feito... No que lhe tinha feito... E queria mais.

Mas aquilo não era justo para ele nem para ela. O não tinha capacidade em seu futuro. O seu teria que acabar justo depois de começar, e Nicole não sabia se seria capaz de afastar-se dele pela segunda vez.

Se de verdade tinham solto a sua tripulação uma semana depois de que eles partissem, Chancey chegaria ali logo. E o velho lobo de mar não a deixaria opinar sobre o assunto. Quando se deu conta de que seu futuro não dependeria dela, nem de sua falta de força de vontade, mas sim do zangado irlandês que logo apareceria, Nicole se deu por vencida. Antes que a obrigassem a separar-se do Sutherland, tinha que aproveitar a cada segundo que ficava... Se ele a perdoava.

Decidida, atirou o coração da maçã à água e enfiou o comprido caminho de volta ao Southern Cross. Nicole ia tão absorta em seus pensamentos que apenas se deu conta de que o sol se estava pondo, ou que as lojas do porto fossem fechando a seu redor. Uma imagem de quando tinha quatorze anos se repetia uma e outra vez em sua mente.

Era um desses dias em que navegavam perto do Equador, quando o céu se mescla com o mar e todo se converte em uma grande massa azul. Tranquilo e aborrecido, assim que ela e um dos grumetes do navio decidiram escalar uma das cordas do mastro e se balançaram logo com ela por cima do mar. antes que seu pai pudesse impedi-lo, ambos saltaram das alturas à água. Quando pensava no Sutherland, sentia essa mesma sensação no estômago, como se o céu e o mar se juntassem dentro dela e não soubesse se estava do direito ou do reverso. Bom, por isso o chamavam apaixonar-se, não?

OH, Deus, ela não podia permitir-se amar ao capitão Sutherland. Tentou acalmar-se. Se obtinha que ele a perdoasse depois do modo em que o tinha abandonado, teria que esforçar-se em manter as distâncias. Apesar de que se via incapaz de resistir a ele no plano físico, teria que encontrar o modo de não lhe entregar seu coração. Mais do que já o tinha feito. Nicole tinha prometido que se casaria logo que retornasse a Inglaterra, e sabia que sua avó jamais lhe permitiria fazê-lo com um sedutor como Sutherland. Por não mencionar que seu pai o odiava.

Era quase meia-noite quando chegou ao Southern Cross.

— Graças a Deus que retornou — disse um dos três grumetes ao vê-la subir a bordo. Todos pareciam alegrar-se muito de vê-la.

— Me sentistes falta, moços? — perguntou ela arqueando as sobrancelhas.

— Muito. O capitão não pára de nos gritar.

— É por você — disse outro, olhando-a sério. Ao ver que outros assentiam com a cabeça, Nicole teve que sorrir.

—O capitão esteve muito preocupado por você, senhorita Lassiter. Logo que comeu nada. E desde que se foi só dormiu um par de horas. Vá ver o, vá. — Cedeu-lhe aconchego —. Já conhece o caminho.

Nicole entrou às escuras no camarote. Sutherland estava convexo na cama, lhe dando as costas, e parecia dormindo. A idéia de deslizar-se junto a ele a fez despir-se a toda velocidade. Deveria procurar uma camisa para dormir, mas não queria despertá-lo. Não, o que queria era sentir sua pele junto à sua. Devagar, tombou-se na cama e lhe aproximou.

Justo quando ia apoiar a cabeça no travesseiro, Sutherland disse:

— Não sabia se ia voltar.

Nicole, insegura, colocou uma mão no braço dele. Tinha todo o corpo em tensão.

— Não sabia se queria que voltasse.

Não se relaxou nem um ápice. Quão furioso estava?

— Estive-te procurando... Preocupava-me que estivesse ali fosse sozinha.

— Só por isso? — Acariciou-lhe as costas com os dedos.

A ele lhe contraíram os músculos e lhe cortou a respiração.

— Não. Porque queria que estivesse aqui. — deu-se a volta para olhá-la —. Comigo.

— Ficarei todo o tempo que possa — disse ela sincera, e ele pareceu aceitá-lo.

Sutherland se sentou e, devagar, deslizou o lençol para baixo deixando ao descoberto os seios que já tinha excitados. Nicole tentou lhe beijar, mas ele a tombou e começou a acariciá-la.

Levantou-lhe um braço por cima da cabeça, logo o outro, roçando com seus lábios a parte interior e seguindo logo pelos seios até chegar a sua cintura. Sorriu quando ela se estremeceu. Continuando, beijou-lhe o pescoço, mordeu-a com suavidade e, com a língua, seguiu o mesmo percorrido. Tudo o que a fazia sentir com aqueles lábios lhe dava vontade de gritar.

Sutherland a tinha enfeitado, sua boca e seus dentes se aproximaram primeiro a um peito e logo ao outro. Era tão prazenteiro, que não se deu conta de que lhe tinha amarrado os braços com uma parte de tecido.

Quando sentiu o nó, lutou por soltar-se.

Derek se limitou a sorrir.

— Acredito que temos que equilibrar as coisas — lhe disse sério e movendo-se em cima dela como um depredador. Apertou o nó e a atou à cabeceira.

— Agora, far-te-ei o amor. — Voltou a acariciá-la. Tinha as mãos duras, quentes —. A minha maneira.

Nicole não sabia o que pretendia. O que ia fazer lhe? Assustou-se, e tentou soltar-se de uma vez que lutava para que não lhe acariciasse os seios.

Sutherland seguiu fazendo-o deslizando, além disso, a mão por seu torso. Trocou de postura e descansou sua ereção em uma de suas coxas enquanto com suas peritas carícias ia acalmando-a. Com uma mão, separou-lhe um pouco as pernas e introduziu dois dedos da outra dentro dela.

Nicole quase perde o sentido. Estava tocando seu interior, fazendo que se umedecesse ainda mais. Até que o muito cruel se deteve.

Sutherland levou as mãos para seus seios para sujeitá-la, e logo esse lugar o ocuparam seus lábios. Ela levantou os quadris em busca dos dedos que a estavam acariciando, mas ele a ignorou. Tinha estado tão perto, e agora não podia deixar de tremer, estava inclusive disposta a lhe suplicar que continuasse. Havia-lhe feito o mesmo. Agora o entendia. Ele não ia ter piedade.

— Sutherland, por favor... — sussurrou.

— Diga meu nome — disse ele em voz baixa, emocionado —... Quero que me chame por meu nome.

— Derek!, por favor...

Por fim, ele se colocou entre suas pernas, mas em vez de penetrá-la como tinha feito aquela noite, sujeitou-a pelos quadris, separando-a com seus fortes dedos, e levantou um pouco de uma vez que se agachava para alcançá-la com... Os lábios.

— Faz meses que quero te saborear... — confessou. Estava tão perto que Nicole podia sentir o calor que desprendia sua boca. E então a beijou naquele lugar tão necessitado dele e a apertou contra a cama colocando-a justo onde sua ansiosa língua podia fazer o que tanto desejava.

Aquilo tinha que ser mau! Nicole lutou para apartar-se, mas ele a sujeitou com mais força e logo levantou a cabeça.

— Não vais negar me isto. Nunca deve me negar isto. — Rodeou cada um das coxas da Nicole com um de seus braços e a aproximou de sua boca. Deixava-a prisioneira, e assim, começou a percorrê-la com a língua, acima e abaixo, dentro, fosse, e logo... Rodeou aquele ponto tão sensível e começou a beijá-lo com ardor. Nicole ia deprimir se...

— Não, Derek, não. Assim não... — Nicole se derreteu, fundiu-se sob os lábios do Derek. Ele não se afastou nem um segundo, mas levantou uma mão para poder lhe tocar um peito e logo a outra mão fez o mesmo.

Sem prévio aviso, Nicole enlouqueceu por completo e, presa daquele ardente abandono, empurrou os quadris em busca dos ardentes lábios do Derek, daquela incrível língua que se movia em seu interior. Ele era implacável e se apoderava de cada faísca de prazer que a percorria. Primeiro a alagou uma onda, e logo, incrível, outra. Com cada carícia da língua do Derek, a garota se estremecia por completo.

Enjoada, ficou ali, quieta, até que por fim pôde abrir os olhos. Derek tinha a respiração entrecortada e por como a olhava, Nicole soube que lhe tinha gostado tanto como a ela.

Sem lhe dar tempo a que se recuperasse, nem a entender o que tinha passado, colocou-se entre suas pernas e a penetrou com um só movimento. Nicole gemeu feliz. Não sabia que pudesse voltar-se para sentir assim tão logo, mas Derek sim sabia o que ela queria, o que necessitava.

— Derek. Sim! — Seu corpo começou a esticar-se de novo e aquelas sensações voltaram a crescer em seu interior a um ritmo tão frenético que acreditava que ia estalar. Com a seguinte investida do Derek o fez. Ele silenciou os gemidos beijando-a como nunca.

Antes que pudesse deixar de tremer, ele levantou as mãos e a desatou. Logo, separou-se dela e a agarrou pelos quadris até pôr a de joelhos diante dele. Fez que se apoiasse nas mãos e lhe separou um pouco mais as pernas. O que estava fazendo? Por que...?

Derek lhe separou sua mais íntima feminilidade com os dedos deixando-a ao descoberto. “Não!” Aquilo não estava bem. Nicole nunca se havia sentido tão exposta. Mas um desejo escuro a havia possuído. Queria ser vulnerável, queria que ele estivesse ao mando.

E então Derek a beijou ali. Estava perdida... Começou a arquear-se, a gemer, a mover as costas de uma vez que separava ainda mais os joelhos. O colocou uma mão debaixo dela, entre seus seios, e a deslizou pelo corpo até chegar ao lugar que tinham conquistado antes seus lábios, onde começou a acariciá-la com o polegar. Derek era perigoso. E fazia que ela também o fosse... E aquilo já não tinha volta atrás. Justo quando Nicole acreditava que não ia poder agüentar mais, ele a possuiu com toda sua plenitude.

— Está úmida. Tão escura... — gemeu. Sujeitava-lhe os quadris com as mãos tentando mantê-la quieta. Nicole arqueou as costas e lhe acariciou o traseiro.

— Sim, Nicole..., te aproxime. Aproxime-te de mim.

Suas palavras a fizeram gemer. Derek lhe agarrou o cabelo e a levantou para seu peito se deixar de mover-se dentro dela. Assim suas mãos podiam percorrer toda a parte dianteira do corpo da Nicole, e ao lhe acariciar os seios a fez gemer.

— Derek, por favor. Por favor... — suplicou ela, sem saber o que estava pedindo.

Com cada uma de suas investidas, seus seios oscilavam, e ele os rodeou com as mãos para poder abraçá-la ainda mais estreitamente. Aproximou-se de seu ouvido e lhe sussurrou:

— É minha. Minha!

Deslizou uma mão, e dois de seus dedos capturaram aquele ponto que o fazia perder o controle. Moveu-os decidido, acima e abaixo, devagar e... Rápido, enquanto seguia movendo-se detrás dela.

— Derek! Agora!... Vou A... — O corpo dela o apanhou por completo, e o orgasmo foi tão explosivo que se derrubou diante dele afogando os gritos com o travesseiro. Derek seguiu movendo-se sem piedade fazendo que aquele enorme prazer roçasse quase os limites da dor com cada um de seus estremecimentos. Com um gemido brutal, Derek se moveu uma vez mais e estalou por sua vez, enchendo-a de calor.

Entre os dois se instalou uma tácita trégua, e não mencionaram o que aconteceu a noite em que Nicole o abandonou nem o que ocorreu depois. Ela estava convencida de que ele, depois do dessa noite, acreditava que agora estavam em paz.

Derek lhe fez o amor sem cessar. De fato, não saíram de seu camarote durante quatro dias, nos que lhe ensinou os diferentes modos em que podiam dar-se agradar o um ao outro.

Ao final, Derek teve que abandonar o navio para fazer-se responsável da organização da viagem de volta, mas quando voltou a bordo, olhou-a como se fizesse dias que não a visse. Cada vez que ele saía, Nicole pintava nos tecidos que lhe tinha comprado com tanto carinho e se dedicava a aperfeiçoar o mural que tinha feito em seu camarote.

Mas apesar de tudo, a Nicole não gostava de estar encerrada, e seu nervosismo ia aumento. Em especial, cada vez que ele se ausentava. Justo quando ia queixar-se, Derek disse:

— Esta noite vamos sair.

A garota se deteve, e a incerteza se refletiu em seu rosto.

— Não acredito que seja boa idéia — comentou ela recordando o modo em que a tinham cuidadoso os homens durante os dias que tinha estado pelos caís.

— Por que não? Dou-me conta de que você não gosta de estar aqui encerrada.

Nicole soube que sua surpresa foi óbvia. Acreditava que ele não se deu conta.

— Toda minha roupa estava no Bela Nicola — disse franzindo o cenho.

Derek sorriu.

— Deixa que eu me encarregue disso — respondeu olhando-a com atenção. Colocou-lhe as mãos na cintura e, com voz grave, acrescentou —: Retornarei às oito.

Essa mesma tarde, ao navio chegaram dois pacotes. Nicole, nervosa, abriu o primeiro, e ficou petrificada. Dentro havia três dos vestidos mais preciosos que tinha visto nunca. Derek os tinha escolhido em cores escuras e corte clássico; quão mesmos ela teria comprado. Tirou um de uma seda azul como o mar e o pendurou para levá-lo essa mesma noite. Sabia que iria bem só olhando-o.

Na segunda caixa havia uma pastilha de sabão de sua essência preferida, sapatos a conjunto e todos os complementos necessários para os três vestidos. Nicole se banhou sem deixar de pensar nos presentes e lhe surpreendeu que Sutherland, Derek, corrigiu-se a si mesmo, que Derek se acordou de que gostava do azeite de amêndoa.

Após o banho, penteou-se até que os cabelos estivessem secos, em seguida os recolheu em um elaborado coque deixando umas mechas soltas ao redor de seu rosto. Antes de vestir-se, deteve-se frente ao espelho e ficou embevecida com seu reflexo. Estava mais recheada. Tinha inclusive mais busto. E, feliz, deu-se conta que seu plano traseiro, algo que nunca antes lhe tinha preocupado, agora estava mais arredondado.

Gostou de ver que essas partes que normalmente estava acostumado a ignorar, estavam começando a adquirir mais importância. Agora, pensou dando volta, queria presumir de figura. Queria que Suther..., Derek, mimasse-a cada noite. Depois de vestir-se, voltou a olhar-se por última vez e se deu conta de que caminhava tal como lhe tinham ensinado a fazê-lo durante meses, e sem êxito naquela época, no colégio para senhoritas.

Quando Derek apareceu para sair com ela para jantar, sua primeira reação foi tragar saliva. A Nicole entrou o pânico. Passou-se anos sentindo-se pouco atrativa e esse gesto a fez duvidar de sua recém adquirida confiança em si mesmo. Apesar de que ele a fazia sentir formosa, ainda podia recordar outras épocas nas que não se havia sentido assim absolutamente.

Ele permaneceu em silêncio uns segundos até que se agachou e, com voz rouca, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Está preciosa, Nicole.

A ela lhe encheram os olhos de lágrimas e sorriu para tentar as ocultar.

Derek lhe respondeu também com um sorriso:

— Amor, quando sorri ainda o está mais.

Que ele a adulasse tanto a incomodava, assim afastou o olhar. Quão marinheiros havia ali perto voltaram a concentrar-se em suas tarefas com um sorriso nos lábios. Envergonhada, Nicole trocou de tema.

— Conheço um lugar onde poderíamos jantar, se quiser.

Logo, ao sentir a suave brisa da maré, sugeriu que passeassem um momento.

Derek sorriu e lhe fez uma pequena reverência.

— Eu te sigo, carinho. Às vezes me esquecimento de que já conhece esta cidade.

Nicole sorriu e juntos descenderam pela passarela. Tinham dado já uns passos quando se deu conta de que Derek se parou. Permanecia quieto, observando-a.

— O que? O que acontece? —perguntou ela, nervosa, olhando a saia.

Ele sorriu.

— Acabo de me dar conta de que é a primeira vez que te vejo caminhar em terra firme durante tanto tempo.

Ela franziu o cenho e logo, ao ver a cara de pícaro do Derek, seus lábios esboçaram um sorriso.

— Eu gosto de como caminha, Nicole — acrescentou ele em voz baixa.

Essa noite, ela o passou estupendamente bem. Derek era atento e carinhoso e tinha um sofisticado senso de humor que a conquistou por completo. Contou-lhe um montão de aventuras e Nicole soube que resistir já não tinha sentido. Quanto antes se separasse dele, melhor.

Para distrair-se, pensou em outro dos temas que a preocupavam. Fazia dias que nenhum outro navio dos que tinham participado da regata chegava a porto. Depois do que lhe tinha passado à Bela Nicola e ao Southern Cross, Nicole supunha que os outros navios também teriam sofrido sabotagens, mas Derek não tinha conseguido averiguar nada sobre o Tallywood.

Nicole supôs que Derek, consciente de que ela estava preocupada, tinha planejado aquela saída para fazê-la feliz. Levou-a para ver uma peça de teatro, da que era incapaz de recordar porque ele se passou todo o momento lhe sujeitando a mão e acariciando devagar cada um de seus dedos. Ele nem sequer tinha tentado dissimular o desejo que sentia.

Nicole supunha que lhe tivesse gostado de acontecer àquela noite, igual às anteriores, na cama com ela, e não lhe tivesse importado, mas ver como se comportava tendo-a a seu lado diante do resto do mundo também era interessante. Derek estava convencido de que lhe pertencia.

Em uma ocasião, essa mesma noite, ficou tão ciumento que ela acreditou que ia levar a de volta ao navio. Mais tarde, quando já fossem de volta, Nicole o brigou.

— Não tinha por que olhar assim a aquele velho!

Derek arqueou uma sobrancelha e riu:

— Não era muito maior que eu. E apesar de que viu que estava comigo, não deixava de olhar seus jovens seios.

Nicole se ruborizou, ainda não se tinha acostumado a que ele falasse com tanta franqueza fosse da cama.

— Era inofensivo.

— Isso o diz você porque não sabe como pensam os homens, mas eu sim sei. Sério, não tem nem idéia; se soubesse, por-se-ia a correr... — Derek se deteve —. Nicole, o que acontece? Está pálida como uma parede?

Ela se tinha ficado petrificada e lhe custava respirar. Obrigou-se a seguir caminhando porque, detrás deles, a menos de cinco metros, ouvia-se a voz que ressonava em seus pesadelos:

— Vais conseguir que nos matem por isso, espera e verá — disse Pretty.

Ao que Clive respondeu:

— Que lhe dêem, Pretty, o capitão não pode nos manter encerrados durante todo o tempo que estejamos aqui.

O sangue lhe gelou nas veias.

— Amor, o que acontece?

Andava muito devagar. Aqueles dois fossem alcançar os. Sem pensar, deu-se meia volta e agarrou ao Derek pela lapela para beijá-lo.

— Bom, eu gosto disso — murmurou ele.

— Silêncio. Mantenha-se nesta posição — sussurrou ela junto a seus lábios.

— Suponho que viu a alguém a quem não gosta de te encontrar — disse ele divertido.

Quando esteve segura de que aqueles dois tipos estavam o bastante longe, separou-se do Derek.

— Esses dois que vão por ali diante, o alto e o asqueroso. São... São os que me atacaram em Londres.

Nicole viu como a sede de vingança se apoderava do corpo seu amado.

— Não sei o que estão fazendo aqui — disse tremente —, mas deveríamos segui-los para averiguá-lo...

— Você fique aqui! — ordenou-lhe ele antes de correr furioso para eles.

Nicole se arregaçou as saias e o seguiu. Conseguiu chegar a tempo de ver como Clive se derrubava com o nariz rota detrás receber um murro do Derek. Quando Pretty tentou escapar, Derek se equilibrou sobre ele e outro de seus ansiosos punhos deu no branco.

—Hã... hã dito algo sobre um capitão — gaguejou Nicole.

Derek olhou primeiro ao apenas consciente Clive e logo ao tremente Pretty.

— Bem, qual dos dois está disposto a me dizer quem é seu capitão?

A inspeção do navio do Tallywood durou menos de uma hora. Logo que Derek descobriu quem era o misterioso capitão chamou os oficiais, que apareceram em seguida. Depois de escutar a história da Nicole sobre como seu pai suspeitava do Tallywood, as autoridades australianas pediram uma ordem de registro para o Desirade. A notícia correu como a pólvora entre os vizinhos do porto e multidão de marinheiros começaram a rodear o navio. Derek abriu caminho e conseguiu subir a bordo e, como não tinha intenção de separar-se da Nicole, ela subiu com ele.

— Isto é uma injustiça! — gritou Tallywood pálido e tremendo por causa da raiva que sentia enquanto o sujeitavam os oficiais australianos —. Obterei que lhes joguem do corpo por isso — cuspiu aos homens que o levavam detento—. Sou conde! E vós não são mais que uns pobres diabos!

Os dois oficiais eram dois homens muito fornidos que o sacudiam cada vez que dizia uma tolice como aquela.

Depois de encerrar ao Tallywood, um oficial descobriu no registro um montão de documentação e planos detalhados de todos os navios que participavam da regata.

Quando Nicole os viu se equilibrou sobre eles arrastando ao Derek atrás dele.

— Aparecem aí nossos navios? — perguntou-lhe ao delegado — Os sabotou ele?

— O Southern Cross?

Derek assentiu.

— Envenenou a água antes que a subissem a bordo. — dirigiu-se a Nicole —. O Bela Nicola? — Vendo o ansiosa que estava, disse com tristeza —: Sim, senhorita. Afrouxaram-lhe o leme e danificaram o pilar de seu mastro.

Nicole sentiu como lhe tremia o lábio inferior. Não queria parecer fraco diante daqueles homens, mas tinha que saber por que. Deu-se meia volta para olhar ao Derek e então viu o Tallywood e, antes que Derek pudesse detê-la, aproximou-se do lugar onde o retinham.

— Por que o fez?

O tipo a ignorou, e ela acreditou que não ia responder lhe. Mas logo que afastou o olhar, o muito covarde falou:

— Todos lhes riam de mim — disse, em uma voz tão baixa que apenas o ouvia —. Marinheiros de baixo estofo, as putas dos caís, todos lhes riam de mim. Mas ao final lhes venci — prosseguiu já mais encorajado —. Ganhei a maior regata do século... — concluiu, presumindo de sua façanha.

Nicole morria de vontades de interrompê-lo, de lhe dizer o que pensava, mas não acreditava que se pudesse discutir com um homem como aquele, tão pago de si mesmo que não podia nem imaginar-se que ao resto do mundo lhe desse completamente igual o que ele pudesse fazer ou deixar de fazer.

Um dos dois oficiais que sujeitavam ao Tallywood indicou:

— Senhorita, se quiser, pode lhe dar uma pequena lembrança para que não se esqueça de você.

— Detenham-na agora mesmo — disse Tallywood assustado —. Você não é ninguém. Sabe que te passará se golpear a um membro da nobreza?

O outro oficial se agachou e, lhe piscando os olhos um olho, advertiu-lhe:

— Não se faça mal nas mãos, inglesinha.

Era inútil tentar lhe dizer com palavras que, embora tivesse ganho a regata, tinha perdido todo o resto, assim Nicole optou por levantá-la saia e lhe dar um chute entre as pernas.

Com uma grande cerimônia, o prefeito do Sydney entregou o prêmio da Grande Regata ao Derek. Quando teve finalizado tudo, ele e Nicole passearam de retorno ao Southern Cross como se nada de todo aquilo tivesse que ver com eles. Ele a agarrou da mão todo o momento.

— Você... Você... — disse ele inseguro —... Poderia ter ganhado. — Apesar de que o disse sem olhá-la, Nicole assentiu com a cabeça — Seu navio era inalcançável — prosseguiu ele então olhando-a —. Era como argila em suas mãos e as desse irlandês. Deveriam ter sido você e sua tripulação os homenageados aqui no Sydney.

— Isso não saberemos nunca — respondeu ela, mas sabia que Derek dizia a verdade.

— Até hoje não me tinha dado conta de quão duro tem que ser tudo isto para ti.

Antes que Nicole pudesse negá-lo, Derek continuou:

— Se te servir de algo, quero que saiba que eu... Que eu sinto algo por ti. Um pouco tão forte que o vento é como uma brisa ao seu lado. — ia dizer algo mais, mas ficou calado e seguiu caminhando.

Quando entraram em seu camarote, Derek se aproximou dela e a rodeou com os braços com força até obter que a cabeça da Nicole descansasse justo em cima de seu coração. A garota não pôde evitar abraçá-lo com a mesma intensidade.

— Sinto-o — sussurrou junto a seu cabelo.

Nicole chorou abraçada a ele, empapou-lhe a camisa com suas lágrimas e sentiu vergonha pelo ruído de seu pranto, que ficava amortecido contra seu torso, até que lhe fez uma promessa com tanta intensidade que ela acreditou com convicção.

— Ninguém voltará a te fazer dano jamais.

CAPÍTULO 22

Derek sabia que não podiam seguir com sua relação tal como estava. Precisava cimentar o que existia entre os dois, e essa mesma noite, enquanto jaziam abraçados e saciados na cama, tirou o tema.

— Quero que seja minha amante — disse convencido. Ela tratou de falar, mas ele levantou a mão para detê-la —. Antes que me responda, deixa que te conte...

— Não. — separou-se dele e saiu da cama para vestir-se. Derek a observou sério e em silêncio até que ela ficou a segunda bota e se sacudiu as mãos —. Eu não quero ser sua amante, capitão.

O não sabia o que lhe incomodava mais, se sua negativa ou sua atitude zombadora. Ela acreditava que lhe tinha feito uma proposta não meditada, que a tratava como a um troféu quando, em realidade, desde que sabia que ela não tinha nada que ver com o envenenamento, não pensava em outra coisa.

Derek jamais tinha conhecido a nenhuma mulher que o fizesse ter tantas vontades de destroçar a golpes a parede mais próxima. Não tratou de ocultar seu aborrecimento.

— É obvio que não! Você quer mais, não? Um título, talvez? Advirto-lhe isso, se o que quer é que te proponha matrimônio, está perdendo o tempo. Quão máximo posso te oferecer é que te converta em meu amante.

— Oh, milorde — replicou ela fazendo uso de seu título —. Não quero mais, a não ser menos. Não tenho nenhuma intenção de me comprometer contigo em nenhum sentido!

Derek a olhou surpreso, pois soube que o dizia a sério. Que ela se negasse a ter nenhuma atadura com lhe doía no mais fundo.

— Pelo que sei sobre homens de classe alta e seus amantes, em compensação por... Esses atos íntimos, o homem em questão mantém à mulher em uma casa e a enche de jóias e sedas. — aproximou-se dele e o olhou aos olhos —. Que tal? Acertei?

Derek assentiu, impaciente por escutar quão próximo Nicole ia dizer. Com ela um nunca tinha sabor do que ater-se.

— Por que diabos ia querer ficar em uma casa em terra firme, dia detrás dia, à espera que você aparecesse? E tudo por umas jóias que alguma vez me gostou de levar?

Derek só lhe tinha devotado isso porque era o que estava acostumado a fazer-se. Às mulheres em geral gostavam que lhes comprassem coisas caras, e ele não tinha motivos para acreditar que não sempre fosse assim; em especial porque os objetos caros, além de ser algo bonito, estavam acostumados a oferecer segurança econômica.

Acaso Nicole não se dava conta da vida que lhe esperava na Inglaterra?

— Depois de tudo o que aconteceu estes últimos meses, quem imagina que se ocupará de ti se não o fizer eu? Inclusive se tiverem solto a seu pai, ainda tem que retornar a Inglaterra para lhe encontrar. Como o fará? — Derek saltou da cama e, enquanto seu aborrecimento chegava ao ponto de ebulição, começou a vestir-se —. Seu navio está fundo no Atlântico, e eu deixei a sua tripulação em Cidade do Cabo. Não tem nenhuma guine a seu nome.

Nicole o olhou zombadora.

— Tranquilo, sobreviverei. Não tenho cansado tão baixo como para... Como o disse em Londres?, “apanhar a um conde”. Não quero nem me casar com ele nem me converter em seu amante — lhe espetou furiosa —. Quando me deixar aqui no Sydney estarei bem.

Nicole se passou horas sem lhe falar e quando ao Derek lhe aconteceu o aborrecimento, pôde valorar sua relação de um modo mais objetivo. Seguia querendo até-la a ele de algum modo, mas não voltaria a tirar o tema. Durante os dias seguintes, Derek não mencionou nada sobre seu futuro.

A verdade era que, que direito tinha ele a lhe pedir um futuro juntos quando sua vida era tão desgraçada?

Primeiro, ambos seguiam um pouco zangados, mas logo os dois decidiram, de todo coração, esquecer-se daquela briga. Para compensá-la, Derek a levou de passeio ao centro do Sydney. Poderia passar-se horas olhando a excitação que refletia seu rosto com cada pequeno detalhe. Nicole não era como as mulheres que até então tinham enchido sua vida com caretas de asco ou de aborrecimento. E ela tivesse podido fazê-lo, pois, ao fim e ao cabo, tinha visto mais mundo que a maioria das mulheres, e dos homens, que ele conhecia. Mas pelo contrário olhava com deleite tudo o que a rodeava.

Depois de passear durante uma hora, passaram junto a uma joalheria e algo da cristaleira captou a atenção do Derek. Atirou dela para que o acompanhasse a vê-lo e, através do cristal, estudou uns pendentos de safiras com um colar a jogo. Cativou-o a intensidade de sua cor azul escura. Não era essa cor o que convertia a aquelas pedras em uma raridade? Mas melhor ainda, não eram da mesma cor que os olhos da Nicole?

— O que opina dessas safiras?

— São muito bonitos — respondeu ela quase sem olhá-los. Um homem que gritava em meio da rua lhe fez voltar a cabeça.

Para ver se conseguia apanhar de novo a atenção da Nicole, Derek lhe deu um beijo no cabelo.

— Você gostaria...?

— OH, Derek — lhe interrompeu ela lhe pondo uma mão no braço—, olhe ali. Esse homem está vendendo morangos. Sabe quanto faz que não como nenhuma?

Derek logo que teve uns segundos para fixar-se no nome da joalheria, pois Nicole atirou dele.

Logo se voltou e optou por conquistá-la a base de morangos.

Derek despertou justo antes do amanhecer. Ela estava deitada entre seus braços e respirava tranqüila. Como sempre, o mero feito de sentir sua pele junto à dele bastava para que se excitasse como um moço inexperiente. Mas ele necessitava muito mais dela que sexo. Seu corpo desejava o seu, disso não cabia nenhuma dúvida, mas o que mais queria era essa intimidade, essa cercania que se instalava entre eles quando ela baixava o guarda.

Apesar de que estava dormindo, Derek deslizou a mão para baixo e começou a acariciá-la, a prepará-la, e se maravilhou de quão rápido ela respondeu. Quando a penetrou, Nicole despertou com um gemido e logo suspirou de agradar ao sentir que lhe estava fazendo o amor.

Enquanto tentava estudar todas as propostas que tinha recebido Derek para transportar mercadorias, passou-se todo o dia pensando naquela manhã. Assinou muitíssimos contratos e, assobiando, deu-se conta de que, ter ganho a regata, reportar-lhe-ia grandes benefícios.

Grant estaria entusiasmado com seu êxito. O Southern Cross só demoraria dois dias mais a estar cheio até os batentes, e a viagem de volta era prometedora.

Mas o que ia fazer com a Nicole? Estava-lhe acabando o tempo. Frequentemente, ela atuava como se fosse a ficar no Sydney a esperar ao Chancey, mas cada vez falava menos disso. Derek tinha a sensação de que estava derrubando suas defesas.

Decidiu que falaria com ela essa mesma noite. Mas antes que pudesse fazê-lo, voltaram a fazer o amor. Logo, depois de jantar, Nicole começou a ler o novo livro que lhe tinha comprado. Ao dia seguinte. Ao dia seguinte lhe pediria que retornasse com ele a Londres.

E se negava? Então jogaria sua última carta. Seria muito ruim, mas cada vez sentia mais pela Nicole. Diria-lhe que podia estar grávida. Derek não tinha ido com cuidado. Tinha querido fazê-lo; toda sua vida tinha sido muito cauteloso nesse sentido, mas apartar-se dela nesse momento lhe resultava sempre impossível. Como se estivesse... Mau.

Derek não acreditava que a Nicole essa idéia lhe tivesse passado pela cabeça sequer. No fundo, ela não tinha nenhuma experiência. Nunca a tinha visto contar os dias, nunca tinha rezado ansiosa à espera que acontecesse uma coisa ou a outra. O ensinaria, seria desagradável, mas tinha que fazê-lo. Não podia afastar-se dela.

Quando a viu aproximar-se da cama com o livro na mão, Derek saiu de sua reflexão. Parecia tão concentrada que, ao ver como engatinhava para seu lado da cama, esticou-se convencido de que, sem querer, dar-lhe-ia um golpe com o joelho no membro.

Convencido de que ia receber o golpe, fechou os olhos, apertou os dentes... e sentiu como os seios da Nicole descansavam em seu regaço. Estava tombada perpendicular a ele, com os cotovelos apoiados junto aos quadris dele, sujeitando o livro aberto para poder seguir lendo. Derek manteve os olhos fechados para poder desfrutar de melhor da sensação de tê-la tão perto.

Na noite anterior tinham feito o amor várias vezes, esse mesmo dia outras duas, e até agora, na sua idade, voltou a excitar-se. Quando Nicole sentiu como Derek se excitava sob seus seios, sorriu. Exasperava-a seu continuo estado de excitação. Derek sabia por que ao deslizar a mão pela perna da Nicole e lhe levantar a camisola para acariciá-la, encontrou sua cálida umidade. Nicole também estava excitada.

Também o desejava.

Olhou ao homem que jazia junto a ela. Dormindo, seu rosto refletia, por fim, o que seu comportamento fazia dias permitia adivinhar; tinha começado a relaxar-se. Nicole sabia que, nas últimas semanas, Derek tinha sido feliz. Igual a ela. Tão feliz que, de fato, via-se incapaz de negar-se a converter-se em sua amante se ele voltava a pedir-lhe.

Mas se aceitava, romperia a promessa que lhe tinha feito a sua avó, e seguro que seu pai ficaria destroçado. Nicole sabia. Então, por que seu coração seguia lhe dizendo que estar com o Derek o máximo de tempo possível era o correto?

O que faria sua mãe? Sempre dizia a Nicole que tinha que perseguir seus sonhos e não permitir que nada se interpor em seu caminho. Acaso Laura não o tinha sacrificado tudo para estar com o homem a quem amava? Não tinha perdido a sua mãe ao fazê-lo? Lassiter nunca a deserdaria, mas se perguntaria por que não lhe exigia matrimônio. A própria Nicole se perguntava.

Estava apanhada em uma situação muito curiosa. Acreditava que Derek a amava, mas não sabia se opunha ao matrimônio em geral, ou só a casar-se com ela. Uma pergunta não deixava de repetir-se em sua

mente: o único motivo pelo que Derek não queria convertê-la em sua esposa era porque era conde e ela, pelo que ele sabia, não tinha título, nem fortuna nem raízes?

E se esse era o caso, por que não lhe havia dito quem era em realidade?

CAPÍTULO 23

“Esse homem cresceu ainda mais”, pensou Chancey ao chegar a Sydney e ver Sutherland. Por estranho que parecesse, era como se agora fosse mais alto e magro. Como se lhe tivessem tirado um peso de cima. Sorria freqüentemente. O irlandês se perguntou o que lhe teria passado. E então Nicole apareceu correndo na cobertura e, rindo, abraçou ao capitão.

Nicole era o que lhe tinha passado.

Aquele homem era seu inimigo, mas era óbvio que o tinha esquecido. Estava seguro disso, pois se não, não poderia olhar-lo desse modo, como se fosse o único que existia para ela, como se lhe amasse. Chancey soltou uma amarga maldição. Tinham que casar-se. Pelo modo em que se comportavam era evidente que tinham que fazê-lo, e logo.

O gigante não era tão parvo para plantar-se furioso naquele navio, e menos ainda vendo como Sutherland sujeitava a Nicole, como se desafiasse a qualquer que se aproximasse de tocar aquilo que lhe pertencia. E, além de querer matar ao capitão, Chancey ainda tinha alguns assuntos pendente com outros membros de sua tripulação. Quando Nicole se separou daquele, o marinheiro relaxou um pouco, apesar de que aquele bastardo lhe deu um comprido e ardente beijo. Mas quando viu que voltava a abraçá-la e depositava um carinhoso beijo em sua cabeça, Chancey, aliviado, deu-se conta de que também sentia algo profundo por ela.

Quando Sutherland desceu do navio, esperou ele estar o bastante longe para que ninguém da tripulação pudesse lhes ouvir, e então o sujeitou pelas costas. O capitão se voltou de repente, preparado para lutar e Chancey pôde ver a surpresa refletida em seu rosto, ao reconhecê-lo, justo antes de poder ocultá-la.

— Vamos falar.

Como resposta, Sutherland assentiu sério.

O capitão o seguiu até um botequim próximo que, a essas horas da manhã, estava deserto. Sentaram-se em uma mesa do fundo e pediram dois uísques. Chancey supôs que ia necessitar mais e seguro que o homem que tinha diante também.

Começou a lhe bombardear a perguntas e, pouco a pouco, Sutherland se foi sentindo mais cômodo e ficaram a falar. Chancey descobriu que o inglês tinha acreditado que Nicole era a responsável pelo envenenamento de sua tripulação. Escutou atento seu relato da tormenta e o do Tallywood. De vez em quando, Derek deixava de falar do tema que tratavam para lhe perguntar um montão de coisas sobre a garota que, sem sombra de dúvidas, era seu tema preferido.

Quando Chancey ficou convencido de que ela estava a salvo e de que não tinha sofrido dano algum em suas mãos, também se relaxou um pouco. E se deu conta de que ele e o capitão coincidiam em um montão de coisas. Se Sutherland não fosse o canalha que tinha seduzido Nicole, talvez tivessem podido ser amigos.

De repente, a cara do Sutherland voltou a ficar inexpressiva e Chancey soube que fossem trocar de conversa. O muito canalha nem se alterou quando o marinheiro anunciou:

— Amanhã mesmo vai se casar com ela. — Ao ver que o outro não dizia nada, continuou —: Já me deixei convencer uma vez de que não deviam se casar, mas não voltarei a cometer o mesmo engano.

— Eu gostaria muitíssimo me casar com a Nicole... Mas não posso. — passou-se uma tremente mão pela cara.

— Não pode ou não quer? — perguntou Chancey ameaçando — Matá-lo-ei se não fizer o correto.

Sutherland não se arredou, e respondeu sereno:

— Eu quero passar o resto de minha vida com ela. — Fez uma pausa e Chancey viu o vazio em seus olhos — Mas dadas as circunstâncias que me esperam em casa, é impossível que possa fazê-lo.

— Impossível? Nada é impossível — lhe espetou Chancey antes de levar o copo aos lábios. Bebeu um comprido trago e acrescentou—: Quão único tem que fazer é salvar esse obstáculo, seja o que seja, e casar com ela.

— Impossível — comentou o nobre mais para si mesmo que para seu interlocutor.

Este ficou em pé de repente e começou a caminhar acima e abaixo para tentar controlar a ira que sentia.

— Maldita seja, Sutherland — gritou —, o único motivo pelo que seria impossível que te casasse com a Nicole seria se você já... — deteve-se e ao entender o que acontecia ficou sem fala. Ao compreendê-lo, Chancey deixou cair os ombros. Chegar a essa conclusão doeu mas ver quão triste parecia Sutherland lhe doeu ainda mais.

Furioso, o gigante o agarrou pelas lapelas da camisa e o levantou de repente. Mas o outro não fez nada. O muito bastardo nem sequer ia se defender.

Por fim, Sutherland falou:

— Quero cuidar dela. Eu posso lhe dar uma casa, dinheiro, tudo o que necessite.

Chancey lhe deu tal murro que inclusive lhe doeu a mão, mas ele não respondeu ao ataque.

— Canalha! Quer que seja sua amante! — exclamou —. O que quer? Viver com sua mulher e seus filhos e passar duas noites à semana com Nicole e com os possíveis bastardos que ela te dê?

— Não. Meus únicos filhos serão os que tenham com Nicole. Eu nunca irei me deitar com minha mulher.

Isso sim que surpreendeu ao Chancey, mas já não tinha importância.

— Não tem nem idéia do muito que ela sacrificou por você. E, ao parecer, ela não te contou quem é na realidade. Mas deixa que o diga que, quando o descobrir e ver o que perdeu, perceberá que feriu algo mais que seus sentimentos.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Sutherland quando Chancey se separou dele com uma careta de asco.

— Quero dizer que a Nicole esperava um grande futuro, brilhante inclusive. Sei por que eu mesmo o vi. Melhor do que possa imaginar. — De repente, o marinheiro se sentiu muito velho e cansado e se derrubou na cadeira. Soltou o ar que continham seus pulmões, e se sorveu outro gole —. Tem que deixá-la em paz. Levante âncoras e se vá.

Ao ver que Chancey se sentava, Sutherland, devagar, haveria feito o mesmo, mas ao escutar essa sugestão se esticou por completo.

— Ir? Sem lhe dar nenhuma explicação?

— Talvez Nicole possa perdoar-se por haver amado sem a bênção do matrimônio, mas inteirar-se de que cometeu adultério por ela poderia matá-la.

O inglês se estremeceu de dor e perguntou:

— E o que imagina que lhe acontecerá se desaparecer sem mais?

— Isso lhe fará muito dano, é certo. Mas o superará. —Chancey o cravou na cadeira com o olhar—. Tem que fazê-lo.

— Não posso... A ela não — insistiu Derek.

— Não, isso o diz porque o único que lhe importa é você. O que pode oferecer a ela? — ficou em pé —. Não é mais que a sombra do homem que alguma vez foi, e é um bêbado. E esta acusação, vindo de um irlandês, é algo muito sério. — Voltou a passear-se —. Se romper com ela de um modo limpo, com o tempo conseguirá esquecê-lo. E Nicole é o bastante jovem para encontrar a outra pessoa.

Por fim, Chancey pôde ver como uma emoção se apoderava do rosto do aristocrata. E desejou não havê-lo visto. Foi como se uma profunda dor aniquilasse qualquer espionagem de esperança que pudesse ter. Mas também lhe disse que Sutherland sabia que ele tinha razão, e que se resignou a perdê-la, assim não insistiu mais.

Quando recuperou de novo a frieza, Sutherland disse:

— Quero uma noite mais com ela.

Chancey sacudiu enfático a cabeça.

— Nem pensar.

— É do único modo que aceitarei fazer isto. E tem que aceitar o dinheiro que te dê para assegurar de que está bem durante o resto de sua vida.

— Esquece-o. —Tinha que jogar a aquele bêbado bastardo, e casado, além disso, da vida da Nicole o antes possível.

Sutherland ficou em pé e se dispôs a afastar-se dali. Antes que chegasse à porta, o marinheiro o sujeitou por um braço:

— Uma noite. E se fizer a mal a minha Nic, juro que o matarei.

Nicole podia passar perfeitamente por uma princesa, pensou Derek ao observá-la beber vinho sentada na frente dele. De fato, a gente que havia a seu redor a olhava como se o fosse. Essa reação não se devia só a sua beleza. Inclusive em meio daquele exclusivo estabelecimento, ela se destacava como se fosse um membro da realeza.

Luzia um de tantos vestidos lhe tinha comprado. A seda esmeralda fazia ressaltar a cor de seu cabelo e que seus olhos parecessem ainda mais escuros. Toda ela tinha um ar oriental, e levava um recolhido adornado com os pentes de prender cabelos de jade que lhe tinha agradado.

Vendo-a ali, Derek soube que Chancey lhe havia dito a verdade, e que sem dúvida lhe esperava um futuro promissor. Nicole obteria que um rei se apaixonasse por ela.

Sempre lhe tinham fascinado suas excelentes maneiras. Quando não estava pescando tubarões ou chutando aos vilões, Nicole Lassiter se comportava como um membro da nobreza. Bom, com seu muito caráter. Era como se, ao ficar com o vestido, transformasse-se em uma dama da alta sociedade. Aquela noite não era nenhuma exceção. Utilizou a complicado faqueiro de prata muito melhor que ele. Onde tinha aprendido a fazer isso?

Nicole era toda uma paradoxo. Na cama não temia a nada, e participava sem duvidar de tudo o que pudesse proporcionar prazer a ambos. Quando decidiu que ia ficar com ele, Derek descobriu uma cara dela que até então não tinha visto. Quando não faziam o amor, ou inclusive fazendo-o, jogava com ele. O fazia cócegas, dançava com ele, e ria com o mesmo abandono que o beijava.

Agora, ao estudá-la ao outro lado da mesa, era como se outra pessoa habitasse seu corpo. Derek pensou que inclusive sua mãe se sentiria inadequada ao seu lado em um evento social. Chancey tinha razão.

Por desgraça, Derek só se deu conta disso agora que a garota tinha baixado o guarda e o aceitava por completo. Ele sabia que estava disposta a ficar ao seu lado inclusive nas piores circunstâncias. E lhe resultou irônico que, justo quando por fim podia dizer que era dela, que tinha conquistado muito mais que seu corpo, tivesse que deixá-la partir.

Quando desceram da carruagem, o capitão tinha um humor de cães, mas ao caminhar atrás dela pela passarela não pôde evitar sorrir. Inclusive luzindo o mais decoroso dos vestidos, havia algo na Nicole que, ao pisar em um navio, não poderia ocultar jamais. E estava seguro de que não era consciente disso.

Ela caminhava como alguém que se passou muitas horas no mar, como se temesse que o chão a cedesse em qualquer momento. Ao ver esse aspecto tão característico dos marinheiros refletido em uma mulher, Derek sorriu. Mas esse sorriso desapareceu ao observar também que, em um corpo feminino, esse rebolado se traduzia em um sedutor movimento de quadris e em uma cadência incrivelmente erótica.

Mais tarde, quando se deitaram, Derek pôde comprovar que Nicole estava excitada e ansiosa por lhe receber. Mas em vez de deslizar-se dentro dela, primeiro rendeu comemoração a seu corpo. Beijou-lhe os olhos, que tinha fechados, a ponta do nariz, o pequeno lóbulo da orelha. Cada preciosa parte dela.

Com a ponta da língua lhe percorreu o ventre e o interior das coxas. Suave e lânguida debaixo dele, a moça se estremeceu enquanto ele absorvia cada tremor. Quando lhe fez amor foi com doce e agonizante lentidão, até que já não pôde controlar-se mais e, ao sentir seu orgasmo, Derek perdeu também o controle. Mas não acelerou o ritmo e seguiu movendo-se dentro dela, atormentando-a, enchendo-a por completo de todo seu ser.

Jaziam assim abraçados e saciados quando ele sentiu as lágrimas que molhavam seu torso. Antes de dormir, Nicole suspirou:

— Amo você.

Essas palavras encolheram seu coração. Derek se lembrou de todos os meses que tinha passado desejando-a, e sonhando com que ela queria ficar ao seu lado. Agora que o tinha obtido, que Nicole tinha decidido confiar nele e arriscar tudo para estarem juntos, ele ia abandoná-la. Agachou-se um pouco para lhe beijar o cabelo e soube que era a última vez que respiraria essa essência.

Lembrou-se das últimas palavras que tinha cruzado com o irlandês essa mesma manhã.

Antes de ir-se, Derek lhe tinha perguntado ao gigante:

— Por que é tão condenadamente leal aos Lassiter?

O irlandês respondeu sem duvidar nem um segundo:

— Porque o pai me salvou a vida e a filha a alma.

Derek assentiu e se virou para ir-se dali com o coração em um punho; se perdia a Nicole, sua alma se iria com ela.

CAPÍTULO 24

— Vou sair — disse Jason Lassiter em sua quarta noite em Cidade do Cabo.

— Vamos sair — o corrigiu Maria fixando bem os óculos.

— Mulheres! Já sabia que não deveria ter permitido que viesse. — Sacudiu a cabeça —. Não teria que me haver detido em Recife. Mas maldita seja se permitir que retorne comigo de Cidade do Cabo. — Agarrando-a resignado pelo cotovelo, Jason a ajudou a esquivar a um par de bêbados que havia no porto. Ele e Maria tinham ido ali a perguntar se tinha chegado algum navio do Sydney, mas não tinham descoberto nada.

— São só negócios — recordou Maria. Os negócios eram simples. Sem emoções. Era por isso pelo que ela trabalhava tanto? Tanto se cambaleavam suas emoções perto daquele homem que tinha que voltar

constantemente para terrenos conhecidos? —. Eu paguei por meu bilhete. Você não tem nada que dizer a respeito.

Jason a soltou e franziu o cenho, assim Maria optou por descansar uma mão em seu braço e então ele se tranqüilizou um pouco.

— Jason, seguro que a esta altura, Chancey já está com ela. E temos as cartas que nos mandou. Nicole nos disse que estava sã e salva e a toda a tripulação que, se não conseguiam retornar, encontrasse-se aqui com ela. E o que me diz do dinheiro que lhes mandou? Você sabe que o único que pode lhe haver emprestado tal quantidade é Sutherland.

— É só que não posso suportar me sentir assim... Maria, esse tipo está com minha pequena.

A brasileira entendeu como se sentia Lassiter, mas isso não a fez trocar de opinião:

— Nicole já não é sua pequena, e não me importa o que diga sua tripulação, Sutherland é incapaz de lhe fazer dano. Eu os vi juntos em Recife, e ele está completamente apaixonado por ela.

— Então, por que todos querem vê-lo morto?

Maria apertou os lábios, nisso tinha razão. Mas não se deixou amedrontar:

— Confia em mim neste tema; Sutherland cuidará dela.

Jason sacudiu enfático a cabeça.

— Tenho que encontrá-la.

— Se for procurá-la, eu vou contigo — declarou ela decidida —. Mas acredito que está cometendo um engano. Se Chancey se foi faz umas semanas, o mais provável é que ambos estejam de caminho daqui para encontrar-se com sua tripulação. O que acontecerá se cruzamos com eles?

Às vezes não conseguia entender a aquele homem. Maria estava convencida de que se fossem, cruzar-se-iam com o irlandês e a garota no vasto oceano. Seria um milagre se os encontrassem. Ela amava Jason, mas se dava conta de que freqüentemente era muito impaciente, e que se esquecia do sentido comum.

— Seja razoável, Jason. Sabe que Chancey a protegerá com sua vida. E pensa no quanto seria terrível para Nicole se chegar aqui e não o encontrar. Sabe que então esperará a que retorne da Austrália.

Maria soube que o estava convencendo. A verdade era que seria horrível que Nicole tivesse que esperá-los em Cidade do Cabo, uma cidade que os marinheiros apelidavam o “Botequim dos Sete Mares”, porque ali se reuniam os marinheiros e ladrões da pior índole; havia inclusive piratas. O único de bom que podia dizer-se daquela cidade é que era um excelente lugar para fazer negócios. Estava a transbordar de novos ricos cujas fortunas provinham das minas sul-africanas e que não sabiam o que fazer com seu dinheiro.

Maria, depois dos cristais de seus óculos, abriu os olhos entusiasmada. Ouviu que Jason dizia na distância:

— Jamais devia ter pressionado-a para que fosse ver sua avó. A pressão nunca deu bons resultados com sua mãe, e Nicole se parece tanto a Laura... Se não quiser viver essa vida, não tem por que fazê-lo. Encontrarei o modo de obter que tenha o que deseje.

A Maria lhe ocorreu uma idéia. Se sabia onde procurar, Cidade do Cabo estava cheia de possibilidades. Por desgracia, Jason não tinha nem idéia de como fazê-lo.

Mas ela sim.

— Este traste não pode ir mais rápido? — perguntou Nicole irritada enquanto olhava pela amurada daquele barco a vapor. Agora, tristeza e irritabilidade eram o único que a definiam. E não era só porque não tivessem podido encontrar outro navio que não fosse aquela tártara para irem de Sydney a Cidade do Cabo. Nem sequer porque naquele navio não pudesse trabalhar nem fazer nada de proveito.

Era porque o homem por quem se apaixonou a tinha abandonado.

“Ninguém voltará a te fazer dano jamais.” Mentira! Derek tinha pronunciado essas palavras como se fosse um juramento sagrado. E logo ele mesmo lhe tinha arrancado o coração dos seios.

Nicole conseguiu acontecer quatro ou cinco dias sem falar nele, mas logo as palavras se apoderaram dela. Se não as dizia, acabariam por afogá-la. Como sempre, Chancey a escutou paciente. Falaram do tema uma e outra vez e Nicole seguia sem entendê-lo:

— Nem sequer me disse adeus — sussurrou —. Esperou que eu fosse à cidade e... Foi.

Começou a chorar e levantou o queixo em um intento desesperado para detê-las.

— Não tem coração... É um egoísta. Mas eu, parva de mim, acreditava que tivesse mudado.

Chancey a olhava com carinho.

— Agora que o penso, é como se Derek fizesse tudo o que estava em suas mãos para que me apaixonasse por ele. Passava-se horas tentando captar minha atenção, tentando meter-se sob minha pele. Me pedindo que me justificasse com ele. — Não tratou de ocultar quão confusa estava —. E logo tem feito isto? Tudo foi um jogo para ele.

A expressão do irlandês mudou e a olhou surpreso:

— Não, não diga isso. É certo que o que passou é que se deu conta de que você merecia algo melhor que um bêbado — disse com ardor. Ultimamente se comportava de um modo estranho, pensou Nicole. Cada vez que ela dizia o crápula que era Sutherland, ele o defendia.

O marinheiro franziu o cenho e ia dizer algo mais. A garota esperou com as sobrancelhas arqueadas, mas o velho lobo de mar se limitou a tossir e se desculpou dizendo que tinha muitas coisas que fazer. Ao chegar ao navio, ofereceu-se como mão de obra, para poder aprender o máximo possível sobre os barcos a vapor. Tanto ele como seu pai estavam convencidos de que eram os navios do futuro. Nicole não lhe invejava o trabalho, mas a ela nada conseguia afastar a de suas amargas lembranças.

De suas demolidoras lembranças. Talvez se merecesse algo melhor que “um bêbado”, mas Nicole tinha visto o homem que se ocultava debaixo de tanto dor e se apaixonou por ele.

E ele tinha acabado lhe fazendo dano.

Sobreviveria. Quão único tinha que fazer era conseguir superar o mau momento. Ao fim e ao cabo passou a vida fazendo-o.

Mas Nicole não podia evitar perguntar-se se era o suficientemente forte para superar tudo o que lhe tinha acontecido nos últimos meses. O lar que tanto tinha desejado ter descansava no fundo do oceano Atlântico, junto com a vida que tanto tinha desejado levar. Ao ter perdido a regata, provavelmente a companhia de seu pai acabaria também afundando-se. E, para rematá-lo, o homem que amava a tinha abandonado como se fosse um traste velho. E pior ainda, parva como era, ela seguia lhe amando.

De noite, chorava e chorava... Tentando manter silencioso seu pranto.

“Muito de vez em quando, um homem conhece uma mulher a que se pode passar horas olhando”, pensou Derek bêbado. Mas muito menos freqüente era que pudesse também passar-se horas escutando-a. As possibilidades de encontrar ambas as coisas na mesma mulher e que, além disso, ela fosse a que mais agradar lhe tinha dado jamais eram em realidade virtualmente inexistentes.

Ele tinha encontrado a essa mulher e a tinha abandonado. Agora, só esperava que ressurgisse sua veia egoísta para ir procurá-la de novo.

Chancey lhe tinha deixado claro que se iriam a manhã seguinte depois de que ele partisse. E quando lhe perguntou aonde a levaria, o velho se limitou a responder:

— A um lugar onde não possa encontrá-la se é que decide trocar de opinião.

Sim, sim tinha trocado de opinião.

Estava sentado em seu camarote, bebendo como fazia meses que não o fazia, e não deixava de olhar a paisagem que decorava as paredes daquela habitação. Estando em Sydney, Nicole as tinha trocado por completo e ele já fazia tempo que as tinha aprendido de cor. Nunca acreditou que o admitiria, mas sentia falta de ter as coisas dela junto às suas. Sentia falta de ver uma meia em cima de sua poltrona, o aroma a azeite de amêndoa e a pintura. Totalmente ausente, acariciou a caixa que continha as safiras que lhe tinha comprado em Sydney.

Nunca tinha tido a oportunidade de dar-lhe E já não voltaria a tê-la.

Seus sentimentos, lhe nublou a visão e tudo ficou obscurecido pelas lembranças da Nicole. Lembrou-se de uma coisa que lhe tinha passado de pequeno; uma tarde, ouviu sua mãe falar com sua tia e umas amigas. Todas estavam um poquinho achispadas e aquilo lhe fez muita graça.

— A meu primogênito — disse sua mãe —, custará-lhe controlar seus sentimentos. Seguro que terá um desses matrimônios nos que o casal se odeia quase tanto como se ama.

— OH, virgem Santa — respondeu sua tia Serena—. Por desgraça, acredito que tem razão.

Então sua mãe o descobriu ali e, sorrindo lhe pediu que se aproximasse.

— Estou falando de seu futuro e do de seus irmãos. Quer saber o que acontecerá com Grant?

Derek assentiu.

— Bom, Grant se casará com uma mulher completamente oposta a ele, e, assim como ele é um peralta e um brincalhão, ela será a viva imagem da virtude; uma boa garota com bons maneiras e muito dinheiro.

— Sonha algo rançoso, Amanda — disse uma de seus amigas levantando uma taça.

— Provavelmente — reconheceu ela —, mas graças a essas diferenças chegarão a amar-se. E no que se refere a este menino... — afastou-lhe carinhosa uma mecha de cabelo envergonhando-o diante de todas aquelas mulheres—, você, meu menino, terá uma esposa e uma família a que amará por cima de todas as coisas. Amará-os e eles serão o motor de sua vida.

— Bom, ele não é o herdeiro — disse alguém —, assim é mais possível que possa casar-se por amor.

— Não só é possível. Derek, sempre tem que recordar que você é um homem de família.

Quanto se tinha equivocado.

Estava casado com uma mulher a que odiava. Pouco tempo depois de que tivesse lugar a farsa de seu matrimônio, seus amigos começaram a sentir lástima por ele, e isso não só o humilhou mas também o enfureceu. Fossem os primeiros aos que eliminou de sua vida. Logo foi sua família, em especial depois de que se deu conta do que lhe tinham feito a aquele homem que o único que sempre tinha querido era uma esposa e filhos.

Deixou de assistir a eventos sociais porque neles sempre havia alguém que lhe perguntava por Lydia quando fossem ter um filho. Ou, pior ainda, podia encontrar-se com alguém que o compadecesse detrás inteirar-se de que sua esposa tinha um novo amante.

Essa raiva tomou vida própria e, a partir de então, moldou sua existência. Começou a jogar e a beber em excesso. Seus negócios se fossem para os rivais, quão mesmo suas propriedades. E Derek se deu conta de que cair tão baixo era em certo modo liberador. Ninguém esperava já nada dele. Ninguém dependia dele. Pela primeira vez em sua vida era livre para fazer o que quisesse. E era absolutamente desgraçado, mas estava muito esgotado como para sequer tentar trocar.

Nas estranhas ocasiões nas que via sua família, logo que escutava as recriminações de sua mãe. E, quanto mais baixo caía Derek, mais responsável e sério se convertia o antes amalucado Grant.

Lembrou-se de seu falecido irmão, William. Ele sempre tinha sido um lastro ao redor do pescoço do Derek. E logo, ele mesmo tinha acabado com uma versão feminina de seu malicioso irmão. Não era de sentir saudades que William e Lydia se houvessem sentido tão atraídos o um pelo outro.

Recordou como os serventes da mansão murmuravam sobre William. Mas não porque fosse caprichoso ou esbanjador, embora o fosse.

Não, o que murmuravam é que era um ser miserável.

Derek não podia permanecer em seu camarote nem um segundo mais. Agarrou o estojo da joalheria e o guardou no bolso. A garrafa da outra mão lhe escorreu quando saiu dando uma portada.

Ficou olhando o mar e tentou controlar sua errática respiração. Tinha os nódulos brancos do forte que se sujeitava à amurada.

— Capitão — disse alguém detrás dele.

Deu-se meia volta e viu o doutor Bigsby, que o olhava reprovador. O homem não perdeu o tempo dizendo nada amável e foi direto ao grão:

— Queria falar com você. — Ele mesmo pareceu surpreender-se de seu tom de voz, mas não se amedrontou.

— O que é isto? Por fim um membro de minha tripulação se digna a falar comigo?

Já ninguém se aproximava dele. Às vezes, Derek estava convencido de que Jeb o insultava as suas costas chamando-o “estirado”, e que outras o completava com um “bastardo”.

— Queremos saber por que deixou a Nicole. Por que nos obrigou a zarpar quando ela estava na cidade. Você a... Abandonou — constatou atônito.

— Diz-o como se a tivesse deixado indefesa quando sabe perfeitamente que não foi assim. E aquele irlandês estava ali para levá-la a sua casa, em qualquer lugar que esta se encontre.

— Já sei que você pertence à nobreza, mas ela era o suficientemente boa para casar-se com você embora sua família não tenha nenhum título.

— Isso não teve nada que ver!

Bigsby pareceu confuso.

— Então, por que?

Derek se encolheu de ombros e tentou fingir indiferença.

— Ela merece alguém melhor. Não um bêbado dez anos mais velho que ela.

— Pois deixe de beber, capitão. E uma diferença de nove ou dez anos não é nada — disse razoável. Logo, como se estivesse repassando uma lista, acrescentou —: por que outra razão a abandonou?

Derek não dava crédito à ousadia daquele homem. Bigsby tinha escolhido o momento equivocado para demonstrar que não lhe temia.

— De verdade quer sabê-lo? — espetou-lhe —. Pois bem, o direi... Porque eu já estou casado!

Bigsby entreabriu a boca, mas não disse nenhuma palavra.

— Vejo que lhe deixei sem fala. Sim, tenho uma esposa na Inglaterra. Uma mulher a que odeio e a que jamais me deitei, mas uma esposa ao fim e ao cabo.

O médico arqueou as sobrancelhas e assimilou essa nova informação. Logo respondeu:

— Lamento ouvi-lo. Será difícil que você e a senhorita Lassiter possam estar juntos enquanto tramita o divórcio de sua atual algema, mas tudo passará. — Olhou-o como se fosse a dizer algo mais, mas o pensou melhor —. Boa noite, capitão — saudou antes de afastar-se.

Bigsby o fazia parecer tão fácil... Mas ele não sabia as promessas que lhe tinha feito a seu pai no leito de morte, e era melhor que aqueles segredos de família seguissem enterrados. Derek tinha feito um favor a Nicole.

Porque a amava.

Uma pontada de dor lhe atravessou o peito, e lançou as jóias ao fundo do mar.

O navio não tinha acabado de atracar em Cidade do Cabo quando Nicole viu seu pai e a sua tripulação entre a multidão que havia no porto. Logo que tinham feito os primeiros nós quando ela baixou a toda pressa pela passarela.

— Papai, sinto muito pelo Bela Nicola — lhe sussurrou abraçando-o — Nunca quis que passasse tudo o que aconteceu. — Tinha o rosto banhado em lágrimas.

— Tranqüilize-se, Nicole — disse ele emocionado —. Não me importa nada se você estiver a salvo.

— Eu supunha que não fosse acontecer isto — disse isso séria —. Se supunha que eu ia salvar nos a todos.

— Todo isso ficou atrás. Superaremos. — Voltou a abraçá-la e se virou para que visse toda a tripulação —. Estavam preocupados com você.

Quando a moça viu que todos estavam bem pôs-se a chorar de novo.

— Estão bem?

Vários marinheiros lhe sorriram e se emocionaram igual a ela. Logo, seu pai lhe deu um pequeno empurrãozinho. Maria! Aí, estava em pé junto a seu pai, com os braços abertos. Apesar de tentar, Nicole não pôde evitar perder o controle e correr para ela.

Com esse abraço materno, tirou-se um grande peso de cima. A brasileira sabia o que era amar a alguém sem ser correspondida. Ela levava anos amando a Jason sem esperança. Tinha passado por aquilo mesmo ela.

Deu-se conta de que a mulher o fazia gestos à tripulação para que as deixassem a sós e um par de marinheiros deram a Nicole um carinhoso tapinha na cabeça antes de afastar-se dali. Alegrou-se de ficar só com ela. Parecia-lhe que nunca ia ser capaz de deixar de chorar.

Mas apesar das carinhosas palavras que Maria lhe sussurrava em português, Nicole pôde ouvir a perfeição como seu pai gritava ao Chancey:

— É um homem morto!

— Não, papai! — rogou a garota apartando-se da Maria —. Se for atrás dele, jamais conseguirei superá-lo. E quero que isto acabe! Quero que saia de minha vida para sempre. — As lágrimas iam aumento ao mesmo ritmo de seu aborrecimento —. Decidi reclamar o que me pertence por direito e cumprir a promessa que fiz à avó; procurarei um marido.

Seu pai sacudiu a cabeça.

— Nicole, não tem por que fazê-lo. Já não.

— Quero fazê-lo — afirmou ela mais convencida do que o tinha estado em meses—. Vou casar. Vou desfrutar na segurança de meu status social e jamais voltarei a ter medo ou a passar frio. — separou-se da Maria e se esfregou os olhos com a manga da camisa —. Nego-me a voltar a ser tão vulnerável.

— E, bem... capitão? — perguntou Bigsby quando atracaram em Londres e acabaram de descarregar —. O que vai fazer?

Não fazia falta que o médico fosse mais concreto. Nicole era de quão único tinham falado durante toda a viagem de volta.

A atividade cessou na cobertura. Tudo ficou em silêncio. A tripulação por completo, tanto os marinheiros que pregavam as velas, os homens que esfregavam, todos se detiveram para escutar sua resposta. A animosidade que sentiam por ele tinha ido diminuindo com o passar da viagem. Seguro que se devia a que o viam destroçado. Olhou a seu redor e viu o Jeb que assentia com a cabeça...

Nos últimos três meses, Derek tinha conhecido um mal-estar como nunca antes se teria imaginado possível sentir. Os remorsos o carcomiam diariamente. Logo que a abandonou, começou a lamentá-lo. Mas por uma vez em sua vida tinha querido fazer o correto, o que era melhor para a Nicole. E Chancey tinha razão sobre ele. Ela se merecia algo melhor.

Mas, a meio caminho de retorno a Londres, Bigsby lhe atirou o golpe definitivo a sua couraça.

— Talvez ela mereça algo melhor, mas encontrará a um homem que a ame mais que você?

Não. Isso era impossível.

Derek odiou tudo o que o tinha mantido afastado da Nicole. E esse rancor se converteu em algo amargo e poderoso que nesses momentos era incapaz de conter.

Divorciar-se-ia de sua esposa.

E romperia a promessa que tinha feito a seu pai antes de morrer. Um divórcio envergonharia a sua mãe, e causaria ainda mais opróbrio a sua família, mas não podia evitá-lo. Negava-se a seguir vivendo sem Nicole, e ela merecia que lhe oferecesse matrimônio.

—Vou A... Procurá-la. — afastou-se dali ouvindo aplausos e como se intercambiavam algumas moedas pelas apostas perdidas e ganhas.

De caminho a sua mansão de Londres, perguntou-se se ela seguiria lhe querendo. A lembrança da última noite que passaram juntos lhe veio à mente. O a amou sem reservas porque sabia que era a última noite que tinham. E ela em troca lhe deu tudo...

Quando a carruagem se deteve diante sua casa, Derek levantou a cabeça e se esfregou a cara para tentar serenar-se. Logo que baixou, sua mãe e seu irmão saíram a lhe receber com um sorriso nos lábios.

— Derek, por fim está em casa! — disse Amanda surpreendida, antes de acrescentar —: Tem muito mau aspecto.

Este sorriu e viu que seu irmão também se burlava dele.

— Bem-vindo, Derek. Soubemos de sua vitória. Felicidades. — E lhe deu um sincero apertão de mãos.

— Nunca acreditei que diria isto, mas... Me alegro de estar em casa.

Quando sua mãe o instalou no salão e o tratou com atenção com chá e bolos, começou a lhes narrar as aventuras da viagem, deixando a Nicole à margem. Mas se deu conta de que sua mãe estava tensa e que apenas lhe escutava. E poderia jurar que Grant também parecia nervoso.

Derek deixou de falar e sua mãe tomou a palavra:

— Nós..., temos que te dizer algo.

— Mamãe, não poderíamos deixá-lo para mais tarde? — perguntou-lhe Grant —. Tal como você disse, Derek tem muito mau aspecto. Seguro que pode esperar a que tenha descansado.

Amanda apertou os lábios.

— Bom, levo semanas esperando para resolver este assunto, e estou segura de que ele querará saber do que estamos falando.

— Assim é — confirmou o aludido recostando-se na poltrona —. O que passa?

Com um último olhar para o Grant, sua mãe olhou ao Derek e lhe sorriu:

— Sua esposa está grávida — revelou de repente —. E não faz falta que diga que não há nenhuma possibilidade de que esse menino seja seu filho.

CAPÍTULO 25

— Não, não faz falta — respondeu Derek esfregando-a nuca.

— De mais de três meses — continuou sua mãe.

— Está segura? — perguntou ele não querendo fazer-se ilusões antes de tempo. Já tinha passado antes por isso. Se Lydia estava de verdade grávida de outro homem, sua família estaria de acordo com ele e aceitariam o divórcio —. Como sabe?

—Nota-se — disse sua mãe, e como se fosse um segredo, acrescentou —: E não lhe favorece muito digamos.

— Mamãe, por favor! — interrompeu-a Grant —. Estou convencido que Derek já recebeu suficiente informação. Rodeemos-nos aos fatos. — dirigiu-se a seu irmão —: Sua esposa quer dissolver seu matrimônio para casar-se com um conde estrangeiro. Ao parecer, o filho é dele.

Sua mãe assentiu e a via muito contente. De fato, parecia que tivesse que conter-se para não aplaudir.

— Esse conde tem inclusive mais dinheiro que você — disse sua mãe, como se isso o explicasse tudo. E tratando-se da Lydia, Derek supôs que assim era. Agora, aquela visita sem precedentes ao navio fazia sentido. Estava com pouco dinheiro e certamente queria impressionar ao conde. Pobre e desgraçado tipo. Mas melhor ele que Derek. Suspirou —. Quase não posso esperar a que por fim termine este pesadelo. Assim poderá voltar a te casar.

—Quer que volte a me casar? — perguntou atônito. Ela nunca tinha deixado entrever tal coisa.

Sua mãe se deteve pensar.

— Não. Não necessariamente. Mas sabe que faz anos que luto para que faça algo. O que seja. Nestes últimos cinco anos, o único que quis foi que não se deixasse arrastar por essa amargura que parecia governar sua vida. Agora por fim poderá ter esses filhos que tanto deseja.

Sempre tinha sido tão transparente? Sabiam todos que o que mais lhe doía de estar casado com a Lydia era que jamais teria filhos? Derek estava convencido de que todos acreditavam que o pior eram suas infidelidades, quando, de fato, a ele isso não importava absolutamente, dado que nunca tinha gostado de sua esposa, e não precisava dizer que jamais a tinha amado.

Entretanto, ter filhos já não era o que mais lhe preocupava; queria-os, mas não podia seguir vivendo sem Nicole.

Tentou manter a calma, mas essas notícias faziam que o pulso lhe retumbasse dentro da cabeça ao mesmo ritmo de seu coração. Acabaria com toda aquela farsa e encontraria Nicole. Nada se interporia em seu caminho.

Decidido, deu-lhes um carinhoso tapinha a sua mãe na mão e outra nas costas de seu irmão.

— Se me desculparem. Não vou perder nem um momento mais.

Minutos mais tarde, Derek estava em pé frente à elaborada fachada da mansão de sua esposa, fascinado pela ostentação de cada detalhe. Lydia a tinha comprado, com o dinheiro dele pouco depois de casar-se, e não reparou em gastos na hora de decorá-la. Mas não se importou; estava encantado de saber que se ela estava ali não a encontraria em outro lado. Se Derek retornava de alguma viagem evitava como a peste todas suas mansões, assim como as festas da alta sociedade. Nos cinco anos que durou seu matrimônio, ele só coincidiu com Lydia em um par ou três de ocasiões.

— Bom dia, Lydia — disse ele, educado, ao entrar no salão. Estava formosa como sempre, e levava a juba negra recolhimento, o que fazia ressaltar seus olhos verdes. Perguntou-se como era possível que ninguém mais visse a maldade que se escondia neles, mas bom, ao fim e ao cabo, também a ele tinha conseguido enganá-lo.

Ao princípio, Derek quis lhe perguntar por que se tornou assim. Mas sabia que, no caso da Lydia, a resposta ia ser complicada. Tinha sido pela avareza de sua família? Ou porque o homem com o quem de verdade queria casar tinha morrido? Tudo isso já não lhe importava, o tempo das perguntas tinha passado.

— Não vai me dar conversaço? Perfeito. Irei direto ao ponto. Está grávida — disse Derek assinalando o pronunciado ventre —. Quero o divórcio.

— Não pode se divorciar de mim — disse ela rendo-se a gargalhadas sem humor.

— Posso e o farei.

— Nisso se equivoca — respondeu ela sorrindo e ajustando o rico brocado de seu vestido. Seguro que Derek tinha pago uma fortuna por ele.

Ele se obrigou a manter a calma. Estava fazendo aquilo para poder ter um futuro junto à Nicole, e se zangava podia lhe sair o tiro pela culatra.

— Acreditava que isso era o que você desejava. Seguro que quer se casar com ele — disse sério.

— De fato — lhe informou Lydia —, vou obter a nulidade.

Derek se manteve inexpressivo. Lydia tomaria qualquer signo de emoção como uma debilidade e o exploraria em benefício próprio. Arqueou as sobrancelhas e fingiu que não lhe importava.

— E no que apoiará sua petição?

— Em que é incapaz de... Cumprir com suas obrigações maritais. — Ela se contemplou as unhas —. Em que não é suficiente homem para mim.

— É isso o que lhe estiveste dizendo às pessoas?

A mulher o olhou sorridente.

— Sim — respondeu satisfeita de si mesmo.

Derek tentou não rir em voz alta. A ele jamais lhe tivesse ocorrido essa solução.

— E como pensa justificar seu estado?

— Quando começar a notar-se, já estarei muito longe. A família de meu futuro marido é católica. Ele quer este filho, mas não quer uma mãe divorciada.

— Não posso acreditar que seja capaz de fazer isto — disse ele com sinceridade.

— Pois lhe acredite isso Já o pus em marcha. Estarei livre em questão de dias.

— Já o há dito a todo mundo? Não há modo de mudar?

— Dei minha palavra — declarou ela orgulhosa.

— Excelente!

A Lydia trocou a cara.

— É uma idéia magnífica, Lydia. Farei que meus advogados fiquem mãos à obra em seguida. — E Derek se foi dali deixando à bela Lydia ofendida e tão surpreendida como um peixe que acaba de picar um anzol.

Disposta a agüentar o sermão acostumado, Nicole foi visitar sua avó, a que levava mais de sete meses sem ver. Antes de partir, disse-lhe que ia às compras ao velho moderado. Agora que a marquesa estava a par de tudo, a moça se preparou para suportar o julgamento marcial ao que sabia que a ia submeter.

De modo que, quando viu sua avó, a marquesa do Atworth, esfregando-a nariz com a de um de seus cachorrinhos de uma vez que lhe falava com animal, ficou muda do assombro.

— E quem é o pequeno de mamãe, Pixie? — perguntou-lhe ao animal. Ela fingiu que o cão respondia e disse um pouco parecido a —: De verdade?

O perrito estava tão surpreso como Nicole, quem optou por pigarrear.

Sua avó levantou a cabeça de repente.

— Por que não me anunciaram sua chegada? — perguntou a marquesa colocando o cão sob o braço.

— Disse ao Chapman que podia entrar sozinha, mas se a incomodo... — respondeu ainda incrédula.

Ante sua surpresa, sua avó pôs-se a rir.

— Absolutamente, estava fazendo mimos a meu lindo cachorrinho. — Então levantou o destinatário daquelas carícias —. Pixie é um bebê tão carinhoso, a que sim? Antes não estava acostumado a lhe dizer. — Sua mãe e você sempre gostaram muito de navegar. Lembro-me de quando ela se ia. — disse e Nicole olhou a sua vó. — Ela era feliz com a vida que escolheu. Nicole se limitou a arquear as sobrancelhas. Ao parecer, era incapaz de apagar sua cara de assombro. E, quando sua avó deixou ao perrito e se aproximou dela para abraçá-la com força pela primeira vez em sua vida, soube que jamais se recuperaria.

Nicole se lembrou de que, no porto de Cidade do Cabo, depois de ver a Maria, ao Chancey, à tripulação e a seu pai, pensou que a única que faltava ali era sua avó. E quase morre de vergonha ante esse pensamento.

— Não me olhe assim, menina. Agora já não oculto meus sentimentos. Cada vez que quero expressá-los, faço-o e ponto.

Nesse instante, Nicole se deu conta de que sua avó tinha desabotoados os botões do pescoço do vestido e que já não ia de negro. Ia cinza pérola, é obvio, mas não tinha um aspecto tão severo como antes.

— E a que se deve esta mudança? — perguntou.

— Quando seu pai me disse o que tinha feito, entristeceu-me muito me dar conta dos extremos a que estava disposta a chegar para se afastar de meu lado.

A garota se sentiu culpada e tentou justificar-se, mas sua avó a cortou.

— Agora entendo quão importante era essa regata para você. Parece-se tanto com Laura... Mas não, o que me fez trocar foi quando me disseram que seu navio se afundou. Então senti raiva por não ter passado mais tempo contigo. Raiva por não te haver tratado de outro modo. Deveria te haver dito o muito que se parece com minha filha — confessou com lágrimas nos olhos.

Para ouvir mencionar a sua mãe, Nicole se sentou.

— A ambas gostava de muito navegar. Lembro-me de quanto ria — disse Nicole olhando a sua avó —. Ela era feliz com a vida que tinha eleito.

A anciã assentiu e pausa funda.

— Agora entendo por que fugiu, mas jamais entenderei por que escolheu o que escolheu — comentou séria a distinguida dama, e Nicole não teve mais remedeio que rir.

A marquesa pelo contrário voltou a ficar séria:

— Não quero que minha neta também fuja. As coisas vão mudar nesta casa, e nunca mais voltarei a me comportar desse modo contigo — lhe prometeu.

Nicole deveu parecer incrédula.

— O que? Não me acredita? — Sua avó arqueou uma sobrancelha e a desafiou —. Vamos, convida a seu pai para jantar esta noite.

— A papai? — perguntou ela a meia voz—. Aqui? Contigo? Di-lo a sério?

— Eu sempre falo a sério.

— E o que me diz do Chancey? —atreveu-se a perguntar.

Sua avó tragou saliva e disse como se lhe doesse:

— Muito bem. —Logo acrescentou—: Sempre que vier vestido como é devido.

Nicole assentiu e se atreveu a ir mais longe.

— Meu pai... Tem com ele uma convidada.

A duquesa franziu o cenho e de repente o entendeu tudo.

— Ah, uma convidada. Bom, suponho que deveríamos convidá-la também ela.

Essa noite, quando Jason Lassiter viu a marquesa, ficou sem fala, porque o primeiro que lhe disse foi:

— Jason, sabia que podia confiar em você e que a traria de volta sã e salva. — Logo, murmurou —:

Obrigada.

Quando Maria lhe golpeou para que respondesse, o homem só conseguiu dizer:

— Deveria agradecer-lhe o Chancey. Foi ele quem cuidou dela.

Este não pensou antes de falar, e se limitou a atirar do pescoço da camisa e soltar:

— Não fui eu. Foi Sutherland.

— E quem é Sutherland?

Nicole fingiu desinteresse e todos optaram por não dizer nada. A marquesa os olhou um a um tentando averiguar por que ficaram calados. Para aliviar a tensão, Maria se aproximou dela e lhe fez uma reverência.

A marquesa, como era seu costume, olhou-a de cima abaixo, notando-se na simplicidade de seu vestido e os óculos que levava. Satisfeita com o que viu, disse-lhe:

— Você deve ser a institutriz.

Todos se puseram-se a rir e Nicole teve que olhar ao teto para deixar de fazê-lo.

Ao princípio, o jantar foi um pouco tensa, mas a copiosa comida, a base de pato assado com cebolas, servido com abundante vinho fez que, inclusive o irlandês, deixasse de olhar só seus talheres. Quando os lacaios retiraram os pratos, a conversa era fluída e o tema central era a companhia naval. Nicole se inteirou de que, em sua viagem de volta, Maria e seu pai tinham conseguido financiamento. Tinham decidido que o primeiro passo devia ser construir outro casco de navio insígnia ou comprar um o antes possível. Mas tanto eles dois como Chancey eram reticentes a abandonar Nicole.

— Eu estou bem — lhes disse Nicole —. E sei que têm que se ocupar de seus negócios. Por favor, deixem de se preocupar comigo. Não me casarei sem que estejam presentes — lhes disse de brincadeira.

Seu pai sorriu não muito convencido.

Nicole o tranqüilizou.

— Sabe que quero o melhor para a companhia. E, depois de me casar, tenho intenção de ajudar em tudo o que possa. — Olhou a Maria —. Diga que pode ir-se tranqüilo.

Esta, por sua vez, olhou-a aos olhos.

— Por favor, Maria. Tenho vinte anos. Aqui há três homens me vigiando, e vivo no Mayfair. Nunca em minha vida estive tão a salvo.

Sua avó a interrompeu:

— Jason, talvez seja melhor que não sejam vistos juntos durante um tempo. Faz quinze anos que repito a mesma história. Se a chamarmos por seu segundo homem, ninguém poderá vinculá-la com a Nicole Lassiter, a intrépida blusa de marinheiro. Ao menos, não até que já esteja casada.

— Está segura, Nic? — perguntou Chancey emocionado.

— Sim. Quero me casar. Quero ter filhos, vou fazer vinte e um anos o mês que vem. — Sorriu à marquesa —. A avó não está me pressionando, mas já estou preparada. Além disso, não tenho muito tempo, a Temporada já começou.

Outros seguiram falando, mas seu pai se aproximou dela e lhe disse em voz baixa:

— Nicole, não tem por que fazer isto. Retiro tudo o que te havia dito antes. Logo poderei me ocupar de você como merece.

Nicole lhe sorriu afetuosa:

— Com a ajuda da Maria...

Ao Jason brilharam os olhos.

— Acredito que chegou o momento de fazê-lo oficial...

— Vai se casar com ela? — perguntou emocionada.

Jason pareceu confuso e atônito.

— Não. Vou convertê-la em minha sócia. Maria tem intenção de vender seu... Negócio no Brasil. Por que acreditaste que íamos casar-nos?

— Acredito que seriam muito felizes juntos.

Pelo modo em que a olhou, Nicole soube que seu pai nunca tinha pensado na Maria dessa maneira.

— Nicole, eu já estou casado.

— Entendo-o. — E o dizia a sério. Mas isso não significava que não tratasse de lhe fazer trocar de opinião.

— E o que passa com o Sutherland? — perguntou seu pai de repente.

A garota fingiu de propósito que não lhe entendia, e respondeu sem lhe dar mais importância:

— Nada, manter-me-ei afastada do Sereia e de outros tuguérios pelo estilo, assim não é provável que me encontre com ele.

Seu pai sorriu ao ver quão valente era.

— Esta é minha menina. Forte como uma rocha.

Sua avó ouviu esse último comentário e interveio:

— Retira este comentário, ela não é forte... Ela é delicada. E nenhuma palavra mais a respeito, Lassiter.

Cinco dias depois, Nicole despedia do trio e grande parte da tripulação do Bela Nicola. Fossem a bordo do Griffm, outro dos navios que seu pai tinha no Liverpool. Nicole não teve tempo de entristecer-se, pois sua avó a reteve prisioneira de um sem-fim de costureiras. Disse-lhe à anciã que precisava que tantas mulheres trabalhassem só para ela, mas esta disse que era uma emergência, e seguiu adiante com seu plano.

A marquesa ia apresentá-la à sociedade e conseguir que a convidassem a todas as festas. Já descansaria quando obtivesse que Nicole ocupasse o lugar que lhe correspondia.

O primeiro baile ao que a garota assistiu a deixou sem fala; as luzes, as sedas e um montão de gente elegante alagavam o salão.

Mas se recuperou em seguida.

De fato, Nicole descobriu que não se equivocou; ela não encaixava ali. Tinha-se que estar em terra firme, queria ver terra. E não aquelas imponentes mansões que apesar de terem um jardim não era o suficiente. Nem sequer lhe bastava um parque, mas sim necessitava quilômetros e quilômetros de prados verdes vastos como o oceano.

Para ser sincera, sem o Bela Nicola não sabia se queria retornar ao mar. Sem esse navio todo tinha mudado. Mas a vida na sociedade não ela gostou. Depois de desfrutá-la durante um par de semanas, sentia-se tão decepcionada quanto se tivesse encontrado uma moeda falsa na rua.

O baile ao que ela e sua avó assistiam aquela noite era igual aos anteriores. Sentia morrer, apanhada sob o peso das convenções sociais e afogada por aquele vestido tão apertado. Os perfumes que ao princípio a tinham fascinado agora a curvavam, assim como o aroma que desprendiam as velas que iluminavam a pista de baile. Não podia nem respirar.

Enjoada e aturdida, logo que pôde acreditar o que viam seus olhos.

Ficou petrificada olhando suas largas costas, seu espesso e negro cabelo, sua altura que destacava por cima do resto dos homens, e o estômago lhe deu um tombo. Acaso não lhe haviam dito uma e outra vez que ele jamais assistia a esse tipo de eventos? Incapaz de mover-se, ficou gelada ao ver como se voltava.

Nicole não pôde evitar franzir o cenho. Não era Derek. Mas não obstante não pôde deixar de lhe olhar. Era tão parecido que com certeza era seu irmão, apesar de que ele jamais tinha mencionado que o tivesse. De fato, não lhe tinha contado nada sobre sua família.

O homem levantou as sobrancelhas, e certamente que se perguntou por que o olhava desse modo. Sorriu-lhe e, ao ver que ela não se movia, pareceu preocupar-se. Aproximou-se do conde do Allenton, um velho

amigo de sua avó que estava acostumado às acompanhar a esses eventos. O homem assentiu e Allenton se aproximou.

Nicole ficou sem ar. Derek teria falado dela? Saberia aquele homem quem era na realidade? Saberia que tinha feito amor com seu irmão? O pânico se apoderou dela.

— Lady Christina — disse Allenton —, ao parecer tem feito outra conquista. Me permita que o presente ao Grant Sutherland, visconde do Anderleigh.

Grant voltou a sorrir e lhe fez uma reverência. Nicole tentou articular uma saudação, mas estava gelada. Ver aquele rosto lhe trouxe todas as lembranças de Derek, as mesmas lembranças que ela tanto tinha lutado por enterrar; e os muros que mantinham a raia a dor começaram a derrubar-se.

Chegou uma quarta pessoa e a salvou da situação.

— Grant, quem é sua nova amiga? — perguntou uma mulher que se plantou entre os dois homens.

Por incrível que parecesse, Grant Sutherland, que era a imagem do perfeito cavalheiro, ignorou a dama.

— Querido, irmão — disse a mulher com voz melosa —, tem que me apresentar a esta nova estrela da alta sociedade.

Nicole se deu conta de que Grant lhe agradava.

— Lydia, não tinha que fazer as malas? — perguntou ele controlando o tom de voz —. Ouvi que vai viajar para não voltar. — Ao ver que a mulher seguia ali sem mover-se, acrescentou —: Onde está seu conde? Acredito que faz uns minutos que anda procurando por você. Não quererá que se vá sozinho.

— Ele não irá a nenhuma parte sem mim — respondeu ela presumindo, como se não a afetasse o ódio que refletiam os olhos do Grant —. Não vai apresentar nos?

Ele ficou tenso e, sem emprestar muita atenção, como se não tivesse maior importância disse:

— Ela é minha cunhada, Lydia Sutherland.

— Grant, Grant, Grant! Que mal educado se tornou. — Olhou Nicole —. Sou lady Sutherland — disse a mulher a modo de saudação —. A condessa do Stanhope.

Nicole acreditou ouvir que Grant dizia.

— Não por muito tempo, irmã.

Mas seus lábios apenas se moveram.

“Um segundo...” Como podia ser condessa? Nicole começou a ficar nervosa, mas tentou acalmar-se.

— Q... cunhada? — conseguiu perguntar por fim.

— Sim — respondeu devagar a condessa. Estudou a Nicole com descaramento e se deu conta do incômoda que se sentia.

Ela se esforçou por aparentar indiferença.

— Com o que outro irmão está você casada? — perguntou a garota apesar de que já conhecia a resposta. Olhou a juba negra e seu rosto perfeito e se lembrou de que essa mulher era preciosa... “mas não se miras em seu interior”.

Lady Stanhope sorriu de um modo cruel.

— São só dois irmãos.

As luzes brilharam subitamente e logo se apagaram de repente. Por que não podia respirar? Um invisível nó começou a afogá-la, e de repente foi insuportável...

Sentada na cama, pensando em sua situação, Nicole riu. Mas era uma risada triste, sem humor. Não era de se admirar que aquele bastardo não quisesse casar-se com ela. Acreditou que ia se passar toda a noite chorando, mas já não ficavam lágrimas para Derek. Pela manhã, despertou com uma dor no peito e com a certeza de que era uma adúltera. Saber isso fazia que odiasse a si mesma. Mas decidiu dirigir todo esse ódio para ele. A raiva a faria mais forte.

Nicole se prometeu que seguiria adiante. Não ia permitir que aquilo se interpusesse em seus planos. E, o que era mais importante, ninguém se daria conta da dor que sentia por dentro.

— Nicole, por que desmaiou desse modo? — perguntou-lhe a marquesa à hora do café da manhã —. Eu não o vi, mas me disseram que desabou como uma pedra.

Ela confiava em que não tivesse sido tão horrível. Recordava haver-se desvanecido, e que as múltiplas capas de seu vestido tinham amortecido o golpe.

— Não foi tão terrível. Vergonhoso, é obvio, mas não terrível.

— Sente-se mau? — perguntou preocupada a anciã.

— Estou perfeitamente bem. É só que ainda não acostumei a estes trajes tão pesados e a me passar tantas horas encerrada — respondeu Nicole sendo mais ou menos sincera.

A marquesa a olhou como se fosse a dizer algo mais, mas Nicole a interrompeu.

— Quanto tempo mais necessitamos para encontrar a um pretendente que dê a talha?

— Bom — respondeu sua avó atônita —, não sei...

— Me dê uma estimativa. Uma semana? Duas?

— Isso depende do pretendente — respondeu cautelosa —. Depende da quem escolha.

Nicole enrugou o vestido entre seus dedos.

— Escolho ao primeiro que seja adequado.

A marquesa afastou o prato.

— Suponho que demoraria uma semana em ter preparados todos os papéis, se lhes pressionar um pouco, claro.

Nicole a olhou aos olhos.

— Pressiona-os, avó.

Deveria sentir-se no purgatório, disse-se Derek a si mesmo. Levava cinco anos querendo livrar-se da Lydia. Cinco largos anos. Agora poderia casar-se com a Nicole logo que a encontrasse. Mas cada vez que se lembrava das palavras do irlandês ficava gelado. Era digno dela?

Sua vida parecia pedacinhos. Inclusive com o processo de nulidade finalizado, ele seguia sendo sido casado. Bebia muito e, de não fosse por seu irmão, teria se arruinado por completo.

Mas se tinha aprendido algo do tempo que passou com Nicole era se queria algo tinha que lutar para consegui-lo. E ele ia lutar por ela. Conseguiria ser digno dela.

Estava sentado em sua escrivaninha, lendo os informe que haviam lhe trazido os detetives que tinha contratado quando sua mãe entrou e começou a inspecionar as estantes como quem não se importa com a coisa.

— Não quis pressionar— disse a suas costas —, mas não é chegada a hora de que me conte o que fazem todos esses homens entrando e saindo de casa? E de passagem, por que não me conta o que faz aqui sentado todo o dia?

E que importância tinha que soubesse? Sua mãe acabaria inteirando-se cedo ou tarde; ele queria encontrar a Nicole e casar-se com ela.

— São detetives da rua Bow. Contratei-os para que procurem à mulher com quem quero me casar.

Sua mãe procurou a cadeira mais próxima com o braço.

— Já a conhece? — Abriu uns olhos como pratos —. Bom, a que família pertence?, Que título têm?

Derek sorriu.

— Não acredito que tenha ouvido falar de sua família. De fato, eu preferiria esquecer que a tem. E não têm nenhum título.

Sua mãe se derrubou na cadeira.

Mais valia dizer-lhe tudo de repente. Assim teria tempo de acostumar-se à idéia antes que ele retornasse com Nicole. Tomou ar e continuou:

— A mulher com a que quero me casar é americana.

Amanda Sutherland se relaxou um pouco. A maioria de suas amigas passariam por cima que fosse americana sempre e quando fosse extravagantemente rica.

— Sua família não tem dinheiro, por agora.

Amanda se levou a mão à boca.

— Não poderia ter encontrado a alguém que não fosse tão desastroso para esta família?

Como podia atrever-se a dizer algo assim!

— De fato, agora mesmo acabo de finalizar um matrimônio “adequado” — disse Derek seco —. Acreditava que, dado que a família escolheu a minha primeira esposa, esta vez poderia escolhê-la eu.

— Então não sabíamos — replicou sua mãe com tristeza.

— Bom, de todos os modos, talvez não tenha motivos para preocupar-se. Eu a deixei, abandonei-a porque era um homem casado, e ela possivelmente não esteja disposta a me perdoar.

Derek se virou e ouviu como sua mãe se levantava. Sentiu como se tirou um pouco de frustração de cima. Todo isso ficava no passado. Agora só queria olhar para o futuro.

— Vá ver se encontrar Grant, mamãe. — Pediria a seu irmão que lhe ensinasse a dirigir os negócios e a ocupar-se de suas obrigações —. E, por favor, se assegure de atirar todo o álcool que haja na casa.

Quando Grant entrou no despacho, ia, como sempre, impecavelmente vestido.

— A que vem essa cara tão larga? — perguntou-lhe ao sentar-se —. Deveria estar eufórico. Ganhaste a regata e volta a ser solteiro.

Derek duvidou um segundo, não sabia se lhe contar a verdade a seu irmão. De pequenos, tinham estado muito unidos...

Sorriu triste e lhe disse:

— Bom, ao parecer estou apaixonado pela filha do Lassiter. Grant ficou sem fôlego e se apoiou no respaldo da cadeira.

— Diz-o a sério?

Uma hora mais tarde, Grant ainda tratava de absorver tudo o que lhe tinha contado seu irmão.

— De verdade é tão bonita?

— Para mim, sim — respondeu Derek passando uma mão pelo cabelo—. Mas é muito mais que isso.

Grant franziu o cenho.

— E apesar de tudo a abandonou?

— Tentava ser honesto, fazer o melhor para ela. Agora me dou conta de que me comportei como um estúpido. Deveria tê-la trazido aqui comigo e nos haver casado logo que tivesse finalizado meu matrimônio com a Lydia.

— Esse homem, Chancey, tinha razão. Naqueles momentos, não estava preparado para se casar com ela.

— Então tinha razão, mas agora as coisas trocaram.

— E está preparado para voltar a contrair matrimônio?

Derek franziu o cenho. Por que Grant parecia não o ter claro?

— Está-lo-ei, se você me ajudar.

Um montão de horas depois, ambos tinham repassado todos os livros que Grant acreditou convenientes, e Derek se levantou para estirar as pernas.

— Ensinei-lhe já quase tudo — disse Grant.

Ao ver que Derek falava a sério, este tinha aceito a provocação de seu irmão e lhe tinha ensinado quão máximo pôde. Mas apesar de tudo, Derek sentiu que tinha que tranquilizá-lo:

— Seguirei adiante, Grant.

Este o olhou com cautela e, passados uns segundos, tomou uma decisão e assentiu:

— Os primeiros meses serão de aprendizagem, mas todos os negócios estão funcionando muito bem, assim terá tempo de sobra para procurar a sua marinheira antes que tenha que te centrar neles por completo.

— Agradeço sua ajuda. Tanto pelo de agora, como pelo de todos estes anos

Grant pareceu incômodo.

— Não fique sentimental. Asseguro que cobrei um bom salário como gerente de seus negócios.

Quando Derek arqueou as sobrancelhas, Grant sorriu e trocou de tema:

— Sabe?, Não te faria mal assistir a um desses bailes aos que mamãe tanto insiste para que vá.

—Esquece-o.

— Me escute um segundo. Sei que está apaixonado por essa garota — disse Grant olhando ao Derek aos olhos —, e Deus sabe que jamais o tinha visto assim. Mas não te faria mal fingir que segue a corrente.

— Por que? Porque ela quer que me ponha a procurar outras candidatas agora que finalizou o processo de anulação. Conte-lhe sobre Nicole, mas você conhece mamãe e sabe que não vai render-se. Se atirar a uma dessas festas, começará a me apresentar a todas as mulheres que possa com a esperança de que não me case com uma americana sem dinheiro. Se seguir a corrente, como você diz, acreditará que existe alguma possibilidade de que não me case com Nicole. — passou-se uma mão pela cara —. Não seria honesto com ela, porque isso nunca vai acontecer.

Grant impressionou ver o tanto seguro que seu irmão estava de sua decisão.

— Poderia assistir a um par, embora só fosse para sossegar um pouco as fofocas sobre a anulação. Se o virem, depois de tanto tempo, deixarão de falar disso. A Temporada quase acabou, asseguro que ninguém conta com que apareça.

Por desgraça, Grant tinha razão. Derek não queria levar Nicole a Londres e que se visse afetada por algum possível deslance. Mas mesmo assim, insistiu:

— Sabe de sobra que tenho que ficar aqui se por acaso recebo notícias dela.

Grant exalou um suspiro exasperado.

— Só estará a um par de maçãs daqui. Seguro que se houver alguma novidade virão buscar você. — Ao ver que Derek não dizia nada, acrescentou —: Quando você estava dando voltas pelo mundo, foi mamãe quem teve que suportar a vergonha por tudo que Lydia fazia. — ficou em pé e começou a passear —. Ela foi a que saiu pior em todos os rumores, e também a que teve que tratar mais com a Lydia. E essa mulher não tem limites. — Grant parecia a ponto de começar a tremer. Ao parecer, os escândalos dela tinham posto a prova inclusive a paciência de seu estóico irmão.

— E você? Viu-se afetado por sua conduta? — perguntou Derek preocupado.

— Está de brincadeira? Quase me levou a renegar o matrimônio para sempre. Mas sobre tudo me dava pena de mamãe. Para uma mulher tão orgulhosa como ela, tudo isto foi muito difícil.

As palavras do Grant o fizeram dar-se conta de que ao ir-se dali se comportou de um modo muito egoísta. Nicole não era a única pessoa a que tinha feito mal.

Levantou as mãos aceitando sua derrota.

— De acordo. Irei esta noite, mas não acredito que vá ser muito boa companhia.

— Obrigado, Derek — disse seu irmão. Encaminhou-se para a porta e, antes de sair, acrescentou emocionado—: Alegro-me de que haja tornado.

CAPÍTULO 26

Derek tinha feito feliz a sua mãe, e de que modo. Amanda ia de um lado a outro do salão de baile de lady Crossman saudando todas as mães pendentes de pescar um marido para suas filhas e lhes apresentando Derek como se fosse um pedaço de carne. Uns minutos antes, havia-lhe dito quão bem tinham recebido todas a idéia de que queria voltar a casar-se. Logo, predisse sua mãe, aquelas novas fofocas afogariam o escândalo da anulação.

A gente podia passar por cima um montão de coisas se um dos homens mais ricos de Londres voltava a estar disponível. Em particular, se sua mãe dizia a todo mundo que estava procurando esposa. O supôs que isso não era nenhuma mentira: estava procurando Nicole.

Derek sempre tinha tido a sensação de que todas aquelas festas só serviam para perder o tempo, e essa vez não era diferente. Sentia-se ansioso e impaciente. Com Nicole ao seu lado, sentia que vivia o presente. Sem ela não queria pensar no passado nem no futuro. Lembrar-se de quão feliz era junto a ela fez ainda mais de difícil suportar a aquele montão de bobalhonas que não deixavam de lhe perseguir, a ele ou a Grant. Em todo o tempo que tinha estado ausente, os temas de conversação não tinham melhorado o mínimo. E duvidava que fossem acontecer.

Ele estava convencido de que tinha conseguido dissimular o desgosto que sentia, mas pelo modo que o olhavam todas aquelas harpias, dir-se-ia que não tinha conseguido. Grant sabia que sua paciência tinha chegado ao limite, pelo que o levou dali com dissimulação. Quando Derek fez um gesto com as mãos como se fosse estrangular a alguém, seu irmão pôs-se a rir.

— Assim o que, irmãozinho, acha que já cumpri com meu dever?

— Se não em espírito, diríamos que sim com sua presença — respondeu Grant sorrindo —. Deveria ver-se. Dá medo.

— Isso será porque me sinto completamente desgraçado.

Grant sorriu de novo.

— Agora me dou conta de que isto não é para você. Bom, de todos os modos, obrigado por tentá-lo por nossa querida e doce mãe.

Nesse momento, Amanda se aproximou zangada e seus dois filhos. Ambos se calaram.

— A verdade, Derek, não tinha por que assustar a todas suas possíveis candidatas. — Abriu o leque ofendida —. E o digo a sério, assustou-as a todas! Ouvi que a filha de lady Hanson ficou com tanto medo que nem sequer quer aproximar-se de você.

Derek se encolheu de ombros.

— Tal como há dito Grant, ao menos eu tentei. E falei com um montão de senhoritas.

— Sim, claro, com as que estão mais desesperadas. Essas não nos interessam. Suas famílias as obrigam a aproximar-se de homens como você.

Foi óbvio que ao Grant esse comentário pareceu lhe baixo, mas com os olhos cheios de lágrimas tentou reprimir as gargalhadas.

Derek se limitou a sorrir. Seu irmão começava a recuperar reações do travesso menino que tinha sido.

— A alguém gosta de uma taça de champanha? — ofereceu Grant —. Mamãe?

— Eu adoraria — respondeu ela, orgulhosa da boa educação de seu filho menor.

Grant olhou ao Derek e quando viu que denegava com a cabeça se foi dali com um sorriso nos lábios. Derek escutou pacientemente como sua mãe lhe relatava as grandezas daquele montão de garotas lhe dizendo, uma e outra vez, que deveria escolher a uma delas. A sutileza não era uma das virtudes da Amanda.

De fato, quando Grant tinha deixado escapado dizendo que Derek procurava uma blusa de marinheiro, sua mãe quase desmaia. A idéia de que estivesse apaixonado por uma americana já era por si horrível, mas que, além disso, vivesse em um navio e se dedicasse a isso...

Ouviu-se um murmúrio generalizado na sala e Derek olhou a ver o que acontecia. Esqueceu-se da conversação e o invadiu o estranho pressentimento de que ia passar algo importante.

Amanda seguiu falando, sem dar-se conta de que seu filho já não a escutava.

— Depois da derrota da Lydia tem que te casar com a melhor. Não podemos permitir que uma mulher semelhante volte a entrar na família — disse, voltando a assinalar que a americana não era o bastante boa para ele.

— É óbvio — assentiu ele de forma maquinal, intrigado pelo alvoroço da porta. Sentia-se alerta, tenso.

E então... Aconteceu.

Derek lhe desencaixou a mandíbula. Viu a Nicole e não foi capaz de reagir. Viu-a como jamais a tinha imaginado. Levava um vestido de uma pálida cor azul celeste feita de um material quase transparente. Sua cor de pele e de cabelo sempre o tinham fascinado, mas agora, vê-los destacados por aquele azul tão claro, deixou-o atônito. Levava a vermelha juba recolhimento em um complicado coque em cima da cabeça e a via pequena,

delicada, quase como uma fada. Mas ao mesmo tempo suave, como se estivesse mais realçando as partes mais perigosas de sua anatomia.

Ao olhar a outros convidados, Derek se deu conta de que não era o único que desfrutava olhando-a. Nicole ia agarrada do braço de um ancião e a gente se detinha ao seu redor para conversar com ela.

Parecia trocada, e não era só pela roupa. A via tranqüila, e com o porte real mais acentuado. Um momento estavam-lhe apresentado a gente?

A sua mãe não passou por cima sua reação.

— OH, vejo que te fixaste na nova estrela da alta sociedade — disse ela contente —. É a neta do Atworth, lady Christina. Todos tínhamos ouvido contar quão tímida era, mas jamais tínhamos suspeitado que retornaria a Londres convertida em uma rica herdeira.

— Lady? Tímida? — conseguiu dizer Derek antes de apertar os lábios.

Ficou gelado e sentiu como se a pele fosse estalar. Observou enfeitiçado como Nicole, com o aspecto de uma princesa, atravessava a sala. Quem era o homem que a acompanhava?

Derek se esfregou a cara. Agora tudo começava a ter sentido. “Pponha em Nicole um vestido e se transforma em uma dama.”

— Qual é seu título? — perguntou seco.

Sua mãe franziu o cenho, mas respondeu de todos os modos.

— Essa garota é a única herdeira do marquesado do Atworth. — Amanda interpretou mal a expressão de seu filho e acrescentou —: Se vê que há umas centenas de anos, e graças a umas artimanhas políticas, o título passa às filhas e não aos filhos. Assim que ela será marquesa, e, além disso, obscenamente rica. Teria chegado antes à Inglaterra, mas ao parecer lhe dá medo viajar.

— Que lhe dá medo viajar? — Aquela garota tinha competido contra ele em uma regata. Quantas marquesas havia no mundo que conhecessem muito bem os segredos de um navio? Ou que soubessem que antes de dar um murro em alguém terei que ocultar os polegares? Por que não o havia dito?

Derek só estava escutando a sua mãe pela metade, mas um comentário dela captou sua atenção.

— Não estará disponível muito mais tempo. Tem um montão de proposições. Inclusive agora, olhe todos esses pretendentes que a rodeiam.

Nicole, com efeito, estava rodeada de jovens embevecidos. Derek apertou os punhos.

— OH, Derek quanto eu gostaria que se casasse com alguém como ela — suspirou sua mãe.

— Feito — disse ele lhe dando um golpezinho na mão.

— Feito? Assim? Sem mais? O que quer dizer?

— Dei-me conta de que, como de costume, tem razão, tem toda a razão — comentou ele sem deixar de olhar a Nicole como se tivesse medo de que se o fazia desaparecesse —. Farei o que for o melhor para a família. Agora, se me desculpa — concluiu afastando-se tão rápido que quase atirou as taças que trazia Grant.

Quando Nicole o viu, abriu os olhos atônita.

— Derek! — disse preocupada.

Levou-se a mão aos lábios e viu surpreendidos que se ficaram todos seus conhecidos.

— Isto, lorde Stanhope. Não sabia que esta noite nos honraria com sua presença — acrescentou, conseguindo acalmar-se.

— Gostaria de passear? — disse ele lhe oferecendo a mão.

— Bom, não acredito que... — Nicole ia negar, mas ele tirou dela e a obrigou a levantar-se e a acompanhá-lo a terraço.

— Sutherland! — disse ela ao chegar —. Que diabos pensa que está fazendo? Supõe-se que você nunca assiste a estas festas. Disseram-me que nunca vinha!

— Eu poderia te perguntar o mesmo. Desde quando a exigente lady Crossman convida a marinheiros?

Nicole jogou faíscas pelos olhos.

— Eu tenho tanto direito a estar aqui como você, talvez inclusive mais.

— Tem razão. Ao parecer está por cima de mim na hierarquia social. Deveu-se fazer muita graça quando a acusei de querer “apanhar a um conde”.

Nicole inclinou a cabeça.

— Bom, tenho que reconhecer que eu gostei da ironia — reconheceu ela.

— É a desculpa perfeita; lady Christina leva uma vida tranqüila em uma escola para senhoritas do continente e nunca vem de visita porque lhe dá medo viajar, até que ao final se decide ao dever e vem viver com sua avó. Me aposto o que queira a que o acanhamento de lady Christina faz quase impossível averiguar nada sobre ela, e seguro que logo que recebe visitas.

Nicole fingiu aborrecimento.

— Assim que nos tem descoberto, quer que eu aplauda?

— Acreditava que a conhecia — lhe espetou Derek com um áspero sorriso —. Sei que quando está nervosa esfrega um tornozelo com o outro. Que inclina a cabeça quando sente curiosidade. — inclinou-se sobre sua orelha e, em voz baixa, sussurrou —: E que quando lhe dou prazer encolhe os dedos dos pés.

Nicole se separou dele tremendo.

— Já acabou?

Derek tentou lhe agarrar a enluvada mão, mas ela se aproximou do corrimão como se temesse que a tocasse. Uma fria máscara apareceu em seu rosto.

— Me dê uma só razão pela que mereça ter direito a um segundo apenas de meu tempo.

Derek respirou fundo.

— Preciso explicar algumas coisas...

— Sério? — interrompeu-lhe ela com amargura.

Aquilo não estava saindo como ele tinha planejado. Esperava que ela se alegrasse em vê-lo, esperava que, no mínimo, fosse jogar um pouco de menos. O suficiente para querer escutá-lo.

— Não se importa o mínimo saber por que fui?

— OH, acredito que já sei — respondeu ela dando meia volta para tentar afastar-se dele.

Quando Derek a sujeitou pelo braço, tentou soltar-se.

— Me solte — disse, com tanta veemência que o conde esteve a ponto de lhe fazer caso.

— Não até que me deixe explicar o que aconteceu.

Nicole voltou a atirar do braço e tentou captar a atenção da gente que havia no corredor.

— A quem está procurando? A um de seus pretendentes?

Nicole sorriu.

— O mais provável é que me case com um deles.

— Nem pensar!

— E por que não? Acaso tampouco sou o bastante boa para eles?

— Não é isso.

— Então, o que?

Antes de poder se deter, Derek disse entre dentes:

— Porque vai casar te comigo.

A garota abriu os olhos de par em par e lhe brilharam de tanta raiva como sentia.

— Ah, este sim que é um giro inesperado. Diz que justo agora acaba de se desfazer de sua primeira esposa.

— Assim se sabe?

— Todo mundo sabe. — Nicole baixou a vista e, com movimentos bruscos, alisou-se o vestido.

— Me dê uma oportunidade. Deixa que explique isso. Por favor — suplicou ele ao vê-la tão decidida.

— O que me quer explicar? Estivemos juntos muito tempo, e nunca, nunca, disse-me que estava casado.

— Você nunca me disse que foi a herdeira de uma das maiores fortunas da Inglaterra.

— Não é o mesmo! Eu não fiz mal com meu silêncio!

Derek suspirou e lhe agarrou a mão.

— Tem razão.

Nicole pareceu surpreendida de que ele aceitasse sua parte de culpa, mas em seguida o dissimulou.

— Não quero escutar suas desculpas. Nada pode justificar o modo que me tratou. — Seus olhos adquiriram um brilho suspeito —. Deixe-me em paz — exigiu, tratando de soltar as mãos.

Ao ver que ele não a deixava, cravou-lhe o salto no pé e pôs-se a correr para o penteadeira de senhoras.

Derek correu atrás dela, sem importar a cena que estavam organizando. Um montão de matronas lhe interceptaram na porta.

— Esta habitação tem outra saída? — gritou.

— Sério, Sutherland, é você...

— Tem-na ou não? — insistiu ele.

— Sim!

Derek correu para as portas do jardim para chegar à saída traseira da ditosa habitação. Não demorou muito em ver as saias da Nicole afastando-se dali a toda velocidade. Teve que sorrir. Apesar de ir vestida como uma princesa, debaixo se ocultava sua Nicole de sempre. Pesadas pisadas de Derek a acompanharam todo o trajeto de volta a casa.

A jovem chegou a Mayfair e, depois de dobrar uma esquina, entrou na mansão mais impressionante de toda a maça.

Derek ficou maravilhado ante seu luxuoso lar. Como tinha conseguido encaixar Nicole naquele lugar tão diferente dela? Derek a seguiu e chamou com o pesado trinco. Esperou ansioso até que um velho mordomo lhe abriu a porta.

— Eu gostaria de ver A... lady Christina.

— Lady Christina não recebe visitas a estas horas — respondeu o ancião —. Quer deixar um cartão?

— Não, quero vê-la.

O homem se balançou sobre seus pés.

— Lady Christina não recebe visitas...

— Você o procurou — o interrompeu Derek, e o afastou, mas em seguida dois impressionantes lacaios que não pareciam muito amistosos saíram a seu encontro. Como era aquele dito que dizia que sua fortuna era proporcional ao tamanho de seus serventes? Pois bem, se isso era certo, à marquesa as coisas fossem extremamente bem. Derek lutou para soltar-se, mas de repente se ouviu um golpe seco no segundo piso.

Nicole estava ali, agachando-se para agarrar o livro que acabava de cair levou-se uma mão aos lábios mas a retirou com rapidez. Os homens também se voltaram para ouvir o ruído, assim Derek pôde vê-la bem. Estava completamente erguida, fingindo que não lhe importava nada tudo aquilo.

Derek esboçou um sorriso. Ela era dele. O fato de que ainda não tivesse assimilado que em menos de duas semanas estaria casada com ele o fez sorrir. E seguiu sorrindo quando aqueles dois gigantes o jogaram dali.

— Buscá-la-ei me em todos os lugares que vá, Nicole — gritou ele —. Estarei ali até a convencer a que fale comigo. E isto é só o princípio.

CAPÍTULO 27

A primeira hora da manhã seguinte, Derek já se estava tomando o café, impaciente por ir à mansão Atworth, mas sua mãe o reteve.

— Temos que falar.

— Pode esperar — disse ele, negando também com a cabeça.

— Não, não pode!

Derek a fulminou com o olhar, mas ela não se deixou intimidar.

— Quero te dizer que não há desculpa que justifique seu comportamento de ontem à noite. Tratar a lady Christina dessa maneira! Vi como a levava quase a arrastada até a terraço. Sei que passou por muitas coisas, mas tem que começar a assumir a responsabilidade de suas ações. Nada pode justificar o que fez.

— Ela é Nicole Lassiter.

Amanda franziu o cenho e quase se engasgou.

— O que? Não o diz a sério — quase gritou —. Ela é a garota pelo que estiveste suspirando desde que retornou? Isso é impossível!

— Passou meses em meu navio. Acredito que a reconheceria em qualquer parte.

Então apareceu Grant.

— Quem se passou meses em seu navio? — perguntou, servindo um café.

— Acredito que lady Christina — respondeu Amanda a meia voz.

— Lady Christina...? — Grant não entendia nada.

— É Nicole Lassiter — finalizou sua mãe.

Grant quase se afogou por culpa de um ataque de risada.

— Lady Christina é a filha do Lassiter? Vai casar com a filha do Lassiter? — Sacudiu a cabeça e pôs-se a rir.

— Se ela me aceitar.

— Estará ligado a seu pai para sempre — disse Grant secando os olhos —. Como vai superar isso?

Derek disse como se lhe doesse.

— Farei tudo o que seja necessário.

— Talvez não tenhamos que nos preocupar com isso — interrompeu Amanda —, a garota não parece muito inclinada a querer casar-se contigo.

— Descobriu que estava casado.

— Espera um segundo, eu estava ali — disse Grant —: Lydia se aproximou de lady Christina e lhe explicou que ela era a condessa do Stanhope.

Lydia e Nicole juntas?

— E como reagiu Nicole?

— Desmaiou.

Derek se passou uma mão pela cara. Deus, daria o que fosse por lhe haver economizado esse desgosto. Tinha que vê-la e explicar-lhe tudo. Amanda lhe acariciou o antebraço.

— Derek, me escute. Não sei tudo o que passou, mas não pode ir assim pelo mundo.

— Assim como?

Grant se alegrou de poder responder.

— Deixou uma parte da cara sem barbear, e suas botas não são do mesmo jogo.

Derek se olhou as botas, mas seguiu andando para a porta.

— Seja a que foi que aconteceu entre você e essa garota, isso não te dá permissão para te apresentar na mansão Atworth com esse aspecto.

Derek sabia que estava tão contente de voltar a vê-la que não tinha planejado muito bem sua estratégia. Mas é que... Sentia falta dela, e saber que não estava nem a dois quilômetros de distância o estava voltando louco.

— Já esperei o bastante.

— E ela? — perguntou Amanda.

— O que quer dizer com isso?

— Se ela for Nicole Lassiter, acredita que teve bastante tempo para recuperar-se de que a abandonasse?

— Vou A...

— Bom, já vejo que nem quer nem necessita meu conselho — disse sua mãe ofendida —. Volto-me para o Whitestone.

— Mas se ainda faltam várias semanas para que finalize a Temporada — assinalou Grant.

— Não importa — respondeu ela serena, sem apartar o olhar do Derek —. Me nego a ficar aqui se segue se comportando deste modo. Se for, ao menos não terei que passar a vergonha de ver como se põe em ridículo.

Derek se aproximou da porta, mas pôde ouvir perfeitamente como sua mãe suspirava e dizia a seu irmão.

— O amor o há idiotizado por completo. Se alguma vez se comportar assim, Grant, juro que te sacudirei.

Derek se plantou de novo frente aos degraus da mansão Atworth. Bateu na porta e, passados vários minutos, reapareceu o mesmo mordomo da noite anterior.

O homem conseguiu dissimular sua surpresa quando Derek exigiu:

— Quero ver a Nicole.

Respirou fundo e lhe disse:

— Neste momento não se encontra em casa.

Derek lhe sorriu e baixou a vista. Quando voltou a levantar a cabeça, disse em um tom de voz neutro:

— São sete da manhã.

— Não importa, ela não se encontra em casa.

— Vai dizer-me isso cada vez que venha, não é assim?

O homem fez um leve movimento de cabeça e repetiu:

— Ela não se encontra em...

Derek levantou a mão interrompendo-o.

— Já pilhei a idéia.

Decidido a não voltar a brigar com aqueles lacaios, despediu-se do mordomo e se foi. Logo que a porta se fechou, dirigiu-se à parte de atrás da mansão, onde viu um muro coberto de trepadeiras. Tomou ar e se dispôs a empurrar a grade, mas não fez muita força, pois esta se abriu com facilidade. Entrou e se aproximou da parte traseira da casa. Assim que chegou aos degraus que levavam a terraço, viu Nicole.

Apesar de ser tão cedo, ela estava sentada sob uma cerejeira, saboreando uns morangos e ignorando o chá e o periódico que tinha diante. Estava observando o jardim, mas parecia absorta em seus pensamentos, como se na realidade não o estivesse vendo.

Nicole se inclinou na cadeira e, em sua mente, repetiu os sucessos da noite anterior. Sutherland não lhe tinha pedido perdão, nem sequer lhe tinha pedido que se casasse com ele. Limitou-se a ordenar-lhe. Mas de novo, e contra todo prognóstico, as lágrimas se negavam a aparecer.

Nicole não entendia o que havia possuído a esse homem para atuar daquele modo. Audaz e atrevido eram dois adjetivos que ficavam curtos. Estava chateadíssima. Todos aqueles sonhos nos que imaginava de joelhos, lhe suplicando que o perdoasse, não se tinham completo absolutamente; ele tinha limitado a exigir que recuperassem algo que tinha quebrado sem nenhuma consideração.

Como se fosse aceitar casar-se com ele! Ela tinha um montão de pretendentes, pretendentes que a tinham ajudado a curar seu orgulho ferido. Escolheria a um deles e viveria uma vida tranqüila e estável. Obteria que funcionasse. Mas não se Sutherland seguia organizando essas cenas. Sua avó passou anos preocupada se por acaso Nicole saberia comportar-se em sociedade, e agora um renegado conde ia arruinar sua reputação.

De repente, Nicole ficou gelada. Pela extremidade do olho, perto da casa, pôde ver... Não, não podia ser. Deu-se meia volta. Sutherland!

Já não se surpreendeu voltar a sentir aquele nó no peito ao vê-lo, mas se rebelou contra ele de todos os modos. Obrigou-se a não lhe olhar, levantou-se da cadeira e se dispôs a fugir. Mas quando passou junto a ele Derek lhe agarrou a mão.

— O que está fazendo, Sutherland?

— Vamos nos casar.

Outra vez não. Ela sentiu que lhe entrava um ataque de pânico.

— Ficou louco?

— Não, de fato não estive tão lúcido em toda minha vida. Vou levar você a Gretna Green.

Nicole ficou boquiaberta, mas por fim recuperou a fala.

— Nem sonhe! Por que ia casar-me contigo quando não posso nem vê-lo? — E por que não conseguia parecer convincente ao dizer?

Derek levantou uma mão e afastou uma mecha de cabelo da frente. Depois de um primeiro intento fracassado, a garota não tratou já de apartar-se dele. Tanto lhe tinha sentido falta? Tanto como para que com uma mera carícia ele conseguisse tranqüilizá-la?

— Confia em mim, você não quer se casar com um desses presumidos. Não são os bastantes homens para você.

Disso Nicole não tinha nenhuma dúvida.

— E você sim?

— É obvio que sim.

Seria arrogante! Nicole se envergonhou de si mesma, pois lhe escapou outra mecha de cabelo e Derek a conquistou com outra suave carícia. Não podia pensar quando fazia isso, e ele sabia.

O conde aproveitou que ela se acalmou e a agarrou da mão para levar-lhe dali.

— Falaremos na carruagem.

— Não — gemeu ela e se separou dele —. Não vou casar-me contigo. Embora quisesse fazê-lo, que não quero, não pode aparecer aqui e se comportar como se eu lhe pertencesse. Tenho uma família, e obrigações que cumprir. Ocorreu-te pensar que talvez eles queiram estar presente o dia que me case?

— Então nos casaremos duas vezes.

— Repito-lhe isso, não vou A...

Chapman apareceu pelas portas do jardim e anunciou sua presença pigarreando a garganta.

— Está você bem, senhorita? Quer que vá procurar à marquesa?

— Não! Não é necessário!

— Está aqui? — perguntou Derek.

Chapman soltou o ar e assinalou uma porta com a cabeça, e, antes de que Nicole tivesse tempo de protestar, Derek a arrastou nessa direção. O que pensaria sua avó se aquele homem enorme irrompia na paz de seu tranqüilo salãozinho?

Nicole também se perguntava por que quase não se estava resistindo, por que lhe seguia o jogo em toda aquela loucura.

Chegaram à porta do salão e Derek gritou à marquesa:

— Milady...

— O que quer? E não estou surda — disse ela sem levantar a vista, deixando assim claro que seu bordado de ponto de cruz lhe parecia muito mais interessante.

Derek não duvidou nem um segundo.

— Meu nome é Derek Andrew Sutherland, sexto conde do Stanhope, e me levo a sua neta a Gretna Green para me casar com ela.

A marquesa suspirou impaciente.

— Se isso for o que quer...

Derek, atônito, deteve-se um momento:

— Seria muito pedir que lhe mandassem um pouco de bagagem ao Bickham Inn esta noite?

Sua avó assentiu como se acabasse de lhe pedir que lhe passasse o sal.

Nicole abriu os olhos como pratos e, aproveitando sua surpresa, Derek voltou a atirar ela para a saída. Nicole olhou para trás e ficou sem fala.

A marquesa lhe estava sorrindo.

— Não sei — disse Derek colocando a Nicole na carruagem —, mas acredito que a essa velha danada meio simpática. — Falava depravado, como se estivessem conversando à hora do chá. E isso fazia que a Nicole resultasse impossível concentrar-se. Queria soar razoável, lhe dizer que eles dois não tinham nada em comum, mas nervosa que estava ao seu lado pareceria uma louca.

Nicole recordou si mesma que estava chateada por como a tinha tratado, por ter assumido que, sem mais, ia casar se com ele. Esse pensamento lhe fez ferver o sangue.

— Isto é um seqüestro! Igual a antes! E não lhe vou permitir isso. Outra vez não, não vindo de você.

— Não é um seqüestro. Estamos fugindo — a corrigiu ele do mais razoável.

— Fugir? Não vou casar-me contigo. Não o farei! Não confio em você! Já me abandonou uma vez! — Por fim lhe quebrou a voz e enormes lágrimas começaram a rodar por suas bochechas —. Nunca nada me tem feito tanto dano, e não permitirei que volte a me acontecer jamais.

CAPÍTULO 28

— Abandoná-la... Quase acaba comigo — explicou Derek enxugando uma lágrima da bochecha. Viu como lhe tremia o lábio inferior, e acrescentou com suavidade —: Mas tinha que ir. Se estiver disposta a me escutar, eu gostaria de contar por que.

Nicole não disse nada.

— Por favor, só deixa que lhe conte isso. Jamais contei a ninguém o que vou dizer. Grant o suspeita, mas nunca o confirmei.

Nicole soltou o ar e disse:

— Está bem, conta-me

Ao ouvir esse tom tão militar, Derek teve que morder o lábio para não sorrir e logo tomou ar:

— William, meu irmão mais velho era o herdeiro, e não era uma boa pessoa. Era um libertino e um déspota, certamente por culpa de minha família e do serviço de minha casa, que o tratava como se fosse um deus. Além disso, aos olhos de meu pai, William não podia fazer nada de mal.

Derek desviou a vista para ver se Nicole o estava escutando.

— Continua.

Ele arqueou uma sobrancelha e prosseguiu:

— William morreu em um duelo estando bêbado e, pouco tempo, apareceu à filha do lorde vizinho dizendo que estava grávida do filho do William.

Quando fez outra pausa, Nicole lhe deu uns pequenos golpes na mão para que seguisse com a história. Quase já tinha deixado de chorar.

— Mas esse menino não ia ser um bastardo? — interrompeu-o Nicole, que já estava cativa do relato.

Derek demorou vários segundos em responder.

— Aí é onde entrei eu em cena — explicou sem emoção alguma.

— OH, não — exclamou ela ao compreender sua dor e o que lhe estava dizendo.

— Em princípio, minha mãe estava contra que me casasse com ela e fingir que esse filho era meu, mas ao final, todos sentiram lástima da jovem e me empurraram ao matrimônio. Inclusive eu me sentia responsável por ela. Estava ressentido com William por me fazer isso... Sempre me tocava arrumar seus despropósitos. E tudo parecia indicar que teria que me fazer cargo de sua última obrigação durante o resto de minha vida. Mas como já te disse, ela me dava pena e aceitei contrair matrimônio.

— E você queria ter filhos? O que teria passado se tivesse tido seu filho?

— Tem que entender que meu pai queria William por cima de todas as coisas.

Quando Nicole assentiu, Derek continuou:

— Em nossa noite de bodas, e durante as seguintes, ela se negou a compartilhar o leito marital dizendo que não se sentia bem a causa do embaraço. Mas essa primeira noite me pediu que ficasse com ela para eliminar qualquer suspeita, e eu aceitei. Uma semana mais tarde, disse-me que já estava lista para converter-se em minha esposa, mas essa noite, quando cheguei a casa, encontrei uma carta anônima. A caligrafia era muito má e continha muitas falhas ortográficas, assim estou seguro de que a escreveu alguma das donzelas. Na carta dizia que ela não tinha querido deitar-se comigo porque estava tendo a menstruação.

— Mas e o bebê?

— Não havia nenhum bebê. — Viu que Nicole ficava boquiaberta, mas continuou —: Pus-me furioso e fui procurá-la, mas ela negou tudo e jurou que estava grávida. Foi muito convincente, mas logo tratou de me seduzir desesperadamente. E então soube. Depois de nos gritar e nos ameaçar durante horas, ela por fim admitiu a verdade, bom, melhor digamos que se desfrutou dela. Reconheceu que tinha enganado a toda a família. Contou-me que seu pai tinha problemas financeiros e que, juntos, tinham decidido que ela se convertesse na próxima condessa do Stanhope. Também me disse que a morte do William foi uma bênção, pois, apesar de que se deitavam juntos, ele não pensava casar-se com ela.

— OH, Meu Deus...

— Vai o pior. Também me deixou entrever, embora nunca pudesse demonstrá-lo, que ela tinha orquestrado os sucessos que causaram a morte do William; e que inimizou a aqueles dois homens de propósito. Foi então quando vi essa frieza em seus olhos. Lydia é uma mulher... Desumana. Jamais soube se ela disse isso para me fazer ainda mais dano ou se era verdade. Como não sabia com certeza, não pude entregá-la às autoridades. Ameacei-a com a anulação, mas me disse que se dizia que não me tinha deitado com ela ninguém ia acreditar-me. Ela deixava haver muito de ser uma garota virginal, e eu tinha passado a noite de bodas em nossa habitação. Além disso, todos acreditavam que Lydia era uma beleza.

— E o que me diz do divórcio? — perguntou Nicole indignada.

— Em minha família sempre se acreditou que é preferível a morte ao divórcio, mas a ameacei fazendo. E ela contra-atacou dizendo que isso mataria a meu pai que, do falecimento do William, debateu-se entre a vida e a morte. De fato, antes de morrer fez jurar que sempre me ocuparia do “amor” de William. Estava apanhado, não podia fazer nada. Podia romper aquela promessa e ferir mais a minha família ou seguir casado com a Lydia. Meu caminho estava claro, mas jurei que morreria antes que permitir que uma mulher como ela tivesse meu filho. Jurei-lhe que jamais me converteria em seu marido. E nunca o fiz. Quando retornei da Austrália, Lydia estava grávida de um lorde estrangeiro. Disse a todo mundo que eu não podia cumprir com minhas obrigações maritais.

Nicole fez um ruído de total incredulidade pelo que Derek se sentiu muito adulado e logo perguntou:

— E não podia me haver contado tudo isto em Sydney em vez de me abandonar?

— Dava-me conta de que era um miserável bêbado. E me convenci mesmo que se eu fosse, iria se esquecer de mim e encontraria a alguém melhor. Merecia muito mais do que eu podia te dar; casar, ter filhos que não levassem o estigma da ilegitimidade. Tentei fazer o correto. — Olhou-a aos olhos e lhe agarrou a mão —. Se dissesse que iria e você me dava o mais mínimo sinal de que queria que ficasse não teria sido capaz de me separar de você.

Derek notou que Nicole começava a abrandar-se. Logo viu como refletia e começava a juntar as peças.

— E se deu conta disso justo no dia em que apareceu Chancey?

Derek não disse nada. Não queria lhe causar problemas a aquele homem, mas tampouco queria voltar a lhe mentir a Nicole.

Ela sacudiu a cabeça.

— Agora entendo por que um dia antes de partir Chancey me olhasse como se quisesse me dizer algo — disse a si mesma —. E de retorno a casa parecia sentir-se tão culpado.

Derek se manteve em silêncio.

Nicole, insegura, atreveu-se a perguntar:

— E o que me diz da bebida?

— Acredito que em algum lugar de minha mente decidi que ia recuperar inclusive antes de ser consciente disso. Deixei de beber a metade de caminho de retorno a casa; queria ser um bom homem, um bom marido para você. Não tomei nenhuma gota após — disse sério.

— OH, Derek... — suspirou ela abraçando-o.

— Vai casar comigo? — expôs ele a modo de pergunta, embora estivesse seguro de sua resposta. Era como se estivesse anunciando algo já decidido. Quando Nicole se afastou e o olhou nos olhos, disse —: Tem que sentir-se como eu; dentro de você sabe que isto está certo. Nicole, você e eu nascemos um para o outro.

Nicole sabia. Quando ele lhe disse que iam casar se foi como se as peças de um quebra-cabeça por fim encaixassem por completo.

Derek interpretou mal seu silêncio, porque disse:

— Só o direi uma vez mais: não quer se casar com um desses imbecis. Não pode nem entender quão desgraçado pode ser um mau matrimônio. Tem que me acreditar, eu passei por isso.

Nicole olhou seus olhos, tão sérios e cheios de dor. Quanto devia ter sofrido naqueles cinco anos! Podia confiar nele? Já lhe tinha feito mal uma vez. Mas ao olhar soube que a amava, apesar de que ele não o havia dito jamais. Ia beijar lhe para tranquilizá-lo, mas então se lembrou de sua atitude ditatorial dessa mesma manhã.

Antes tinham que estabelecer certas normas.

Nicole se separou dele e adotou o tom que utilizava para os negócios.

— Eu advirto — disse isso séria —, não serei uma esposa convencional.

Derek também ficou sério.

— Eu tampouco serei um marido convencional.

— Não permitirei que me seja infiel.

— Não serei infiel, e tampouco permitirei que você o seja.

Ela o olhou como se desse por fechadas as negociações e acrescentou:

— Não quero viver na Inglaterra.

— Eu tenho que fazê-lo — respondeu ele com um tênue sorriso —. E como não vou permitir que vá, você também terá que fazê-lo. — Ao ver que Nicole se mordida o lábio inferior, acrescentou —: Mas podemos ir a América tão freqüentemente como quer, embora acredite que você gostará de viver em Whitestone. E, ao fim e ao cabo, suas raízes também estão nestas terras.

Não gostava da idéia, mas sabia que no fundo tinha razão. Além disso, da Inglaterra podia ajudar a seu pai e a Maria.

— Não quero ter uma dúzia de filhos — disse inclinando a cabeça —. Mas dois estariam muito bem, acredito.

Derek se deteve um segundo e logo acrescentou:

— De acordo, por agora. Mas me reservo o direito de voltar a lhe perguntar isso quando tiver nascido nosso primeiro filho.

“Nosso primeiro filho. O filho do Derek.”

— De acordo. — Aquilo estava sendo muito fácil —. Quero que meu pai sempre seja bem-vindo em nossa casa, assim como Chancey e Maria.

— Chancey e Maria o serão — aceitou Derek.

— Sutherland... — advertiu-lhe Nicole. Deus, seu pai a mataria quando soubesse que se casou com ele.

— Seu pai também será bem-vindo.

Nicole supôs que isso era suficiente no momento e sorriu para dar por concluída a conversa.

Um olhar faminto iluminou o rosto do Derek. A garota viu o desejo que havia em seus olhos justo antes que seus lábios se apoderassem dos dela. Sentiu como esse desejo governava o corpo do homem e sua língua a excitou imediatamente. A respiração de Nicole acelerou e o buscou com as mãos.

Derek sorriu junto a seus lábios e ela se afastou.

— O que acontece?

— Você, Nicole — disse ele lhe acariciando o cabelo e a cara —, que é um tesouro.

Sem entender a que vinha isso, ela sorriu e ele voltou a beijá-la.

Derek atirou do vestido e deixou seus seios ao descoberto.

— O que está fazendo? — murmurou ela.

— Estou fazendo amor.

Nicole se tornou para trás e franziu o cenho.

— Não pode me fazer amor em uma carruagem.

— Deixa que ensine que sim posso — respondeu ele com aquela voz baixa e decidida que a fazia derreter-se por dentro.

— Eu não posso fazer amor contigo aqui, agora. — Nicole estava disposta a manter-se firme.

— Não finja que não me deseja tanto como eu a você — sussurrou ele excitado.

— Claro que desejo — respondeu ela exasperada, e ele sorriu —. Mas fazer amor contigo fora do matrimônio foi meu primeiro engano, e não voltarei a repeti-lo — afirmou Nicole dando por terminada a conversa.

Derek lhe agarrou a mão e a levou até as calças, onde a colocou em cima de seu duro membro.

— Sente isto? — perguntou ele como se lhe doesse —. Levo quatro meses sem estar dentro de ti. Sabe quanto necessito?

Nicole fraquejou, mas conseguiu reter um ápice de determinação. Foi suficiente.

— Não me faça isto, Derek. Quero começar de novo contigo...

De repente, aquelas enormes mãos que a sujeitavam pela cintura a levantaram e a colocaram no assento. Ao escutar o gemido dele, uma parte dela se sentiu ofendida e outra enormemente adulada. Logo a soltou. Nicole abriu os olhos e viu que estava sentada no outro extremo da carruagem.

— Ao que parecer, não posso negar nada a você — disse ele mais ou menos tranqüilo, apesar de que tinha a cara tensa e os punhos apertados.

Nicole começou a conversação, principalmente para deixar de pensar no que tinha acariciado com sua mão uns segundos antes. Passado um momento, Derek também se relaxou e conversou com ela. Nicole não demorou muito em voltar para seu regaço, onde se sentou enquanto lhe acariciava o cabelo. Passaram-se horas falando do que gostavam e do que não, do muito que ambos desejavam formar uma família. O conde não deixava de lhe perguntar por sua infância e sua vida em geral.

Era muito carinhoso, igual em Sydney, e ela se lembrou em seguida de quão felizes tinham sido ali. Também das noites, daquelas selvagens e tórridas noites. Para dissimular, perguntou-lhe:

— Por que se interessa tão de repente?

Derek lhe colocou uma mecha detrás da orelha.

— Antes, uma parte de mim não queria conhecê-la melhor. Suponho que sabia que se o fazia não poderia a deixar partir.

Ela o olhou embevecida. Ele a amava. Talvez não o houvesse dito, mas a amava.

Derek lhe devolveu o sorriso e lhe disse:

— A vá, me conte por favor, como uma jovem vestida de marinheiro com certo sentido para a navegação é de uma vez uma futura marquesa.

— Supunha-se que ia retornar a Inglaterra para seguir os passos de minha avó, mas consegui convencer meu pai de que me permitisse ficar com ele e que me ensinasse a navegar. Isso foi até que fiz dezoito anos e fiquei sem argumentos — a admitiu franzindo o cenho —. Durante o tempo que estive navegando, minha avó utilizou toda sua influência para difundir essa historia sobre mim para proteger assim minha reputação.

— Acredito que isso do medo a viajar lhe dá um toque muito clássico.

— Eu também! — sorriu ela —. Foi muito divertido quando eu disse à avó que você sabia a verdade. Essa noite, ela e Chapman não deixaram de passear-se pelo salão, perguntando-se o que podiam fazer. Até que, de repente, minha avó teve uma idéia.

— E qual era?

— Chapman — disse Nicole imitando a sua avó —, talvez deversem lhe matar.

Depois de passar-se cinco dias viajando e cinco noites dormindo em hospedarias de estrada em habitações separadas, ao Derek e a Nicole só interessava celebrar suas núpcias de um modo concreto. Minutos depois da cerimônia, estavam já de retorno em sua habitação e Nicole ainda tinha lágrimas nos olhos pelas

promessas que lhe tinha feito. Depois de assinar juntos todos os documentos, esse olhar tão fera e elementar se instalou nos olhos do Derek e ambos ignoraram a todos os que os felicitaram.

A paixão dele acendia a dela. Logo que fecharam a porta, sem dizer nenhuma palavra, e se equilibraram o um sobre o outro. Ela atirou da roupa dele, brigou com os botões de sua camisa, detendo-se só para jogar os braços para trás e que ele pudesse lhe tirar também o vestido.

— A passeio com isto — gemeu ele, rasgando a roupa que ainda usava Nicole, para assim ter por fim acesso a seus seios.

— Derek. — Ao sentir o primeiro beijo, disse seu nome como uma prece.

— Deus, quanto senti falta de você — o murmurou com seu quente fôlego em cima de um de seus seios antes de passar ao outro —. Não posso acreditar que esteja aqui. Comigo.

—OH, Derek... Quero que esteja dentro de mim — sussurrou ela —. Agora mesmo, podemos?

O gemeu do mais fundo de sua garganta enquanto suas mãos se metiam debaixo do vestido em busca das meias. Percorreu-lhe as coxas com os dedos, e atirou do delicado material até também rompê-lo. Nicole sentiu como sua mão retornava ali e seus dedos começavam a recrear-se em sua umidade.

— Por favor... — gemeu ela.

Derek lhe levantou o vestido e a levou até a parede de uma vez que se desabotoava as calças. A mão da Nicole saiu em sua busca e acariciou seu sexo até atraí-lo para ela. Ia guiar o onde queria, mas Derek pôs uma mão em cima da sua e a guiou até que seu membro descansou em cima dela. moveu-se acima e abaixo. Uma vez, duas. Nicole gemeu seu nome quase em êxtase e ela mesma se surpreendeu do quão rápido se excitou.

Colocou uma mão na nuca e a penetrou antes que deixasse de estremecer-se.

— Volta-me louco — disse Derek sujeitando-a pelos quadris —. Passei quatro meses morrendo por você — sussurrou contra seus lábios.

Ela voltou a gemer seu nome, e ele empurrou uma e outra vez sem levá-la ao orgasmo, mas sim cada vez a consumia mais e mais.

Afundava-se em seu interior sem descanso, aproximava-a do limite... Chegando a bordear a dor. Nicole tentou agüentar. Tentou acariciá-lo para lhe dar assim mais agrado. Nesse instante final, quando ele estava já extremamente excitado, quando aqueles roucos gemidos saíam de sua garganta, Nicole perdeu o controle e sentiu como Derek fazia o mesmo e a enchia de calor.

CAPÍTULO 29

Apesar de que se passaram três dias em Escócia, na cama, nem Derek nem Nicole queriam abandonar o paraíso daquela habitação e retornar à realidade. Chovia muito, enquanto que dentro estavam quentinhos e podiam seguir aninhados à luz do fogo.

— Ser um marido — disse Derek lhe percorrendo com o reverso dos dedos as coxas —... É bastante fácil.

— Sério? — suspirou Nicole lânguida e relaxada como fazia tempo que não se sentia. De fato, da última vez que tinham estado juntos. Necessitava o que só ele podia lhe dar. Ali, tombada sobre seu estômago, ligeiramente apoiada nos cotovelos e comendo as uvas que lhe dava seu marido.

— Com uma mulher adequada — acrescentou com um sorriso —. Suponho que não tem nem idéia do efeito que tem isto — lhe percorreu as costas com um dedo —, ou isto — fez o mesmo com seu traseiro —... Em seu ancião marido.

Nicole baixou a vista e viu a ereção que fazia que o lençol parecesse uma loja de campanha. Ia ocupar se disso...

Durante essa tarde, quando não estavam fazendo amor, tinham desfrutado de um excelente almoço a base de medalhões de vitela que os empregados da hospedaria lhes levaram no quarto. E agora estavam de novo tombados na cama, comendo fruta, e Nicole pensou em toda a noite que estava por diante.

— Acredito que deveríamos ir à Itália em lua de mel. Poderíamos ficar ali um par de meses.

— Meses? — Nicole agarrou outra uva de entre os dedos do Derek —. Já sabe que tenho que retornar para ajudar a meu pai e a Maria.

Derek franziu o cenho.

— Não, não sabia — confessou, apartando a mão —. Nicole, seu pai procurou ele sozinho esses problemas, não deveria pretender que você os solucionasse.

— Não o fez. — Nicole se sentou e se tampou com o lençol —. Ele nunca aceitará uma libra que provenha de mim. Mas eu quero lhe ajudar.

— Sabe que lhe ajudando prejudica a ele? — perguntou-lhe com um estranho olhar fixo em seu rosto.

Nicole supôs que fossem ter sua primeira briga de casados. Apenas três dias depois da cerimônia.

— O que pensa que pode fazer para lhe ajudar? — quis saber ele depositando a bandeja de comida na mesa que havia junto à cama —. Disse-me que agora Maria era sua sócia.

— Eles necessitarão a alguém na Inglaterra. Eu posso me ocupar de seus negócios aqui...

— Em outras palavras, brigar com seus credores. Agora é uma condessa, e se pensa que vou permitir que minha esposa discuta com essa panda de animais é que está louca. E muito menos se tratar de uns credores que querem liquidar a minha pior competência.

— Não posso acreditar que acabe de dizer isso — disse ela lhe olhando doída antes de saltar da cama para começar a vestir-se.

Derek se aproximou. Nicole tinha esquecido quão perigoso podia chegar a parecer. Mas com voz doce e razoável, explicou-lhe:

— Nicole, não pode trabalhar com ele porque dentro de muito pouco já não ficará nada com o que fazê-lo.

Nicole quase lhe disse que tinham conseguido novo financiamento, mas não queria trair a seu pai. Queria impressionar ao mundo inteiro, incluído seu incrédulo marido, quando a naval Lassiter voltasse com mais força que nunca.

— Você já não tem nada que ver com essa companhia — insistiu ele apertando a mandíbula —. E ponto. Esperava um pouco mais de lealdade por parte de minha esposa. Maldita seja. Deixa que seu pai saia sozinho de tudo isto.

— Não pode chegar a um meio termo? Poderíamos encontrar o modo de que não competissem tão diretamente...

— E por que sou eu o que tem que sacrificar algo e chegar a um meio termo? — soltou Derek. Levantou-se e também começou a vestir-se —. Tem que decidir a quem pertence sua lealdade. Cada segundo que ajuda a ele é um segundo menos que está comigo.

— Assim não só se trata das navais, equivoco-me? Quer minha lealdade e pensa que não podem tê-la ambos. — lembrou-se de que ela tinha decidido lhe ocultar ao Derek que seu pai tinha conseguido novos recursos e quando este quis falar, deteve-o —. Não me peça que escolha. Por favor, não me peça isso agora.

Seu marido a olhou aos olhos. Ela prosseguiu:

— Não me peça que escolha entre você, que está sendo um mandão irracional, e meu pai e Maria, que foram me buscar quando você me abandonou. — Escorregou-lhe uma lágrima pela bochecha.

Os olhos do homem se abriram um pouco mais e se aproximou dela para lhe secar a lágrima.

— Maldita seja, Nicole. Esta discussão saiu de contexto. Eu... — suspirou fundo —... O sinto. Não sei o que me passa, quando estou junto a ti me comporto como um idiota. Suponho que é porque me sinto inseguro.

— Inseguro? Quando dei motivos para que duvide de mim?

— Não o fez. Mas depois do que eu fiz... Pergunto-me se alguma vez poderá me perdoar.

— Assim quer que para estar seguro, para estar seguro do que sinto por você, quer que escolha a você por cima de minha família? Não basta que me tenha casado contigo?

— Só o fez porque a arrastei até o altar.

— Se pensa que me obrigou a me casar contigo, é que não me conhece absolutamente. Fi-lo por que estou convencida de que podemos ser felizes juntos. Mas só se for uma pessoa razoável e respeitas meus sentimentos.

— Sinto muito, amor. Esqueça.

— Eu gostaria de pensar que, se necessitasse, estaria disposto a ajudar a meu pai.

Derek sacudiu devagar a cabeça.

— Me peça o que queira menos isso. Isso eu não o farei jamais.

O que subjazia nessas palavras fez que Nicole se desse conta de quão profundo era o ódio que existia entre ambos homens. Por que lutar contra ele? Seu pai também tinha provocado Derek; a própria Nicole o tinha visto. E este não ia comportar-se como um adulto e ser o primeiro em enterrar a tocha de guerra.

Mas mesmo assim, pensar nos certos golpes que seu pai tinha atirado a Peregrine fazia impossível carregar todas as culpas a Derek. Nicole não pôde deixar de sentir; nem sequer quando lhe acariciou a frente para lhe apagar as rugas que tinha de tanto franzir o cenho. A jovem tinha medo de dizer a seu pai que casado com seu pior inimigo, um inimigo que não tinha intenção alguma de deixar de sê-lo.

Derek não podia continuar assim. Já tinha feito mal a Nicole e não queria voltar a fazer. Agora ela era sua esposa; uma preciosa e valente mulher disposta a amá-lo. Não queria pensar que ele era o único obstáculo para sua completa felicidade.

Inclusive agora, de retorno a sua casa, não deixou de pensar nela, que olhava através da janela da carruagem pensativa, ou já estava arrependendo-se de ter se casado com ele? Derek sabia que estava preocupada com a naval do Lassiter. E sabia que a angustiava ter que dizer a seu pai que se casou com ele.

Chegaram a sua casa e, depois de apresentá-la a seus empregados, viu que tentava dissimular um bocejo. Derek se ruborizou; não lhe tinha ocorrido pensar que entre o pouco que dormiam de noite e o comprido viagem estivesse cansada.

Não esperou nem um segundo mais e a agarrou em braços para levá-la a sua habitação.

— Derek!

— vou deitá-la.

— É meio-dia. Não posso ir já dormir. — Entraram na habitação e Nicole voltou a bocejar —. Bom, talvez... — Olhou as espaçosas paredes com painéis de mogno —. É seu quarto.

Acaso não queria dormir com ele?

— E isso é ruim?

— Não, eu gosto de estar aqui. Não sei por que estou tão cansada.

— Porque temos feito amor sem parar durante três dias — disse ele depois de tombá-la na cama e começar a lhe desabotoar os botões —. Inclusive uma mulher tão luxuriosa como você tem seus limites. — Tirou-lhe o vestido pela cabeça e a beijou no pescoço —. Todo mundo precisa descansar depois de umas noites assim.

Nicole acabou de despir-se até ficar com sua roupa íntima.

— Será só um momento, mas logo tenho que ir ver meu pai. É certo que já retornaram — manifestou triste, com um tom de voz letárgico.

Derek a cobriu com a manta e observou como se aconchegava em sua cama. Gostava de vê-la ali. Deu-lhe um beijo na fronte.

— Já sei. Falaremos quando despertar.

Deixou-a e foi ao seu estudo. Ficou absorto em seus pensamentos, olhando pela janela. Maldita fosse, não queria que Nicole se sentisse assim! Sim, de acordo, comportava-se mais ou menos como antes, mas não era feliz. Tinha-lhe jurado que trataria de ser um bom marido, um marido sóbrio, e Derek sabia que tinha acreditado. Mas Nicole necessitava mais.

Desabou-se em sua poltrona.

Embora ele quisesse pôr fim à animosidade que havia entre ele e Lassiter, o que podia fazer? A diferença de Nicole, Derek não acreditava que para Lassiter bastasse uma desculpa e um apertão de mãos. Sim, havia coisas que era melhor fazer sozinho.

Em Sydney, Nicole lhe disse que acreditava que era um bom homem, e ele também começou a acreditar. Mas ultimamente não lhe estava dando muitos motivos para que seguisse pensando assim. Se não mudasse, perdê-la-ia. Assim eram as coisas. E Derek não podia imaginar-se viver sem ela.

CAPÍTULO 30

Nicole despertou uma hora mais tarde, incapaz de dormir nem um minuto mais. Levantou-se e se vestiu. E, antes de ir em busca de seu marido naquela enorme mansão, lavou e se penteou um pouco. Um servente lhe disse que fazia dez minutos que Derek tinha saído e que não acreditava que retornasse até à hora de jantar.

Teria ido se ocupar de algum negócio. Nicole suspirou. No fundo de seu coração, sabia que seu marido acabaria entrando em razão. Por isso tinha aceitado dar por resolvida aquela discussão. Mas ele se foi antes de acompanhá-la a ver seu pai e nem sequer lhe tinha dado um beijo de despedida. Ia ter que enfrentar a Lassiter sozinha.

Depois de uma curta viagem em carruagem, Nicole se plantou diante do Griffin. Chancey saiu a recebê-la. Bom, mais ou menos, porque o que fez foi lhe indicar que se mantivera em silêncio e que o seguisse cômodo que havia justo diante do salão, e logo a deixou sem dizer nenhuma palavra.

Podia ouvir como na habitação do lado acabava de começar uma conversa entre seu pai e... Seu marido! Chancey queria que escutasse o que fossem dizer?

— O que quer? — repreendeu Lassiter.

Nicole escutou como Maria tentava acalmá-lo.

— Jason...

Ante sua surpresa, seu pai se tranqüilizou um pouco.

— Está bem, por que veio?

A brasileira acrescentou:

— Capitão Sutherland, sentimo-nos muito honrados por sua visita.

— E eu de que me tenham recebido — respondeu Derek.

Seu pai parecia muito zangado.

— Estamos esperando, diga o que tenha que nos dizer e vá-se daqui.

Derek respirou fundo.

— Eu quero... Preciso... De sua ajuda — disse por fim.

Lassiter se pôs a rir. Nicole não podia acreditar que o homem ao que pertencia aquela risada horrível fosse seu pai.

Ouviu-se a Maria por cima daquelas gargalhadas.

— No que podemos lhe ajudar?

— Preciso que me ajudem com a Nicole.

Para ouvir isso, Lassiter ficou mudo. E logo começou a gritar:

— O que lhe fez?

Seguro que se equilibrou sobre o Derek, porque Nicole pôde ouvir como se rompiam alguns copos. Ia abrir a porta quando ouviu a Maria.

— Jason!

E a habitação voltou a ficar em silêncio.

Nicole retrocedeu.

— Obtive a anulação e me casei com ela.

De novo voltou a ouvir um furioso ataque. Esta vez se ouviu também um murro e Nicole se aproximou correndo à porta. Chancey, que estava em metade do corredor, deteve-a e a olhou arqueando as sobrancelhas.

— Sim, casei-me com ele.

Chancey lhe sorriu satisfeito e, depois de colocar um dedo diante de seus lábios para lhe indicar que se calasse, pegou-se à parede para escutar o que acontecia. Nicole olhou a ambos os lados e, levantando as mãos exasperada, fez o mesmo.

— Casei-me com ela na semana passada — disse Derek com uma voz muito estranha.

Chancey lhe perguntou com gestos se acreditava que seu pai lhe teria quebrado o nariz. Nicole sacudiu a cabeça, e se deu uns pequenos golpes na mandíbula.

— Talvez devesse nos explicar o que ocorreu desde que fomos — disse Maria em um tom que não admitia nenhuma negativa. Conseguiu manter a raia ao Lassiter enquanto Derek contava tudo, ou quase tudo, o que tinha acontecido durante as últimas duas semanas.

— E isso me leva a minha visita de hoje, a lhes pedir que me ajudem — acabou Derek, zangado por lhes haver tido que contar toda a história.

— Por que deveríamos fazê-lo? — disse seu pai condescendente. Mas acaso não soava sempre assim?

— Porque quero lhe dar tudo o que necessite para ser feliz comigo. Porque quero compensá-la por me haver levado como um...

— Imbecil? — Isso o disse Maria.

— Sim, um imbecil. — Parecia que lhe estivessem arrancando as palavras.

— Bom, e o que podemos fazer? Não me ocorre no que posso ajudar — disse seu pai ao Derek.

— Nicole tem medo de lhe dizer que se casou comigo, e está preocupada com sua naval. Eu já lhe disse que nos casamos, assim que você não pode zangar-se com ela, porque eu jamais me teria rendido. A teria açoitado até conseguir que dissesse que sim. E, no que se refere à naval... — Fez uma pausa. Nicole podia imaginar o passando-a mão pelo cabelo, coisa que fazia quando se sentia frustrado ou nervoso —. O único que me ocorre é que lhes empreste dinheiro.

— Me emprestar dinheiro?

— Sei que a perda do Bela Nicola lhe deixou com a água ao pescoço. Se me permitir que lhe ajude com a naval, seguro que pode manter a raia aos credores até recuperar-se um pouco.

— Vamos ver se o entendi, você quer me emprestar dinheiro para assim fazer feliz a minha filha.

— Ela se preocupa com você. A não ser que tenha uma idéia melhor, isso é exatamente o que lhe proponho. — De novo, quão único recebeu como resposta fossem umas sonoras risadas.

Maria se aproximou do Derek.

— Capitão Sutherland — disse em um tom mais amável —, a naval do Lassiter recebeu novo capital. Administramos tudo desde Cidade do Cabo, e eu estou ajudando a Jason com a contabilidade e as finanças. Acredito que agora a companhia é muito mais solvente que antes.

— É certo, capitão. Não queremos seu dinheiro, e não o necessitamos.

“Papai!”

— Jason, seja mais simpático — disse a mulher —. Já te esqueceu que este homem salvou a vida a Nicole?

— Também a comprometeu. Enquanto seguia casado com outra mulher.

Derek voltou a falar.

— Isso foi mau, reconheço-o.

— Mas estava tão apaixonado por ela que não pôde evitá-lo? — disse Maria por ele.

A habitação ficou em silêncio. Nicole acreditou inclusive que lhe tinha parado o coração e conteve a respiração. O que ia dizer? De verdade estava apaixonado por ela?

Logo, Derek respondeu uma única sílaba carregada de emoção.

— Sim.

E ela esquivou ao Chancey e entrou correndo na habitação para penetrar entre os braços de seu estupefato marido, que a abraçou sem duvidá-lo.

— Amo-o. Quero-o tanto — disse Nicole pega a seu pescoço.

Com seu rosto oculto na juba da Nicole, Derek murmurou:

— Amo você Nicole. Mais do que posso te dizer só com palavras.

Maria tossiu com discrição e a garota se virou sem sair dos braços do Derek, ambos de cara a seu pai.

— Papai. É muito mau — declarou ela, e ele pareceu aborrecido —. Eu quero aos dois, assim, por que não se limitam a esquecer o passado?

— Mas e essa vez nos subúrbios de Hong Kong, quando me fez encalhar em um píer? —disse Lassiter como se fosse um menino pequeno.

Derek franziu o cenho e disse:

— Ou essa outra vez no Melbourne, quando disse aos oficiais do porto que minha tripulação tinha a varíola? Meu carregamento e meus homens estiveram em quarentena durante três semanas.

— Basta! — ordenou Nicole olhando primeiro ao um e logo ao outro —. Agora mesmo, vós dois vão dar a mão.

Nenhum se moveu até que Maria empurrou ao Lassiter para frente ao mesmo tempo que Nicole atirava do Derek. Com grande esforço por parte de ambas as mulheres, e grande reticência por parte do Derek e de seu pai, os dois homens se deram um apertão de mãos.

— Se não a fizer feliz, matá-lo-ei.

— Se não a fizer feliz, talvez eu o deixe tentá-lo.

A recepção nupcial ia ter lugar na mansão Atworth no fim de duas semanas.

Assim o tinha decidido a marquesa e todos tinham aceitado encantados.

A noite da celebração foi maravilhosa para Derek, excetuando alguns comentários sarcásticos que fez Lassiter. Mas se decidiu tomar-lhe bem, extraordinariamente bem, Derek começava a entender o senso de humor que se ocultava atrás daquelas palavras. Com o tempo, talvez conseguissem conviver em paz.

Apesar de que a festa seguiria até tarde, Derek se dirigiu a seu quarto. Já fazia um momento que Nicole tinha ido deitar, e estava ansioso por estar com ela.

— Derek — o chamou Grant da terraço. Estava ali sozinho, fumando um havanês.

Desde dia que tinha retornado do Griffin com Nicole tinha vontade de falar com o Grant. Derek não pôde evitar sorrir ao lembrar-se daquela noite. Nicole insistiu, como se de um pequeno general se tratasse, em que, antes de deitar-se, tinham que definir os principais objetivos de sua vida juntos. Havia algumas parte de suas vidas que talvez necessitassem alguns ajustes...

Ao Derek assustou ver o muito que tinha que ceder, mas fez um esforço por relaxar-se e se comprometeu a fazê-la feliz. Ao fim e ao cabo, isso era o único que lhe importava; se ela era feliz ele também o era. Derek sabia que o destino lhe tinha dado uma segunda oportunidade, com a Nicole e mesmo com sua família, e não queria que seu irmão seguisse preocupando-se com ele; por fim ia assumir suas responsabilidades.

Derek lhe fez companhia ali, no balcão que ficava justo por cima do jardim, e aceitou o havanês que lhe oferecia.

— E quando vamos celebrar uma festa destas em sua honra?

Grant se pôs-se a rir.

— Eu não me faria muitas ilusões.

— Sério? E o que me diz da filha dos Bainbridge?

— Apesar dos múltiplos esforços por parte de sua família, sigo solteiro.

Derek acendeu seu puro.

— Sempre acreditei que faziam bom casal. Ela é uma boa garota, séria e tranqüila. Custa-me acreditar que pudesse resistir a alguém tão livre de todo pecado.

— É uma boa garota. Jurou-me inclusive que me esperará até que retorne.

— Que retorne? — perguntou Derek arqueando as sobrancelhas.

— Lembra desse louca missão do Belmont? Disse Grant sorrindo—. Eu sou o louco que vai levar a cabo.

— Diz-o a sério?

Grant assentiu.

— Fui ver lhe para lhe dizer que não. Mas ele seguiu dizendo que, quando morrer, deixará-me em herança Belmont Court.

Derek assobiou impressionado.

— Tem que estar muito seguro de que a família de seu filho está ainda com vida em alguma parte se estiver disposto a te dar o único que fica.

— Belmont está desesperado. É um homem muito emotivo — disse Grant censurando —. Acredita estar às portas da morte, e pensa que perder sua casa em troca de lhes encontrar vale a pena.

Derek franziu o cenho.

— Mas se te entrega a casa a ti e você encontra a sua família, o que será deles?

— Não te há flanco muito dar com a única pega do negócio. Se eu fosse um homem intuitivo, juraria que o que o velho pretende é me casar com sua neta quando a encontrar e que vivamos juntos e felizes para sempre na sua mansão, ou alguma tolice pelo estilo.

Derek fez uma pausa e precisou:

— Há dito “quando”.

Grant sorriu matreiro.

— Sim, bom, esse louco conseguiu me convencer de que tem razão. — Do bolso de sua jaqueta tirou um velho retrato de uma garota com um tímido sorriso —. Olha-a. Parece tão delicada. Se tiver sobrevivido ao naufrágio... Só de pensar nela, vivendo por aí.

Derek deve ter olhado Grant de um modo estranho porque este se apressou a guardar de novo o retrato em seu bolso e logo disse um pouco incômodo:

— O mais provável é que seja uma perda de tempo. Estou seguro de que não sobreviveu.

— Não sei se eu gosto que faça isto — comentou Derek sacudindo o havanês —. Justo quando acabo de começar a cuidar de Peregrine e, por outra parte, tenho a sensação de que acabo de recuperar a meu irmão — confessou emocionado. Sua mulher lhe havia dito que deixasse de ocultar seus sentimentos e ainda era um pouco difícil.

— Pois terá que me esperar até que retorne, porque já o tenho decidido — lhe disse Grant sem zangar-se —. E imagino que entre você e Nicole poderão lhes fazer cargo do Whitestone e da Peregrine durante um ano; será como um jogo de meninos.

Derek deu uns golpes ao havanês e olhou a seu irmão resignado.

— Seguro que a Nicole gostará de me ajudar com a naval agora que seu pai já não é nosso concorrente direto.

— Exatamente — asseverou Grant —. E quem sabe? — Levantou um pouco o lábio superior em um sorriso —. Eu talvez encontre algum tesouro oculto. — Deu uns tapinhas nas costas de Derek e lhe disse, com um entusiasmo que fazia anos que não ouvia na voz de seu irmão —: Zarparei dentro de duas semanas.

CAPÍTULO 31

Nicole e Derek viram quão excitado estava Grant antes de começar a expedição, mas os dois sabiam que as possibilidades de encontrar a alguém com vida naquela zona eram mínimas. As ilhas que povoavam a Oceania estavam muito isoladas e cheias de piratas, mas se aquela viagem ia fazer que o jovem fosse mais feliz, ambos estavam dispostos a apoiá-lo.

No dia anterior a de que Grant zarpasse, Nicole e Derek foram ao porto — lhe desejar boa viagem. A primeira hora da manhã, logo que subisse a maré, partiria a bordo do Keveral. Grant se iria e Nicole já tinha vontade de chorar. Ultimamente chorava por quase tudo.

Grant viu que se esfregava os olhos e disse:

— Não chore, Nic. — Logo, emocionado insistiu —: O digo a sério, não chore.

Nicole já não se lembrava do incômodo que se sentia Grant ao ver chorar a uma mulher, de modo que sorriu para tranquilizá-lo. Ao ver que seu marido se aproximava e lhe rodeava a cintura com o braço, esse sorriso se fez mais largo. Uma dessas noites, quando estivesse entre seus braços, dir-lhe-ia o que já fazia dias que suspeitava.

Grant tinha que fiscalizar umas entregas de última hora, assim Derek lhe disse:

— Retorna ao trabalho, Grant — e lhe deu um carinhoso apertão de mãos seguido de uma sentida palmada nas costas.

— Boa viagem, Grant — disse Nicole ao abraçar a seu cunhado, e quase pôs-se a chorar de novo—. Espero que os encontre.

— Se estiverem ali, encontrá-los-ei — disse Grant, valente e seguro de si mesmo.

Derek o acompanhou até o navio e voltaram a despedir-se e a desejar-se boa viagem. Grant por sua parte lhes ordenou:

— Cuidem bem um do outro!

Derek agarrou a Nicole do braço e a acompanhou até a carruagem.

— Suponho que dentro de pouco voltaremos a repetir esta cena.

Nicole lhe deu uma cotovelada e ele pôs-se a rir. A semana seguinte, teriam que despedir-se do Lassiter, Maria, Chancey, e da antiga tripulação do Bela Nicola. Fossem todos a América do Sul, para desenvolver ali suas novas rotas. Inclusive sua avó, que tinha acabado por afeiçoar-se com seu pai e com o Chancey por não falar da Maria, a institutriz, sentiria falta dela. Claro que a marquesa estava muito excitada ante a idéia de que Nicole e “dúzias de bisnetos” ficassem a viver na Inglaterra.

Nicole já não se preocupava com a Maria e seu pai. Sabia que juntos conseguiriam levar adiante a naval, e confiava em que Lassiter comesse a ver a Maria de verdade. Aquela encantadora e inteligente mulher o olhava com tanta ternura que Nicole estava convencida de que acabaria conquistando-o. Um amor que brilhava com tanta força era capaz de superar qualquer obstáculo.

Sabia por que o seu o tinha feito.

A carruagem se afastou dali enquanto ambos observavam como Grant os saudava por última vez.

— Espero que nesta viagem encontre tanta felicidade como nós — manifestou Derek.

— E que a que ainda seguiremos encontrando — disse Nicole aconchegando-se junto a ele —. E que quando Grant retorne, seu desejo tenha se tornado realidade.

— Que desejo? — perguntou Derek junto a seu cabelo.

— O de converter-se em tio.

FIM



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>